Mito, Símbolo e *Tradição*

ECOS PORTUGUESES DA ATLÂNTIDA

HISTÓRIA E IDENTIDADE DOS POVOS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Volume 1 | Jun. 2017

Mito, Símbolo e *Tradição*

HISTÓRIA E IDENTIDADE DOS POVOS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Mito, Símbolo e
Tradição
História e Identidade dos Povos de Língua Portuguesa

Editores
Centro Ernesto Soares de Iconografia e Simbólica & IDEGEO
Propriedade
Centro Ernesto Soares de Iconografia e Simbólica & IDEGEO
Direcção
Manuel J. Gandra
Coordenação Editorial
Manuel J. Gandra
Design
Diogo Gandra

Vendas on-line, Pedidos de Assinatura e Números Avulsos
www.idegeo.pt

Solicita-se permuta – On prie l'échange – Exchange wanted

Envio de originais e outras colaborações
manueljgandra@gmail.com

Mito, Símbolo e Tradição reserva-se o direito de não publicar, ou devolver, originais e outras colaborações não solicitadas

Centro ERNESTO SOARES
de Iconografia e Simbólica

IDEGEO

Mito, Símbolo e

Tradição

PROJECTO EDITORIAL

Um dos traços característicos do nosso tempo consiste na falsificação da linguagem, traduzindo o uso abusivo de determinadas palavras ou conceitos com sentidos diferentes do verdadeiro. Em suma, as palavras e os conceitos são aplicados a coisas às quais não convêm de forma nenhuma, gerando a confusão mental reinante.

Um exemplo paradigmático cifra-se na utilização a torto e a direito do termo *Tradição* com sentido alheio àquele permitido pela sua semântica, como no caso do episódio da tourada de Barrancos.

Ora, aludindo a crenças ou práticas de povos e comunidades, como ocorre nessa circunstância, o termo aplicável seria *folclore* no sentido de usos e costumes tradicionalistas ou, com maior propriedade, *tradicionalismo*.

Com efeito, a *Tradição*, pelo menos na perspectiva que adoptamos, é de origem supra-humana ou metafísica. E se não é clara a fonte dela hoje, tal é uma consequência da sua ocultação pelas vicissitudes da História e do império todo poderoso da quantidade sobre a qualidade ou, por outras palavras, do profano sobre o sagrado.

O que se entende, então, por *Tradição*?

O direito romano usou o vocábulo *traditio* (de *tradere*) com o sentido de transmissão de um objecto, de alguém com a intenção de o alienar a outrém, com a intenção de o adquirir (*traditio clavium*; *traditio puellae*; etc).

A Igreja Católica continuaria ainda a referir-se à *Revelação* como *Traditio Symboli*, conferindo, contudo, do ponto de vista dogmático, maior valor à catequese ou *Redditio Symboli*, sinónima da

evangelização (na linguagem actual) em consequência da qual os Sacramentos são transmitidos por intermédio de alguém que já os recebeu de outrém.

Na verdade, nenhuma destas duas formulações identifica *Tradição* com arcano iniciático.

Nesta acepção particular, que perfilhamos, a *Tradição* reporta-se a um depósito do sagrado susceptível de *Revelação* (comunicação de um mistério divino ou ensinamento sagrado). O conteúdo de um tal testemunho (o "id quod traditum est" ou "id quod traditur" dos Padres da Igreja) pode compreender mitos (mistério divino), palavras, gestos, regras de conduta, etc., mas igualmente comportar realidades monumentais (instituições e escritos) com uma existência objectiva independente do sujeito activo da *Revelação*. Note-se que, apesar de tudo, essa existência objectiva será manifestamente insuficiente para esclarecer o valor da *Tradição*.

Somos, efectivamente, adeptos do perenialismo, embora não de uma forma estritamente *guenoniana*, uma vez que a *Tradição primordial*, essa influência formadora tão consubstancial ao espírito quanto a hereditariedade ao corpo, sendo imutável quanto à forma, qualidade ou *eidos*, adopta para se revelar (re+velar) géneros, espécies, modalidades e diferenças específicas, em função dos distintos tempos e lugares.

De facto, a *Tradição* não é um capital estéril, mecanicamente conservado: ela conhece desenvolvimentos e amplificações mediante as quais se enriquece e fortalece "a partir de dentro", resistindo, vá-se lá saber como, às tentativas de interferência e de aditamentos humanos ou *Redditio Symboli*.

É assim que a aludida tensão entre *Tradição* e *Revelação* pode exprimir-se pela relação entre o *mesmo* (identidade: estado do que não muda, permanecendo sempre igual a si mesmo) e o *próprio* (propriedade ou património que pertence exclusivamente a um dado indivíduo, comunidade ou espécie e a eles somente).

Enfim, enquanto o *próprio* (ou a *Revelação*) não passa de um acto solitário e, por sua natureza, incomunicável, já o *mesmo* (ou *Tradição*), consubstanciando um acto de comunhão e interdependência, poderá tornar-se, se assistido pela *Revelação*, a encarnação da *Suma Identidade*.

O propósito do projecto que ora se submete, fundado nos pressupostos supra, e cujo fecho arquitectónico é o denominado *lema*

da tripeça, transversal a toda a cultura e história nacionais, acarinhará superlativamente a língua portuguesa, a qual, mercê dos respectivos dotes semânticos e singulares virtualidades representativas (eco das ontológicas), constituirá o tempo e o modo des-veladores da cosmovisão visada, embasada nos seguintes axiomas:

Território emergente da Tradição primordial,
essa influência formadora tão consubstancial ao espírito
quanto a hereditariedade ao corpo.

Posto na exacta confluência do ocidente como novo oriente.

Atento ao primado da reintegração dos seres como via
para a redenção humana e desta como corolário
da transmutação da natureza.

Presságio do advento de um ecumenismo sustentável.

Alternativa às certezas da cultura do efémero e
movimento em direcção a um erro cada vez menor.

O luso horizonte por visão e norte.

No pressuposto de que só a estética da imaginação
garante ao gesto a condição de arte.

Mito, Símbolo e
Tradição
Série 1 / Volume 1 / Junho 2017
Editor Manuel J. Gandra

ECOS PORTUGUESES DA ATLÂNTIDA

Imagens da capa e da contracapa
Cid Santos
Atlântida 2 e 3 (Serigrafias)

GASPAR FRUTUOSO

Saudades da Terra [1]

Capítulo vigésimo sétimo
De duas opiniões que há destas ilhas dos Açores

[...]. Porque as coisas antigas, de que pela pouca curiosidade dos homens não ficou memória escrita, deram ocasião e causa a muitas opiniões diferentes e a diversos e, às vezes, não acertados pareceres, como são os que se têm destas ilhas dos Açores e, principalmente, destas de São Miguel e de Santa Maria, de que mais particularmente contar quero, que, por não haver quem disso escrevesse, ainda que algumas coisas contém, é tudo tão encontrado e duvidoso que põem grande dificuldade e trabalho ao que quer atinar e acertar com a verdade, e muito mais a quem, nem velando, nem dormindo, nem sonhando, nem cuidando, nem calando, nem falando, deseja e queria e nunca deixa de querer, nem cuidar, nem falar o contrário dela, como confesso e professo que este é o meu desejo e meu ofício de sempre falar verdade e, se outra coisa desejasse ou fizesse, a mim só contrária seria e de meu mesmo ser e nome cruel inimiga.

[...]. Satisfazendo, pois, agora a vosso mandado (que os rogos dos príncipes mandados se chamam) e a este meu obediente desejo, sabei, Senhora, que destas ilhas dos Açores há duas opiniões.

---

[1] Livro Primeiro, Ponta Delgada, 1988, p. 239, 241-243, 245, 247-264, 271-273, 281-293.

A primeira é, que muitos disseram e tiveram para si, que foram terra firme, apegadas na parte de Europa pelo cabo que os portugueses a estão mais povoando e cultivando, e que era uma ponta da serra da Estrela que se mete no mar, na vila de Sintra. E, por isso, navegando destas ilhas a Portugal, ordinariamente se vai demandar esta rocha de Sintra, como que a seu todo, por onde quebrou, se vai ajuntar a parte. Como afirmam também que a serra Verde, que se mete na água junto da cidade de Safim, em Teracuco, é a primeira de Monchique do Algarve e que em estas arrebentam as ilhas do Porto Santo e da Madeira. E outros afirmam que também as Canárias foram pegadas com África e são parte dela. Porque dizem que todas as ilhas têm as raízes na terra firme, por muito apartadas que estejam [sic] dela, e que de outra maneira, como coisas fundadas no ar, não se sustentariam. E, desta sorte, querem dizer e afirmar que todo este espaço grande (que devia ser terra firme) de Portugal até estas ilhas se subverteu e sumiu nalgum tempo e cobriu das águas do mar, que agora o possui, e ficaram sobre ele alevantadas estas ilhas, que, como pedaços daquela grande e antiga terra, sem se sumir escaparam.

A segunda opinião é fundada no que escreve o grave Platão em o seu *Diálogo de Timeu e Elísio*[2], ao princípio, onde querendo engrandecer os atenienses e como foram tão animosos e venturosos, que em tempos antiquíssimos, de que já não havia memória entre eles, porque havia nove mil anos, haviam subjugado e vencido o povo belicosíssimo da ilha Atlanta, que houvera antigamente no mar Oceano Atlântico, que é da parte de África ao Ponente dela, os reis da qual Atlanta eram tão grandes e poderosos que venceram os reis de Espanha e senhoreavam grande parte vizinha e comarcã da terra firme. Conta ali maravilhas Platão daquela ilha e, sobre isso, promete de fazer dela particular história, o que satisfaz no colóquio a que do nome dela chamou também *Atlanta*. Dali inferem alguns que estas ilhas dos Açores foram e são uma parte desta Atlanta. A

[2] Os diálogos de Platão em causa são o *Timeu* e o *Crítias*.

qual diz Platão que era maior que África e Ásia, porque tomava das Colunas de Hércules, que são em Cádis, na boca do estreito, e se estendia por todo este mar do Ocidente até umas ilhas que diz que estão junto de uma terra verdadeiramente firme; pelas quais ilhas entendo a Espanhola, que por outro nome se diz também a Isabela, ou a ilha de S. Domingos, a qual, antes que fosse descoberta pelos espanhóis, se chamava Haiti e Quisqueja, que quer dizer aspereza e terra grande, porque tem de Leste Oeste cento e cinquenta léguas e de largura quarenta. E a ilha Borriquem, que tem à parte do Levante, a que agora chamam a ilha de S. João, e as ilhas de Cuba e Jamaica, da parte do Ponente, e as ilhas dos Lucaios ou Canibales, ao Norte, e outras muitas ilhas que, a par dela, se acham em distância de vinte e cinco e cinquenta léguas. E pela terra firme entendo que entendia a que agora chamam Antilhas, ou Índias de Castela. Além da qual terra firme dizia que estava um mar verdadeiramente mar, que não deve ser outro senão o mar do Sul do Perú (porque dizem que antes do tempo de Platão este nosso não se tinha por verdadeiro mar, senão por lagoa em comparação daquele); a causa dá ele, dizendo que se alagou esta ilha Atlântica por grande sobejidão e correntes de águas, pelo que este mar estava apaulado, e, pela tormenta grande com que se fundiu a Atlântica, com tudo o que tinha, ficou tanto lodo e cascalho nele, que se não podia navegar.

E afirmam alguns, que têm a segunda opinião, que se não navegou dali a muitos tempos e que não com sobejidão das águas aquela ilha se destruiu, mas com terramotos e incêndios e coluviões ou dilúvios da terra, e que, assim, ficaram dela estes pedaços destas ilhas dos Açores sujeitos àquela maldição e trabalho.

O mesmo Platão diz que a Atlântica era fertilíssima, produzia todos os metais em grandíssima abundância, principalmente cobre, e, como estes não se criam senão em terras que têm muita matéria de fogo, como é enxofre, pedra-ume, salitre, e outros minerais menores, claro está que serão sujeitas a terramotos, a incêndios e dilúvios, como também há

no Perú. E já sabem todos que nesta ilha e nas demais dos Açores há tanto disto, principalmente de enxofre, de marquezita e de pedra-ume, que, por isso, dizem que bem parecem com a mãe de que procederam.

[...]. E ser também possível que estas ilhas dos Açores fossem antigamente pegadas com terra de Portugal (como diz a primeira opinião), ou pedaços que ficaram da grande ilha Atlanta, que (como diz Platão) se alagou, segundo tem a segunda opinião que referida tenho.

Capítulo vigésimo oitavo

Contra as duas opiniões em que, contando a verdade os reis antigos de Espanha até o tempo que Platão diz serem vencidos dos reis da ilha atlanta, sem se achar tal vitória, se prova não haver sido tal ilha, e por outras razões não serem estas ilhas dos Açores em algum tempo pegadas com Europa

[...]. E as razões, que em contrário vejo, me fazem não crer a qualquer delas, pois uma desfaz a outra, que é a primeira razão que contra ela ambas digo, porque, se uma for verdadeira, sendo estas ilhas dos Açores pedaços da ilha Atlanta subvertida, a outra há-de ser mentirosa, pois não seriam pegadas com Espanha, que é terra firme. E se a primeira for certa, sendo em algum tempo pegadas estas ilhas com a rocha de Sintra, bem se segue que poderá ser ou seja a segunda falsa, não sendo estas ilhas pedaços da ilha Atlanta, senão de Portugal, que é terra firme e não é ilha; quanto mais que nem uma nem outra destas opiniões, me satisfaz, como, porventura, a quem as tem não poderá satisfazer a minha.

Mas, se me é lícito ante tão delicados pareceres, opiniões estranhas e tão graves autores, cidadãos de Atenas, em meio do suave canto dos brancos cisnes sair eu ao terreiro com rouca voz de negro corvo, e com a minha grosseira e rude cantiga de pobre e tosca aldeia, e de engenho pouco limado para altos pontos, e muito moderno e novo para coisas tão antigas, afirmo

que nenhuma coisa destas duas opiniões me pode bem caber nele, nem no entendimento.

Mas o meu parecer é (salvo o melhor juízo) que nunca estas ilhas foram apegadas com a terra firme de Portugal nem, tão pouco, são parte ou pedaços daquela ilha Atlanta subvertida, ou de Platão fingida, ou mal dele entendida, porque, se eu contar, desde o primeiro, todos os reis e governadores que em Espanha foram até o tempo de Platão, sem se saber nem escrever que algum deles fosse em algum tempo vencido de reis de Atlanta (como Platão conta), bem se seguirá e crerá que, pois, o colhem no que não é, nem foi, nem, como ele diz, houve tal Atlanta, e, mostrando eu que nos mesmos tempos foi navegada a costa de Espanha toda, como agora é pela parte do Ocidente, claro ficará destas ilhas dos Açores não haverem sido em algum tempo pegadas nela. E para que melhor se entenda isto de raiz, contarei as principais destas coisas de seu princípio, repetindo este negócio de mais longe com a maior brevidade que puder, ainda que faça alguma digressão do propósito que levo para mais clareza.

Como conta o douto, curiosíssimo e universal historiador de Espanha, Estêvão de Garibai e Camalhoa Cantabro, em tempo que Enos (filho de Seth e neto de Adão, nosso primeiro pai), governava o Mundo, antes do dilúvio, seu sexto neto Lamech, sendo, segundo a conta hebreia, de idade de cento e oitenta e dois anos (que eram anos solares como os nossos de doze meses), dois mil e novecentos e cinco anos antes do nascimento de Cristo, filho de Deus, gerou um filho chamado Noé, em que se cumpriu a décima e última geração da primeira idade do Mundo, e foi avô de Tubal, povoador de Espanha. E antes do dilúvio, sendo Noé de idade de quinhentos anos, que foi dois mil e quatrocentos e cinquenta anos antes da vinda de Cristo Nosso Senhor, gerou três filhos: o primeiro se chamou Sem, o segundo Cam que por outro nome é chamado Zoroastes, e o terceiro Japeto, que significa coisa formosa, ou larga e dilatada, o qual Japeto, depois do dilúvio (segundo no décimo capítulo do *Genesis* se escreve) teve sete filhos: o primeiro

Gomer, o segundo Magog, o terceiro Madai, o quarto Javã, o quinto Tubal, o sexto Mesech, o sétimo Tiras. E desta geração, que foi bendita de Noé, descendeu a geração espanhola, porque Tubal, quinto filho de Japeto, foi o que, com o discurso do tempo, veio a povoar Espanha, cujo nascimento sucedeu alguns poucos dias depois do dilúvio em terra de Arménia.

E como o gigante Nimrod, filho de Cush e neto de Cam e bisneto de Noé, primeiro tirano que, depois do universal dilúvio, houve no Mundo, depois de edificar a grande cidade de babilónia na terra de Sanaar, que muitos anos depois de chamou Caldeia, começasse a fabricar na mesma cidade uma soberba e altíssima torre [de Babel], a qual, sendo já de altura de 5174 passos, quis Deus desfazer com a confusão das línguas, o patriarca Tubal, quinto filho de Japeto, achando-se ali forçado naquela confusão com os de sua geração, houve sua diferente linguagem e, doze anos depois que a torre se começou, residiu naquela região de Arménia e Sanaar e, ao fim deles, determinou vir à mais ocidental região que pela parte setentrional tivesse o Mundo, que foi a província que depois veio a chamar-se Espanha (segundo a comum opinião dos autores mais graves e diligentes que de sua vinda tratam). E partiu daquelas orientais regiões no ano de dois mil e cento e sessenta e três, antes do nascimento de Nosso Senhor. E, ou viesse por terra, como alguns dizem, ou, como outros afirmam, por mar, provendo-se do que para uma viagem tão comprida era necessário e com deliberação de vir à terra mais ocidental que o Mundo tivesse, na província que depois foi chamada Europa, chegou à costa de Jafa, onde (segundo alguns autores escrevem), aparelhando as embarcações necessárias para sua navegação, se embarcou com as gentes e companhias que Noé havia bendito em seus filhos Sem e Japeto e, passando pelas águas do mar Mediterrâneo, encaminhado por Deus veio a Espanha, onde (segundo diversos autores querem provar) surgiu com suas companhias na costa de Catalunha, que confina com o rio Ebro, no ano de dois mil e cento e sessenta e três antes do nascimento de Nosso Senhor, que foi de mil e setecentos e noventa e oito anos da criação do

Mundo, segundo computação hebreia, e aos cento e quarenta e dois anos depois do dilúvio geral.

Chegado Tubal com estas gentes àquelas montanhas daquela região de Catalunha e da região de Cantábria, ora fosse sua vinda por terra, ou por mar, donde pôde depois subir pelo rio Ebro, cujas águas se soíam navegar até às suas ribeiras da cidade de Cantábria, começou a fazer suas estâncias e habitações pelas montanhas e alturas dos montes de Navarra, que é terra que há aí entre as águas de Ebro e o mar oceano Cantábrico, onde achou muitas maneiras de árvores que, sem mais agricultura, davam frutas para sustentar suas gentes. E tiveram o patriarca Tubal e suas gentes ocasião legítima de povoar estas montanhas, assim pela necessidade que para isso tinham, não somente por causa dos alimentos, mas também porque não ousavam parar nos lugares baixos, que, havendo ouvido de seus pais a chaga tão fresca do dilúvio em que o Mundo foi alagado, queriam habitar nas alturas, receando-se de outros alguns particulares dilúvios, que Deus, porventura, enviaria ao Mundo (como também, por este medo e outras coisas e males de soberba, começara ante o gigante Nimrod a edificar em Caldeia a soberba torre de Babilónia), e com o discurso do tempo se vieram a espalhar e estender pela terra chã e pelas vertentes dos montes Pirenéus para a parte de França, e dos campos chãos se veio depois a povoar toda Espanha. E fazendo esta primeira povoação de Espanha em Cantábria, ensinou Tubal aos seus a maneira e forma de viver, que haviam de ter, em metros (segundo diversos autores afirmam), para que, conservando-as assim melhor na memória, vivessem com mais ordem, porque dizem que Tubal que foi o homem mais sábio que em seu tempo houve. E nas leis de natureza, que lhe deu, permaneceram os cantabros até que os Santos Apóstolos e seus discípulos começaram a pregar a Lei Evangélica por toda a redondeza. Foi também Tubal justo e bom príncipe e ensinado. Depois, visitado em Espanha de seu avô Noé, adorava a reverenciava a um só Deus verdadeiro, criador do Mundo e de todas as coisas, sem nenhum género de

idolatria. Assim que tendo o patriarca Tubal começado a ser príncipe em Espanha no ano de dois mil e cento e sessenta e três, como fica dito, e havendo reinado cento e cinquenta e cinco anos, faleceu dois mil e oito anos antes do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo, que foi cinquenta e três anos antes do falecimento de Noé, seu avô.

No mesmo ano de dois mil e oito antes do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo, sucedeu no reino, por Rei de Espanha, Ibero ao patriarca Tubal, seu pai, do qual foi chamada Ibéria. O qual Ibero, havendo reinado trinta e oito anos, faleceu mil novecentos e setenta e dois anos antes do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo, que foi dezassete anos antes do falecimento de seu bisavô Noé. Idubeda, trisneto de Noé, sucedeu a El-rei Ibero, seu pai, no dito ano de mil novecentos e setenta e dois antes do nascimento de Nosso Senhor. Deste Rei se denominaram os montes Idubedos de Espanha, que começam de Aguilar do Campo e fenecem no mar Mediterrâneo. No ano décimo sétimo do reinado deste Rei Idubeda, que foi de mil e novecentos e cinquenta e cinco anos do nascimento de Nosso Senhor, faleceu em Itália Noé, sendo de idade de novecentos e cinquenta anos, e trezentos e cinquenta anos depois do dilúvio geral, e cinquenta e oito anos depois que do nascimento de Abraão havia começado a terceira idade do Mundo, o qual Abraão nasceu aos dois mil e treze anos antes do nascimento de Nosso Senhor. Viveu El-rei Idubeda, depois da morte de Noé, cinquenta anos. E em seus dias as suas gentes saíam dos montes Pirenéus e de Cantábria, chegando-se à terra que agora chamam Castela. Reinou Idubeda sessenta e sete anos e faleceu mil e novecentos e cinco anos antes do nascimento de Nosso Senhor.

A El-rei Idubeda sucedeu Brigo, seu filho, tetraneto de Noé e quarto rei de Espanha no dito ano, antes do nascimento de Cristo Nosso Deus, de mil e novecentos e cinco, o qual foi amigo de fazer povoações e fortalezas. E mandou gentes povoar a ilha de Irlanda, conjunta com Escócia, chamada primeiro Hibérnia de um capitão espanhol chamado Hibero que, com

grande número de gente, passou a ela a fazer sua primeira povoação, segundo diz Polidoro Virgílio no Livro décimo tércio da *História Inglesa*. No tempo deste rei, já as gentes espanholas iam entrando mais pela terra dentro, apartando-se cada dia mais de Cantábria, que deixavam povoada. Reinou El-rei Brigo cinquenta e um anos e faleceu mil e oitocentos e cinquenta e quatro anos antes do nascimento de Nosso Senhor.

No mesmo ano sucedeu a El-rei Brigo seu filho Tago; do nome deste rei tomou o seu o rio Tejo, que passa pela insigne cidade de Lisboa. Este rei não somente fez em Espanha muitas povoações, mas também mandou fora dela muitas gentes a diversas regiões do Mundo. Algumas delas, a África, a povoar as terras de Berbéria, e outras às remotas regiões de Ásia, onde povoaram em os montes Cáspios e em Fenícia e em a região de Albânia. Parece que se houvera ilha Atlanta tão perto de Espanha (como diz Platão), que a mandara este rei povoar, pois mandava suas gentes a tão remotas terras. Reinou este Tago trinta anos e faleceu mil e oitocentos e vinte e quatro anos antes do nascimento de Nosso Senhor.

Sucedeu a El-rei Tago seu filho Beto, cognominado Turdetano, no mesmo ano. Deste rei Beto tem o seu nome o rio Bétis, que agora se chama Guadalquivir, que passa pela insigne cidade de Sevilha. Do qual rio tomou sua denominação, chamando-se Bética, a fertilíssima província de Andaluzia. Havendo reinado El-rei Beto trinta e dois anos, faleceu mil e setecentos e noventa e três anos antes do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo.

No mesmo ano Gerião, chamado primeiro Deabos e cognominado Crisco, sucedeu a El-rei Beto. E então se começou em Espanha a segunda geração de reis, havendo-se acabado em El-rei Beto a clara linhagem de seu quinto avô Tubal, patriarca de Espanha, depois de trezentos e setenta anos de sua vinda a povoá-la, que foi no ano de quinhentos e doze depois do universal dilúvio.

Foi El-rei Gerião, de nação, africano (segundo a comum opinião) e gigante em corpo. E como era forasteiro, saiu

príncipe tão tirano que, roubando as gentes, veio a ser tão rico de gados e ouro e prata para vasilhas, que, por isso, os gregos o cognominaram Criseu, que quer dizer ouro e rico. Cuja tirania ouvindo Osiris Dionísio, rei de Egipto, veio a Espanha, onde nas terras, junto de Tarifa, (que depois se chamaram Tartéssias) houve batalha com Gerião, em que a qual, sendo a primeira de Espanha das que em a escritura se acham, houve a vitória Osiris Dionísio, sendo também morto El-rei Gerião; cujo corpo referem os autores ser o que em Espanha primeiro foi enterrado, porque dantes os deitavam nos rios, ou os dependuravam das árvores, ou os deixavam pelos campos. Dizem mais os autores que certos alarves, chamados cenitas, que com ele tinham vindo, fizeram suas povoações junto do mar do cabo de S. Vicente, os quais habitadores nunca fizeram menção de ilha Atlanta, que forçadamente haviam de ver, se ali tão perto estivera, como Platão afirma. havendo reinado Gerião trinta e cinco anos, sucedeu sua morte mil e setecentos e cinquenta e oito anos antes do nascimento de Nosso Senhor.

A este Gerião, sétimo rei de Espanha, sucederam os três Geriões, irmãos, seus filhos, oitavo, nono e décimo reis de Espanha, chamados também Lomínios, no dito ano de mil e setecentos e cinquenta e oito, antes do nascimento de Nosso Senhor, os quais, sendo mancebos de pouca idade, fez Osiris Dionísio reis de Espanha, dividindo-lhes a terra com aviso que não fossem tiranos como seu pai, porque Osiris Dionísio, sendo temperado em suas coisas, não havia vindo tão comprido caminho por cobiça de reinar em Espanha, senão por castigar ao tirano dela. E as superstições egípcias deste foram causa de primeiramente idolatrarem os espanhóis, apartando-se do caminho do verdadeiro Deus e da doutrina do patriarca Tubal. E nestes erros estiveram depois de mil e oitocentos anos, até a pregação do Evangelho.

Estes Geriões, por serem tão conformes no nascimento, no nome, na vontade, se disse fabulosamente que havia sido um Gerião que tinha três corpos. E assim, confederando-se todos três, desejando tomar vingança da morte de Gerião, seu pai,

tiveram inteligência e pacto com Tifo, irmão de Osiris Dionísio, para que matasse a seu próprio irmão, a qual morte executou quando Osiris tornou a Egipto. E sabido isto por um filho de Osiris, que se chamava Hércules (a quem os gentios chamaram Apolo, cognominado Egipciano, e o grande Oron Líbio, por diferença do outro Hércules Alceu, grego), veio de Ásia, onde então estava, para Espanha, em a qual, na ilha que agora chamamos Cádis, pôs em memória de sua chegada duas colunas; o mesmo, dizem, que fez no Estreito de Gibraltar, assentando uma na ribeira de Espanha e outra na de África. E contam os autores gregos, como atrás tenho contado, que assentando-as, disse estas palavras em grego: *Tapira, Gadira, ùpera tà*, que querem dizer em latim, *Ultra Gades non sunt navigabilia,* ou *ultra Cades non est navigatio.* E dizem em português: *Alèm de Cádis não há navegação ou terras para onde navegar.* Porque não sabiam parte de outras terras naquele mar, nem da ilha Atlanta, nem tal notícia houve nunca dela, senão a que Platão, de ouvida, sem mais fundamento, quis crer e contar, porque, se, como ele diz, a ilha Atlanta começara de junto daquelas colunas e estivera ali perto, ou houvera notícia dela naquele mar ocidental tão vizinho, não dissera Hércules estas palavras ao assentar das colunas; a qual sentença de Hércules, naquele tempo, se confirma com o nome que Cádis tem, que se chama Gades, que em hebreu quer dizer coisa final ou extrema, porque ali se acabava a terra, sem haver, nem se ver, outra mais além, nem a ilha Atlanta ali perto, donde parece que era ali o cabo da terra, sem haver junto dela tão grande terra Atlanta, como Platão quis dizer.

Sabendo os Geriões a chegada de Hércules, ajuntando suas gentes, acordaram de lhe dar batalha, mas Hércules, por escusar mortes de muitos, pediu batalha a todos os três fiéis irmãos, de um por um, e, contentes, outorgando-lha eles, havendo quarenta e dois anos que reinavam, foram mortos aos mil e setecentos e dezasseis anos antes do nascimento de Nosso Senhor. E neles se acabou a segunda linha destes primeiros reis

de Espanha. E foram enterrados na ilha de Cádis, ainda que alguns têm por fabulosa a história dos Geriões.

Hispalo, undécimo rei de Espanha, escrevem que sucedeu aos três reis Geriões, seus predecessores no dito ano, antes do nascimento de Nosso Senhor, de mil e setecentos e dezasseis. No qual começou nos reis de Espanha a terceira linhagem, não havendo durado a Segunda, que foi dos Geriões, mais de setenta e nove anos entre o pai e os três filhos. A linhagem deste novo rei, Hispalo, era egípcia por ser filho de Hércules e neto de Osiris Dionísio. Depois desta vitória, levando Hércules por mar e por terra muitas gentes e riquezas de Espanha, se passou a Itália, deixando por rei a seu filho Hispalo, o qual Hispalo dizem que reinou dezassete anos em Espanha. E faleceu mil setecentos e noventa e nove anos antes do nascimento de Cristo Nosso Senhor.

E no mesmo ano sucedeu Hispão, duodécimo rei de Espanha, a El-rei Hispalo, seu pai. E deste rei Hispão tomou Espanha este seu derradeiro nome, que até agora dura. Residia este rei Hispão em Cádis. E reinou trinta e um anos. E faleceu mil e seiscentos e sessenta e oito anos antes do nascimento de Cristo Nosso Senhor.

Hércules sucedeu a El-rei Hispão, seu neto, no sobredito ano. Do qual dizem que, quando em Itália soube a morte de El-rei Hispão, seu neto, veio a Espanha, trazendo consigo a um capitão, chamado Hespero, irmão de outro capitão, chamando Atlante, italiano, que em seu lugar deixava em Itália.

Nos tempos futuros, depois deste Hércules, houve no Mundo mais de quarenta Hércules que, convidados dos grandes feitos deste fortíssimo varão, tomaram seu nome, havido por divino, sendo o último Hércules Alceu, ou Alcides, que foi grego, natural de Tebas, filho de Anfitrio Grego, ao qual muitos historiadores atribuíram as coisas deste grande Hércules, décimo tércio rei de Espanha, o qual, sendo muito velho e havendo reinado em Espanha vinte anos, faleceu mil e seiscentos e quarenta e oito anos antes do nascimento de Nosso Salvador. E foi enterrado em Cádis, onde seu corpo foi

reverenciado por deus não somente dos espanhóis, mas também dos africanos e asiáticos e de outras muitas gentes de Europa, que à sua sepultura e oráculo vinham em romaria.

No dito ano de mil seiscentos e quarenta e oito antes do nascimento de Nosso Senhor, sucedeu a El-rei Hércules Hespero, décimo quarto rei de Espanha, por mandado do mesmo Hércules, seu predecessor. No qual Hespero se começou em Espanha nova e quarta linhagem de reis, acabando-se a de Hércules, que foi a terceira, depois de haver durado nele e em seu neto e filho sessenta e oito anos. Deste rei Hespero dizem alguns que se chamou Espanha, Hespéria e Hespérida. E quando Atlante Italiano soube da morte de El-rei Hércules e que Hespero, seu irmão, publicando-se por sucessor de El-rei Hércules, veio de Itália, passados alguns anos, a Espanha, onde, dividindo-se os espanhóis, uns favorecendo a Atlante Italiano e outros a Hespero, vindo a diversas batalhas e encontros, o fez fugir e tornar a morar em Itália, a qual, por sua ida, também foi chamada Hespéria, a Grande, a diferença de Espanha, ainda que Espanha é maior província que Itália. Havendo depois reinado El-rei Hespero onze anos, foi despojado do reino aos mil e seiscentos e trinta e sete anos antes do nascimento de Nosso Redentor.

E no mesmo ano lhe sucedeu no reino Atlante Italiano, ou Italo, assim cognominado pelos muitos e formosos gados, que em Itália possuía, de bois e bezerros, que os gregos chamam italos, e assim Itália quer dizer terra de bezerros, de que há nela grande abundância. Este rei Atlante foi o que venceu nesta guerra, que disse, a El-rei de Espanha, e não rei de Atlanta, que nunca houve, como quer dizer Platão. Sendo este rei Atlante avisado que El-rei Hespero, seu irmão, andava muito quisto em Itália, temeu de perder aqueles estados e terras que tinha, pelo qual, deixando em Espanha a um seu filho chamado Sícoro e levando consigo muitas gentes, depois de haver reinado dez anos em Espanha, afirmam que tornou a Itália mil seiscentos e vinte e sete anos antes do nascimento de Nosso Senhor.

No sobredito ano Sícoro, chamado também Oro, sucedeu a El-rei Atlante, seu pai, em cujo tempo faleceu em Itália seu pai, El-rei Atlante. E nasceu em Egipto, aos trinta e seis anos de seu reinado, o profeta Moisés. Reinou El-rei Sícoro quarenta e seis anos. E faleceu mil e quinhentos e oitenta e um ates do nascimento de Cristo Nosso Redentor.

Neste mesmo ano lhe sucedeu no reino El-rei Sicano, seu filho, o qual mandou socorro de gente aos espanhóis que habitavam em Itália na ribeira de Tibre, primeiros fundadores do povo romano, que tratavam guerras com os aborígenes e enótrios, seus inimigos e comarcões, contra os quais se diz que depois foi em pessoa, com grande poder, o mesmo rei Sicano. E à tornada, dizendo-lhe que os espanhóis de Sicília traziam fortes guerras com uns gigantes chamados Cíclopes e Lestrígones, foi à Sicília, onde, vencendo-os em batalha campal e deixando seu nome àquela ilha de Sicília, que dele foi chamada Sicânia e dantes se chamava em grego Trinácria, que quer dizer coisa de três pontas ou esquinas, como o ela é, como triângulo, tornou triunfante a Espanha. E havendo trinta e dois anos que reinava, faleceu mil e quinhentos e quarenta e nove anos antes do nascimento de Nosso Senhor.

Logo, no dito ano, lhe sucedeu no reino Siceleu, seu filho, que com grande exército passou a Itália a favorecer um seu tio, chamado Iásio, filho de Electra, filha de El-rei Atlante, que trazia guerra com Dardano, seu irmão, sobre a sucessão dos estados de Cambão, seu pai. E depois de os fazer amigos, matando Dardano a Iásio, indignado dele, El-rei Siceleu por esta traição foi contra ele, o qual se acolheu aos aborígenes e enótrios, inimigos de espanhóis e, indo Siceleu contra todos eles, fez fugir a Dardano para Ásia, onde fundou um povo que de seu nome se disse Dardânia e depois se chamou Tróia, de Tróio, seu sucessor e neto. E pondo Siceleu no estado dos dois irmãos a Coribanto, filho de Iásio, havendo quarenta e quatro anos que reinava, faleceu em Itália no ano que deu esta batalha, que foi de mil e quinhentos e cinco antes do nascimento de Cristo Nosso Senhor.

Sucedeu a Siceleu, neste ano, seu filho Luso, estando em Itália no tempo que seu pai faleceu. E vindo depois a Espanha acompanhado de muitos italianos, amigos seus, lhes deu as terras de Lusitânia para que as povoassem. E por este rei Luso, ou por Luso, capitão e companheiro de Dionísio Jaco, ou Baco, capitão grego, que veio a Espanha em tempo de El-rei Romo, filho de El-rei Testa Tritão, foram chamadas Lusitânias. E havendo reinado trinta e um anos, faleceu mil e quatrocentos e setenta e quatro anos antes do nascimento de Cristo Redentor Nosso.

Neste ano sucedeu a Luso seu filho Sículo, que, por ser amigo de ter grossas e muitas naus e aparatos navais, por excelência foi chamado filho de Neptuno, a quem a gentilidade idólatra reverenciou por deus das águas, o qual rei vencendo aos inimigos dos espanhóis em Itália e aos gigantes em Sicília, ficou nome a esta ilha, do seu nome Sículo, Sicúlia e depois Sicília, como agora se chama. E porque com estas vitórias estendiam e alargavam cada dia mais sua região os espanhóis italianos de Roma, foi chamada Lácio, como diz Virgílio: *Tendimus in Latium*. Depois de reinar este rei Sículo sessenta e dois anos, faleceu aos mil e quatrocentos e doze anos antes do nascimento de Nosso Senhor. E em tempo deste rei não eram estas ilhas dos Açores pegadas com Portugal, como da História parece. Sucedeu a Sículo, no mesmo ano, Testa, cognominado Tritão, de nação africano, seu parente, em o qual começou em Espanha nova e quinta linhagem de reis, acabando-se a dos reis Hesperos e Atlante Italo, que durou duzentos e trinta e seis anos. Reinou este rei setenta e três anos. E faleceu mil e trezentos e trinta e nove anos antes do nascimento de Cristo Nosso Redentor.

No dito ano sucedeu a El-rei Testa Tritão, Romo, seu filho, o qual reinou trinta e três anos e faleceu mil e trezentos e seis antes do nascimento de cristo Nosso Redentor.

Sucedeu no mesmo ano a Romo El-rei Palatuo, seu filho; no segundo ano de seu reinado (dizem) se cumpriram mil anos depois do dilúvio de Noé. E havendo dezoito anos que reinava em paz, se levantou contra ele um forte guerreiro espanhol,

chamado Licínio, cognominado Cacos. Tiveram batalha junto da serra chamada Moncauno, e agora Moncaio, na qual foi vencido Palatuo e, fugindo de Espanha, andou peregrinando pelo Mundo muitos anos; havendo dezanove que reinava, foi despojado do reino mil e duzentos e nove anos antes do nascimento de Cristo Nosso Redentor.

No dito ano sucedeu a El-rei Palatuo, Licínio, cognominado Cacos, vigésimo quarto rei de Espanha, o qual, por ser curioso de buscar minas e fazer fundição de ferro, fingiram os poetas ser filho de Vulcano, a quem a gentilidade reverenciava por deus das ferrarias. Neste começou em Espanha sexta linhagem de reis antigos, ainda que o seu reinado começou e acabou nele mesmo, tornando a recuperar o domínio de Espanha a quinta linhagem de El-rei Testa, cobrando seus estados El-rei Palatuo; o qual, não podendo achar nos príncipes estrangeiros o favor que desejava, tornou, com suas gentes e com as poucas que pôde haver, a Espanha, onde, sendo ajudado de muitos espanhóis, veio a nova, e mais crua que a passada, batalha com El-rei Licínio Cacos, em a qual foi vencido El-rei Licínio Cacos e morto depois por mãos de Hércules Alceu. E, havendo trinta e seis anos que reinava, fugindo de Espanha, foi privado do reino tirânico mil e duzentos e cinquenta e três anos antes do nascimento de Nosso Senhor.

No mesmo ano, tornando a reinar Palatuo em seus estados de Espanha, sucedeu a seu adversário Licínio Cacos. Este rei Palatuo, depois de sete anos, que desta segunda vez reinava, e sessenta, que desde a primeira vez havia começado a reinar, faleceu mil e duzentos e quarenta e seis anos antes do nascimento de Cristo Nosso Senhor.

Sucedeu a Palatuo, no dito ano, Eritreu, seu parente. Aos trinta e um anos do seu reinado foi fundada Cartago na costa de África, três léguas mais atrás de onde agora está Tunes, por dois capitães de Fenícia, naturais de Tiro: um chamado Zaro e o outro Charquedão. E quase no mesmo tempo, em Ásia, foi destruída dos gregos a cidade de Tróia, chamada primeiro Dardânia. E havendo reinado El-rei Eritreu sessenta e sete anos,

faleceu mil e cento e setenta e nove anos antes do nascimento de Nosso Senhor.

E entre o ano de mil duzentos e quarenta e seis, em que faleceu El-rei Palatuo, e o ano de mil e cento e setenta e nove, em que faleceu El-rei Eritreu, sucessor de Palatuo, reinando o mesmo Eritreu vinte e um ano antes que falecesse e passados quarenta e seis anos que reinava, logo aos mesmos quarenta e seis anos cumpridos de seu reinado se contém e inclui, e foi, a era de mil e duzentos anos antes do nascimento de Nosso Salvador, que são os setecentos e cinquenta anos antes de Platão, que se fazem de nove mil anos egípcios, sendo meses pela conta dos mesmos egípcios, porque quatrocentos e cinquenta anos antes da vinda de Cristo, em que Platão floresceu, e setecentos e cinquenta antes destes, em que ele diz que os reis de Espanha foram vencidos dos reis da Atlanta, fazem mil e duzentos anos antes do nascimento de Cristo Nosso Deus, em o qual tempo e era de mil e duzentos anos, antes do nascimento de Nosso Senhor, por boa conta havia de acontecer que os reis da ilha Atlanta (que Platão diz) deviam de vencer os reis de Espanha. E, pelo mesmo caso, não haviam de vencer a outro rei, senão a este rei Eritreu, que, então, reinava. Mas não se escreve, nem se sabe na vida deste rei Eritreu e dos mais reis de Espanha, que naquela conjunção de tempo reinaram, que tal guerra, nem vitória, em seu tempo acontecesse, sabendo-se outras particularidades dos mesmos anos que, então, corriam, como foi a fundação de Cartago e destruição de Tróia, que tenho dito, pelo que parece claro que nunca tal vitória, nem tal ilha Atlanta, foi no Mundo.

Capítulo vigésimo nono

Em que pela história dos mais reis e sucessos de Espanha, depois de el-rei Eritreu até o tempo de Platão (que dizem que floresceu 450 anos antes do nascimento de Nosso Senhor) não se escreve, nem houve vitória que reis de ilha Atlanta tivessem de reis de Espanha, nem subversão de ilha

Atlanta, nem sinais disso, nem que estas ilhas dos Açores fossem pegadas com a terra de Portugal, cujo mar, junto de sua costa, naquele tempo (sem se tal achar) era muito navegado

E para mais abundância de prova de não haver ilha Atlanta, nem reis dela haverem vencido reis de Espanha em algum tempo, direi e continuarei, Senhora, os mais reis e sucessos que em Espanha houve até o tempo de Platão, que (segundo alguns dizem) floresceu quatrocentos e cinquenta anos antes da vinda de Nosso Senhor, sem entre eles se achar tal novidade, como têm estas opiniões antigas.

No mesmo ano de mil e cento e setenta e nove, em que faleceu El-rei Eritreu, vigésimo quinto rei de Espanha, lhe sucedeu El-rei Gargoris, espanhol, cognominado Melícola, vigésimo sexto rei da mesma Espanha. No qual começou a sétima e última linhagem dos reis antigos de Espanha, porque a de El-rei Testa Tritão, havendo durado duzentos e trinta e três anos, se acabou em El-rei Eritreu, contando neles os trinta e seis que reinou El-rei Licínio Cacos, que se contou por sexta linhagem. Este rei Gargoris, entre outras coisas que fez em seu tempo, ensinou aos espanhóis [a] criar abelhas e tirar mel dos enxames, pelo qual dos latinos é chamado Melícola, que quer dizer granjeador de mel.

[...]. Entre o ano de quatrocentos e cinquenta e dois anos do nascimento de Nosso Senhor, em que foi Safo, por mandado da república de Cartago, de Espanha para a mesma cidade de Cartago, e o ano de quatrocentos e quarenta e oito, quando Hanão, vindo das ilhas de Maiorca e Minorca, chegou a Espanha, se inclui e entrementes o ano de quatrocentos e cinquenta anos do nascimento de Nosso Redentor, em o qual ano (como alguns dizem) e nos propínquos, antes e depois, floresceram alguns filósofos em Grécia, entre os quais foi Platão, discípulo de Sócrates, em tempo de Filipe, Rei de Macedónia, pai de Alexandre Magno, no qual tempo, nem no tempo dos reis e sucessos atrás contados, nem depois, desde o

dilúvio de Noé e depois de Tubal, primeiro Rei de Espanha, até este ano de quatrocentos e cinquenta antes do nascimento, em que Platão floresceu, nunca se soube parte de ilha Atlanta, nem escreve nenhum autor dela, nem que reis dela vencessem alguns reis de Espanha, nem que estas ilhas dos Açores estivessem pegadas com a Rocha de Sintra, pois navegavam aquelas nações, acima ditas, a costa de Espanha, da boca do estreito de Gibraltar até Lisboa, e até Cantábria, segundo tenho referido e notado no acima dito dos reis e guerras e sucessos de Espanha, coligido e abreviado do universal e doutíssimo e diligentíssimo cronista, Estêvão de Garibai Cantabro. E não rodeavam tão longo caminho, como fora, se estas ilhas dos Açores estivessem pegadas com a terra de Portugal, como diz a primeira opinião. Nem viam ilha Atlanta junto das Colunas de Hércules, por onde eles passavam, donde começava a mesma Atlanta, de que dizem ser parte estas ilhas, segundo têm a sua opinião, fundada no que Platão refere, pelo que nenhuma destas duas opiniões parece verdadeira, nem tem por si fundamento firme, nem razão provável.

Capítulo trigésimo

Em que põe a verdade [e] *outras histórias de outros tempos além de Platão contra as duas opiniões juntamente contrariadas*

Dito tenho como em todo este tempo, do dilúvio de Noé até quatrocentos e cinquenta anos antes do nascimento de Nosso Salvador, em que Platão floresceu (como alguns dizem), nunca se achou feita menção de ilha Atlanta, senão a que conta Platão, que, sem fundamento, quis dar crédito nisso a algum velho verboso que, fingidamente, lho contaria, porque não pode ser que alguém dela não falasse ou escrevesse, se no mundo houvera coisa tão grande, rica, poderosa e belicosa, ou, ao menos, de sua subversão que em Espanha tão chegada sua vizinha, houvera de ser sentida e mui notória, como foi um

terremoto desta ilha na ilha Terceira, que está trinta léguas dela, e o da ilha do Pico, ao derredor nas outras ilhas todas. E como na navegação que, então, se cursava pela costa de Espanha não se fazia tanto rodeio que pudessem estar estas ilhas dos Açores pegadas nela, agora, para maior prova disto, direi mais as razões seguintes. E continuarei as coisas mais notáveis que em Espanha aconteceram até o tempo de Aristóteles, que foi discípulo e viveu depois de Platão, para melhor compreender o tempo em que Platão podia viver e escrever o que diz conforme ao que outros dele têm, que floresceu depois do ano de quatrocentos e cinquenta, antes do nascimento de Nosso Senhor, alguns anos. [...].

Capítulo trigésimo primeiro

Em que a verdade põe outras razões e conjecturas, por onde parece não haver sido ilha Atlanta

[...]. E os reis e governadores de Espanha que de Tubal, primeiro rei dela, começaram até os que em tempo de Platão e Aristóteles, seu discípulo, reinaram e governaram, e claramente vimos que, no tempo que eles reinaram e governaram, nem setecentos e cinquenta anos antes que Platão escrevesse (como ele diz) haver tal Atlanta, nem rei dela, que aos de Espanha em algum tempo depois, nem dantes, vencesse, como tenho contado, os que a Tubal sucederam até os anos em que Platão e Aristóteles floresceram, e até os tempos claros e conhecidos em que notoriamente experimentamos e sabemos não haver tal Atlanta, por onde, nestes nossos tempos acordados, parece ficar ar e nada o sonho da Atlanta que Platão, como dormindo, sonhou e contou.

E muitos se enganam, cuidando ser verdade haver sido Atlanta, pelas particularidades e histórias e nomes de pessoas que dela e de seus reis e habitadores miudamente vai contando. Mas já eu vi contar histórias vãs e fingir aventuras e encantamentos com mais palavras e nomes que esta, coartando

tudo a lugar e tempo e contestar todos os pontos delas, e, todavia, na substância e realidade da verdade, tudo era fingido e nada, como desta Atlanta se inventaria, de alguns antigos amigos de invenções, fábulas e novidades, esta fingida história, que, para lhe dar alguma cor de verdadeira, lhe acrescentariam muitas cores particulares fingidas, como às vezes o servo dispenseiro muito fiel, para que o creiam, dá, do que em grosso gastou, pelo miúdo a conta com bicos.

Não quero nisto dizer que Platão quisesse fingir esta história da Atlanta, senão que a contou como a ouviu a alguns, a que deu mais crédito do que necessário, donde parece que a veio fingir, como as suas ideias (que dele dizem), ou quis dar, debaixo desta história da Atlanta e do sentido analógico dela, alguma doutrina e entender outra coisa, como também dá a entender Marsílio Ficino, florentino, no argumento que faz ao mesmo *Diálogo*, de Platão, da Atlanta.

Mas digo: ou os nove mil anos, que diz Platão, são anos ou são meses; se são anos, e nove mil, não havia tantos que o Mundo era nem é criado, nem que o dilúvio de Noé passado era, como claramente se vê na Escritura Sagrada, pois da criação do Mundo até agora, que são mil e quinhentos e noventa depois do nascimento de Nosso Senhor, não há sete mil anos, quanto mais nove mil no tempo de Platão, que há tantos anos que floresceu em Atenas, no tempo de Filipe, rei de Macedónia, pai de Alexandre Magno.

E, se são meses chamados anos, contando pelo modo dos egípcios (como quer dizer Marsílio Ficino por escusar o inconveniente e erro que, por isso, em Platão achava, dizendo que não nos embaraçarão estes nove mil anos, se ouvirmos a Eudoxo, astrólogo, que diz aqueles anos dos egípcios não haver sido solares, mas lunares, e que eram meses e não anos), e sendo nove mil meses, ficavam somente setecentos e cinquenta anos. A isso digo que, pois, Platão era ateniense e em Atenas escreveu e de coisas de atenienses, e não de egípcios, contava e com os atenienses falava, que só tinham anos solares, como havia de falar com eles, por conta de anos egípcios e lunares,

sem dizer logo que o eram? Donde se vê que está esta conta muito embaralhada e incerta. Diga Marsílio Ficino o que quiser, comente anos egípcios e lunares, não parece que Platão falasse senão de anos solares, que era a sua linguagem e daqueles com quem praticava, porque, como não tinha o lume da fé, falava às obscuras e cuidaria que muitos mais anos haveria de nove mil que era criado o Mundo. E assim como errou nesta conta, assim também parece que errou em contar da Atlanta, que, do dilúvio de Noé, nem da criação do Mundo, não se lê, nem acha em escrituras sagradas nem profanas, nem em memória e tradição de homens antigos nem modernos, haver tal sido nem havido.

Também diz Platão que dos egípcios ouvira o que da Atlanta conta, e se, por isso, diz e conta por seus egípcios anos, e são meses, e sendo anos lunares e meses, os nove mil se tornam em anos solares setecentos e cinquenta. Do dilúvio de Noé e de seu neto Tubal, primeiro rei de Espanha, tenho eu contado, até os tempos claros em que não havia Atlanta, todos os reis e governadores de Espanha, sem haver algum que pelos reis da Atlanta em algum tempo vencido fosse, como Platão afirma. E se me disserem que conta isto Platão, dizendo que o ouviu aos egípcios, e, por isso, fala pelo modo de seus anos, a isto respondo (como dizem) que não conjunta nem quadra que os egípcios tivessem melhor lembrança das coisas de Atenas, e que as ignorassem os atenienses, sendo próprias suas.

Além disto, pois, Platão, como coisa nova, conta aos atenienses esta história da Atlanta e dos reis dela, como, sendo tão belicosos, foram vencidos pelos mesmos atenienses, como a eles nova e deles nunca sabida, nem ouvida. Eu não sei como possa ser que uma coisa tão grande, como diz que era a Atlanta, e tão poderosos reis dela e vencedores dos reis de Espanha, ou a subversão dela, ou a vitória que dela houveram os atenienses (como ele conta), sendo cada uma destas coisas tão grande e de tanto nome, que a menor delas era digna de memória perpétua, fosse ignorada e esquecida no Mundo todo, e especialmente em Espanha e em Atenas, pois de muito menores coisas e acontecimentos há tantas memórias e estão as escrituras cheias,

como tenho dito, e florescendo tantas letras e tantos engenhos entre os gregos em Atenas, sendo ela a universidade mais principal de Grécia e, naquele tempo, do Mundo todo, estar esquecida de coisa que só setecentos e cinquenta anos atrás havia passado, sem haver memória nem escritura entre eles de uma tal vitória que tanto os honrava e engrandecia. Pois Suídas e Pausânias e os dois melhores historiadores de todos os gregos, Heródoto e Tucídides, filósofo, excelente historiador e maravilhoso capitão ateniense, que escreveu a guerra dos peloponenses e atenienses e floresceu quatrocentos anos antes do nascimento de Nosso Senhor, e Antígono, rei de Macedónia, e Temístocles, Epaminondas, capitães gregos, e outros autores gregos escrevem outras coisas muito menores de Atenas e toda Grécia, sem escrever de tal e tão grande guerra que os atenienses tivessem com os reis da Atlanta, nem de tal e tão ínsigne vitória que deles em algum tempo atrás houvessem, pelo que, pois, os atenienses e autores gregos, nunca esquecidos de sua glória e fama, nenhuma memória tiveram de tal vitória; nem eles, nem nenhuns outros autores latinos, nem hebreus, nem gentios, nem cristãos, nem astrólogos, nem matemáticos, nem geógrafos, nem cosmógrafos, nem humanistas, nem filósofos (tirando só Platão) fizeram menção de tal ilha Atlanta, nem de tal vitória com que os reis dela dos de Espanha em algum tempo triunfassem, nem da que os atenienses dos da Atlanta houvessem tido. Mais claro que o meio dia fica e parece que nem reis de Atlanta venceram reis de Espanha, nem atenienses venceram reis de ilha Atlanta, nem tal Atlanta no Mundo houve em algum tempo, pois tenho contado os tempos e as mais notáveis coisa e guerras deles (em que Platão diz que foi), sem neles, dantes nem depois, disso se achar nem em escritura, nem tradição, nem memória de homens lembrança, faro, parte, nem mandado.

E ainda que esquecessem as particularidades de qualquer destas coisas, eram cada uma e todas elas tão grandes, que sempre houvera de durar o tom e fama do geral delas ao menos assim em grosso e confuso entre os vizinhos e comarcãos e entre

a geração e descendentes daqueles que o passaram ou fizeram, com dizer ou lembrar entre si houve uma ilha Atlanta, os reis dela venceram aos de Espanha, os atenienses venceram os da Atlanta. Mas, pois, nada disto entre eles se dizia, nem sonhava, claro parece quanto Platão disso diz ser como coisa sonhada.

E não pode ser que alguém dela não falasse ou escrevesse, se no Mundo houvera coisa tão grande, rica, poderosa e belicosa, ou ao menos de sua subversão, que em Espanha tão chegada vizinha sua (como Platão diz), houvera de ser sentida e notória, como foi um terremoto desta ilha de S. Miguel na ilha de Santa Maria e na ilha Terceira, que está trinta léguas dela, cujo rasto e cinzeiro chegou a Portugal, e o da ilha do Pico, ao derredor, nas outras ilhas todas, suas vizinhas. E o mesmo aconteceu o ano de mil e quinhentos e oitenta, quando no mês de Maio arrebentou o fogo na ilha de S. Jorge, cujo fumo e cheiro de enxofre cobriu a terra e o mar entre estas ilhas até esta de S. Miguel, que está mais longe, de tal maneira e com tanta obscuridade e fumaça, que os que estavam aqui, apartados em menos espaço de um tiro de arcabuz, uns a outros se não viam, cujos estrondos e urros se ouviam muito claros na ilha Terceira, que está vinte léguas das Velas, e também nas outras ilhas, que estão mais perto.

Diz mais Platão que tão grande era a ilha Atlanta como África e Ásia juntas. E claro está que das Colunas de Hércules, onde ele diz que começava, até a ilha de S. Domingos, onde acabava, é muito menos espaço e mais pequeno que das mesmas Colunas de Hércules, ou da costa ocidental de África, ao cabo da China, que é o fim de Ásia, lá no Oriente, pelo que se vê claramente o contrário de sua opinião, que não pode ser como ele afirma, porque do estreito de Gibraltar, onde estão as Colunas de Hércules, donde ele diz que começava a Atlanta, até a ilha de S. Domingos, onde acabava, são ao mais mil e duzentas léguas; porque de Espanha até Grande Canária há, aí, duzentas e cinquenta, e de Canária até a ilha que se chama Desejada, há, aí, setecentas e cinquenta, e da Desejada até chegar à cidade de S. Domingos são cento e cinquenta; por todas mil e cento e

cinquenta ou mil e duzentas léguas, segundo as cartas de marear que agora se têm por melhores e mais emendadas. Mas África e Ásia têm muito mais léguas, porque de Portugal a Goa, que é o nosso porto principal da Índia, há cinco mil léguas, e dali à China há mil e duzentas, e até o cabo da Terra devem ser muito mais, e ainda que não se conte o caminho, costeando senão por linha direita, é muito mais comprido caminho o de Portugal até a China que mil e duzentas léguas, que ao mais há do estreito de Gibraltar até a ilha de S. Domingos.

E se me disserem que, já que na compridão da costa ocidental de África ou de Portugal até a China, de Oeste a Leste, não fosse a ilha Atlanta tão grande (segundo diz Platão) como África e Ásia, o seria na largura, medindo do polo Artico ao Antárctico, a isto respondo que, pois Platão põe por compridão da Atlanta a lonjura que há das portas do estreito de Gibraltar, que são a ilha de S. Domingos e as outras que tenho ditas, como parece fazer ele esta compridão, pois para encarecer a grandura da Atlanta põe a maior lonjura dela; claro está que a largura não há-de ser tão grande como a compridão, mas a compridão, que ele diz, são somente ao mais mil e duzentas léguas (como tenho dito e está sabido); logo, a largura menor devia de ser ou, ao mais, tão grande como a compridão, e, sendo menos ou igual, claro fica que ficava a Atlanta muito menor que África só, ou que Ásia só, quanto mais que África e Ásia juntamente.

Além disto, se, porfiadamente e sem razão bastante, me quiserem dizer que a compridão da Atlanta seria de Norte a Sul (o que não pode ser, pois se colige claramente o contrário das palavras do encarecimento de Platão), a isto respondo que a terra dos Bacalhaus que está da banda do nosso Norte, que é o pólo Árctico, e a grande terra Austral, que dizem estar, ou ilhas que estão além do estreito de Magalhães, da parte do pólo Antárctico, impedem que pudesse ser esta ilha tão grande como Platão afirma. E se ele isto quer dizer e não se houver de entender o que diz em outro algum sentido alegórico ou metafórico, pois não há tanta compridão nem largura neste meio mar como África e Ásia juntas, claro que se vê não ser

verdade no sentido literal o que diz Platão. E quem diz e conta, afirmativamente, uma coisa que não se acha ser assim, como esta, também dirá outras do mesmo teor e põe pouco crédito em quantas depois da mesma coisa conta.

E se Platão literalmente afirma (o que eu duvido) que era tão grande a Atlanta como África e Ásia juntas, e não houve tal ilha, ou não podia ser tão grande como ele diz, como pelas razões ditas claramente se colige, sendo mentira o que a Platão disseram (entendido no sentido literal), como parece ser, eu não vi nunca mentira tamanha, pois é uma mentira tão grande como África e Ásia. E pela conta que tenho dado, tem pouco ,menos de comprido seis mil e trezentas léguas, e daí para cima, que não tem mais em circuito o globo redondo, feito juntamente de mar e terra. E, além disto, se fora tão grande a ilha Atlanta, já que era maior que África e Ásia juntas (como diz Platão), fora terra firme e não ilha, e África e Ásia, terra firme, em respeito dela parece que ficaram ilha.

E não é muito não crer eu nisto a Platão, pois Plínio duvida do que ele diz, e isto parece que dá a entender no lugar acima alegado, quando, tratando que umas ilhas se tiraram à terra e se mudaram em mar, como o lugar onde está o mar Atlântico, que diz Platão, acrescenta, logo dizendo estas palavras: *Si Platoni credimus*, como se dissera se damos nisto crédito a Platão, porque eu o tenho por duvidoso e incerto.

E nenhum geógrafo, nem cosmógrafo, dos que escreveram, faz menção de ilha Atlanta, que tal houvesse nem fosse, senão somente do mar Atlântico, que herdou este nome, não de ilha Atlanta, senão do monte Atlas, que está perto daquela costa, ou do grande rei de Numídia ali vizinho, que também se chamou Atlas, que foi rei de Mauritânia, que é aquela parte de África que agora se chama Marrocos, do qual dizem, fabulosamente, que sustentava o Céu com seus ombros, porque foi o primeiro que, com seu engenho e curiosidade, alcançou a saber o curso e revoluções do Sol e da Lua e das estrelas. Estes dizem que foi irmão de Prometeu e, sendo admoestado e avisado pelo oráculo que se guardasse do filho de

Júpiter, não queria recolher nenhum hóspede em sua casa. E não o podendo sofrer e tomando-se disso Perseu, filho de Júpiter e de Danae, mostrou-lhe a cabeça de Medusa, a mais fera das fúrias infernais, que chamam Górgonas, que ele (dormindo ela) lhe cortou (segundo fingem os antigos), a qual vendo Atlas se converteu em um monte tão alto, que não se pode ver o alto dele, porque também quase do meio dele para cima começam as nuvens que o cercam, e em inverno e em verão sempre tem neve.

Daqui teve também lugar a fábula, que se conta, que este Atlas, rei de Mauritânia, tem e sustenta o Céu com seus ombros, por ser este monte Atlas muito alto. E deste rei Atlas se chamou o monte Atlas e do mesmo rei Atlante, ou do monte assim chamado (como já disse) e não da Atlanta (que não há, nem cuido que houve) se chama o mar oceano ali vizinho, naquela costa de África, mar Atlântico. E por isso diz Cícero no tratado que fez do sonho de Cipião, como falando o morto com os vivos: *"Omnis terra, quae colitur a vobis, parva quaedam insula circunfusa illo mari, quod Atlanticum, quod magnum, quod Occeanum appellatis in terra"*, que quer dizer: "toda a terra que é habitada de vós outros vivos (principalmente falava da terra firme) é uma pequena ilha, banhada e cercada com aquele mar que chamais na terra Atlântico, grande oceano".

Pelo que e pelas razões sobreditas claro parece que nunca houve ilha Atlanta, nem estas ilhas dos Açores são parte sua, como tem a segunda opinião, nem tão pouco de Portugal ou de Europa, como a outra primeira opinião afirma, porque, se estas terras eram povoadas de gente, alguma houvera de ficar nestas quando se dividiram e, senão pessoas humanas, ao menos gado, ou lobos, ou feras, ou cobras, lagartos e lagartixas e sapos, ou lebres, coelhos, ou galinhas, ou alguma maneira de caça de outra sorte, como em Portugal há, ou na Atlanta, se tal fora, forçadamente houvera de haver, por onde estas ilhas, pequenos membros tivessem alguma semelhança com os corpos donde (como eles dizem) saíram.

Mas elas de tudo isto careciam e, se algumas coisas destas têm, de fora depois vieram, e somente tinham garajaus e outras aves do mar e pombos bravos, que também em algum tempo de fora vieram a ela, pois podem voar de umas terras a outras, como se viu, claramente, na ilha de Santa Maria, onde se tomaram pombas bravas com os papos cheios de junça, carecendo lá dela e não a havendo perto, senão nesta ilha de S. Miguel naquele tempo, pelo que estava entendido que de lá vinham as pombas a comer a junça nesta. Por onde não podem dizer os das opiniões contrárias que estas pombas ficaram nas ilhas da Atlanta, que fingem que houve, ou da terra firme de Portugal, ou da serra de Sintra, senão se me disserem que havia aqui formigas, aranhas, moscas e mosquitos e outras semelhantes coisas, que são os mais ferozes e peçonhentos animais desta terra, e que estas podiam ficar das outras terras que dizem. A que a resposta está clara, pois claramente se vê que estas e outras quaisquer terras criam ou podem criar semelhantes coisas sem princípio nem sementes doutra parte trazidas, pois coisas desta maneira está claro entre filósofos que se geram mediante a podridão, de que é causa o húmido e quente da mesma terra ou do ar. E, como diz Aristóteles, a geração de uma coisa é corrupção de outra, ou, pelo contrário, a corrupção de uma coisa é geração de outra. Também aqui, algumas vezes, vêm de outras terras, voando, águias, falcões, açores, gaviões, corvos, patas, rolas e andorinhas e aves de outra feição e formosura, que é claro que passam o mar como estas pombas que disse, mas, como não criados nestas ilhas e estranhos destas terras, logo se tornam para as suas.

E se me disserem que estas ilhas são, ou parecem, pedaços de terra quebrados de outra terra grande (que poderia ser a Atlanta), pelas altas rochas que têm em muitas partes como quebradas, a isso respondo que está claro (como se vê nesta ilha de S. Miguel) que, de princípio, junto do mar, eram as faldas das rochas rasas e quase ao nível com o mesmo mar e, depois, por incêndios que, antigamente, em diversos tempos aconteceram, com que muitos ou quase todos os montes que,

então, arrebentaram, deitando uns de si pedra de diversas maneiras e terra e cinza e areia e pedra pomes por diversas vezes, se alevantaram e engrossaram as faldas baixas da terra e fizeram a altura que agora têm, indo quebrando, às vezes, ou com o mar que as comia ou com o peso da pedra e da terra, pela pouca liga que faz entre si a pedra pomes, e, às vezes, com os grandes tremores (que muitos em vários tempos houve nelas), sacudiram de si a pedraria e pedra-pomes e cinza e terra que nos cabos, junto do mar, estava mal grudada e, quebrando e caindo no mar, ficaram as rochas íngremes e talhadas, como agora estão.

E é de tudo isto bom sinal e testemunho o que se vê claramente nesta ilha de S. Miguel, cujas grutas e rochas têm estes veeiros [3] e camadas, uns de pedra que correu em algum tempo, e logo, sobre eles, outros de pedra-pomes e, logo em cima, outros de cinzeiro e, logo mais no alto, outros outra vez de pedra e na face de cima outra camada de terra que correu ou caíu do ar, em que, com o terremoto, se levantava dantes, ou se fez da podridão das raízes ou folhas das árvores ou ervas que, pelo longo tempo atrás, sobre ela nasceram e caíram. E ao longo das rochas muita pedraria e penedia, que, solapando-as o mar, caíu e quebrou das mesmas rochas juntamente com as outras mais camadas de pedra pomes, cinzeiro e terra, as quais, por serem levadiças, brandas e leves, as comeu e gastou o mar depois de quebradas e caídas nele, ou junto dele, e ficaram ao pé das rochas, ao longo da água, somente assim as pedras quebradas, feitas pedaços, e penedos grandes e pequenos, como também calhaus, maiores e menores, das mesmas pedras caídas, com o rolo das contínuas ondas do mar já feitos lisos e redondos, e cascalho e areia, uma grossa e outra mais miúda. E agora estas rochas, que desta dita maneira se fizeram altas e talhadas (e não por se quebrarem de ilha Atlanta, nem de terra firme), estão muitas, feitas nas grutas, muito altas, que as águas das enchentes vão fazendo, e morros, que são uma terra alta ao

[3] Filões de metal ou rocha.

longo do mar, e também alguns meios picos, quebrados da banda do mar, que claramente se vê que em algum tempo foram inteiros, e aquela terra dos morros também inteira e que entrava e saía mais ao mar, mas que arrebentou, como os picos, com algum incêndio e terremoto, e o que dos morros e picos quebrou, comeu e gastou o mar pelo discurso do tempo, sumindo-se tudo nele e ficando somente os morros talhados e os meios picos, ao longo das suas águas, tão bem feitos como rocha talhada, como é nesta ilha de S. Miguel o pico de Guiné, no biscoutal grande, e o pico de Jorge Nunes, que agora se chama da Areia por estar meio coberto dela no areal grande, na freguesia de S. Roque, e o pico da Forca, de Rosto de Cão , agora outros muitos, e como são todos os morros e terras mais altas, assim chamadas, que há ao longo da costa de toda esta ilha. E como nesta se fizeram as rochas altas, íngremes e talhadas, assim se fariam nas outras ilhas que as têm.

E no lugar da Relva, meia légua da cidade da Ponta Delgada, desta ilha de S. Miguel, onde a costa é de uma rocha muito alta, está claro, a quem tiver olhos para ver e entendimento para entender, que está esta rocha, como as mais da ilha, feita destas camadas de pedra e terra, e que a fonte que chamam do Contador, que está ao nível com o mar, ao pé da alta rocha, já em tempo antigo correu pela face da terra e, por se cobrir depois (como se cobriram outras muitas fontes e ribeiras que vão sair ao nível do mar, como alguns cuidam que é a do porto da cidade da Ponta Delgada e outras que em grutas e rochas saem nesta ilha) com as camadas de polme [4], terra e pedra, que com os terremotos e incêndios correu, e com pedra-pomes e cinzeiro que, alevantados com o fogo, tornaram, como chovidos, a cair sobre a mesma terra, se alevantou aquela rocha, que depois foi quebrando e cobriu aquela fonte do Contador que dantes ia pela flor e superfície da terra e, depois de coberta, buscou caminho e saída ao nível do mar, por onde dantes corria,

[4] Uma massa um pouco líquida, isto é, lava.

como o buscaram muitas ribeiras e fontes que há nesta ilha, como disse que se suspeita que é a ribeira que sai no porto da Ponta Delgada e outras fontes à Calheta de Pero de Teves, agora outras muitas que se acham sair ao derredor, ao longo do mar, pela costa de toda a ilha, ainda que eu tenho para mim serem da água do mar, que, com a enchente dele, entrando pela terra, torna a sair, coada dela, algum tanto mais doce.

E ainda que em outras coisas que contam das Índias de Castela saíu Platão verdadeiro, essas concedo eu que no tempo antigo se teria notícia delas, como logo direi, porque realmente eram; mas parece que misturaram, os que lhas contaram, com elas outras coisas fabulosas que nunca foram como da Atlanta tenho dado razões prováveis que nunca foi nem podia ser (segundo Platão conta) e, não sendo ela, não podiam estas ilhas ser sua parte. E, como tenho dito, não puseram os antigos nomes de fim da terra, ou finisterra (como outros dizem), em Europa se, além dele, se estenderam estas ilhas dos Açores apegadas nelas (como tem a primeira opinião), nem Hércules dissera, ao assentar das suas colunas, que, além de Cádis, não havia terra para onde navegar, se ali junto estivera a ilha Atlanta, que Platão diz, da qual tem a segunda opinião que são parte estas ilhas, pelo que nenhuma delas parece verdadeira.

Também o padre Afonso Venero, da Ordem de S. Domingos, no seu *Enchiridion dos Tempos*, diz que o reino dos gregos ou dos argivos teve princípio perto de três mil e trezentos anos depois da criação do Mundo. No qual reino primeiramente foi rei Ínaco, cuja filha foi Io, a qual, vindo a Egipto, ensinou as letras aos egipcianos. E o quarto rei que teve domínio neste reino se chamou Argos, de cujo nome se chamaram os gregos argivos. E que a grande cidade de Atenas, mãe de todas ciências, que está neste reino, foi fundada por El-rei Cecropes, do qual se chamaram os atenienses cecrópides, e que floresceu este rei que a fundou perto de três mil e quinhentos e cinquenta anos depois da criação do Mundo. E dali a muito tempo, convém a saber, perto dos anos da criação do Mundo de quatro mil e cinquenta, floresceu nesta cidade El-rei Codro, o qual (segundo diz Valério

Máximo no Livro Quinto), sabendo que seu reino não podia ter paz senão por sua morte, entrou na batalha, tirado o hábito real, porque não pudesse ser conhecido de seus inimigos (sabendo eles que os atenienses haviam de ser vencedores se morresse seu rei) e, com sua morte, salvou seu povo. E, se não fosse longo processo, se puderam contar aqui os reis e capitães de Grécia e de Atenas depois de sua fundação, sem haver em tempo de nenhum deles memória de vitória que os atenienses tivessem de reis de Atlanta, pelo que claro parece nunca haver sido tal ilha. E não a havendo, mal podem ser estas ilhas dos Açores partes dela.

ANTÓNIO CORDEIRO

História Insulana das Ilhas a Portugal sujeitas no Oceano Ocidental [5]

A primeira opinião de muitos foi que todas as ilhas que há hoje no mar, foram em seu princípio partes da terra firme da Europa e África, partes contíguas com ela, sem entre elas e a terra firme haver então mar oceano algum, como agora vemos que há; e que as ilhas Terceiras, vulgarmente chamadas Açores, se continuavam com a serra da Vila de Sintra e por esta com a Serra da Estrela, que em Sintra vem acabar e ambas são terras bem célebres em Portugal: e que as ilhas do Porto Santo e Madeira eram contíguas com a serra de Monchique do reino dos Algarves; e até das ilhas Canárias sente esta opinião que se continuavam com África e eram parte dela; e muito mais sente o mesmo das ilhas chamadas de Cabo Verde. [...]. Funda-se esta opinião, em que de outra sorte ficariam fundadas no ar e não poderiam sustentar-se, como vemos sustentarem-se até agora. E conforma-se: porque vemos que quem das ilhas Terceiras navega a Portugal, vai ordinariamente demandar a Rocha de Sintra, como cada parte vai naturalmente buscar o seu todo: logo, deste modo eram aquelas ilhas parte e não medeava de antes o Oceano. Esta opinião refere o doutor Gaspar Frutuoso, varão na virtude e letras venerável, de que em seu lugar faremos a bem devida memória [...].

---

[5] Lisboa Ocidental, António Pedroso Galrão, 1717.

A segunda opinião é tomada ex. *Dialog. Platonis, de Thymeo e Elisio*, onde diz que havia já nove mil anos que os atenienses tinham vencido e subjugado o belicoso povo da ilha Atlanta e que houvera esta antigamente no Oceano Atlântico de África para o poente; e que os reis de Atlanta tão poderosos que venceram os reis de Espanha e senhorearam grande parte dela; e no colóquio que intitula também a *Atlanta*, diz desta ilha coisas admiráveis. Donde inferiram alguns com o mesmo Platão, que pois a Atlanta era maior que a África e a Ásia juntas, estendendo-se desde Cádis ou Boca do Estreito até as grandes ilhas chamadas Isabela on S. Domingos (que tem de cumprimento 150 léguas e de largura 40) e a ilha que hoje chamam de S. João e outras várias ilhas; inferiram que a tal Atlanta ocupava a maior parte de todo o Oceano e que entre ela e Espanha não havia mar algum, acrescentando que a Atlanta se subvertera com as imensas águas que por ela corriam e com os fatais incêndios e terramotos que dos minerais de cobre, enxofre, salitre, pedra hume, arrebataram, de tal sorte que todo o seu vastíssimo lugar ficou feito num mar apaulado, sem em muitos anos se poder por ele navegar, até que com o tempo se purificou a lagoa tão fatal e ficou um oceano ocidental e navegável e nele muitas ilhas, como relíquias da Atlanta, de que umas são as sobreditas Terceiras.

Confirmam este juízo com muitos e mui vários exemplos, tirados de António Galvão no seu *Tratado de diversos descobrimentos*, porque não pode negar-se que houve já em outros tempos muitas terras, ilhas, cabo e angras ou enseadas, que desfizeram as águas e apartaram uma das outras pela pugna natural da humidade de água com a secura da terra; e assim dizem muitos, que junto a Cádis houve as ilhas chamadas Frodísias, muito povoadas e que a mesma ilha de Cádis era antigamente continuada com Espanha e que de Espanha a Ceuta se continuava a terra firme e se passava por terra; a ilha da Sardenha com a Córsega, a Sicília com a Itália, Negroponto com a Grécia; e conforme a Plínio ([*História Natural*], lib. 2, cap. 87 e 100), antigamente se formaram de novo as ilhas de

Delos, e Rodes e a uma o mar cortou da terra como a Sicília da Itália, e Chipre da Síria; e a outras a mesma terra firme livrou do mar para si: semelhantemente pois podemos dizer com fundamento que as ilhas Terceiras ou foram parte da Atlanta, ou de Portugal foram cortadas.

J. M. PEREIRA DE LIMA

Iberos e Bascos [6]

IV

A Atlântida, e a civilização: tradições e afinidades étnicas dos Atlantas

[...]. Vamos agora esboçar as provas e argumentos que a ciência dos tempos modernos aduz em prol da Atlântida.

A geologia, pelos estudos dos seus mais modernos mestres, provou a identidade existente entre o sistema da formação chamada Herciniana, - que cobre a Alemanha, sita do Danúbio ao Reno, e do Eslter ao Mar do Norte -, e o da formação dos *Allegahanys*, montes que são a espinha dorsal da costa setentrional da América.

O naturalista suíço, Heer, foi levado pelos seus estudos botânicos a afirmar a existência do Continente Atlântico terciário, e isto pela analogia da flora miocénica da Europa Central com a flora actual da América do Norte, região de Leste.

O zoologista Hamy provou que, tanto na América Oriental como na Europa Ocidental, ainda hoje se encontram muitos insectos pertencentes a espécies comuns nas duas grandes regiões.

Os fósseis das duas séries, animal e vegetal, compartilham a mesma semelhança, pertencendo às mesmas espécies, tanto

[6] Lisboa, 1902.

no continente ocidental Europeu e nas ilhas próximas, como na América do Norte, costa oriental.

"C'est par de semblables concordances des faunes et des fleurs que les géologues ont pu constater l'ancienne existence de terres de jonction entre l'Angleterre et l'Irlande, entre l'Irlande et l'Espagne et mème entre l'Europe et l'Amérique? [...] permet donc de conclure qu'à l'époque des lignites tertiaires de la molasse, les terres éparses et les massifs de montagnes peu nombreux, qui formaient pour ainsi dire les rudiments de notre Europe se rattachaient aux rivages américains par un isthme séparant les eaux atlantiques de celles de la mer Glaciale [...]. Cet isthme était l'Atlantide, et les traditions dont Platon s'est fait l'interprète au sujet de cette terre disparue reposent peut-être sur des témoignages authentiques. Il est possible que l'homme eût vu cet ancien continent s'abîmer dans les mers."

São estas as afirmações de Elisée Reclus na *Histoire de la Terre*.

No século XVIII, um beneditino das Astúrias, Padre Feijó, apresentou o seguinte asserto: "que onde existem os mares actuais houve outrora terras plenas de vegetação, e que as terras produtivas dos remotos séculos foram substituídas pelas amplidões dos actuais oceanos".

Buffon (em 1774) seguiu a mesma orientação afirmativa, numa das suas catorze teses que a Sorbonne obrigou a retirar como "ousadas e contrárias à ciência".

Zaborowski, no seu livro *L'Homme Préhistorique* [7], referindo-se à segunda época quaternária, alude às transformações que sofreu a bacia do mar Mediterrâneo, e à ligação de parte da África com a Europa: "Mais alors la Méditerranée n'avait peut-être pas l'étendue, qu'elle a maintenant. En tout cas, avant l'affaissement de la première époque (quaternaire) l'Europe se joignait à l'Afrique par l'Espagne et par la Sicile".

---

[7] Zaborowski, *L'Homme Préhistorique*, Paris, 1886, p. 66.

O mesmo Zaborowski [8] , cita a opinião de Aristóteles, que dizia: "O tempo não interrompe nunca a sua obra; e nem o Tomais, nem o Nilo decorreram sempre nos seus leitos actuais. As suas nascentes eram outrora uma terra árida; todos os rios nascem para desaparecerem mais tarde, e o próprio mar, *mudando de leito, abandona certas terras para ir invadir outras*".

E nos *Mondes disparus* diz: "Les relations pliocènes de l'Amérique septentrionale avec l'Europe sont abondamment établies. L'une et l'autre ont encore aujourd'hui des espèces identiques de plantes, d'insectes, d'oiseaux sédentaires et de poissons d'eau douce. Il ne faut pas confrondre les deux catégories de faits. Et, ce qui est en question, c'est l'existence d'un continent pliocène reliant les deux mondes par leurs parties meridionales surtout."

*
* *

A ciência etnológica estudando as características étnicas dos habitantes das Canárias, apesar dos cruzamentos sucessivos, após a descoberta moderna, prova que os Guanches eram da mesma raça que os Peruvianos, os Mexicanos, os Floridanos, os Egípcios, os Iberos, os Bascos, os Etruscos, os Fenícios, os Oscos, os Seculos.

Cesare Vecellio, um precursor da etnologia moderna, dizia em pleno século XVI na sua obra, *Degli abiti na tichi e moderni di dirersi parti del mondo*, que o tipo do Canariense (Guanche) era esplêndido de nobreza, e, nas características étnicas, que ele representava, "absolutamente igual aos primitivos Peruvianos e Mexicanos, encontrados em adiantado grau de civilização pelos descobridores e conquistadores espanhóis".

Os Peruvianos e Mexicanos não tinham criado as maravilhas arquitectónicas, que os conquistadores espanhóis

---

[8] Zaborowski, *Les Mondes disparus*, Paris, 1886, p. 14 e 25.

encontraram; eram *os descendentes degenerados de uma raça dominadora, a da Atlântida*, e diziam aos espanhóis, que eles provinham de ancestrais poderosos, cuja memória respeitavam religiosamente, mas de cuja história e civilização tinham perdido a sequência.

O heróico Montezuma protestava perante os seus algozes, que seus avós não eram naturais do país, e que tinham vindo dum rico país situado no Oriente.

Este país chamava-se *Aztlan*, e o seu nome, em todas as inscrições, era encimado pelo sinal hieroglífico que significava *água*.

O próprio Colombo constatou com admiração as semelhanças étnicas entre os habitantes do Haiti e os das Canárias.

Nos nossos dias, Berthelot descobriu e assegurou a grande analogia entre os nomes de pessoas e de povoações das duas ilhas, tão distantes.

Comparando os destroços históricos da velha civilização paleoamericana com os da vetusta civilização turaniana no Egipto, encontram-se flagrantes e incontestáveis analogias e semelhanças.

Os trajes antigos das mulheres de la Pampa del Sacramiento e de Moyos são quase a cópia exacta dos trajos das antigas Egípcias.

No México encontraram-se pirâmides arquitectadas sob o mesmo estilo, que as do Egipto, e até se descobriram estátuas hieroglíficas com a serpente do Sesostris egípcio. A monumentologia funerária antiga é a mesma, tanto na região do Nilo, como nas duas Américas.

O investigador Castelnan notou, ao ver no *British Museum* as pinturas egípcias, da tão riquíssima colecção artística, a semelhança de tais figuras, nas feições e nos costumes, como as dos Índios da América.

Continente ou arquipélago de grandes ilhas, é portanto assaz provada a existência da Atlântida.

Quem, percorrendo as cartas batimétricas do Atlântico-Norte atentar bem, já nas ilhas, que restam como pontos culminantes do continente desaparecido, Madeira, Açores, Canárias, Cabo-Verde, Antilhas, Terra Nova, já nos ilhéus, e baixios, que formam um dorso enorme submerso, desde as Antilhas até ao chamado *plateau telepathique*, escalonando na direcção Leste-Oeste um itinerário, do continental actual europeu ao americano, desenhando nas sondagens o relevo de montanhas que se submergiram, de 10 a 50 graus de latitude Norte, e de 15 a 60 graus de longitude Ocidental acreditará que a Atlântida existiu.

Quem, seguindo as narrativas antigas de Platão e Heródoto, de Aristóteles e Estrabão, e as modernas de Colombo e Cabral, procurar descobrir a razão de ser do chamado "mar das sargassas", que, de século para século, vai diminuindo a área, outrora enorme, da sua pujantíssima vegetação de algas e outras plantas marinhas, não porá decerto em dúvida, que a Atlântida foi submersa por um dos grandes cataclismos, que têm revolucionado o nosso planeta.

E, ou fosse, repetimos, um continente à semelhança da Austrália, rodeado de muitos arquipélagos, como o australiano actual, com a vizinhança da Polinésia, da Malásia, etc., ou fosse um istmo desde as proximidades do Canadá até aos Pirinéus, passando por Terra Nova e Açores, e das vizinhanças da Florida às Canárias, a desaparecida Atlântida teve uma área enorme de terra firme, donde se irradiou um foco de civilização pré-ariana, assaz difícil de conhecer em todas as suas linhas. Insculpiu, porém, nos monumentos arquitectónicos, erigidos nalgumas das suas colónias remotas, da África e das Américas, e nos traços da filologia dos povos antigos, o perfil histórico da sua existência arqui-secular.

Querem uns, segundo as teorias de Diutrickx e Saintignon, explicar a sua desaparição súbita, por uma grande erupção vulcânica produzida pela maior densidade da atracção

astral; determinada esta, pela conjunção de um certo número de planetas e do centro solar, descrevendo o zénite sobre a região submersa, fazendo explodir a matéria ígnea, que forma o núcleo do nosso planeta.

Outros dizem, que a formação, ou antes o levantamento dos Alpes e das Cordilheiras Americanas, causou a depressão, que fez desaparecer a Atlântida.

Ainda há quem atribua esta enorme revolução geológica à inclinação da eclíptica, deslocando-se o equilíbrio da massa ígnea, que forma o centro do nosso planeta, e produzindo-se uma transformação enorme na película, que reveste o globo de fogo, chamado a Terra.

Reconstituição da Atlântida, segundo a batimetria

É curiosa a tradição de tal cataclismo, contada a Diogo Landa, na ocasião da conquista espanhola da América, pelos Índios-Quichés: "As águas subiram e a inundação passou por cima das cabeças dos habitantes. Foram cobertos pelas águas, e uma resina espessa caíu do céu. A face da terra obscureceu-se, e começou a cair uma chuva torrencial: chuva de dia, chuva de noite, e um grande trovejar pairava sobre os habitantes. Então viu-se os seres humanos sobreviventes, loucos de desespero, correndo e atropelando-se uns aos outros. Subiam aos telhados das casas, e estes derruíam-se com eles. Queriam subir às árvores gigantescas e estas sacudiam-nos longe de si. Queriam abrigar-se nas cavernas, e estas abatiam-se."

M. de Bourbourg recolheu, na América Central, uma tradição indígena, que diz respeito também à Atlântida, e à catástrofe que a destruiu:

"O império de Xibalba era outrora governado por dois reis, ou supremos juízes do império. Estes tinham sob as suas ordens dois outros reis, sempre escolhidos dois a dois, e cada um deles era soberano num grande reino; formavam entre si uma espécie de conselho. Pouco a pouco, estenderam o seu domínio a todo o mundo; mas uma inundação repentina alagou tudo, e eles desapareceram."

E assim passaram, um grande povo, uma grande história, e uma civilização importante, para o seu tempo, a qual, segundo a tradição, tinha chegado ao máximo do seu apogeu.

Que pigmeus efémeros são os habitantes deste microcosmos!

Na contemplação destes fenómenos sísmicos, geológicos e meteorológicos, que são uma das afirmações da vida e da força, que Deus tirou do caos, dando à matéria as leis harmónicas e imutáveis pelas quais ela se rege, o espírito humano alquebra-se perante o Imenso e o Infinito, e reconhece a sua inferioríssima pequenês.

Que foi grandiosa a civilização deste foco da vida turaniana, bem o provam não só as ruínas dos monumentos que maravilharam, no México e no Perú, os conquistadores espanhóis, mas também as recentes descobertas arqueológicas paleoamericanas.

O sábio e erudito Nadaillac demonstrou ainda ultimamente [9] o elevado grau da primeira civilização paleoamericana, e opina também com M. du Chatellier, que os índios americanos, encontrados pelos descobridores portugueses e espanhóis, eram os descendentes degenerados duma raça, que atingira elevado grau de civilização.

O escritor inglês Newberry provou exuberantemente, que os paleoamericanos "primitivos" (ou os atlantas) não só conheciam todos os metais, mas até se serviam do petróleo para a iluminação das suas casas e palácios, como se prova pelas descobertas de antigos poços mineiros, perfurados nas regiões petrolíferas da América do Norte [10].

*

* *

Defenderam a existência da Atlântida, além dos escritores, antigos e modernos, já indicados, Bory de Saint-Vincent, Tournefort, Mentelle, Boërr, e ultimamente Gaffaret nos *Études des rapporis, entre l'Amérique et l'ancien continent*.

E até inspirou a criação de um dos melhores poemas da Espanha contemporânea, *La Atlantida*, pelo distinto catalão Jacinto Verdaguer.

Admitida a existência da Atlântida, e a sua civilização antiquíssima, não é lícito duvidar, que Atlantas e Iberos foram, pelo menos, coevos e que se entroncam na genealogia dos povos da raça Turaniana, donde beberam a sua vida histórica pré-ariana, embora a família Ibérica não chegasse ao

---

[9] Nadaillac, *Primeiros Americanos*, in *Revista Nacional* (Buenos Aires, Dezembro, 1901).

[10] Newberry, *Mining in North America*, Nova Iorque, 1900

desenvolvimento de civilização, que o grande núcleo Atlanta atingiu.

Não findaremos estas considerações sobre a existência dos Atlantas e suas afinidades étnicas e tradicionais sem pormos em relevo a etimologia da palavra *Ibero*, segundo os basquistas modernos; assim *Ibero* vem de *Ib-er*, que em basco significa = *rio queimante*, *rio ardente* = perfeita alusão ao *Gulf-Stream*, rio ou corrente ardente, que ladeava a Atlântida.

E, aqui, fazemos nossas as palavras de Oliveira Martins, ao defrontar-se com algumas das dificuldades do problema *ibérico*:

"Se as afirmações são, com efeito, sempre temerárias em matérias tão pouco susceptíveis de verificação, *as induções prudentes são contudo, mais do que lícitas, são indispensáveis e fecundas. De hipóteses em hipóteses se chega a aferir a verdade*".

ANTÓNIO SARDINHA

O Espírito da Atlântida [11]

Importa, na realidade, desvendar agora as origens do indígena do Ocidente que deu tão grandes provas do seu génio criador. Comece-se por não se aceitar a classificação de *Homo Mediterranensis* por menos exacta. Se não se lhe quiser aplicar a de *Homo Europaeus*, que em justiça lhe cabe, emende-se aquela que o designa pela de *Homo Atlanticus*. É certo que foi no mar do Arquipélago que o ramo dito líbio-ligúrico atingiu a maior expressão social e artística. Considere-se, porém, a razão decisiva do seu *habitar* e das condições especiais do meio que o gerou. Parece-me que é o critério a ponderar-se. E não se obtempere que o elemento *civilização* caracteriza com mais vigor. Mesmo, perfilhando semelhante critério, a emenda teria de se manter.

Do Atlântico, ou bordejando para o Estreito e seguindo a costa de África, ou entranhando-se pelas vias fluviais do interior da Europa, de uma maneira, ou de outra, o impulso inicial irradia dum único foco oceânico. Não me adianto a emitir a minha opinião. Limito-me por ora a recordar as tendências que há para fixar num ciclo marítimo, estranho ao Mediterrâneo, tanto a lenda como a poesia dos *Errores* de Ulisses. Os gregos do Dipylon, arrebatados pelas situações patéticas da grande guerra a que acabavam de assistir, acomodariam aos horizontes

[11] In *O Valor da Raça: introdução a uma campanha nacional*, Lisboa, 1915.

da Hélada os resíduos de alguma epopeia oral, recolhida por mareantes em navegação longínqua.

Eu frisei a circunstância de na *Odisseia* o mar ser sempre o mar imenso, o mar infinito, quando não é assim o Egeu todo pontuado de ilhas ridentes, com o Egipto perto e as ribas doces da Ásia de fácil abordamento. É um facto que realça a inspiração atlântica do *Nostos*. Repare-se que, localizado ele no declinar resplendente de Micenas, as moradas descritas no poema não guardam a sumptuosidade da casa típica dos Átridas. A habitação de Ulisses é mais uma cabana nórdica, tal como no-la sugerem as sagas medievais, de que o palácio dum rei, como o requinte egeano os sabia erigir. Também as sepulturas de Homero não são as sepulturas célebres do *Dipylon*. No *Dipylon*, e segundo as exumações de Schliemann, os mortos, incinerados ou não, depositavam-se em vastas câmaras funerárias, as mais das vezes escavadas na rocha. Em Homero é o *tumulus*, ou a nossa vulgaríssima *mamôa*, que se alevante em monumento sobre os restos mortais de Patroclo e de Elpenor [12].

Um outro aspecto que convém não olvidar é a fisionomia colectiva da gente da *Odisseia*. Trata-se bem à farta de um povo agrícola, utilizando até já o ferro, enquanto na *Ilíada* se revela uma sociedade militar confinada ainda na pura civilização do bronze. O facto de figurar o ferro na *Odisseia* não invalida em nada a hipótese em exposição. Na arqueologia há quem se incline a admitir que em dadas regiões o ferro sucedeu imediatamente à pedra polida, não sendo por isso o celta de *Hallstatt* nem o guerreiro do *Dipylon* os propagadores do novo mineral. No Egipto, a reconhecerem-se as descobertas de Flinders Petrie, o neolítico concluiria sem saltos bruscos na pura idade do ferro. Sustentam alguns etnógrafos que o trabalho do ferro foi introduzido no Mediterrâneo, não pelas mangas irrompentes do Ária, mas pelos próprios negros que o praticavam de longos tempos. Assim, sem se lhe alterar a cor

---

[12] A. Van Gennep. *La question d'Homère*, Paris, Mercure, 1909, p. 27-32.

primitiva, nem destituir de legitimidade a base ocidentalista do *Nostos*, o ferro na *Odisseia*, ou representa um conhecimento posterior dos rápsodos que o aclimataram, tanto mais que só figura ali em motivos de comparação literária, ou é então mais uma reminiscência autêntica do velho mundo ocidental [13].

Eu me explico. O pequeno dolicóide individualiza-se, sem dúvida, pelo florescimento das indústrias do bronze. Mas desde que recentes descobertas nos indicam o ferro como comunicado às zonas mediterrânicas pelos negros da África, não custa a conceber que o habitante da margem atlântica igualmente o conhecesse, visto que, pelas reconstituições topográficas de Martins Sarmento sobre o fundo original da *Argonautica*, a navegação no Ocidente haveria descido até às alturas do Bojador nessa hora atrasada da história.

Paralelamente, o cunho primitivo da casa micénica, tal como a representam as urnas funerárias recolhidas em Creta e se reconstitui nas edificações da nossa Citânia, acusa-nos pelo telhado em cone um clima pluvioso, pertencente a outras latitudes, que não as do Mar Egeu [14].

Coisa interessante é reparar também que os gregos do poema de Homero não são ictiófagos. Pois em Micenas e em Tirinto, nas *terramares* da Itália e nos assentos de cozinha do cabeço da Arruda, embora não contemporâneos, mas dependentes da mesma camada étnica, também a ictiofagia se não verifica. Um escrúpulo religioso se entremostra aqui, bem natural em populações que praticavam a marinha, e que é mais um reforço para se mostrar a profunda unidade social a que o homem meão ascendera [15].

Outra prova da expansão fecundissima dessa grande raça, ainda que dominado pelo celtismo arqueológico, já Arbois de Jubainville a enunciara no seu notável estudo, *La civilisation des celtes et celle de l'epopée homérique*. A religião com um

---

[13] A. Van Gennep, *obra e página citadas*.
[14] Salomon Reinach, *Le mirage oriental*, in 2ª série das *Chroniques d'Orient*, p. 159.
[15] Salomon Reinach, *volume e página citados*.

deus supremo, acompanhado de antropomorfismo, com o *Orbis alius*, com os números propícios e os números fatídicos, etc., etc., é entre os povos da Grécia, segundo Homero, a religião professada cá nesta parte pelos habitantes da Gália. É idêntica a composição da família com a monogamia, com as concubinas, com o poder paternal, com o poder das mulheres, com o direito do senhor. Idênticos são os costumes guerreiros, como idêntica é a sociedade com os bardos correspondendo aos aédes, com os *veletes* (videntes) lembrando os vates helénicos [16]. Juntem-se os subsídios trazidos pela filologia e logo o quadro de raças traçado por Hesíodo atinge um relevo intenso, com o seu apertado parentesco bem às claras.

Diefeubach conta que uma dama do país de Gales entendeu em Argel com a ajuda do gaélico o dialecto dum *kábila* do interior [17]. Salomon Reinach, confirmando a não ictiofagia do pequeno dolicoide, assevera, através da miragem ariana, que, com efeito, nas línguas chamadas indo-europeias, faltam palavras de proveniência comum para mencionar os peixes comestíveis, enquanto que o vocábulo com que se exprime a ostra tem em todas elas a mesma derivação. É bom acrescentar que, se os despojos culinários de Micenas e Tirinto como os das *terramares* da Itália e dos *kiokkenmoddinger* da Arruda, nos revelam uma interdição alimentar para com o peixe, no entanto, as conchas de molusco são frequentes entre o amontoado de restos examinados pela curiosidade sábia.

A linguística está de acordo com os resultados de observação directa. É de singular valia para a nossa tese a sua afirmação de que as línguas qualificadas arianas não nos podem explicar, nem na forma mais arcaica, a afinidade de certas expressões toponímicas que se constatam aqui e além, na Itália e na Ásia Menor. É aquele reparo de Salomon Reinach acerca do sufixo românico *itta*, em francês *ette*. Este sufixo encontra-se nos nomes dalgumas cidades pelásgicas, como *Baretta,*

[16] *Cours de littérature celtique*, v. 4, Paris, Fontemoing, 1899.
[17] Episódio referido por Martins Sarmento em mais de uma monografia.

Trigletta, Larissa, (Laritsa), Argissa, (Argitsa), etc., etc., que, debaixo de uma pronúncia helenizada, não contam origem que os justifique nos mais velhos documentos linguísticos do mundo ária [18].

A arquitectura e as artes decorativas corroboram a similitude estatuída pela filologia. Assim, os nossos dólmenes e as construções ciclópicas são sem dúvida nenhuma vestígios dum mesmo povo edificador. Os ídolos femininos que se têm desenterrado nos monumentos megalíticos da Bretanha e nas paredes internas das grutas funerárias de Boury e Uzés, nós os reconhecemos na cerâmica primeva de Tróia e de Chipre. Também um dos elementos primaciais da ornamentação micénica - *"les fers à cheval concentriques"* -, se nos mostraram nos despojos apurados em Gavrinis, no Morbilhan, e em Newgrange, na Irlanda. É o sistema ornamental que antecede no Ocidente a invasão do estilo geométrico, caracterizador do *Dipylon*.

Sem me alargar mais num inventário que nunca acabaria, eu considero o dolicocéfalo meão investido na posse duma brilhante cultura, como é a que em resumo fica exposta. Verificada a impossibilidade da sua proveniência árica, ver-nos-emos nós constrangidos a aceitar a solução turaniana, que se pretende deduzir duma imigração braquicéfala, remontando ao neolítico? É uma variante, mais recuada e menos sustentável, do monogenismo asiático. Descai hoje perante os postulados da antropologia e não são as indicações da pré-história que lhe fornecem aprumo dorsal. Começa logo por não ser exacta a extracção teórica que se atribui ao braquioide, rotulado no campo científico pelo apelativo de *Homo Alpinus*. É o "parvus, agilis, timidus", da classificação de Lineu. Opõem-no ao homem louro e de alto talhe. E, conforme Mortillet e Topinard, seria o portador da acha polida e dos animais domésticos, introduzindo ainda entre nós o trigo e as árvores frutíferas. Nada se esboroa, porém, com mais facilidade, como essa ideação doutrinária,

[18] Salomon Reinach, *obr. cit.,* p. 554.

conferindo ao braquioide (que é o lígure de Teófilo) [19] o monopólio cerrado das civilizações.

Nem ele é exclusivamente de derivação exótica, pois já na transição do mesolítico os *kiökkenmoddinger* da Arruda e as cavernas de Corbières lhe assinalaram a coexistência com o nosso dolicocéfalo. Não é por isso o pioneiro da acha polida, nem se lhe deve a iniciação do período agrícola, visto que em certas explorações pirenaicas o trigo se mostra cultivado desde o quinto interglaciário, quando ainda não bruxeleavam nem os alvores do neolítico. É o que acontece com as árvores de fruto, reputadas como advindas da Ásia. Quanto aos animais domésticos, não se ignora já que aqueles que não sejam indígenas da Europa entroncam em linhas zoológicas africanas, em contacto fácil com o nosso continente por meio do istmo que, roto, deu lugar ao estreito de Gibraltar. E sobre a acha de pedra, basta dizer-se que na Ásia é que ela é precisamente tardia e rara. Vacher de Lapouge aponta-lhe a África como berço, alegando que é aonde se lhe segue a evolução com mais nitidez, desde o tipo embrionário do ciclo acheuleniano, à peça definitiva que marca a plenitude do neolítico [20].

É o *Homo Alpinus* de cabeça globulosa, estatura abaixo da média, moreno e mesorrínico. Exemplifica-se pela qualificação de *raça de Grenelle*. Deniker adjectiva a de *cevenola*, porquanto na região das Cevennes é que se acantonam os seus representantes mais lídimos. Estabelece-se-lhe uma linhagem mongolóide, com apertadas ligações eslavas ou fínicas. Em Portugal preparou o cruzamento mesaticéfalo que se destrinça na nossa composição antropológica. Não é, contudo, como factor étnico duma influência tão decisiva, como se depreende do ligurismo sustentado pelo insigne Martins Sarmento e ao depois por toda a obra de Teófilo. Predominou mais na hereditariedade espanhola, misturando-se com a possível

---

[19] Teófilo Braga, *História de literatura portuguesa*. I - Idade-Média, p. 14.
[20] *L'edryen. Son role sociale,* p. 21.

transfusão shumero-acadeana em que se filia, com base ou não, a ascendência do ibero.

A qualificação de *Homo Alpinus* veio-lhe do massiço helvético, por lá preponderar, a partir da Idade-Média. Nota-se-lhe uma tendência inata para habitar as altitudes, quando o *Homo Europaeus "dédaigne les régions pauvres et inégales"*, pontifica o curioso senhor de Lapouge. É falsa a ligação que o procura aproximar do *Homo Scythicus*, ou tártaro braquicéfalo. O grau de braquicefalia da gente chamada de Grenelle excede os mais pronunciados índices braquioides que entre os mongóis se acusam. A sobrevivência de caracteres porventura comuns explica-se por dosagens casuais, nunca por alianças com um êxodo de pura fonte chinesa, metendo as raízes nas penumbras do tempo. O nosso *Homo Priscus*, esse seria primo carnal do esquimó, que por via da cor se aparenta com algumas bifurcações da família amarela. No entanto, não generalizemos à semelhança de maneira a ter-se como assente uma identidade de tronco entre o braquicéfalo europeu e o braquicéfalo asiático.

Tappeiner especializou-se no estudo do assunto. Assim, no exame de 929 crânios e de 3200 pessoas vivas, não achou entre a gente das Cevennes um único exemplar que recordasse remanescências mongolóides. É ele que sustenta que a raça amarela não é braquicéfala. O verdadeiro *Homo Asiaticus*, de cabelos e olhos pretos, com uma estatura que não cresce para além da média, é invariavelmente dolicoide. De modo que em 700 milhões de amarelos nem num quarto aproximado se denunciara a braquicefalia. Pode mesmo assegurar-se que na Europa a percentagem é incomparavelmente maior, testemunhando tanto lá como cá uma mistura de elementos intrusos [21].

A história, acompanhando as marchas da antropologia, concede ao problema um aspecto terminante, desde que nos declara que o aparecimento do braquicéfalo amarelo nos plainos centrais da Ásia não é anterior à nossa era. As

[21] Vacher de Lapouge, *obr. cit.*, p. 16-23.

investigações realizadas da Rússia ao Turquestão, abrangendo a Caucásia e a Sibéria ocidental não produziram um só crânio mongolóide que seja mais velho do que as invasões dos Hunos, Tártaros e Turcos. Os braquicéfalos da Ásia Menor é que são chegados ao nosso, ao que parece. Topinard via neles alpinos demorados na sua migração para oeste. Era a idade feliz da miragem orientalista. E a designação de celto-eslavo que se apõe a esta espécie antropológica remonta às horas primeiras da etnogenia. Broca opinava que um povo braquicéfalo saíra do cruzamento duma primitiva aluvião dolicocéfala com autóctones braquioides. São as celtas da fábula arqueológica, interceptando a clarividência crítica dos eruditos em duelos tão famosos nos anais do bom saber, como as guerras encarniçadas do Alecrim com a Mangerona.

Claro que modernamente o celta é o homem loiro contemporâneo da espada de ferro, não valendo senão como um sinónimo do ária conquistador, ao contrário do que se supunha nas apostas subjectivistas dos sábios em que ora figurava de lígure, confundido com o *substractum* aborígene, ora o tinham como um povo estranho, instalando-se no Ocidente pela ocupação. Martins Sarmento, para esclarecer as posições do seu ligurismo, alvitrou a diferença entre o celta da história, que é o *Homo Europaeus*, e o celta da arqueologia, incarnado no lígure para o insigne vimaranense, mas que, quanto a mim, é o *Homo Mediterranensis*, ou, mais justamente, *Atlanticus*.

O recuo operado pelos trabalhos de Martins Sarmento nas datas da nossa formação étnica levou Teófilo Braga a perscrutar a admirável cultura pré-árica, a que o Ocidente ascendera. Atribuiu-a, no entanto, ao alastramento do braquicéfalo com hipotéticas genealogias asiáticas. Dum imaginário confronto do ária na Bactriana com um povo inimigo, nasceu o nome de turaniano dado a esse povo. Derivara-se do Turan, título de uma grande extensão geográfica, por meio da qual a sabedoria avéstica iniciava a entrada do ano com a subida no Zodíaco da constelação do *Taurus*. É como considera Teófilo a nossa

civilização arcaica, entroncando-a no património religioso do Irão [22].

Já aqui se disse como o Avesta se transportou da alta pristinidade em que o haviam colocado para uma data que pouco mais subida será que o império de Alexandre Magno. É certo que o Touro subsiste entre as práticas rurais do *Homo Atlanticus* como um totem veneradíssimo. Na Península, desde a noite dos séculos, que a sua efígie anda gravada em moedas. Na heráldica portuguesa nas armas de algumas povoações conservam um touro como emblema nobiliárquico, em reminiscência inconsciente do antigo culto. Há ainda, como prova, os *berrões* transmontanos. Mas a tradição mais viva é a da festa popular de S. Marcos, celebrada que eu saiba em Alter do Chão e em Santo António das Areias, no distrito de Portalegre.

O animal com que aquele Evangelista se simboliza é o Leão. A S. Lucas é que o touro cabe. Todavia, S. Marcos tem-se no Alentejo como padroeiro de boiadas e de boieiros, sendo honrado com um novilho no dia da sua festa pela devoção dos mordomos. Conduzido por eles, o novilho entre na igreja. *"Entra, Marcos! Entra, Marcos!* diz a irmandade e secunda o levita, e depois de abençoado pelo padre, canta-se-lhe o Evangelho nos cornos. Recordemos que S. Marcos se festeja a 25 de Abril. A 20 marca a astronomia o ingresso do Sol em *Taurus*. Não haverá na insólita atribuição do boi áquele Evangelista um vestígio mítico do culto totémico do Touro? Eu penso que sim, acrescendo que, de mais a mais, conforme o *Lunário Perpetuo*, o Touro como signo tem poder sobre Estremoz, Elvas, Vila Viçosa e Portalegre. É, ou não é, um traçado gráfico da zona em que o curioso resíduo cultual conseguiu aturar?

Não nos esqueçamos de que o Touro era adorado como totem entre os eginetas. O Minotauro, encerrado no palácio do Labirinto (de *Labrys*, dupla acha), soberanamente o demonstra.

---

[22] *História da Literatura Portuguesa. I - Idade-Média*, p. 14.

O rapto de Europo por Zeus, que se transformara em touro, é outro indício não menos apreciável. De maneira que, estreitamente ligado à civilização bronzifera que tem como condutor o delicoide meão, o signo do *Taurus* não constituiria importação do braquicéfalo reputado como imigrante. Carecemos de deslocar no tempo e no espaço a génese dessa cultura notabilíssima. E não é aos planaltos do Oriente que nós iremos descobrir-lhe a natividade. Para mim o *Homo Mediterranensis*, que já agora não designarei senão por *Homo Atlanticus*, não é mais que um sobrevivo da Atlântica submersa.

Não se ignora a memória guardada em Platão acerca do legendário continente que o mar teria engolido. Sólon a houvera recebido dos padres egípcios que traziam o facto registado nos seus livros herméticos. Segundo a narrativa clássica, um povo dotado de incomensurável poder marítimo apareceria das bandas do Estreito em avançadas belicosas sobre o Egipto. São as chamadas *nações do Mar* que enchem de referências misteriosas a história dos países orientais. Batalhas porfiadas se travaram. E Atenas susteve com esforço incrível o espraiar da onda assoladora, crescendo sem cessar. Partia ela duma ilha formidável que existia em frente do Estreito e a qual parecia bem maior que a África e Ásia juntas. Mas uma vez um tremor de terra, acompanhado de furiosas inundações, fez sumir em pouco mais de uma noite a orgulhosa Atlântida que o Oceano encobriu para todo o sempre.

É ainda Platão, no diálogo intitulado *Critias*, quem nos dá a descrição da famosa ilha. Critias fala. Sócrates, Timeu e Hermócrates escutam-no. "Como nos ensina a tradição egípcia, - conta o filósofo -, uma guerra geral se declarou há nove mil anos entre os povos que estavam para cá das Colunas de Hércules e os que viviam do lado de além. Duma parte, Atenas; da outra, os reis da Atlântida. Já dissemos que esta ilha seria maior do que a Ásia e África juntas, mas que foi submergida devido a um tremor de terra. No sítio onde ela existia apenas se encontra um lodo que estaca a navegação e torna o mar impraticável". E Crítias continuou desenvolvendo a fábula dos

padres egípcios sobre a formação do império atlântico. A Atlântida coubera em partilhas a Neptuno, o qual a dividira por dez filhos que tivera duma mortal. A raça atlântica nascera numa planície perto do Oceano, protegida por um círculo de montanhas que a deixava só aberta ao vento amável do sul. Mais tarde na planície ergueu-se uma cidade majestosa, com palácios e templos edificados a pedra de três cores (preta, branca e vermelha), que se extraía do próprio seio da ilha, rica em toda a espécie de minério.

Nem só em Platão ficou memória desse enigmático continente desaparecido. Amiano Marcelino chama-lhe *Insula Europeo Orbe spatiosior*. Tertuliano, Marcelus e Philon perpetuaram a continuidade da tradição. E se por muito tempo ela se considerou apenas como um simples conto de eruditos, a geologia hodierna caminha a passadas largas para nos reconstituir o trato marítimo correspondente à famosa ilha afundada. Já está provada a identidade da estrutura herciniana da Alemanha, compreendida do Danúbio ao Reno e do Eslter ao Mar do Norte, com a estrutura dos montes Alleghanys que são a coluna espinal das costas setentrionais da América [23]. A semelhança da flora miocénica da Europa Central com a flora actual da América do Norte, região do Leste, leva os naturalistas a proclamar a existência do continente atlântico. O zoólogo Hamy observa que há certos insectos comuns à América Oriental e à Europa Ocidental. O facto é confirmado pelo estudo dos fósseis. E por sua banda as cartas batimétricas do Atlântico ajudam-nos a determinar a orla do misterioso continente submerso. A Madeira, os Açores, as Canárias, o arquipélago de Cabo Verde, as Antilhas e a Terra Nova, sem aludir a ilhéus e a baixios, pontuam os seus restos culminantes. É como que um dorso enormíssimo que das Antilhas ao *plateau télépathique*, marchando na direcção Leste-Oeste, nos não consente hesitações nenhumas acerca da verdade da Atlântida.

---

[23] J. M. Pereira de Lima, *Iberos e Bascos*, Paris-Lisboa, Livraria Allaud, 1902, p. 49-75; Pierre Termier, *L'Atlantide*, in *Revue Scientifique* (11 Jan. 1913).

As sondagens marítimas auxiliam a ressurreição. O chamado *mar do sargaço* que Cristóvão Colombo e Pedro Álvares Cabral atravessaram, corroborando as narrativas clássicas de Heródoto e de Estrabão, é o sinal claríssimo do cataclismo que abismaria a Atlântida, tornando o Oceano difícil aos navegadores antigos. A vegetação espessa que enleava as quilhas, engrossando a água em termos de ser impossível de se cortar, denota bem um fundo próximo de terra, com recursos ainda suficientes para alimentar um florescimento de algas tamanhas e tão robustas. Era o lodo da catástrofe elaborado em *humus* criador.

A configuração da Atlântida seria aproximadamente a da Áustria com numerosos arquipélagos fazendo-lhe guarda de honra. Há também quem a represente como um longuíssimo istmo, estendendo-se das vizinhanças do Canadá até quase à base dos Pirinéus. Tocava na Terra Nova e nos Açores. Abrangeria também a Flórida e as Afortunadas. O golfo de Cádis incorpora-se numa oval de afundimento que um distinto geólogo português, o capitão de engenharia Pereira de Sousa, designa por *afundimento em oval lusitano-hispano-marroquino,* supondo que aí mergulhara uma parte da Atlântida [24].

O professor francês Louis Gentil, em 1909, notava numa viagem de exploração pela costa de Marrocos que os alicerces terciários do Atlas se embebiam no Atlântico [25], entre o cabo R'ir e a fortaleza de Agadir, para se soerguerem mais adiante nas ilhas Canárias. *"Autrement dit*, escreve ele, *il y a ennoyage des plissements de l'Atlas sous l'Ocean, entre la côte sud marocaine et l'archipel espagnol».* O botânico Pitard descobria na grande Canária e na Ilha de Ferro abundantes depósitos cretácicos que testemunhavam, com efeito, o prolongamento do Atlas pelas Afortunadas do mito.

[24] *Ideia geral dos efeitos do megasismo de 1755 em Portugal*, Lisboa, 1914, p. 14.
[25] *Le Maroc physique,* p. 20.

Esse afundimento oceânico cortou bruscamente a Meseta marroquina e é no sentido em que ela corria que o arquipélago se eleva.

Embora não tenham sido ainda encontradas no arquipélago da Madeira, como o foram no dos Açores, Cabo Verde e Canárias, rochas antigas que indicam o embasamento sobre o qual os vulcões edificaram essas ilhas, é preciso notar que a Ilha do Porto Santo é constituída principalmente por depósitos terciários, como também existem sobre a Meseta marroquina".

Quer K. Mayer que os depósitos terciários verificados na Madeira, à excepção de uma diminuta camada mais recente, se filiem no *Helvético*, que é o primeiro andar do *Mediterrâneo* de Suess. É de 410 metros a altitude que atinge na Madeira, Berkeley Cotter, por vários fosseis de Porto Santo, aceita aquele período geológico, não excluindo, em todo o caso, a possibilidade de que uma maioria sensível de tais depósitos se classifique pelo *Tortoniano*, ou seja o andar superior do sistema Miocénico. Berkeley Cotter, segundo o senhor Pereira de Sousa, descreve-nos alguns sub-fósseis marinhos das "praias levantadas" de Porto Santo, reputando-os como quaternários ou recentes.

"Por conseguinte - deduz Pereira de Sousa a quem na deficiência de preparação científica me vou encostando - embora os arquipélagos das Canárias e da Madeira estejam já na orla com que limito o afundimento em oval lusitano-hispânico-marroquino, bem visível numa carta hipsométrica, podem bem considerar-se os seus vulcões como consequência deste afundimento, e os outros terrenos como restos da região que se afundou".

"Apresentam-se as ilhas Canárias - prossegue o senhor Pereira de Sousa - dispostas aproximadamente em arco côncavo para o Norte de modo a limitar a oval. Este facto e a disposição

também em arco côncavo das ilhas de Cabo Verde tinha sugerido a Michel Levy (o sábio que mostrou a importância dos afundimentos em oval e lhe deu este nome), a ideia de que estes arquipélagos deviam fazer parte de afundimentos desta natureza".

E acrescenta:

"De facto, não se compreende, que aparecendo estes afundimentos no Mediterrâneo e no Mar das Antilhas, entre estas ilhas e as montanhas da Venezuela, e que mergulhando as cordilheiras do sistema alpino da costa ocidental da Europa e da África no Atlântico, devendo prolongar-se depois submarinamente até às Antilhas, como têm mostrado os geólogos modernos, que os afundimentos em oval não continuem também entre a Europa e a América" [26].

A Meseta marroquina com boas razões se reputa como formada de vestígios do *horst* ou *hourtes* que se precipitou no referido afundimento. Os afundimentos em oval "explicam-se como resultantes do afundimento de áreas de sobreelevação, que foram em parte contornadas por desabamentos mais modernos, que se inclinam às vezes em sentido contrário, formando então no seu conjunto uma dobra em leque, cuja parte interior, constituindo o fecho da abóbada, se afundou".

Foi o fenómeno que sucedera a Este do estreito de Gibraltar.

"A Cordilheira Bética e o Rif marroquino moldaram-se em torno de um maciço antigo que depois, afundando-se, deu origem a esta parte do Mediterrâneo ocidental, onde se encontram profundidades de 2000 metros e na costa as erupções vulcânicas do Cabo de Gata em Espanha, e de Tiflarouine e de Dellys na Algélia".

---

[26] *Obr. cit.*, p. 19-20.

Mais ou menos se desenha o *processus* natural do afundimento em que a Atlântida se sepultaria. A comoção que engoliu consigo o berço provável do *Homo Atlanticus* deixou, ao que parece, traços bem fortes na nossa serra do Caldeirão. Uma deslocação importante trouxe-lhe a meio do cume um afloramento notável de Triássico. E não é só no Mediterrâneo que se rasgam fossas profundas. A 200 km OSO do Cabo de S. Vicente existe o banco de Corringe separando duas cavas de 5000 metros de profundidade. Hoje admite-se que o Cabo de S. Vicente se dilataria muitíssimo mais no rumo SO. Também entre a Madeira e o litoral marroquino se constata outra fossa de 4498 metros. São outros tantos sinais duma inquestionável alteração geológica. Preocupam-se os sábios com a idade rigorosa em que ela teria lugar.

Que fale com a sua competência o senhor Pereira de Sousa:

"Este afundimento formou-se provavelmente por parcelas mais ou menos em relação com as vicissitudes por que passou a comunicação, entre o Oceano Atlântico e o Mediterrâneo. Este problema acha-se evidentemente também ligado à determinação da época em que teria sucedido o retalhamento do continente, a que pertenceram as diferentes ilhas do Atlântico Ocidental e cujos fenómenos eruptivos, ainda recentes, testemunham as fracturas que produziram o desaparecimento desse vasto continente. A presença do Helveciano e Tortoniano no arquipélago da Madeira indica-nos que esta parte do afundimento lusitano-hispano-marroquino se deu depois do Vindoboniano, isto é, depois de estar fechado o estreito nor-bético ou andaluz, e de ter começado a funcionar o estreito sud-rifenho. Deu-se talvez este afundimento como consequência da elevação do estreito nord-bético que desde o fim do Miocénico inferior deixou de servir de comunicação entre o Atlântico e o Mediterrâneo" [27].

---

[27] *Obr. cit.*, p. 29.

Foi durante o Plaisanciano que se cindiu o estreito de Gibraltar, datando a separação das Canárias do continente africano já do quaternário, segundo o professor Gentil.

Tão acidentadas operações geognósticas denotam bem a instabilidade dos embasamentos sobre os quais a Atlântida repousaria. Por isso o espantoso cataclismo estava na ordem dos acontecimentos físicos que andaram preparando a face definitiva da Europa histórica. Jogando apenas com as luzes da sua especialidade, ao senhor Pereira de Sousa não repugna a ideia da existência da Atlântida como continente habitado.

"O sr. Berkeley Cotter, como ficou dito, encontrou nas praias levantadas da Ilha do Porto Santo algumas espécies marinhas que considerou quaternárias, mas não indicou a divisão do Quaternário a que pertencem. Portanto, nessa época já se tinha formado o arquipélago da Madeira; mas é bem provável que essas praias não datem da aurora do Quaternário e que o homem já tenha assistido ao desaparecimento duma das terras mais privilegiadas do mundo, pela amenidade do clima e pela riqueza do seu solo, como a lenda atribui à Atlântida" [28].

E na sua monografia, *Ideia geral dos efeitos do megassismo de 1755 em Portugal*, sustenta a interessantíssima tese de que o terramoto que deitou Lisboa abaixo no século XVIII "foi ainda o despertar desses movimentos verticais que originaram o afundimento lusitano-hispanico-marroquino e, talvez, os últimos arrancos de uma parte da Atlântida já então sepultada nas entranhas do mar".

As informações da geologia juntam-se aos etnógrafos na sua faina de vasculhação comparativa. São singulares de parentesco as características dos indígenas das Canárias com as dos primitivos mexicanos e peruvianos. Lá declarava Montezuma aos espanhóis que os seus antepassados tinham vindo dum país maravilhoso situado ao Oriente. Chamava-se a

---

[28] *Obr. cit.*, p. *30-31*

esse país de encanto *Aztlan* e em todas as inscrições era designado pelo hieróglifo com que se representava a água. De *Aztlan* a Atlântida a fonética dirá a distância que vai [29] . E nem só na tradição hermética dos padres egípcios a recordação do misterioso continente se retivera. As teogonias gangéticas rezam que Atlas, filho de Uranus, inventara a esfera e formulara as primeiras leis astronómicas, reinando entre o povo dos Atlantes. Esta reminiscência da sabedoria bramânica pode aproximar-se das linhagens místicas conservadas por Diodoro Sículo acerca dos Atlantes, com Uranos e Titea por tronco dos seus reis. Martins Sarmento publicou a tal respeito um estudo curioso na *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes*, onde asseverava que “os Atlantes de Diodoro não têm nada a ver com os habitantes da famosa Atlântida, de que nos falam Platão, Teopompo e outros, e que um cataclismo teria devorado”. Pelo contrário, "eram os povos estabelecidos pelas costas do Atlântico, - esclarece o ilustre arqueólogo – desde o Mar do Norte ao Atlas e que para o nosso historiador tinham uma existência tão verdadeira, como qualquer povo seu contemporâneo”.

Se Martins Sarmento vivesse, com certeza que emendaria o texto transcrito, passando a encarar nos Atlantes de Diodoro os náufragos salvos da tremenda catástrofe, de que se guardaram ecos duradouros na memória dos índios da América. Efectivamente, o “império de Xibalba”, dominando por longas terras e duma vez engolido de súbito pelas águas, era o tema de mais de uma narrativa entre os naturais da América do Centro quando os espanhóis ali chegaram. Uma prova valiosa se nos depara no livro *Esperanza de Israel*, do rabino português Menasseh Ben Israel [30]. Foi ele originado pela relação dum outro judeu, António de Montesinos, que, viajando pela América nos princípios do século XVII, de lá voltou com a nova

---

[29] Pereira de Lima, *obra e página citadas*.

[30] Publicado em Amesterdão, em 1680, e reproduzido, em 1881, em Madrid, por edição limitada de Santiago Perez Junquera.

de haver tribos hebraicas entre os indígenas. Menasseh Ben Israel desenvolve a notícia trazida pelo seu irmão de sangue e com apoio em todos os elementos teológicos e históricos de que a ciência talmúdica dispunha, sustenta a origem israelista dos americanos. Passando em revista os conhecimentos um tanto fabulosos da geografia antiga, Ben Israel, embora não acredite muito na Atlântida, fornece-nos um aparato de erudição clássica que testemunha bem como a lembrança da navegação do Oceano em outras idades andava ligada à habitabilidade da América com ilhas, grandes como continentes, servindo de ponte através os mares.

Não se referirá à Atlântida legendária a Ilha de Ouro do nosso ciclo marítimo? Lá é que ficava a nobre cidade de Antilia. De lá viria o Encoberto na manhã sagrada das profecias. Não é inútil reparar que se o Encoberto é a figura da Esperança, factor dinâmico da alma colectiva do Ocidente, a "ilha-empoada" é sempre um dos traços fundamentais da criação messiânica. Não estará aqui mais um sinal identificador do nascimento do *Homo Atlanticus*, apelando para o *Desejado* na hora da fraqueza e vendo o remédio acenar-lhe dum ponto enigmático que flutua à flor das ondas e se some com os cerraceiros? É a lembrança poética do primitivo berço perdido. Já Artur dormia em Avalon, a ilha florida dos bardos. Numa ilha que é a um tempo purgatório e paraíso, El-rei D. Sebastião aguarda que se cumpram o ano e o dia das promessas de Deus. Sabe-se o valor dos mitos, como a filosofia hoje os interpreta, vendo neles materializações da vontade duma raça. Com o *Tratado das Ilhas Novas* [31], com o célebre *Memorial* de Frei João da Trindade a D. João IV, Antilia, ou a ilha das Sete-Cidades, é a preocupação activa dum povo de descobridores. Dois religiosos franciscanos, frei António de Jesus e frei Francisco dos Mártires, jurariam *in verbo sacerdotis* em como a tinham

[31] De Francisco de Sousa, ano de 1570. Edição limitada, feita em Ponta Delgada no ano de 1884. Prefácio de João Teixeira Soares de Sousa.

aportado na fúria dum temporal [32]. Corria então 1668. E já dois séculos antes as frotas partiam à cata de Antilia, com cartas régias de doação que autorizavam o feliz que topasse a eterna Afortunada, a prover em nome de El-rei de Portugal os oficiais da Câmara daquela mui nobre cidade Antilia. Mostra-se deste modo o pensamento constante da Era das Navegações, como fora durante a alta idade-média a ilha de S. Brandão, um dos taumaturgos mais queridos da Irlanda.

É notável que aonde a Comuna se manifesta como agente estático das populações, igualmente se manifesta o Encoberto como miragem de reparação final. Constitui a principal linha fisionómica do génio ocidental, ou atlântico. A Ilha-Incógnita é inevitável na tessitura da lenda messianista, como um lugar interdito em que se esconde, contra a sua própria vontade, o salvador que o futuro nos reserva. Ou seja Artur, ou seja Sebastiano, é o mito de Saturno repetido, com o refúgio de expiação num recanto oceânico a poente e sempre a certeza do regresso triunfal. "Rei do Cabo-Poente", apelida Bandarra o nosso Desejado. Não será a prevalência da fábula aprendida nas teogonias de Diodoro, as quais nos apontam o marido de Cibele acolhido a um exílio no meio das águas, de que tornará para conduzir a sua grei à vitória?

Eu julgo que sim. Tanto como julgo que a Ilha-Desconhecida, transmitindo-se aos tesouros poéticos do Ocidente, é, de Saturno a D. Sebastião, com termos de passagem em S. Brandão, em Merlim e no rei Artur, nada mais que a recordação simbólica da Atlântida original, - fonte de toda a esperança, motivo de todo o pasmo. Essa atracção sistemática para uma terra a Ocidente não me leva a supor hipótese diversa, muito mais agora que a batimetria nos ajuda com vigor a presumi-lo. Foi impulsionado por um alvo tão problemático que nós alcançamos o Lavrador e os Côrte-Reais se desgarraram,

---

[32] Bernardino José de Senna Freitas, *Memoria historica sobre o intentado descobrimento de uma supposta ilha ao norte da Terceira,* Lisboa, Imprensa Nacional, 1845.

uns atrás dos outros, para a goela nunca farta do Pólo. Nos Açores a "Ilha-Nova", que aparecia e desaparecia, era uma obsessão. Armavam-se, para a surpreenderem, navios sobre navios. Os tempos de Pombal viram a última tentativa com D. Antão de Almada por governador geral do arquipélago.

Da sobrevivência do facto nas tradições orais derivou talvez a descoberta da América, conhecida a demora que Cristóvão Colombo teve na Madeira. O que eu contemplo em tudo isto é a perpetuidade duma crença unânime em regiões insulares a Oeste. Sobe do fundo da nossa história e possui raízes nas raízes da Raça. Pela religião, irridentista do Encoberto a certeza na existência da *Ilha de Bruma* pertence ao património místico e afectivo do *Homo Atlanticus*. É mais um índice da vasta conformidade espiritual e idealista que distingue o pequeno dolicóide e tão fortemente o individualiza.

Adaptando-se às condições da época e do meio, a fé na Antilia das crónicas navais de quatrocentos importa uma consideração de peso a favor da Atlântida. As gerações haviam alegorizado para as gerações o boato que até elas chegara embrulhado nas reticências do imemorial. Invoque-se o argumento de que a Ilha Encoberta é em todo o Ocidente um símbolo de viveza palpitante. A unidade étnica revela-se de pronto. E não nos oferece uma elucidação luminosa aquele passo da lenda que dá Antilia como povoada por gente fugida das Espanhas por causa da chegados dos mouros? Uma nau das nossas aproaria de certa vez a essas praias de prodígio. Acudiram logo os da cidade a perguntar em português antigo se os mouros ainda cá estavam. Se a afinidade se mostra patente na língua e na origem, - para que insistir no fundo de verdade que a lenda guarda consigo?

Ou subvertida por uma assombrosa erupção vulcânica, derivada de uma maior intensidade na atracção solar, ou vítima do soerguimento dos Alpes e das cordilheiras americanas, senão da inclinação da eclíptica promovendo o desequilíbrio da massa ígnea que o globo encerra no ventre, na Atlântida existiu, e

existiu como senhora das águas e dominadora dos povos [33]. Fábulas, arqueologia, pesquisas geológicas, trabalhos comparados de etnografia, tudo converge para o proclamar soberanamente. E a tão elevado grau de cultura subira o estranho continente afogado que o inglês Newberry conseguiu demonstrar que os Atlantes não só conheciam e praticavam os metais, mas, - oh, *feeria* das Mil e uma Noites! -, até se serviam de nafta para se iluminarem, como o indicam os velhos poços escavados nas zonas petrolíferas da América do Norte [34]. Não demorará que subsídios categóricos acabem de solucionar as interrogações que por ventura impendam ainda sobre uma questão tão emaranhada. O que é já absolutamente insofismável é a reconstituição da Atlântida, segundo os esclarecimentos batimétricos. Coleccionem-se agora os demais depoimentos produzidos. E respondem se não nos achamos em face de uma evidência bem contornada, toda ela cheia de linhas poderosas?

Impossibilitada a origem ariana da civilização conduzida pelo pequeno dolicóide, não é a suposta precedência asiática do braquicéfalo que a viabiliza, como houve ensejo já de se examinar. Qual o berço então duma cultura que se nos apresenta como autóctone rodeada desde o início das idades das circunstâncias que só a autonomia do génio confere? Temos que aceitar um ponto incerto ao ocidente, em frente do Estreito, donde borbulhavam as famigeradas *"nações do Mar"* que em séculos atrasados se alçaram contra o Egipto. A localização do desterro de Saturno no seio do Oceano é pelo patrocínio que concede aos povos nomeados como súbditos de deus, um outro elemento para se ponderar deveras. E pois que, segundo os textos egípcios entre os *"invasores do Mar"* figuravam os *Tursha* e os *Shardana*, respectivamente Etruscos e Sardos, não receemos de cair em erro demasiado quando por semelhante rasto se procure restaurar a esfera de acção de toda a

33 Pereira de Lima, *obra e páginas citadas*.
34 Idem, *ibidem*.

pujantíssima cultura atlântica [35]. E se não vêm da Ásia, como mais que demonstrado se acha, se nem o ária a semeia nem o braquioide a inspira, digam-me os senhores que impulso irradiador lhe atribuir?!

Já se destacou o forte cunho marítimo e agrícola que a caracteriza. Igualmente, pelos depoimentos da arqueologia, se conhece a ascendência oceânica da civilização egenética. Então para onde apelar, que princípio de vida teremos nós de lhe estabelecer? Não nos viremos para o Cáucaso em recurso último. Os despojos aí desenterrados não são mais que filhos de tipos arcaicos, só até agora descobertos nas bandas ocidentais da Europa. Nada nas antiguidades do Caucaso dá a impressão de que tivesse sido o ponto de partida dum movimento para oeste, assevera Salomon Reinach [36]. Bem ao contrário, tudo se combina para identificar a cordilheira sagrada, onde Prometeu eternamente expia o seu sacrilégio, como uma estação terminal de correntes, cujo ponto de partida é na Europa que se deve perguntar.

O *Homo Mediterranensis* volve-se, pois, em *Homo Atlanticas*. As circunstâncias da sua natividade, sem me arrogar orgulhos racionalistas de primário, eu as encaro como mais ou menos compreendidas na hipótese já aqui tratada sobre a natureza negativa do Progresso. As considerações formuladas a propósito da antropo-sociologia e do primado de eleição de que ela reveste o *Homo Europeus*, são para mim tão aplicáveis à região de Latham, sepulta pelo Báltico, como à Atlantida devorada pelo nosso Oceano. O facto subsiste, a teoria é a mesma. A Atlântida, antes dos ares se aclararem, podia muito bem pela permanência das névoas e pela amenidade das estações, sem estios exagerados nem invernos rigorosos, comportar em si o meio refreador dos instintos do seu natural. Esse ambiente seria causa dum certo linfatismo, o qual, sem ser excessivo como no grande dolicóide, levasse contudo o indígena

---

[35] Salomon Reinach, *Chroniques d'Orient*, p. 554.

[36] Salomon Reinach, *obr. cit., p. 527.*

a diferir da pigmentação primitiva que se mantém nos pele-vermelhas da América, talvez do outro lado do mar representantes degenerados duma perdida raça iniciadora. Recordemo-nos apenas de que Adão em hebraico significa *vermelho*.

Mas dimanados propriamente da Atlântida, ou gentes de ribas vizinhas que lhe recebessem o contágio lustral, como é que se explicará agora a aparição dos pelasgos na Ásia Menor, provindos do interior, se até hoje as primeiras avançadas do *Homo Mediterranensis* para o Levante se reputam como efectuadas pelos eginetas? Como é que, por outro aspecto, nós, os do Ocidente, possuíramos o monopólio do âmbar, se os túmulos da quinta dinastia acusam a presença dessa espécie entre os egípcios? Há que aceitar, quanto aos pelasgos, um segundo caminho para a expansão do *Homo Mediterranensis* que não é o do Estreito e do Norte de África. E, pelo que respeita à nossa influência na cultura do Egipto, recuar até muito largo as datas aproximadas que a arqueologia oficial usa de presumir.

Flinders Petrie destrinçou bem o contacto em que o Egipto esteve desde remota pristinidade com as populações, "qui, venues de l'ouest, exerçaient leur domination sur les îles de l'Archipel, ses rives occidentales et orientales, peut-être aussi sur cette partie de l'Afrique du Nord qui est devenue plus tard la Barbarie", aclara ainda Salomon Reinach [37]. Por outra banda, como que em contradita, uma colónia de pelasgos se transferira da Troada para a Etrúria, sendo já aqui assinaladas as parecenças flagrantíssimas da cerâmica ocidental com os destroços de olaria obtidos naquelas paragens do Levante [38]. Nas tradições câmbricas prevalecem ainda os vestígios duma migração guiada por Hu-Gadarn, oriundo do país de Haf, que é onde agora está Constantinopla, elucida um velho motivo poético.

---

[37] Salomon Reinach, *obr. cit.*, p. 532.
[38] É a migração personificada na fuga de Eneias.

De todo este vaivém de êxodos, deduzidos dum tronco comum, mas marchando desordenadamente a modo que uns contra os outros, não se desprenderá ante o embargo mais cerrado à tentativa de síntese em que eu desejo equacionar os valores genéticos da nossa civilização autóctone? É como que uma *cloaca-gentium*, desenvolvendo-se para a direita e para a esquerda, para o sul e para o norte, sem que aflore dentre a embrulhada rumorejante dessa feira de tribos a extremidade salvadora do novelo de Ariadne. E não sorriam de boa citação mitológica! Já que se discorre de Creta e dos povos que conviveram o Minotauro, ela tão da praxe, como Estrabão é inevitável para quem se ocupe da Península!

Será assim, em verdade, uma confusão babilónica, se julgarmos de rápido, só pelas aparências. Segurem-se, porém, em sólida determinação os factos que se revelam mais antagónicos e acreditem que a incógnita não tarda a resolver-se, cheia de limpidez da água pura. Ora vejamos um pouco. Está assente que os pelasgos constituíram a camada arcaica da civilização proto-histórica na Grécia. Com eles os Frígios, os Leleges e os Cários fecundam com sobreposições de cultura e etnia a Ásia Menor, onde, na frase de Maspero, os povos do mundo antigo se deram todos *rendez-vous*. Adventícios em Canaã, os filisteus entroncam nos egeanos, pertencem ao vasto viveiro ocidental. É a Bíblia que os tem como idos das *Ilhas do Mar*, da terra longínqua de Tarsis. Com Tarsis se identifica em Tartessos na Península. Mas a expressão carece de se generalizar. Tarsis seria mais que um empório comercial. Era uma larga e misteriosa zona em que os metais abundavam.

A denominação de *filisteu (plishti)* achega-se à de pelasgo, repara o insuspeitíssimo Maspero [39], e denuncia, em referência a Israel, a promanação estrangeira desse povo. Os próprios textos hebraicos os designam muitas vezes como *Crethi*, traduzindo a persuasão que os olhava como saídos do Egeu com

---

[39] *Histoire ancienne des peuples de l'Orient*, Paris, Hachette, 1912 (11ª ed. revista), p. 368-376.

Creta por metrópole. Também os fazem vir de Caphtor (*Juizes*, II-IX), que é uma palavra correspondente a *Kupros*, de Chipre. Correlacionam-se, portanto, os filisteus com a irradiação formidável do pequeno dolicoide no período bronzífero, tanto mais que Estêvão de Bizâncio afirma peremptoriamente que Gaza não passava de uma colónia cretense [40]. "Os monumentos egípcios confirmam esta hipótese e são eles que nos apontam a data da emigração, corrobora Maspero: "Os filisteus pertenciam aos povos que assaltaram o Egipto durante o governo de Ramsés III. Derrotados pelo rei, submeteram-se ao seu serviço, concedendo-se-lhes a permissão de ocuparem a costa meridional da Síria". Mas os Frígios, os Cários, os Leleges, toda a compacta massa humana que se enovelava às portas da Ásia, quem eram, donde é que vinham, se nenhuma consanguinidade os ligava nem às genealogias semitas, nem à família irrompente dos árias?

Os Frígios, ou Brígios, enraizados ao norte da Macedonia, trocariam a bacia do Strymon pelas cercanias da Ásia. Na região delimitada pelo Saugários e pelo Meandro fundaram de seguida sobre os pendentes ocidentais da planura asiática a nação da Frígia que cedo se notabilizou pela sua índole agrária e trabalhadora [41]. É o *habitat* que se atribui unanimemente aos pelasgos da Grécia, ramificação da mesma árvore. Possuíam um alfabeto e a língua que falavam regia-se já pela maioria das leis fonéticas que informaram o grego ao depois. As origens agrícolas de uma tal civilização manifestam-se na fábula de Górdio, seu primeiro chefe, o qual em princípio não se teria visto senão dono de duas juntas de bois. De Górdio e da deusa Cibele nasceu Midas, herói fundador de mais de uma cidade e que é a personificação do génio frígio.

Conta-se que entre os Frígios se punia de morte quem matasse um boi ou quem destruísse um utensílio de lavoura. Aqui nos surge outra vez o boi como divindade totémica. Não é

---

[40] *Obra e página citadas.*
[41] Maspero, *obr. cit.*, p. 285 e seguintes.

só em Creta, donde os Frígios em nada participariam, afastados do mar por outras tribos, que o boi se venera por conseguinte. Nem tão pouco apenas nas desgarradas partes da terra que ficava sobranceira ao Atlântico. Também a Frígia adorava o boi, e tão religiosamente, que o nó gordio foi atado numa canga de boi, não sendo inútil para o nosso estudo que se sublinhe a coincidência de terem os Frígios descido do norte da Macedónia, com a montanha de Taurus por vizinhança, eminente. A Frígia se soterrou debaixo das assolações aqueanas, prevalecendo, no entanto, o carro triunfal de Midas com o famoso nó gordio a testemunhar a glória imperecível duma raça defunta. Alezandre Magno cortou-o com a espada. E tudo mais se desfez em poeira desde então, não se apurando na actualidade lá onde fora Frígia mais que umas frustes antiguidades da época romana.

Filiam-se hoje em idêntico fundo pelágico os Hititas (ou *Khati*) que com arte sua e escrita alfabetiforme tantas preocupações despertaram nos âmbitos científicos. A proveniência lídia dos Hititas descai à falta de razões mais persuasivas que os resultados extraídos dos recentes cortes arqueológicos. Os Hititas são os Hicsos da dominação do Egipto. Escorreriam como os frígios do Balcãs, precisamente pela ponta em que a Europa se toca com a Ásia. Um dos motivos identificadores da derivação europeia dos Hititas é a fíbula que aparece num baixo relevo de Ibriz, quando nem o Egipto, nem a Assíria, nem a Fenícia conheceram a fibula antes da idade helénica. Ora a fíbula era natural do vale do Danúbio e cá estamos nós, com tão valioso indício, de novo em frente dos Balcãs como ventre fecundo de quantos povos jorraram às entradas da História sobre o apetitoso levante mediterrânico. Oiçamos Salomon Reinach a semelhante respeito:

"En l'état actuel de nos connaissances on ne peut même pas affirmer que la fibule soit une invention des tribus grecques pendant leur séjour, au nord de la presqu'île des Balkans; peut-être faudrait-il en chercher l'origine plus loin

vers l'ouest. La fibule se trouve, en effet, bien que rarement, dans les coaches supérieures des terramares et dans les stations lacustres de l'âge du bronze" [42].

Eis o que sustenta o conservador do museu de Saint-Germain, autoridade tanto para merecer em assuntos de arqueologia, como para a repelirmos quando o seu costado judengo se põe a pontificar do Catolicismo em ar de *sous-Renan*.

Ao lado da fibula que no Oriente pela primeira vez se revela em Ibriz, no interior da Ásia Menor, pela primeira vez se revela também a cruz em gama ou tetracelo. *"Or, de la croix gammée, comme de la fibule, inconnues également à la Babylonie et à l'Egypte*, conclue Salomon Reinach, *c'est en Europe seulement que l'origine peut être cherchée"* [43].

Recapitulemos nesta altura as bases do ocidentalismo de Martins Sarmento. Para o nosso ilustre arqueólogo, localizadas as Cassitérides na Grã-Bretanha, antes de elas serem alcançadas pelas naves fenícias, já o tráfico do estanho de lá se operava para o âmago da Europa pelas vias fluviais do Reno e do Danúbio. Martins Sarmento julgava que esse caminho fora descoberto por uma imigração proto-árica subindo por ali acima até às costas do Mar do Norte. Varrida, porém, a miragem ariana com relação ao Ocidente e aceite a natureza Oeste-europeia da cultura do bronze, a verdade desvenda-se-nos de súbito desde que se inverta o rumo do suposto êxodo. A emigração seria do pequeno dolicóide, que não só alcançou o Oriente enfiando pelo Mediterrâneo, mas que encontraria para lá uma segunda estrada através dos trilhos custosos dos Balcãs. É dos Balcãs que pelasgos e frígios surgem, os sinais e as indústrias, levados por eles, são os sinais e as indústrias do nosso Ocidente na hora máxima da actividade do homem-meão. Os pelasgos secam pântanos, rasgam canais, assentam

---

[42] Salomon Reinach, *obr. cit.*, p. 156.
[43] Idem, p. 552.

povoações. Distinguem-se, portanto, pela capacidade agrária e construtiva. A façanha que mais os enobrece é desbaratar as florestas e limpar as impenetráveis matas virgens. Pois na tradição irlandesa menciona-se com orgulho o corte dos bosques como uma das proezas gloriosas da velha raça autóctone [44]. É mais um vínculo de parentesco. Já muitos outros se desferiram aqui. Eu não quero dispensar, todavia, a claridade que do culto da cegonha e do emprego do suástica incide vingadoramente sobre o problema.

Salomon Reinach insinua que o tetracelo com o aspecto aviforme que assume em certos vasos de Hissarlique pode muito bem significar uma estilização esquemática da cegonha. A cegonha na Troada honrar-se-ia como um pássaro protector, porque, segundo o testemunho de Schliemann, a planície ilíaca tornava-se inabitável por causa das cobras, se as cegonhas na primavera as não devastassem. Expressivo é o mito de Antígona, a irmã amorável de Príamo. Presunçosa da sua bela cabeleira, Antígona não hesitava em compará-la à de Hera. Irritada, a deusa transformou-lhe as tranças em serpentes. Por compaixão o Olimpo transformaria de seguida a donzela em cegonha para se ver livre dos répteis. Os Penestes da Tessália, de genuína extracção pelágica, achar-se-iam na necessidade de fugirem também das serpentes, se as cegonhas não viessem em seu auxílio. Prestavam por isso honras divinas, proibindo que as matassem sob penas severíssimas [45].

O culto da cegonha alastrou-se em práticas registadas no folclore pela Suiça, pela Holanda, pela Espanha. Nós sabemos como a cegonha se venera em Portugal, chamando-se-lhe *galinha de Nosso Senhor* e havendo-se por ave de bom agoiro. As antigas posturas municipais andavam cheias de interdicções a seu respeito; e eram por vezes os magistrados do concelho quem lhes acautelava o pouso durante os largos meses da

[44] Joseph Huby, *Christus*, p. 408.
[45] Salomon Reinach, *Oiseaux et svastikas*, in *Cultes, Mythes et Religions,* tomo II, p. 234-249.

ausência [46]. O singular é que a tradição atribuída aos habitantes da Tessália se encontra em Martins Sarmento na *Ora marítima* com referência à velha *Ophiusae frons* dos périplos fenícios. Segundo o texto de Rufus Festus Avienus, *Ophiusa* vem de serpente. E é o caso que *aestrymnios*, povos indígenas desta faixa atlântica, teriam de se retirar duma invasão de cobras, deixando a terra vaga [47].

É a cegonha, pelo exposto, um totem pelágico, designando-se em grego cegonhas e pelasgos com a mesma palavra. Pela naturalidade ocidental do tetracelo, em que se vê uma figuração ideogramática da cegonha, mais um argumento se invoca a favor da origem Oeste-europeia desse primitivo fundo étnico. Lembremo-nos agora da lição de Plínio que considera o estanho revelado ao Oriente por um personagem alegórico, de nome Midacritus. Quem é esse Midacritus que iria às Cassitérides buscar o metal precioso? Querem-no identificar com Melkart ou Melicertes, o truculento Hércules tírio. Mas Salomon Reinach, valendo-se de dois passos clássicos, uma das *Fabulae* de Higino, o outro das *Variarum* de Cassiodoro, propõe a emenda opinada já em 1685 pelo jesuíta Hardouin para o *Midacritus* dos textos de Plínio [48]. É ela *Midas Phryae* em vez de *Midacritus*.

Eis que uma brusca, mas profunda claridade nos alumia! Midas, o herói frígio, aparece-nos de súbito como o introdutor do estanho entre os seus. Sabida a unidade étnica e social do pelasgo com o pequeno dolicóide, de nada mais necessitamos para rematar a nossa tese [49]. Os frígios, comandados pela personagem mítica de Midas, não escorreriam apenas do íntimo dos Balcãs. Viriam das margens do Mar do Norte pelas vias fluviais do interior da Europa, ao contrário da imigração proto-árica que Martins Sarmento imaginara avançando pelo Danúbio e pelo Reno. O boato conservado por Plínio é um vestígio ténue

---

[46] *Anedotas de Elvas, colligidas peo corregedor Mendonça,* Elvas, 1913, p. 9.
[47] *Ora maritmma*, v. 154-157 (1ª edição de Martins Sarmento, p. 74).
[48] Salomon Reinach, *obr. cit.,* tomo III, cap. XX, p. 332-337.
[49] Salomon Reinach, *obr. cit.* tomo I, cap. XII, p. 146-156.

duma longa tradição abafada no alastramento das miragens do ciclo homérico. Possui-se, no entanto, um facto concreto que confirma todas as deduções tiradas da sobrevivência aqui e além dos mesmos tótemes e dos mesmos ritos, com o parentesco mais apertado a traduzir-se na similitude dos mesmos costumes e das mesmas instituições. Assim já se compreende que o bando de pelasgos, estabelecido na Ásia Menor e depois transitado à Itália, se reconhecesse como parente chegado aos naturais da Etrúria. As relações de consanguinidade que esses diversos núcleos populacionais alardeavam entre si enraízam-se desta forma num tronco comum que não pode ser senão a velha raça sociológica, de que nos falam em Ephoro as lembranças de Hesíodo.

O *Homo Atlanticus* preside como chefe à árvore genealógica. É ele que, irrompendo pelo Estreito, assoma no esplendor sem par da arte egeana. É ele que, contornando o Oceano, se entranha pelos rios navegáveis e vai levar aos interpostos propícios do Levante as riquezas profundas que o seu génio arrancara aos ciúmes da terra. A autonomia duma cultura europeia indígena está patente. Mas não é na Europa Central, desdobrando-se em leque, conforme Salomon Reinach, que lhe devemos procurar o foco impulsor. É sobre o Ocidente num ponto mais ou menos próximo das águas, como que a recordar-nos a Atlântida submersa. Envolvendo o continente num demorado abraço, dois caminhos lhe marcam o andamento vagaroso. Um, é o caminho do mar pelas Colunas de Hércules adentro e as costas sempre à mão, sem se perderem de vista. É o outro o caminho do interior, com os grandes rios por condutores, tentando a sorte nos acasos do rumo. Lá em baixo os êxodos se encontrariam ao bafo benéfico da Ásia magnificente, mais perto das regiões de privilégio em que os deuses residem e são venturosos. Como que um contágio divino lhes concederia então os favores supremos da glória nas altas criações da Cultura.

Ao contacto de ribas exóticas com outras civilizações rivalizando, o *Homo Atlanticus* assentava o seu lugar de

padrinho dos povos, de iniciador da História. É Micenas, é Homero. Antes fora a civilização da acha com o palácio de Cnossos, fora a talassocracia do Egeu, o domínio do Egipto, o protectorado das nações anónimas que na Tróada se davam *rendez-vous*, descidas do lado de lá da montanha. A catástrofe avizinhava-se, todavia. Bem depressa as naves aventureiras haviam de perder o segredo das estrelas e para a banda do Oceano sem fim não seria mais que uma neblina imensa pairando por cima do ignorado viveiro em que toda a origem ficava. O ária surgia brandindo a púa de ferro e com a basta com a loira desfraldada em penacho.

No embate sinistro das horas e hordas crescendo, as ruínas amontoaram-se nas ruínas, dissolveram-se os traços comuns da convivência. Com os seus ornatos geométricos e frios e *Dipylon* esmaga a gracilidade abundante do período bronzífero. Só há poeira de morte, sinais fresquíssimos de devastação. O *Homo Atlanticus*, submetido como um escravo, súa e espera. Quando de novo a hora lhe chegue, as nacionalidades modernas hão-de agradecer-lhe o elemento mais fecundo da sua composição. Ele renascerá no arrojo máximo da Catedral, será a vibração dançando nos ares o ritmo sempre moço das ondas.

Aceitando em Roma a regra que condensa e que ilumina, a Idade-Média enche-se do sonho milenário que ele guardou consigo, nos séculos tristes da opressão. É o claro-escuro que imortaliza o poema de Dante. É a *Imitação de Cristo*. É S. Francisco de Assis. É a epopeia rumorosa das Comunas e das Descobertas. É a Cruz e a Espada, traçando o edifício admirável da ordem antiga, com a família à base por alicerce invencível e o Rei ao alto, como artesão robustíssimo em que a fábrica assombrosa da sociedade se rematava. Em luta sem tréguas nem fôlego, o tormento da linha limitada o aprisionaria na Renascença com a mentira das formas racionalistas. A mentira da Inteligência lhe cresta o dinamismo poderoso dos sentimentos com esse bafo da morte que foi com a Reforma a dialéctica dum monge despeitado. Sofistas e ideólogos o

enterrarão a mãos ambas com os lirismos estultos da grande paranóia colectiva da Revolução. Na guerra que hoje se trava não é somente contra a hegemonia do ária, *raptor orbis*, que o Ocidente em peso se levanta. É também contra o despotismo sem freio das névoas que lhe obstruíram o pensamento, toldando-lhe a excelsa claridade que executou a abóbada e afilou a ogiva.

Irá o *Homo Atlanticus* ressuscitar? Oh, o dia que vem a virgem gaélica o espreita da praia, com o alaúde suspenso, para que aos primeiros anúncios do arrebol os dormentes da sua raça ouçam no sono de pedra quebrarem-se os prazos fatais da Encantação!

MARIO SAA

Erridania: geografia antiquíssima [50]

O Mundo Atlântico – Erridânia

[...]. Timeu e Crítias, como outros mais personagens de Platão, como Sócrates também, não são, de modo algum, pessoas fantásticas. Bem ler, ou bem interpretar os antigos, era entre os gregos a mais meritória das obras. Platão conhecia os filósofos, e expunha as ideias que caracterizavam cada um por si, trazendo para uma mesma mesa, e para um mesmo plano de conversa, indivíduos que haviam pertencido a épocas várias.

A obra de Crítias que, certamente, tentaria divulgar as informações inéditas de Sólon, ficaria sem eco se Platão lhe não desse a ajuda da sua imortalidade. A história da contenda ateno-atlantídica não representaria coisa alguma se Platão lhe não tivesse dado um sopro moral, fazendo sobressair bem nítido o conflito entre um poder espiritual bem organizado, como o de Atenas, e a força bruta das armas e do número, mas ausente do ideal e do espírito de Deus, como o da Atlântida. É assim que o famoso império Atlante é destruído pela pequena república ideal, da Ática.

Segue-se depois a convulsão das terras e das águas para a destruição dos ímpios. Do cataclismo ficou memória na Bíblia, em o Dilúvio de que se salvou Noé...

---

[50] Lisboa, 1936, p. 8-20, 30-42 e 61-72.

Mas a intenção moral da história passou, ficando apenas na memória dos homens a curiosidade arqueológica duma velha Atlântida desaparecida, grande ilha que tinha em si a civilização mais rica deste mundo, materialmente falando.

Não mais, desde o século de Platão até hoje, deixou de brotar, e em toda a parte, a mais imaginada literatura, acerca destas coisas da Atlântida. Nos últimos anos, então, acentuou-se de tal forma o labor que, conjuntamente com a carência de material de solução, determinou as mais desencontradas fantasias [51].

Contudo, apesar de parecerem esgotados todos os recursos, eles o não estão. Falta voltar atrás, vagarosamente, às fontes históricas, e, lobrigar através das lendas nas suas várias modalidades (modalidades do caso atlantídico) a verdade comum. Carece-se de lógica. Inteiramente nova é a solução que apresento e os caminhos que até lá me conduziram.

Ilha do Atlas e Império Atlantídico

Entendeu Platão dar um exemplo do que seria uma organização social perfeitíssima, na paz e na guerra.

Foi achar o modelo na organização civil e militar dos antigos atenienses, primeiro ciclo da história deste povo, ciclo,

---

[51] Os três povos que mais se têm dedicado ao estudo da posição da Atlântida, são: francês, alemão e inglês. Cada raça apresenta nesta questão a sua índole. Assim, o francês apresenta a clássica prudência científica, o alemão a iniciativa revolucionária, o inglês, o tipo religioso, e, portanto, utilitarista e prático. Onde predomina o tipo religioso há, paradoxalmente, carência do tipo poético. Eis o que se me oferece dizer, considerando, todavia, que nenhum destes três tipos acertou na solução do problema da Atlântida. Alexandre Bessmertny no seu livro *A Atlântida* faz um compêndio das teorias atlantídicas mais em voga. Resumindo essa obra e sistematizando (o que Bessmertny não fez) encontrei seis "normas geográficas" seis sistemas de encarar a posição da Atlântida; cada norma abrangerá uma ou mais posições: - a) norma oceano atlantídica; b) norma africana; c) norma mediterranica; d) norma europeia; e) norma periférica; f) norma pluralista. Adiante irão os exemplos mais notáveis destas seis normas.

aliás, desconhecido deles próprios, gregos, mas cujas tradições se conservaram no Egipto.

Era tão perfeita a organização destes atenienses de outrora, diz Platão; era neles tão grande a força do ideal anteriormente ao dilúvio de Deucalião que, apesar de medianos em população e riquezas, conseguiram vencer e libertar os povos do Oriente do jugo dos potentíssimos atlantes que em hordas chegavam do mais longínquo Ocidente.

Os atlantes – para que bem sobressaia o valor da organização da Ática – são descritos por Platão como um povo o mais poderoso e o mais numeroso também. Nos seus edifícios predominava o ouro, a prata e o *ouricalco* (metal desconhecido hoje, e que tinha reflexos de fogo). Eram justos, outrora; mas neles o princípio humano sobrepôs-se ao princípio divino e corrompeu-lhes a alma. E por isso os atenienses, se bem que poucos mais sóbrios e morais, os derrotaram.

A metrópole atlante era a *Ilha do Atlas ou Ilha Atlântida,* - ilha mais vasta, diz Platão, que a Líbia e a Ásia reunidas, ou seja que a Ásia Menor e o Egipto, de conjunto. Mas o Império ia mais longe, pois que, pela África, chegava até ao Egipto, e pela Europa à Tirrénida.

Os atenienses concitaram contra o jugo dos atlantes a multidão dos povos subjugados e, pondo-se à frente de todos eles, libertaram o Oriente do terrível invasor ocidental.

Tendo tornado os atenienses à Ática, e os atlantes à sua ilha do Atlas, sobrevieram séculos de paz. Até que, certa vez, adveio ao mundo um terrível cataclismo que fez na Ática afundar, num dia e numa noite apenas, as populações e os exércitos; e o chão foi depois inundado pelas alteadas águas, enquanto na outra extremidade do mar a ilha Atlântida soçobrava também. Mas esta afundava-se para sempre com a sua civilização material e luzente como o ouro.

Estas notícias não ficaram entre os gregos mas entre os egípcios, porque, dizia o sacerdote de Sais a Sólon, do cataclismo que adviera à Ática só se tinham salvo os camponeses que recolheram aos cimos dos montes, os quais,

não sabendo escrever, perderam disto a lembrança. O homem inculto pode apenas transmitir os nomes próprios das pessoas; por isso os nomes que os egípcios sabiam dos personagens atlantes eram ainda usados na Grécia, ao tempo de Sólon. O Egipto, dizia o sacerdote de Sais, pudera continuar as tradições da luta ateno-atlante por motivo do seu previlégio geográfico, sempre a salvo dos dilúvios, devido ao modo como o rio Nilo se alimenta das fontes subterrâneas.

É erro vulgar supor que o desaparecimento num dia e numa noite se refira à ilha do Atlas quando, afinal, se refere nitidamente às terras e povos da Ática. Como também é erro vulgar supor que o modelo apresentado de república ideal fosse a Atlântida, ela própria. Ora esta surge no relato de Platão apenas como subsídio para a história da famosa organização de Atenas. O desenvolvimento do poderio material da Atlântida é posto aí para fazer realçar a bela organização militar dos gregos antigos, anteriormente a Deucalião. O Oriente divino vencia assim o poderoso Ocidente profano – tal o espírito pode vencer a matéria. Eis o que Platão quis ensinar aos gregos através uma narração verídica, sem dúvida, mas convenientemente exagerada.

As tradições desta grande luta entre o Oriente e o Ocidente não figuram apenas em Platão. O filósofo reproduziu a versão do Egipto donde constava para a grande ilha o nome de *Atlas* e para a nação vencedora o nome de *Ática*.

Ora os gregos já possuíam tradições semelhantes anteriormente a Sólon, mas em que os nomes eram outros. – O que eram, com efeito, as famosas discussões acerca da existência e da posição da remotíssima *ilha de Aea* – por vezes *continente de Aea* – senão o mesmo caso da ilha e continente do Atlas ou do *Aetlas?...*

Há ainda uma alusão à invasão da Europa pelo terrível povo do Ocidente, (vindo de fora da Europa), no que escreveu Eliano ao reproduzir Teopompo [52] .

---

[52] Eliano, *Histórias Diversas*, III, 18.

Antes de mais nada convém saber que a *Europa* nesse tempo estava restrita à Península dos Balcãs.

Em Eliano os invasores ocidentais não eram procedentes de ilha alguma como em Platão, mas do lado ocidental do Continente, o *Continente* por excelência, o único que se supunha existir então, e que abrangia a Terra em redondo. A Europa a Ásia e a Líbia eram as "ilhas", assim chamadas, por se considerarem emersas do Oceano sendo este, por sua vez, cercado pelo dito Continente. Mas estas "ilhas" – Europa, Ásia e Líbia – não tinham para os antigos as dimensões que hoje têm para nós; eram muito reduzidas no antigo conceito.

Assim, a Itália já não fazia parte do mundo das "ilhas", mas era terra considerada encravada no dito continente envolvente. A ocidente da Itália nada mais se conhecia, nem mesmo se pressentia a existência do mar Tirreno, não se supondo, por isso, o carácter insular, ou peninsular, da Itália.

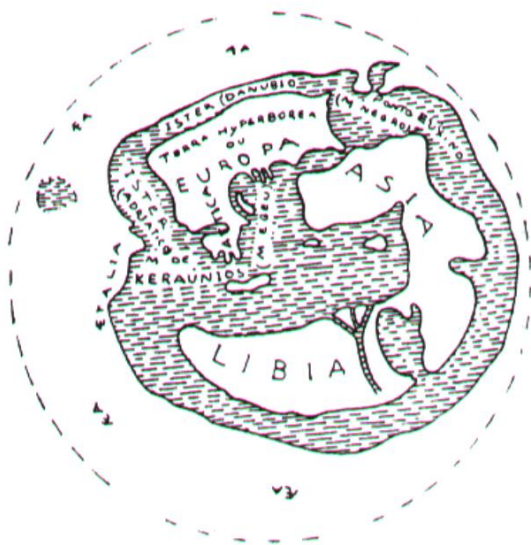



Fig. 1 - Era da Continentalidade – Período compacto

Vou expôr um sistema de conceitos geográficos da antiguidade que ajudará a resolver, de maneira nítida, alguns problemas de geografia antiga, e, muito especialmente, no que toca ao problema da Atlântida. Houve tempo em que os homens supuseram a existência no mundo de mais terras que águas (a água era a excepção), seguido doutro tempo em que supuseram precisamente o contrário, isto é, que haveria mais águas que terras firmes (neste caso a terra era a excepção).

Na primeira hipótese, julgada certeza, o mundo conhecido, o mundo das "ilhas", era rodeado pelo dito continente intérmino, aquele que, por excelência, se chamava Aea, isto é, o "Continente", a "Terra"; e dele estava separado pelo rio Oceano (figs. 1 e 2). O mar Adriático era a parte larga deste *rio*, também chamado *Ister*.

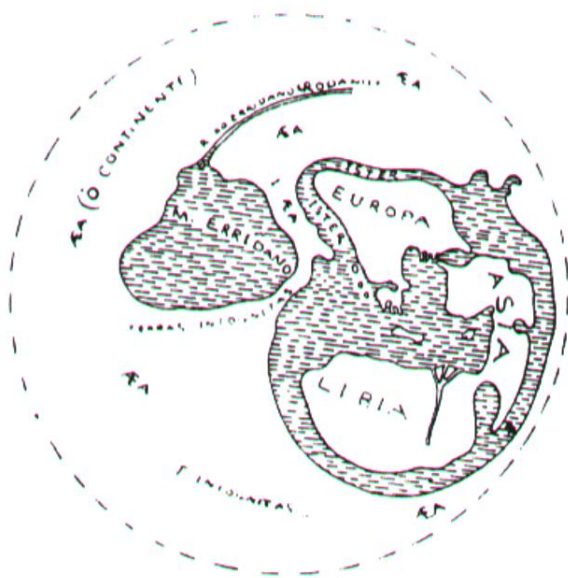



Fig. 2 - Era da Continentalidade – Período erritânico

Na segunda hipótese, mais moderna, o orbe das terras firmes, com seus mares interiores, surgia rodeado de águas intérminas (fig. 3).Pressentem-se estas duas épocas, ou Eras, na literatura dos gregos, como se pressente a sua cronológica sucessão.

Pois esses dois conceitos, sucedendo-se, marcam os dois períodos em que se dividem os primeiros séculos da cultura geográfica: 1º - a Era da *Continentalidade*; 2º - a Era da *Oceanidade*. Dar-lhes-ei, ainda, respectivamente, os nomes de *hiper-terra e hipo-terra*; isto é, suposição de excesso de continentes, e suposições da sua míngua em relação aos oceanos.

Passou-se do pensamento hiper-térrico para o hipo-térrico, ou antes, do pensamento da Continentalidade para o da Oceanidade, com o descobrimento, ou notícia havida, das costas ocidentais da Europa actual e da África, pois que, o vasto pélago patenteado em frente destas costas, ensinava aos que lá tinham chegado que nada mais havia a esperar para o poente senão águas e céu. E que assim deveria ser ao redor do orbe, tudo águas e céu, ensinava-o ainda o profundo sentimento simetrista da natureza humana. Com efeito, o homem, onde não sabe resolve por comparação, simetricamente. Quando conhece as coisas dum lado e não as conhece do outro, resolve esse outro lado por comparação. Este sentimento simetrista tem alta importância na formação das teorias geográficas da antiguidade. Quando, por exemplo, certo dia os geógrafos descobriram que os mares interiores tinham ao poente uma comunicação com o Oceano exterior envolvente pelo estreito de Gibraltar, logo supuseram outra comunicação simétrica ao nascente, e logo outra ao norte, e, portanto, outra ao sul. Por quatro bocas dispostas simetricamente e em cruz, consideraram os antigos as comunicações entre os mares mediterrânicos e o Oceano envolvente (fig. 3). O apuramento da hipotética redondeza discóide da terra, resultava menos da observação da linha circular do horizonte que deste mesmo sentimento

simetrista. Assim, o contornamento marítimo da África pelo sul, estava previsto antes de ser visto.

Fig. 3 - Era da Oceanidade

A teoria da continentalidade revivia, ou, de facto, nunca se extinguira, no oriente, e principalmente no Egipto onde ainda no séc. VI da nossa era o geógrafo Kosmas Indicopleustes, de Alexandria, na sua *Topografia cristã* afirmava que as terras firmes eram um disco, chato, envolvido pelo largo Oceano, e este ainda por sua vez cercado dum continente deserto.

Indicopleustes acreditava na Atlântida como todos os egípcios, mesmo os do período bizantino; e dizia que a Atlântida era o país das gerações de antes de Noé. Todavia colocava-a a leste e não a confundia com o dito continente envolvente, o que está em desacordo com o que pensava sobre ter sido o continente envolvente o berço da Humanidade.

Mas esta *Continentalidade* alexandrina, era uma reminiscência da primeira – uma Continentalidade sobre a Oceanidade. Não era, portanto, a verdadeira e intuitiva, mas tão somente preconceituosa.

A Era mais antiga, a da Continentalidade ou hiper-terra, pode ainda desdobrar-se em dois períodos: 1º - aquele em que se supunha a Itália como parte integrante do "Continente" envolvente, sem se pressentir, sequer, que ela fosse uma ilha ou quase-ilha (fig. 1); 2º aquele em que, vindo a descobrir-se o mar a ocidente da Córsega (mar de Erridano), já se tinha da Itália a noção de ilha ou quase-ilha, afastando-se, então, o "Continente" para a longínqua Península Ibérica, cujas costas de Oeste, em contacto com o Oceano, se não conheciam ainda, nem se pressentiam tão pouco, supondo-se a Terra indefinida para o lado do Poente, como para todos os lados (fig. 2). O primeiro merece o nome de período da *Continentalidade compacta*, e o segundo, o do período da *Continentalidade erridânica*.

Com o descobrimento do que se chamou depois o Oceano Atlântico, a oeste da faixa portuguesa (o primeiro mar atlântico foi algum tempo a ocidente da Itália e da Sicília) começa a segunda idade da Cultura geográfica, a Era da Oceanidade.

Ora verifica-se que as tradições da Atlântida datam da Era da Continentalidade. Em Platão, da Era da Continentalidade erridânica; em Eliano (que alude a tempos mais antigos, se bem que seja mais moderno que Platão), da Era da Continentalidade compacta.

Em Eliano não estava ainda descoberto o carácter peninsular da *Aetalia* (Itália), e, por tal motivo, os invasores são dados como provenientes do Continente; mas em Platão já

estava descoberto esse carácter, e por isso, os dá como provenientes duma ilha.

Platão apresenta a Ilha do Atlas envolvida pelas "ilhas", e estas, finalmente, cercadas pelo Continente. Da Atlântida passava-se para o "Continente" através das "ilhas". Eis a afirmação de Platão.

Portanto, a posição da Atlântida é a dentro do Continente envolvente, no mar interior em que sobressaem as "ilhas" que são: Europa, Ásia e Líbia. Está central a todas estas, dando passagem da Europa para a Líbia, e daí para o Continente circundante. O atlas era o umbigo do mundo. Não estava na periferia das terras conhecidas, mas no centro de todas elas. O Atlas sustentava a cúpula dos céus pela sua parte mais alta, por isso estava no centro do orbe terráqueo.

Segundo Eliano, os invasores ocidentais saíram do "Continente", atravessaram o mar e chegaram aos hiperbóreos (península dos Balcãs). Aea, o "Continente", era suposto habitado por gentes e animais com o dobro do tamanho e vivendo o dobro do tempo dos climas das "ilhas". Dividiam-se os habitantes do Continente em dois lotes distintos: os que tinham por capital a cidade *Makimos* (a Guerreira), e os que tinham por capital *Euzebia* [53], (a Piedosa). Os da cidade Guerreira eram insaciáveis na sede da conquista; e os da Piedosa eram pacíficos e alimentavam-se dos frutos expontâneos da terra e daqueles que a sua arte produzia.

Foram os de *Makimos* que tentaram conquistar os povos das "ilhas", - idos à fama da sua felicidade. Atravessaram o rio-Oceano, isto é, o Adriático, e mesmo o Danúbio (antigos Ister) e alcançaram o país dos hiperbóreos. O Danúbio supunha-se em ligação com o Adriático e um e outro se denominavam *Ister*, ou *Lethis*, o rio Oceano.

O país dos hiperbóreos era a suposta ilha dos Balcãs, donde soprava para o Mar Egeu e para a Ásia Menor o vento

---

[53] Este apartamento em dois lotes deve corresponder ao velho conceito da divisão do Continente em duas zonas: a do inferno dos bons, e a do inferno dos maus.

hiperbóreo, isto é, o vento do Norte. Na velha nomenclatura o vento Bóreas, sendo o que soprava do Nascente – o vento hiperbóreo era o que soprava de "acima do Nascente", ou seja, do Norte. Mais tarde deu-se ao vento do Norte uma designação mais independente: chamou-se-lhe *Euros*, donde deriva a palavra "Europa", que quer dizer a "Nórdica".

Em Eliano estes felizes hiperbóreos são os habitantes da Ática das informações de Platão. A extensão que teria então a Ática não a sabemos, mas as mesmas informações dão a entender ter sido ela outrora muito maior que a que é classicamente conhecida como tal. Platão atribuía a sua redução ao cataclismo atlântico, mas tal redução foi apenas no nome. A Europa ou terra hiperbórea poderia ter tido o nome de Ática.

Segundo Platão, os da Ática detiveram o passo aos invasores; e, segundo Eliano, os invasores chegaram a pôr pé na terra hiperbórea, após, o que, recuaram. É forçoso identificar a posição da Ilha Atlântida, de Platão, com a terra de *Makimos*, de Eliano – uma e outra a ocidente do mundo conhecido, o mundo das "ilhas".

O Mundo Atlantídico - peças justificativas

Recorda Eliano a conversa entre o divino Sileno e o rei Midas da Frígia. Ora diz o Sileno: "A Europa, a Ásia e a Líbia são ilhas que o Oceano [nome genérico de águas e mares e especialmente do rio "Ister- ao de lá do qual já não havia água] banha por todos os lados; e não existe mais que um único Continente que está situado exteriormente a este conjunto. Sua extensão é imensa. Produz grandes animais, assim como homens, duma estatura duas vezes maior que a dos nossos climas, e vivendo o dobro do tempo"[54].

[54] Eliano, *Hist. Div.,* III, 18.

De igual modo Platão recorda a conversa entre o sacerdote de Saís, egípcio, e Sólon, chefe dos gregos. O Sacerdote diz: "Esta ilha [refere-se à ilha Atlântida] era maior que a Líbia e a Ásia, reunidas; e, os viajantes daqueles tempos, podiam passar desta ilha para as outras ilhas, e destas ilhas podiam ganhar todo o Continente na margem oposta deste mar que mereceu verdadeiramente o seu nome... enquanto que, do outro lado, exteriormente, há esse verdadeiro mar e a terra que o cerca, a qual terra se pode chamar, verdadeiramente, e no sentido próprio do termo, um Continente" [55].

Eliano, referindo-se ainda aos habitantes do Continente envolvente, diz: "Sempre armados, sempre em guerra, trabalham sem cessar no alargamento das suas fronteiras. E, por isso, a sua cidade [a Guerreira] chegou a dominar muitas nações [...]. Outrora, eles quiseram penetrar nas nossas ilhas e, depois de terem atravessado o Oceano com dez milhões de homens, chegaram aos hiperbóreos. Mas este povo afigurou-se-lhes tão vil e tão desprezível, tendo antes recebido a informação de serem estes hiperbóreos a mais feliz nação dos nossos climas, que desdenharam passar além [...]". Oceano também foi sinónimo de águas [56].

Também Platão se refere ao mesmo avanço e ao mesmo recuo, fazendo-se eco das tradições no Egipto. Diz o sacerdote: "Ora, nesta Ilha Atlântida, reis tinham formado um império, grande e maravilhoso. Este império era senhor de toda a ilha e também de outras muitas ilhas e porções do Continente [o intérmino]. Além de que, do nosso lado, possuíam eles a Líbia até ao Egipto e a Europa até à Thirrenida. Ora esta potência, tendo uma vez concentrado todas as suas forças, empreendeu,

---

[55] Platão, *Timeu, Crítias* (tradução francesa: Albert Rivaud)

[56] Na *Ilíada*, como na *Odisseia*, o *Oceano* banha as costas da Troada, de que era capital Ílion ou Tróia. O próprio Nilo foi denominado *Oceano*, segundo escreveu Diódoro da Sicília. O rio mais excêntrico da terra e que a envolvia era o *último braço do Oceano*, ou, o rio-Oceano, o qual foi identificado com o mar Adriático, onde se supunha desaguar o Ister, e mais tarde identificado com o rio Ródano. Por fim, descoberto o último mar Ocidental chamou-se a este o *Oceano*.

dum único golpe, subjugar o nosso território [o Egipto] e o vosso [a Grécia] e todos os demais que se encontram deste lado do estreito. Foi então, ó Sólon, que o poderio da vossa cidade [Atenas] fez cintilar aos olhos de todos o seu heroísmo e a sua energia. Pois que ela ultrapassou a todos pela força de alma, e pela arte militar. A princípio, à frente dos helenos, depois, só, pela necessidade, abandonada dos outros, levada aos máximos perigos, venceu os invasores".

Está, pois, demonstrado o conceito do Continente envolvente, de cuja parte ocidental desabara sobre o mundo conhecido, o mundo das "ilhas", uma torrente de invasores. Em Eliano, esta invasão é do período da Continentalidade compacta, e, em Platão, do período da Continentalidade erridânica. De qualquer modo da era da Continentalidade. Eliano atribui os invasores ao Continente; Platão, a uma ilha denominada Atlas.

Com a teoria da Continentalidade se pode, pois, marcar a posição da Atlântida e dar elementos para o seu lugar cronológico. Eis o novo elemento que trago para a solução do problema.

Platão recebera na íntegra as tradições antigas mas não as compreendeu perfeitamente. Recebera-as de Sólon, o qual também as não compreendera não obstante as ter obtido mais directamente do Egipto. Um e outro apresentaram os factos segundo os conceitos geográficos do seu tempo. Todavia, através do seu erro, podemos recompor a verdade inicial.

Como viveram numa época já bastante moderna (respectivamente, VI e IV séculos antes de Cristo), e em que bem conhecido era o Estreito das Colunas de Hércules (Gibraltar), assim como o mar que lhe fica imediatamente exterior – ao qual, já nesse tempo, se dava nome de Atlântico – julgaram que no nome desse dito mar Atlântico, estaria a chave do enigma. E, então, Platão, comentou: "[...] os viajantes daqueles tempos podiam passar desta ilha [a ilha do Atlas] para as outras ilhas, e destas ilhas podiam ganhar todo o Continente

na margem oposta deste mar que mereceu verdadeiramente o seu nome [...]".

Ora, foi, precisamente, o nome do mar que induziu em erro. Platão foi levado a supor a Atlântida a ocidente de Gibraltar, e a pouca distância do Estreito, porque aí o mar se denominava Atlântico. Nesse mesmo erro tem caído muita gente. Ora esse mar assim se chamava por banhar as costas do *País Atlantisso*, o qual não deve confundir-se com a ilha Atlântissa ou ilha do Atlas donde os atlantes do país Atlântisso diziam ser originários. Pois a ilha de origem bem longe de ser a ocidente, e junto ao País Atlântisso, era a Oriente, e no meio do mar Mediterrâneo.

Mas ainda mais do que Platão erram os geólogos e oceanólogos modernos no desejo de interpretar as páginas do filósofo. Fazem delas uma leitura leviana. No século de Platão o mar Atlântico era somente o que depois se denominou o golfo de Cádis; sendo que ao poente do Cabo de S. Vicente, a oeste de Portugal e de Marrocos, o mar já tinha outro nome. Não era, portanto, neste mar que Platão supusera a ilha Atlântida, mas sim no mar Atlântico de então. Os geólogos, desconhecendo estas coisas, julgam que Platão se referia ao grande mar Oceano entre a Europa, (ou a África), e a América. Ora este mar no seu tempo, que era já o período da Oceanidade, supunha-se infinito, e, portanto, sem *margem oposta* a que se refere o texto. Ninguém suspeitaria no século de Platão, como ainda muitos séculos após, da existência do continente americano. Antes se tinha por coisa certa que só águas aí haveria (pleno período da Oceanidade) debaixo duma eterna noite. O sol mergulhava nas águas, um pouco a ocidente da Europa, ou da África, deixando para além do mais o grande mar tenebroso e os pântanos das almas do Outro-Mundo! O primeiro inferno não era considerado debaixo do chão mas no mesmo plano da terra, no mais remoto Ocidente, sobre os pântanos e debaixo da eterna noite! Dizia-se *descer aos infernos* como se diz *caminhar para baixo ou para o Poente*.

Terras de baixo sinónimo era de terras do Poente, como *terras de cima* queria dizer as terras do Nascente.

A ilha Atlântida, no pensamento de Platão, dando passagem para a *margem oposta* situava-se, portanto, num mar que nesse tempo se considerasse com margem oposta.

Portanto, esse mar, não podia ser o lato Oceano entre a Europa e a América, considerado, definitivamente, sem margem oposta. Podem os geólogos modernos tentar procurar, aí, qualquer outro continente desaparecido, que ele nunca será a desaparecida Atlântida dos antigos. A *margem oposta* que a Platão se afigurava ser a das informações dos egípcios era a margem europeia do golfo de Cádis chamada nesse tempo região gadírica (da cidade de *Gádir* que existira na quase-ilha de Huelva, na foz do rio Tinto) [57]. Uma ponta da Atlântida, escreveu Platão, quase tocava na cidade de Gádir. A *margem oposta* era a europeia pois que a informação era de egípcios, e para quem a grande ilha deveria dar passagem da África para a Europa de hoje. Mas também Platão se enganava; as tradições da Atlântida eram mais antigas que o conhecimento das regiões gadíricas. Tais tradições pertenciam ao período da Continentalidade, em que os homens não tinham ainda conhecimento da Espanha. Não se conhecia do mundo, para o Poente, mais do que até à Sicília. A Sicília era a grande ilha do Atlas e o limite do mundo habitável.

Esta clássica terra de gigantes, a Sicília, perdera ao sul uma vastidão enorme de territórios que hoje são cobertos pelo mar a que os antigos chamavam da Líbia e os modernos o canal de Malta, ou da Tunísia. Alargava-se, mesmo, o território por todo o que é hoje o golfo das Sirtes.

No canal e no golfo das Sirtes – territórios submersos desta tão insegura terra siciliana, a mais insegura de quantas o Mediterrâneo ainda hoje banha – possui o dito mar Mediterrâneo a sua menor fundura, pois que as cotas de

---

[57] Avieno, *Ora Marítima*, v. 269-270.

profundidade são aí entre duzentos e quinhentos metros; enquanto vulgarmente são neste pélago entre mil e dois mil (fig. 4).

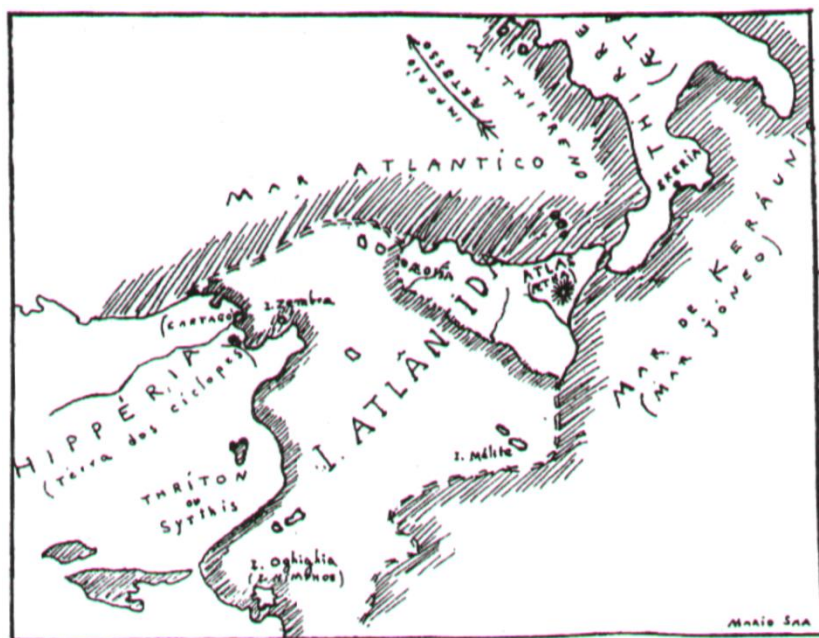



Fig. 4 - A ilha do Atlas abrangendo a Sicília e parte da Tunísia

A Itália, mal conhecida ainda no período compacto da Continentalidade, é já posta a claro como península ou quase-ilha no período erridânico. Chamou-se-lhe durante algum tempo *Ilha de AEa* ("ilha do Continente") ou terra *AEtessa*; ou, ainda, com uma desinência mais recente, *AEtalia*. E, sendo a ilha de *AEa* a Itália, compreendida nela a Sicília, passou, com o tempo, a Sicília a ganhar a designação independente da ilha do *AEtlas* ou do *Atlas*. Esta palavra significaria, acaso, *extremidade de AEa*. E, tudo o que o mundo antigo conheceu

acerca da velha e misteriosa ilha de *AEa*, passou a aplicar-se à ilha do Atlas: porque, em verdade, as tradições de *AEa* e Atlas, são dois aspectos – um mais antigo que o outro – do mesmo tema pré-histórico.

Nesta ilha, a coluna do Atlas, ou do *AEtla* que, pelo centro, sustentava a cúpula dos Céus, era o monte altíssimo do *AEtna* (3.500 metros), - palavra em que aquela se transformou e se continuou até hoje! Aqui, ainda hoje, o vulcão do Etna atroa os ares. Atlas = Etna. Eritia para fora do grande-Mar, ou seja, do Mediterrâneo: "Hecateu disse que Hércules não foi enviado a nenhuma ilha Erítia fora do Grande-Mar, mas sim que Gerião veio a ser rei do país ao redor de Ambrácia [na Grécia], sendo daqui que Hércules tirou as vacas, cumprindo este não fácil trabalho" (*Genealogias de Hecateu*).

Ambrácia era o actual golfo de Arta, na costa ocidental da Grécia. Gerião vindo a ser rei desse país, é talvez uma alusão à invasão da Grécia pelos *kéretas* da Península Ibérica.

Tiveram os heráclitas que vencer a Gerião, ou seja, aos *kéretas*, tanto na Hélada como na Península Ibérica?... Daí a confusão de Arriano: "Gerião, contra o qual se dirigiu o argivo Heracles, mandado por Eristeu, para lhe tirar as vacas e conduzi-las a Micenas, não pertence à terra dos iberos [...]". Pois pode pertencer, como pertence igualmente à terra dos gregos. Os *kéretas* deslocar-se-iam dum a outro extremo do mar Mediterrâneo.

Hércules contra Gerião é a guerra dos atlantes contra a Península Céltica (Espanha), e contra a Grécia. Se a Hércules é costume apresentá-lo como figura de esforçados trabalhos, como símbolo de força, isso significa, não apenas o triunfo dos atlantes nessa luta como também a influência da fama de gigantes que tiveram sempre os povos da Sicília. Deve-se esta fama à sua antiguidade, na História.

Está unido à figura de Hércules o descobrimento do último finisterra do Ocidente, sua exploração e conquista por via terrestre, a qual deixou fama no celebrado "Caminho de Hércules".

Atlantes e etíopes

Atlantes e etíopes são sinónimos e representam o mesmo radical com desinências diferentes. Eis aí uma importante observação que restava fazer. Desta forma um novo horizonte se vai abrir, visto que, acerca da localização dos etíopes há numerosa literatura, agora aplicável à localização dos atlantes. O *aethiope* é o habitante da *AEtlantissa*, e *AEthiopia* (acentuada a última sílaba) é um conjunto de *aethiopes*.

Ora ocupantes da margem ocidental do mundo, indiferentemente eram tratados por atlantes e *aethiopes*.

Hesíodo põe os *aethiopes* no ocidente da Europa quando se refere aos três povos principais que marginavam o hemiciclo norte do orbe, de Oeste para Leste: a Ocidente *os etíopes*, a norte os *lígures*, e ao Poente os *citas*. Estes três povos eram *hipomolgos*, isto é, "bebedores de leite de égua" (fragmento 55).

Já Homero, dando nome de "Extremidades da Terra" às últimas regiões Ocidentais [58], as dizia habitadas pelos *aethiopes*, povo este que, embora diante da Grécia, possuía desta os costumes e a religião. Por isso, lhes chama "virtuosos" [59]. Aqui,

---

[58] *Ilíada*, canto I; *Odisseia*, canto I.

[59] Trechos de Diodoro da Sicília, *Liv. III*, cap. 54 e 55: "[...]. Encorajadas por estes sucessos, as amazonas percorreram várias partes do mundo. Diz-se que os primeiros homens que elas atacaram foram os atlantes, o povo mais civilizado destas regiões e habitando um país rico, e com grandes cidades. Diz-se que foi entre os atlantes, no país junto ao Oceano, que os deuses nasceram, o que condiz, suficientemente, com o que narram os mitólogos gregos [...]. Diz-se que Mirina, rainha das amazonas juntou um exército de trinta mil mulheres de infantaria e de vinte mil de cavalaria. Dedicavam-se, especialmente, a exercícios de cavalos por causa da utilidade destes na guerra [...]. Depois de terem invadido o território dos atlantes começaram por desafiar, em ordem de batalha, os habitantes de Kerné [Guiné, o ocidente de África, e também nome de uma grande cidade] e perseguiram os fugitivos até intramuros. Apossaram-se da cidade e maltrataram os cativos a fim de espalhar o terror nos povos vizinhos [...]. A fama do desastre dos *kerneanos*, tendo-se espalhado por todo o país, fez com que o resto dos atlantes altamente alarmados, entregassem as cidades e prometessem fazer o que se lhes ordenasse. A rainha Mirina tratou-os com brandura [...]. E, no sítio da cidade destruída fundou uma outra a que pôs seu próprio nome [...]. Como os atlantes fossem, frequentemente, atacados pelas gorgonas, estabelecidas na vizinhança, e desde sempre suas inimigas, a rainha Mirina, a pedido dos atlantes, dispôs-se a ir atacá-las no seu próprio país [...]" (cap. 54).

Homero parece traduzir a palavra *AEthiopia* por “Extremidade da Terra”, como traduzira, talvez, a palavra *Atlas*.

O historiador Heródoto, reportando-se a antiquíssimas tradições que ele já mal compreende, chama *Ister* [60] à montanha Pirenaica, e dá-lhe por nascimento e origem a *Aethiopia*, que era a ocidente da Península; mas que ele supunha nas nascentes do Nilo; acrescentando que o dito Ister, proveniente do país dos celtas ia passar junto à cidade de Pirene, a qual, como sabemos, já se debruçava sobre o mar Mediterrâneo. Eram considerados os Pirenéus uma cadeia de montes percorrendo em linha recta o norte da Espanha desde a Galiza ao Rossilhão.

Diódoro da Sicília substitui no Ocidente da Península, onde hoje é Portugal e Galiza, o nome de *aethiopes* por *atlantes*, dizendo que estes se encontravam aí, e que daí se dilatavam para o norte; o que condiz com o que escreveu Hesíodo, que os põe em contacto com os lígures, habitantes da Germania [61]. Mas se os *aethiopes* chegariam à Germânia, ao *Pas de Calais*, a *AEthiopia* ou *Atlantissa* não passava da faixa Oeste da Península Ibérica.

E, havendo os atlantes desta faixa passado à actual região de Marrocos, e, tendo aí ocupado o território pela sujeição dos antigos *troglóditas* que, segundo o seu próprio nome o diz, habitavam em cavernas, - logo o nome de aethiopes se foi derramando pelos indígenas de África.

Assim foram formadas duas *AEthiopias*, ou antes, uma só *AEthiopia* em dois grupos – como posteriormente a designação de “Algarves” deveria afectar o Sudoeste de Portugal e o Noroeste de Marrocos.

---

[60] Heródoto, Liv. IV, cap. XLIX.

[61] Diódoro da Sicília, *Liv. III*, cap. 56: “Já que mencionámos os atlantes pensamos que não será fora de propósito referir o que eles narram acerca do nascimento dos deuses. A este respeito não são as suas tradições muito diferentes das dos gregos. Os atlantes habitam o litoral do Oceano e um país muito fértil [...]. Eles pretendem que o seu país seja o berço dos deuses [...]. O seu primeiro rei foi Úrano [...]. Estendia-se o seu império por toda a terra, e principalmente do lado do Oceano e do Norte [...]”.

Homero referiu-se aos dois grupos em que se dividiam os *aethiopes* dizendo que habitavam, um deles, as margens em que o sol se punha (Marrocos), e o outro as margens em que o sol se reerguia das águas do Oceano Ocidental (em frente a Portugal) para fazer a sua rota durante a noite a caminho do Oriente onde de novo mergulhava e reaparecia. O sol, no Oriente, diz o autor da *Ilíada*, mergulha para ressurgir mais límpido do seu banho matutino.

Os atlantes ou *aethiopes* projectaram em Marrocos uma nova *Atlantia* ou *AEthiopia* e deles ficou conhecida a montanha central pelo nome de Atlas; como também o mar intermédio, o golfo de Cádis, ficou conhecido por Atlântico. E só este era o Mar Atlântico. O Oceano Ocidental, que banha o oeste de África e a costa portuguesa foi depois chamado Oceano Atlântico por causa daquele mar. Mas este Oceano nunca foi o mar Atlântico.

Conta Diódoro da Sicília a guerra dos atlantes (de Portugal) com o povo amazonas, da Líbia. Estes serão, como disse, os troglóditas; e Hércules vindo do Oriente ajudou os atlantes nesta empresa [62].

O périplo africano de Hanão (VI século a. C.) ao passar em revista as gentes de Marrocos e de todo o oeste africano e continente africano conhecidos, a que chama *Kerné*, ou seja, *Guiné,* põe já os *aethiopes* nas montanhas centrais (aquelas que ao depois se chamaram do Atlas), dizendo que estavam ali em substituição dos troglóditas [63]. Limitavam os *aethiopes*: ao Norte os líbicos e ao Poente os liquites. O historiador latino Pompónio Mela substitui na mesma montanha o nome de *aethiopes* por *atlantes*, mas, então, considera os atlantes vizinhos dos troglóditas e ainda não substituindo-se a eles.

Assim, tanto no Oeste ibérico como no Oeste africano, *aethiope* e atlante ressaltam como a mesma coisa.

Ora impondo os *aethiopes* o seu domínio ao continente africano até à região dos negros, e, tomando entre os negros o

---

[62] Diodoro da Sicília, *Liv. III*, cap. 54 e 55.
[63] Hanão, *Périplo*, XI e XII.

monopólio do trato e do comércio, sem que outra qualquer nação da Europa ou da África aí interviesse, se foi alargando a designação da *AEthiopia*, e a de *aethiope* passou dos dominadores aos dominados. Tanto que, entre os gregos, esta palavra chegou a ser sinónimo de *negro*.

Destarte, primeiro o nome de *Atlantia*, depois o de *AEthiopia*, se foram generalizando a toda a África, seguindo-se-lhes o de Líbia [64].

Mas, à medida que o nome de Líbia se generalizava, o de *AEthiopia* tendia a restringir-se, e a soldar-se às regiões montanhosas do alto Nilo.

Se tivessemos de considerar a Itália como AEthiopia pré-histórica teríamos logo Portugal como a primeira *AEthiopia* histórica. A seguir outra *AEthiopia*, Marrocos; depois a que foi todo o continente africano conhecido, e logo a última *AEthiopia*, a região abissínica.

O Cataclismo, dilúvio por negação

Referiu-se Platão à submersão simultânea da Ática e da Atlântida. Embora considerasse tais factos anteriores ao Dilúvio de Deucalião todos eles, na verdade, se podem conjugar numa mesma idade, e serem tradições do mesmo facto: o famoso Dilúvio Universal.

Trata-se, a meu ver, dum dilúvio ao inverso, dum dilúvio a que chamarei por negação. Tal fenómeno fora o esvasiamento do então pejadíssimo mar Mediterrâneo, pela quebra do istmo de Gibraltar que ocupava o lugar que hoje ocupa o canal. Esse seria o maior acontecimento geológico dos tempos históricos.

O grande mar interior que hoje, a levante, comunica com os oceanos exteriores pelo canal artificial de Suez, e a ocidente

---

[64] Plínio, *História Natural*, VI, 30.

pelo Estreito de Gibraltar, fora algum dia um autêntico lago autónomo.

Como o istmo de Gibraltar, que outrora existia onde hoje é o Estreito, impedisse as comunicações com o oceano exterior ocidental, o mar Mediterrâneo subira de nível, inchado com a afluência das numerosíssimas águas pluviosas de então, e contribuição dos caudalosos rios. Com efeito, entre dois recipientes, um grande e outro pequeno, expostos à mesma chuva, no pequeno o nível das águas elevar—se-á mais rapidamente que no grande. Assim sucedeu no mar Mediterrâneo, separado do vasto pélago exterior pelo dique de Gibraltar.

Mas, além destes, um outro fenómeno poderia ter contribuído para o enchimento do mar Mediterrâneo: um acontecimento geodinâmico. Trata-se duma contracção de terras de que resultou o alteamento dos mares interiores. Europa e África, dum lado, América do outro, formam duas frentes com o Oceano intermédio. Estas duas frentes conjugam-se nas suas reinterâncias e protuberâncias. Formavam estes dois lados do Oceano, outrora, um único continente compacto cuja cisão se fez numa linha longitudinal de norte a sul: a América deslisou para o Poente, a Europa e África deslocaram-se, como um só bloco, para o nascente. A sinuosa linha de ruptura ainda hoje é uma sinuosa crista de altitudes a meio do Oceano Atlântico, coberta pelas águas, e paralela às duas margens afastadas (fig. 5). Foi no recuo que adelgaçou o istmo de Gibraltar, e que, refluindo, altearam as águas do mar Mediterrâneo.

Assim, a superfície do mar interior dilatara-se em todas as direcções, cobrindo planícies enormes que seriam um dia postas, de novo, a descoberto. As terras baixas formaram uma série de mares interiores, comunicantes entre si. O sul da França, as planuras do Pó, parte da Grécia e da bacia hidrográfica do Danúbio, como no levante, como no continente africano, tudo seria um lençol de água estendido. O interior da

África, onde hoje é o extenso areal do Saará, seria, pela mesma razão, um vasto Mar.

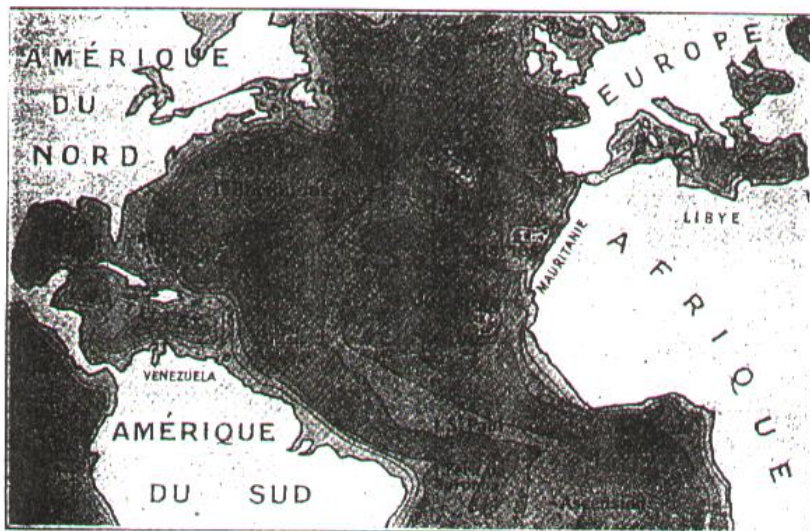



Fig. 5 - Carta de profundidades do Atlântico, in revista *La Science et la Vie*, artigo *L'Atlantide* de Alph. Berget.

Mas o istmo das Colunas de Hércules não aguentando o forte impulso das águas interiores, subidas de nível, deu de si, abriu caneiro ou brecha e, movimentos sísmicos ulteriores, teriam ajudado a desmoroná-lo. Então, o mar inteiror, projectou-se em monstruosa torrente sobre as águas do Oceano, abrindo o canal até às dimensões actuais.

Exteriormente ao Estreito, recentemente aberto, por muito tempo, os depósitos de materiais davam a aparência de um pântano que ainda viria a impedir, em idades mais recentes, a navegação. Daí, a fama incessante da inavegabilidade do golfo de Cádis, imediatamente ao Estreito. Explicava-se pela pouca

fundura que outrora tivera esse mar do Poente, como se depreende dos mais antigos textos [65].

O ateniense Euctemon, citado por Avieno na *Ora Marítima* (360-365) faz referência à pouca fundura das águas nas imediações do Estreito, a qual impedia a navegação. Diz também Avieno que os cartagineses andando fora das colunas de Hércules tinham por costume construir as suas naus com largo fundo, para que melhor deslizassem naquela pouca espessura (380) – *que mal cobria as subjacentes areias,* como ainda dizia o cartaginês Himilcão nos seus *Anais dos Púnicos*. Fala Himilcão na sua própria experiência de navegante das águas do Oceano, difícil pela sua pouca profundidade e pelos lodos (*Ora Maritim,* 405-410). Também Aristóteles na sua *Metereologia* (Livro 2, I, 14) fez referência ao estado pantanoso e imóvel do mar, *do outro lado das colunas de Hércules*. Era opinião constante, e que resultava dum facto muito antigo.

Abandonavam, as águas, extensas províncias ao longo dos litorais.

Então se formaram no rebaixado mar Mediterrâneo os deltas dos rios, como Ródano, Danúbio e Nilo.

As relações entre os mares, Negro e Cáspio, ficaram interrompidas desde então, como desde então ficara isolado o salgado mar Tiberíades ou *Mar Morto*, e os vários *schottes* disseminados pelo Norte de África.

A monstruosa torrente forçara os Dardanelos e submergira a massa continental egeana (segundo uma velhíssima tradição), prefazendo, desde então, o numero arquipélago [66].

O extenso mar do Sara, que seria o famoso *lago Triton* (Tritão) não mais receberia águas do Mediterrâneo, o que até então se fazia pela baixura das Sirtes. O Sara e o golfo das Sirtes tudo era o lago Triton. E assim, sem essa forte contribuição que lhe vinha do norte, o dito mar secou sob a influência dos calores

---

[65] Platão, *Timeu* e *Crítias*.

[66] Alex. Bvessmertny, *Atlântida,* Paris, 1935, p. 147.

tropicais, não compensados com as torrentes dos rios e águas das chuvas.

O Mar Cáspio, em via de regresso, também abandona longas *estepes* salgadas em seu redor.

Em torno à Sicília, velha ilha do Atlas, a descida repentina das águas punha a descoberto muitos terrenos. Ora, como se tratava de uma ilha a que faltasse bruscamente o apoio, perdera ela o equilíbrio, que, secularmente, se estabelecera pelos canalículos terráquios entre as águas do mar envolvente e as águas das chuvas que se infiltravam no solo. Esta repentina perda de inter-comunicações enfraqueceu o corpo insular, já de si tão propenso a abalos sísmicos. Assim, desta ilha, se desmoronava no esvaziado mar, a sua parte sul, tão extensa que quase tocava na Líbia e nas terras sírticas. Abriu-se o canal de Malta ou da Tunísia...

São restos dessa ilha total o arquipélago de Malta e o arquipélago Pelágico. A ilha Ogígia, onde habitava Calipso, a filha do Atlas, e onde eram os famosos jardins das Hespérides com árvores que produziam pomos de ouro guardados por um dragão terrível que Hércules matou, era ainda um vestígio daquela ilha do Atlas ou do Éden – Ogígia corresponde à moderna Djerba na pequena Sirte ou golfo de Gades.

O famoso historiador Heródoto (4,184) põe junto à Sirte o monte *Atlas*. Era sempre ao redor destas margens da Sirte e da Sicília que flutuavam as tradições da Atlântida.

Há junto à África duas ilhas, Zembra e Zembreta, quase em frente das velhas ruínas de Cartago; as quais ilhas a imaginação popular dos antigos encheu de tesouros, dizendo ao mesmo tempo, segundo uma antiquíssima tradição recolhida por Plínio, que elas eram os restos duma grande ilha, outrora povoada e destruída pelo mar [67].

São, com efeito, os nódulos de resistência da submergida Atlântida. A sua lembrança andava, assim, ligada aos povos da Líbia.

[67] Georges Lefrane, *Les Grands Voyages de L'Antiquité*, Paris, 1933, p. 169.

Também as lendas da abertura do Estreito de Cila e Caríbdes e a do gigante que tinha sobre o seu corpo deitado o monte do Etna, o qual, quando mudava a posição do seu corpo causava terramotos na ilha, se prendem com as tradições do cataclismo.

Assim, a fama do Dilúvio Universal gerara-se mais do facto do mar ter abandonado as terras que propriamente de terem estas sido invadidas pelas águas em tempos, mais remotos. Pois que o fenómeno do enchimento excessivo do mar Mediterrâneo não poderia ser do conhecimento dos homens. Do seu conhecimento, até mesmo por interferência, era o seu esvaziamento. As populações tomando conta das terras novamente postas a enxuto, supuseram que, por influência das chuvas, as águas tinham invadido essas terras. Eis ao que se pode chamar, com propriedade, um dilúvio por negação.

As tradições do rompimento dos diques mediterrânicos também ficaram na História.

Diodoro da Sicília, que recolheu as mais antigas famas, diz explicitamente: "[...]. Enfim, as gorgonas, assim como a raça das amazonas foram exterminadas por Hércules quando, na sua expedição ao Ocidente, assentou uma coluna na Líbia [...] não suportando que houvesse uma nação governada por mulheres. Conta-se que o lago Triton desapareceu totalmente a seguir a tremores de terra que fizeram romper os diques do lado do Oceano" (Diodoro da Sicília, Liv. III. cap. 55).

As águas, rebaixando, abandonaram no interior do continente africano o grande lago Triton, cujo leito é hoje o imenso deserto do Sara. Alimentava-se este mar pelo golfo da Sirte. O canal da *Thirte* ou da *Thrite*, cujo nome dera, por um lado *Sirte* e por outro *Trite* ou *Triton*, tornou-se, depois, num largo istmo, ainda hoje cheio de lagoas salgadas.

Acerca da localização do lago Triton estabelecera-se, na antiguidade, discussão semelhante à da Ilha de Aea. Apolónio de Rodes, que tudo tentou resolver, identificou o dito lago, embora erradamente, com um dos *schottes* da Sirte, o *sebkha* de Taorga, talvez, pretendendo que por lá tivessem passado os

argonautas. Fazia esta derivante no roteiro, porque, no seu tempo, havia à entrada do *schotte*, na sua comunicação com o mar, um porto denominado *Argos*. Ora, porque era tradição antiga os argonautas terem penetrado no lago Triton, (a Sirte), inferiu Apolónio que no nome de Argos, à entrada do *schotte* estaria uma indicação da sua passagem. Noutra parte versarei este assunto.

Agora pergunta-se: De novo fechado o mar Mediterrâneo, em Gibraltar, seria possível reencher o lago Triton?

Assim seria se, de facto, hoje, o Mediterrâneo não perdesse mais água por evaporação que as que está recebendo das escassas chuvas e dos seus rios, já pouco caudalosos. Reerguido o dique de Gibraltar, e, impedida a comunicação com o Oceano, o Mediterrâneo tenderia a desaparecer, tal um pequeno recipiente e um grande recipiente, expostos a uma mesma estiagem, desceria neles o nível das suas águas – mais depressa no pequeno que no grande. E, de facto, há hoje uma corrente contínua de águas do Oceano para o mar interior, apesar do fundo do mar dum lado e do outro do Estreito recordar ainda as enxurradas que iam de dentro para fora. Do lado do Oceano, e junto ao Estreito, os depósitos de detritos vão regularmente descendo por camadas, nas suas linhas de nível, como sucede nas correntes dos rios (fig. 6).

Rumores póstumos

A submersão da Atlântida tinha acontecido há mais de nove mil anos anteriormente à narração do sacerdote egípcio, em conversa com Sólon. É um número assaz exagerado. Os antigos, com a maior das facilidades, davam às tradições orais milhares de anos de existência, quando, afinal, estas mal comportam umas centenas de anos. A tradição oral que não é fixada pela escrita desaparece prontamente. Ora a data da escrita sobre a Terra não é das mais antigas...

Todavia, as tradições da Atlântida como continuação das da ilha de *Aea*, devem ser das mais antigas do mundo.

A História dum Paraíso perdido, e a dispersão dos seus povos, eis o que se encontra à base das mais velhas lendas. E tão geral era essa narrativa que o aludido Paraíso desaparecido foi tomado, desde longa data, como o próprio berço da Humanidade.

Dava-se-lhe nome de Paraíso do Atlas. A palavra transformou-se em *Etna* no próprio local. O Etna calcava no seu seio os "filhos da Terra" Encelade e Typhon. A Bíblia chamou ao Paraíso *Éden*. É a mesma palavra.

Assim, e como entre os hebreus o livro do *Genesis* fazia derivar o povoamento do Mundo do Paraíso perdido do Éden, também os atlantes ou etíopes do extremo Ocidente europeus se julgavam oriundos do Paraíso do Atlas desaparecido [68]. É a mesma história da dispersão dos povos.

Na ilha do Atlas o primeiro casal humano compunha-se de *Evenor* e *Liúcippe*, respectivamente homem e mulher. O nome de *Evenor* surge simplificado na Bíblia designando a mulher. O primeiro homem do livro do *Genesis* é *Ádan*, transformação da palavra *Atlas*, através da forma intermédia de *Atna*.

Evenor, primeiro homem da Atlântida, perdura ainda hoje na lembrança dos povos do norte de África, que se dizem descendentes de *Uenur* [69].

Contava Eliano que no País dos Méropes, povo do "Continente" identificado com os atlantes, corriam dois rios onde cresciam árvores que tinham virtudes singulares. Eram os rios do Gosto e do Desgosto, e as árvores do Bem e do Mal. As árvores do mal produziam frutos que faziam verter lágrimas amargas e enchiam de angústia quem os provasse. As árvores do Bem tinham o condão de aliviar os mortais dos seus desgostos e preocupações sombrias, rejuvenescendo-os por

[68] Plínio, *História Natural*.
[69] Paul Borchardt, *Platos insel Atlantis*, in *Petermanns Mitteilunggen* (1927).

escalões suaves, no mesmo tempo e do mesmo modo porque nós habitualmente envelhecemos; por fim tornava-se à infância...

Também no Éden, da Bíblia, existiam estas árvores do Bem e do Mal.

Os pomos das árvores do Bem, das árvores da felicidade constante, criaram para a Atlântida a fama de Paraíso de "pomos de ouro" guardados pelo terrível dragão que... os não soube guardar.

A História gerou, então, várias modalidades, no tempo e no espaço.

Eram a Sicília e a Itália, os países da abundância, os famosos "jardins das Hespérides" (isto é, das *Vespérides*, terras do Poente) jardins no sentido de campos de cultura, como Virgílio entendia. Um dragão guardava os jardins em nome do seu senhor.

Entre os hebreus surge o dragão no Paraíso terreal, traindo o senhor e mancomunado com a mulher: o dragão, que é uma serpente com asas e patas, é, pelo seu delito, condenado a rastejar por todo o sempre; condenado a ser uma simples serpente. Se não tivesse asas e patas, isto é, se não fosse um dragão, não podia ser condenado a rastejar. Seria uma sentença ociosa.

A história dos tripulantes do navio *Argo* está ainda ligada aos mesmos jardins das Hespérides. Os argonautas não seguiram o rumo do Oriente, mas do Ocidente, a caminho de AEetesso, e, talvez, primitivamente, a caminho do Atlas, à última extremidade da Sicília. Eles vão à conquista do Velo de ouro defendido por um dragão a quem o senhor confiara a guarda. Conquistam o velo por indústria de uma mulher. Os pomos de ouro encontram-se aqui convertido em velo de ouro, fenómeno de interccionismo, aliás muito frequente na desenvolução das lendas.

Com efeito, o velo, como a pele, era, nesse tempo, um símbolo de vitória guerreira, uma espécie de troféu: as vítimas dos sacrifícios eram despojadas do velo ou da pele, e estas se

dependuravam nos templos ou nas florestas sagradas, para memória dos homens e honra dos deuses. Ao herói vencido arrancava-se-lhe igualmente a pele ou partes do corpo e dependuravam-se nos templos ou nos bosques sagrados do deus da guerra. Tal o costume. A ideia dos pomos de ouro das Hespérides interccionada com a do troféu da conquista – velo ou pele – criou a modalidade do *velo de ouro*. O desejo de vingança do vencido tinha sempre em mira reaver o *velo* na posse do vencedor.

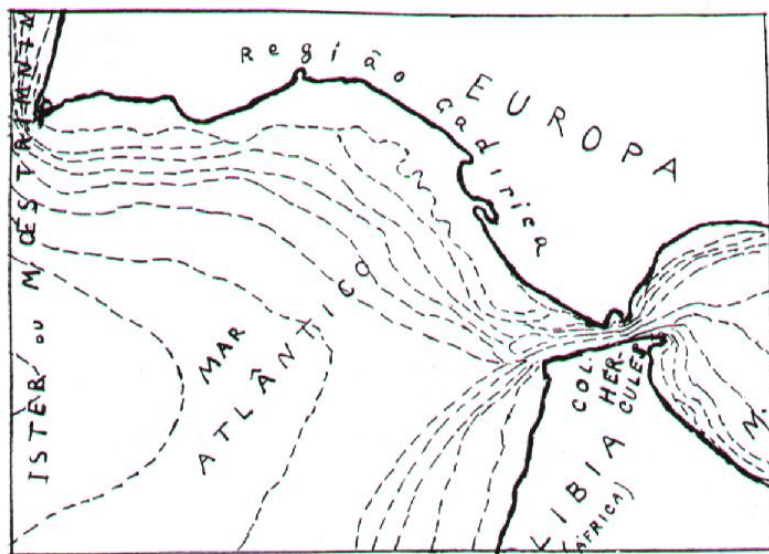



Fig. 6 – Tese gadírica ou de Platão.
O aspecto das profundidades do Mar Atlântico (o antigo)
demonstra a insubsistência da tese.

Em tudo o mesmo caso da riqueza da Atlântida, da fértil Sicília, em todo o tempo o jardim da abundância. Eram aí os mesmos Campos Elísios da mitologia dos gregos, e onde os

homens corriam os seus dias numa felicidade sem limites. O Paraíso terreal era o Paraíso dos mortais, a mais rica e a mais bela região conhecida.

As várias hipóteses

a) Norma Oceano-atlantídica

A maior tentação, que, todavia, começa a perder terreno, é a da suposição da Atlântida como grande ilha ou continente desaparecido, no seio do grande mar Oceano Atlântico, e, de certo modo formando ponte entre o velho e o novo mundo. Mas esta hipótese tem quase exclusivamente como argumento a aproximação dos nomes: *Atlântida, Oceano Atlântico*.

Já o jesuíta Athanasius Kircher expendia esta hipótese, em 1665, no seu *Mundus Subterraneus*. Recebeu a ideia um novo impulso, de François Cadet que, em 1758 nas suas *Memórias sobre os jaspes e outras pedras preciosas da ilha da Córsega* pretendia que Açores e Canárias fossem restos da Atlântida. Depois, o livro de Bory de Saint-Vincent *Ensaio sobre as ilhas Fortunadas e a antiga Atlântida* (Paris, 1803).

O livro de Ignatius Donnelly, *O Mundo antediluviano*, teve grande voga. Nele se apresenta Açores e Madeira como os altos cumes não submersos da Atlântida. E, para melhor demonstração da existência dum continente como ponte entre o velho e o novo mundo mostra as analogias entre as civilizações antigas, numa e noutra margem e, especialmente, entre as civilizações egípcia e mexicana: as pirâmides, os obeliscos, as esfinges, concepções religiosas semelhantes como a migração das almas, etc. Que os atlantes eram os pais da nossa civilização dum e do outro lado do Oceano; e que esta era já antiga quando os egípcios a custo despontavam. Que a circuncisão era, inicialmente, uma regra cirúrgica entre os atlantes para obstar aos estragos da sífilis que então muito grassava no continente

americano; e da qual os sábios da Atlântida se defendiam induzindo no povo o uso da circuncisão como rito religioso; e que os europeus não souberam defender-se, como os atlantes, deste mal que provinha da América.

Provas geológicas da existência dum remoto continente no Oceano Atlântico, não as há, de facto. Mas, em 1898 quase pareceu existir um forte argumento. Pretendendo levantar um cabo submarino, interrompido entre Cape Cod e Brest, se descobriu a quinhentas milhas ao Norte dos Açores, e a uma profundidade de 3.100m, num fundo de mar montanhoso, com altos cumes e profundos vales, uma lava vítrea (que as sondas trouxeram acima) logo denominada *tachylithes*, e que, segundo a opinião de Termier e outros notáveis geólogos, só poderia ter sido formada ao ar livre e imediatamente mergulhada [70].

Por tais motivos se supôs ter na mão a chave do enigma.

Modernamente Spence comparou as tradições religiosas num e noutro lado do Oceano Atlântico para concluir por uma ponte ou continente intermédio. Nos dois lados do Oceano se conservou a tradição dum dilúvio universal ao qual escaparam, apenas, um homem e uma mulher, metidos em uma barca, e pelos quais se perpetuou, depois, a espécie humana. Uma velha pintura *asteca* representa as cabeças do homem e de mulher, metidos numa barca, e ao sopé duma montanha, quando já descidas as águas: com eles uma pomba segurando no bico o hieróglifo representativo da fala, pois que os filhos do dito casal eram, segundo a tradição, mudos.

Tezpi, entre os índios da cordilheira dos Andes, na América do Sul, corresponde ao Noé da Bíblia. Tezpi salvou-se do Dilúvio Universal com uma mulher e mais um casal de cada espécie zoológica; como também na descida das águas teria solto um colibri que, ao regressar, trazia no bico um raminho de árvore [71].

[70] Alex. Bessmertny, *Atlantide*, p. 96.
[71] *Ibidem,* p. 98.

Nem sempre as semelhanças de objectos de civilização representam comunidade etnográfica (se bem que esta seja, de qualquer forma aceitável), mas, são por vezes o fruto de estádios por onde os povos que se civilizam hão-de forçosamente passar. Todavia, tradições religiosas tão semelhantes, de modo algum podem traduzir independência duma para a outra margem. Essas tradições têm origem comum, remontada a tempos geológicos em que, pelo polo norte se podia caminhar da Europa à América. Houve tempo em que as regiões árcticas e antárcticas eram as únicas em que a vida seria possível por se tratar das únicas zonas temperadas, sem desigualdade de estações, como se prova pelos jazigos de antracite no subsolo polar.

Para Dacqué, a ponte continental entre a Europa e África e a América, enfim, a Atlântida, encostava ao noroeste africano com o qual era solidário; por isso mesmo, é Marrocos, um vestígio atlantídico. O autor concede ao mito das *Pleiades* e das *Hespérides* um sentido puramente geográfico, afirmando que já os poetas gregos, como Píndaro e Simónidas, as consideravam deusas de montanhas. E diz que a lenda confirma a história geológica da cadeia de montanhas, em Marrocos, a qual se rompeu após o cataclismo atlante, bem recente, quebrando-se em fragmentos isolados pleiadeanos (as ilhas), e em montanhas. As Pleiades eram filhas do Atlas.

A localização da Atlântida no vasto oceano Atlântico sendo, até hoje, a mais lembrada, é, todavia, pouco aceitável; e, então, pela via geológica está inteiramente posta de parte.

Na norma oceano-atlântidica, a posição mais autorizada pela História, é a de Platão (primeiro hipotesista conhecido da localização da Atlântida) a qual era no golfo de Cádis, isto é, no mar Atlântico de outrora o qual restrictamente ficava entre o sul de Portugal e o norte de África, não se desenvolvendo para Ocidente. Aqui é que, insofismavelmente, Platão a supôs. E como ele escrevesse que a grande ilha do Atlas tocava na região gadírica, que é, como se sabe, a região de Huelva e do Guadalquivir, logo o sábio alemão Adolfo Schulten supôs ser a

Atlântida a própria região gadírica ou de Tartessos, tendo-a Platão deslocado para o mar.

Também os teósofos e ocultistas intervêm no assunto supondo a Atlântida em meio do grande mar Oceano Atlântico: desenham-lhe os contornos, com minúcia, e dão-lhe dimensões concretas! Consultam os inspirados *mediums*; tudo perguntam e a tudo obtêm resposta. São, nesta matéria, notáveis alguns escritores ingleses. Os ingleses são um povo prático, utilitarista e, portanto, com sentido religioso bem definido.

Scott-Elliot é modelo. Que, anteriormente à Atlântida, havia o continente Lemúria donde eram oriundos os atlantes: e, tanto estes como os seus antepassados eram dotados de qualidades diferentes das dos homens actuais. Possuíam uma notável civilização que, degenerando, chegou ao estado dos povos selvagens dos dias de hoje.

Os atlantes, descendentes dos de Lemúria, são os ascendentes dos arianos.

Um destes teósofos, no sentido mais profundo das questões pergunta: "O que é a Atlântida, uma tradição ou uma profecia?"...

b) *Norma africana*

Tais são as hipóteses principais acerca da localização da Atlântida na África: a 1ª, na região compreendida entre o rio Niger e o Oceano, é de iniciativa inglesa e por ingleses defendida; a 2ª, no noroeste africano, por toda a região atlática, e até à Pequena Sirte, é de preferência francesa; a 3ª, a sul da Tunisia, e acerca do *schotte* Djerid (lago Triton), de preferência germânica.

A hipótese nigeriana, ou do país dos jorubas, foi emitida em 1908 pelo capitão Elgee da *Sociedade de Estudos Africanos de Londres*. Logo o explorador Leo Frobenius demonstrou a existência duma civilização antiquíssima em essas paragens, e análoga à que Platão descreveu da Atlântida. O actual país é

fértil. A sua cidade santa é Ife, que logo o autor pretendeu identificar com *Ufas*, o célebre empório das referências bíblicas aonde os navios fenícios e palestínicos iam em busca de escravos e ouro. Iam em naus construídas ao modo das de Tartessos, próprias para navegar no Oceano; a viagem durava, vulgarmente, três anos. Carregavam o ouro de *Ufas*, prata, marfim, macacos e... "pavões reais" (*thukkijjim*) [72]. O hebreu Flávio Josefo, autor das *Antiguidades Judaicas*, tanto em voga no mundo romano, conhecendo melhor do que ninguém o espírito da língua hebraica, achou que *thukkijjim* deveria ser substituído por *sukkijjim* e traduzida, a palavra por *etíopes*, habitantes do Oeste africano.

Para Frobenius (*Theogonia Atlântica*, Iena, 1926), Jorube era o foco duma grande civilização pré-helénica, a civilização do deus *Poseidon*, designado pelos indígenas actuais *Olokun*, e que desta costa africana se teria derramado por toda a África e Europa.

A hipótese da Atlântida em Marrocos teve o principal defensor em Berlioux. O nome de *Atlas*, que desde a mais remota idade se tem dado aos altos montes marroquinos, é o argumento motor desta hipótese. Que Diodoro da Sicília chamara *Kerné* à principal cidade dos atlantes, a qual Platão descreveu sem lhe dar nome. Que esta *Kerné* era em Marrocos. Que, com a dispersão dos atlantes, difundiu-se pela Europa a civilização dos monumentos megalíticos.

Berlioux identifica os atlantes no Egipto com os *líbicos e lebos* das referências dos escritores faraónicos, povos que invadiam frequentemente o Delta do Nilo, e que possuíam aquele tipo louro, de olhos azuis, ainda hoje verificável nas montanhas do Atlas. O autor supõe estes os mais lídimos representantes dos atlantes. Que os lebos eram grandes navegadores, os quais se misturaram com os sardos, com os aqueus, com os pelestas de Creta, com os dardânios da Troada, e que, durante séculos, incomodaram egípcios e fenícios, sendo

[72] Biblia, *Reis,* I, 10-22.

a este secular conflito que se refere Platão quando diz da luta entre todos os povos do oriente mediterrânico e os atlantes!

Os escritores Fernandes J. Gonzalez e Saavedra, espanhóis, colaboraram na tese da identificação de Marrocos com a Atlântida.

O alemão Knötel, em 1893, defendia a mesma tese, e acrescentava não terem sido os atlantes uma entidade étnica ou civil, mas uma casta sacerdotal, e até mesmo uma comunidade religiosa que chegaria a impor a sua crença aos gregos. Dir-se-ia *atlante* como hoje se diz *cristão*...

Os alemães têm, evidentemente, o faro das teorias novas e fecundas.

A outra notável posição da Atlântida é a das regiões ao sul da Tunísia. Seu autor, o alemão Borchardt, compreendeu a facilidade com que os nomes geográficos emigram, e, para ele, o nome de *mar Atlântico* foi levado da região sirtica para o poente ibérico. Que o primeiro mar assim chamado era o *schotte* Djerid sobre o qual era a cidade que Platão tão maravilhosamente descreveu. Que as colunas de Hércules eram na comunicação desse lago com o Mediterrânio sirtico. Mais diz que se *Evenor* era, segundo Platão, o homem primeiro da ilha do Atlas, tal nome, sob a forma de *Uenur*, é ainda hoje corrente para os berberes, e para os indígenas destas paragens, como o daquele de quem descendem. Junto ao lago, pretende o autor haver descoberto vestígios da celebérrima cidade do bronze.

A posição da Atlântida no Sara é outra hipótese, divulgada em França pelo romance de Pierre Benoit, *L'Atlântide*.

Para complemento da norma africana é mister a referência à posição da Atlântida na Etiópia abissínica para o que é conveniente explanar a famosa Cosmogonia glaciar de Hörbiger, ou seja, a teoria das luas.

A *Cosmogonia glaciar* é uma criação de Hörbiger e Fauth, bem interpretada por Otto Ebelt na sua obra *Bases da Cosmogonia glaciar*.

Afirma a teoria que a água em estado de gelo tem alta importância na formação dos corpos celestes, envolvendo-lhes a

massa nodal. Fala no "frio espacial". A lua, por exemplo, possui uma camada de gelo, com cerca de 200 km de profundidade, a envolver o seu núcleo de massa estelar. As montanhas da lua são geleiras erguidas pela força das marés.

Os astros movem-se no Espaço repleto de hidrogénio, embora ténue, e os seus movimentos, resultantes da inércia e dum choque inicial, tendem a diminuir gradualmente ao passo que se aproximam de outros astros em que se hão-de precipitar. Assim, os planetas mais pequenos podem, em dado momento, entrar na zona de atracção de outros astros, ser *caçados* por outros planetas maiores, e ficar constituindo as luas desses grandes planetas. Uma lua gira em volta de outro astro, e em espiral, a aproximar-se do centro, acabando por se projectar no astro central.

Assim, antes da lua que presentemente nos alumia, já uma série de outras existiu, e até mesmo houve séculos sem lua, a que o *Apocalipse* faz referência! A lua que precedeu a actual caíu na terra, na passagem do período terciário para o quaternário: por isso Hörbiger dá aquela o nome de *lua terciária*. Ela mesmo provocou essa passagem de período geológico. Foi quando esta lua terciária estava prestes a tombar na terra que, pelo fenómeno da congestão das águas na linha do Equador, se deu a inundação da Atlântida. A Atlântida era, pois, na linha do Equador!

Aquela lua girando em torno da terra e acompanhando oscilantemente a linha equatorial, tendia, à medida que se aproximava, a alcançar a velocidade da rotação terráquea. Houve tempo em que, andando tão depressa como a terra, pareceu que a lua ancorou no firmamento sobre um certo ponto do Equador, aparentando somente um movimento oscilatório no sentido das latitudes. Então, as águas que, degelando, afluíam dos pólos à zona equatorial, faziam na terra uma cintura de alto-mar, que, pela ancoragem da lua, lhe davam o feitio dum ovo com a ponta virada para a dita lua ancorada. Mas a lua, em breve adiantou o passo e, com velocidade maior que a terra, dava mais que uma volta por dia. Por fim, tombou.

Por muito tempo deixou de haver lua, e a todos esses acontecimentos se refere o *Apocalipse*, segundo o dizer dos criadores desta teoria. O *Apocalipse* é a literatura acerca da lua terciária.

Entre vários povos, sobretudo na América do Sul, há tradição duma época mais feliz e sem lua. Os gregos tinham a mesma tradição, a dos *Proselenos*.

Depois da queda tornaram as águas a refluir aos pólos e, novamente, os continentes apareceram na cintura do mundo.

Que foi nessa ocasião, e pelo efeito da ancoragem da lua terciária, que se formaram os altos montes equatoriais da Abissínia. Mas há também quem explique a riqueza dos metais da Atlântida, referida em Platão, pela fragmentação da lua. Outros afirmam que os *terraços e caves* singulares, existentes nos montes abissínios, são os refúgios artificiais dos atlantes contra o cataclismo atlantídico.

c) *Norma mediterrânica*

Em seguida à teoria de Bartoli, para quem a guerra entre os atlantes e atenienses não era outra coisa senão uma versão mítica das guerras médicas, entre persas e atenienses – versão mítica engendrada por Sólon – aparece Latreille a afirmar que a Atlântida era a própria Ática. Isto escrevia-se por ocasião do restabelecimento do Estado Grego, em 1829.

Butavant pôs também a Atlântida no Mediterrâneo e, ultimamente, o geógrafo americano Balch, após umas escavações a que procedeu em 1921 na ilha de Creta, vem identificar esta ilha com a Atlântida. Diz que o império cretense de Minos teria sido destruído pelos atenienses e egípcios, cerca do ano 1200 a. C.; e que tudo isto condiz com a narrativa platónica.

Também a Palestina das Eras bíblicas, já de há muito vinha passando por posição da Atlântida.

No século XVI, Serranus, tradutor de Platão, reafirmava essa hipótese. E Bar argumenta: *Atlas* = *Atleta* = *Guerreiro* = *Israel* (que quer dizer: aquele que lutou com o senhor).

d) *Norma europeia*

De todos os autores o que mais seguiu à letra as "instruções" de Platão, única fonte atlantídica, foi o sábio alemão Adolfo Schulten. Para ele, o império de Tartessos, a Sul da Espanha, fora a Atlântida verídica e a que melhor se adapta à descrição de Platão, no que diz respeito à fertilidade, à orografia, riqueza mineralógica, etc.

A localização de Schulten é, pelo menos, a que mais se aproxima da posição geográfica da Atlântida de Platão, a qual projectava uma das suas extremidades na região gadírica ou seja, na região tartéssica, (Huelva). Platão refere-se também a Gádiro, irmão do Atlas.

A cidade do deus Posseidon era a velha urbe de Tartessos na foz do rio Tinto, antigo rio Tartesso.

Netolitzky, seguindo este tema, julga que o templo de *Poseidon*, de Platão, era o famoso templo de Melkart, fenício, de Gades, de que diz ter encontrado vestígios na ilha de São Pedro, junto a Cádis.

Muito recentemente, à base da botânica, é emitida uma nova teoria de *norma europeia*.

A Bretanha francesa, ou seja, a Armórica, revela um sistema botânico pré-histórico, e mesmo paleontológico, próprio dos climas continentais, isto é, dos climas de terras que se encontram muito distantes da orla marítima, sistema que hoje não seria susceptível de se dar aí. Isto mostra como as terras da Armórica estavam outrora mais longe do mar que a distância que medeia hoje entre o Reno e a própria Armórica.

Estudando, depois, as cotas de profundidade dos mares envolventes, reconstitui-se o prolongamento da terra francesa,

no sentido do Noroeste e na direcção da Irlanda, o que é confirmado pela própria tradição irlandesa.

Eis o continente desaparecido, já dentro das idades humanas, como se verifica em túmulos pré-históricos com vestígios de plantas actualmente impróprias do clima. O autor revela também o facto do abaixamento contínuo e actual das costas marítimas, e lembra o caso do afundamento das terras na Holanda, no século XIII, de que resultou a formação do vasto mar *Zuidersee*.

O continente armórico era a Atlântida de Platão, e os atlantes eram, nem mais nem menos, que os cimbros (que o autor erradamente identifica com os celtas).

e) *Norma periférica*

Passados sessenta anos sobre o descobrimento da América escrevia o espanhol Gomara que o Novo Mundo era o Continente a que Platão se referia como existindo do outro lado da Atlântida. Mas, em 1638, o filósofo e chancelar de Inglaterra, Francisco Bacon, vinha afirmar na sua obra célebre, *A Nova Atlântida*, ser a América a própria Atlântida, de Platão.

Daí em diante esta ideia figurou, não só em livros, como em mapas.

Mais recentemente, em 1855, Jacob Kruger, alemão, segue as mesmas ideias, e julga demonstrar que a América já havia sido descoberta pelos fenícios, e que, perdendo-se, depois, esse conhecimento exacto, ficara para a literatura dos egipcios a história duma Atlântida desaparecida.

Herman Wirth concebeu uma Atlântida tuleana ou esquimó, tentando, ao mesmo tempo, desfazer as barreiras entre a História e a pré-história. Nisso é ele engenhoso. Vai aos signos alfabéticos e afirma estar neles a história das concepções mais antigas do Homem, atirando a 15.000 anos de distância. Faz a signologia comparada entre a América e o Egipto e recompõe uma origem comum e evidente, - uma origem

esquimó. Diz que os lídimos, e directos descendentes dos atlantes conseguiram perdurar até 1903, na Groenlândia, em que se extinguiram os últimos esquimós *Sadlermiutes*.

Há na Groenlândia vestígios duma civilização antiquíssima, e dum tempo em que o clima era outro. E aí existia um vasto continente, quente, que iria do norte da América às ilhas Britânicas. Nas terras árcticas, cobertas de gelo, descobrem-se jazigos de lenhite e de hulha o que revela a criação de florestas hoje impossíveis nesses climas. Os troncos das árvores carbonizadas não revelam as camadas concêntricas próprias dos climas em que os frios invernais interrompem o crescimento. Ao contrário, denotam um contínuo crescimento e, portanto, um clima homogéneo. Assim, o eixo da terra passaria por outros pólos que não os actuais; os pólos estão em contínua mutação.

Por este acesso de frio, fugiram os tuleanos do seu continente, e a toda a parte levaram a sua civilização: à América, à Europa e à África. Assim, Wirth, combate a ideia preconceituosa do *ex oriente lux*.

A tendência, que possuem certos povos, a emigrar do norte para o sul, é o mesmo movimento adquirido nesses tempos atlantes da invasão do frio.

Entre as colónias projectadas pelos atlantes no Sul está a da região do Niger onde Frobenius estudou uma antiquíssima civilização e achou vestígios do culto de *Poseidon*, que Wirth entende serem relativos ao culto de Úrano inspirador duma alta civilização regulada pelo calendário.

Que na Nigéria, como na Etrúria, como na China, se reproduzem os mesmos caracteres ideológicos cuja origem é a civilização tuleana.

Nesta ordem de ideias John Gorsleben, na sua *Era Nupcial da Humanidade,* descobre na Atlântida tuleana um foco de irradiação de cristianismo, mas de um cristianismo muito anterior, e sob outra forma. Diz que há na América um culto de mistérios análogo ao culto cristão.

A teoria escandinava, de que é autor o sueco Rudbeck, que a expendeu em 1675, em Upsala, baseia-se, em parte, na astronomia de Homero, e na identificação da Ilha de Ogígia onde Ulisses foi retido pela ninfa Calipso, filha do Atlas, com a própria ilha do Atlas ou Atlântida. A capital da Atlântida seria Upsala, ela própria; essa, a cidade do deus *Poseidon*.

O autor, vê na referência às constelações que orientaram Ulisses na sua saída de Ogígia, uma demonstração da posição árctica desta ilha que é, para ele a Atlântida.

Em 1779, publicavam-se em Paris duas obras notáveis sobre a Atlântida, cada uma com a sua teoria diferente, mas que cabem dentro desta mesma norma periférica. Uma delas, *Histoire de l'Astronomie ancienne*, de Bailly, punha a Atlântida nas ilhas Spitzberg, inaugurando, assim, a tese de ter havido nas regiões árcticas um clima tropical.

A outra obra, *Histoire Nouvelle ou Histoire des hommes*, pretendia que a terra dos atlantes fosse o Cáucaso, combatendo com esta nova hipótese a ideia de que a Atlântida fosse a ilha de Ceilão, como alguns afirmavam. Bartoli tinha-a suposto na Pérsia, ou antes, dissera que Platão inventara a Atlântida, aludindo intimamente à Pérsia.

O alemão Johann Christian Bock via a Atlântida na África do Sul.

Tudo isto cabe na *norma periférica*.

f) *Norma pluralística*

O iniciador: o alemão Karst, sua edição de Heidelberg. "Na base das minhas ideias sobre a Atlântida – dizia Karst numa carta enviada a Bessmertny – está a velha concepção cosmológica duma Etiopia a leste e duma Etiópia a oeste; duma ilha do Sol a leste e duma outra a oeste; de colunas de Hércules ao Oriente e ao Ocidente. "A Atlântida Oriental ou indo-oceânica continua-se a Noroeste por um *hinterland* Turaniano-este-atlântico. A Atlântida Ocidental ou hesperidiana deve ser

representada analogamente à precedente no tocante à sua ligação com um ante país hiperbóreo-Oeste-europeu que se estenderia como continente insular do Noroeste da Europa, e ao de lá da Grã-Bretanha e da Irlanda, na direcção da América. As minhas duas Atlântidas que suponho ligadas por uma civilização comum, em parte sob o ponto de vista etnográfico [pela sua população], compreenderiam, ainda, respectivamente uma parte sud-etiópica e uma parte norte-hiperbórea".

As duas Atlântidas são, pois, como que as duas partes em que o mundo, por algum tempo, se considerou dividido, partes mais ou menos simétricas. A primitiva, ou de Leste, compreendia nas extremidades Norte-Sul as regiões turanianas e as indo-oceânicas. A segunda, ou do Oeste, sendo dirigida no sentido da América, ligaria as regiões líbico-hesperidianas às terras hiperbóreas da Islândia, da Grã-Bretanha, da Groelândia, e da América.

A noção simestrista participa muito na constituição dos sistemas geográficos.

O geógrafo Estrabão (di-lo Karst) refere-se a dois mares Atlânticos, um ao sul da Ásia, e outro a ocidente, os quais supõe ligados entre si. Pretende Karst demonstrar também a existência dum povo *atlante* no sudoeste asiático, e diz que o monte *Djebel Athal*, no Sudeste da Arábia, é a primeira cordilheira do Atlas, a qual estaria junto das primeiras colunas de Hércules que seriam no golfo de Aden ou no golfo de Omã! Mais afirma que uma velha tradição arábica fala de um povo denominado *Ad*, o qual dominava outrora na Ásia ocidental, e perecera num dilúvio. Karst deduz que *Ad* é a redução do termo *Adalandi*, ou *Adelanti*, que daria *atlante*!

Depois, o autor, entra no âmbito da linguística, e aí as excursões são ao máximo, conduzindo-se às soluções mais imprevistas. Criou este autor tantas possibilidades, mobilizou tantos povos e nomes geográficos que seria difícil não ter tocado na verdade, aqui e ali.

*

* *

Todas estas hipóteses de localização da Atlântida, incluindo a de Platão, que a havia suposto no Golfo de Gádir, são falhas do pensamento da Continentalidade, e, por tal, não se podem manter. A posição no Grande-Mar até então conhecido, o Mar Mediterrâneo, aquém do Continente envolvente, é a única que serve por ser a única que condiz com o relato do sacerdote egípcio. Depois, considerando, ainda, o problema de *Aea*, o problema da Atlântida fica definitivamente resolvido na posição siciliana.

DOMINGUES LEITE DE CASTRO

A Atlântida [73]

[...].Trata-se apenas de responder a esta pergunta: o que era a Atlântida?

Considerados os dados do problema, tais como eles se nos apresentam, temos o nosso campo de investigação muito circunscrito. A Atlântida, se não se abismou no oceano, como muitos ainda querem, deve estar do lado do *mar inavegável* ou do Pas de Calais, não pode fugir a uma das Colunas, o Atlas ou o ... Abas, digamos por brevidade.

Como é já sabida a opinião de quem escreve estas linhas, vejamos em primeiro lugar e perfuntoriamente o que se encontra do lado do Atlas, mostrando assim como nada temos a procurar por aí, não recorrendo ao cataclismo.

No mar austral, não há ilha nenhuma que nem de longe corresponda à descrição do filósofo. A Ogígia de Homero, Analfe de Apolónio (a Madeira), a ilha *silvosa* [74] como lhe chama o poeta, era desabitada e um bosque cerrado. Dando ao termo *ilha* uma significação mais larga, no litoral da Líbia, encontravam-se os Lotófagos de Homero ou Lixitas do périplo de Hanão, "o último povo culto desta parte da Líbia" [75], que se distinguia pela raça e condições favoráveis do seu viver, nada dá a perceber que tivesse uma importância de maior. Caminhando

---

[73] *Rev. Guimarães*, v. 28, n. 1-2 (Jan.-Abr. 1912), p. 8-6

[74] Sarmento, *Argonautas*, p. 71.

[75] Idem, *ibidem*, p. 66.

mais para sul, encontravam-se as Hespérides (Canárias) [76] tão *silvosas* como a Madeira, e que nem visitadas eram pelos povos vizinhos. As ninfas, que as habitavam, só pareciam ninfas ao longe; ao perto eram árvores. Contudo o génio grego cobriu-as de fábulas e dos encantos da sua poesia. O *jardim das Hespérides* é célebre na mitologia e deu origem a descrições, que poderiam fazer duvidar um pouco se não entraria nelas a ideia da grande ilha. Refiro-me à ilha inominada de Diodoro Sículo [77], onde parece transparecer uma vaga recordação da Atlântida, desenvolvida com motivos das Hespérides. Lembra às vezes a Madeira, mais ainda... eu sei lá o quê? as ilhas da América! Mas, como essa ilha, verdadeiramente misteriosa, é dada ainda como existente no tempo de Diodoro (séc. I) não pode ter nada a ver com a Atlântida de Platão. E, além do que deixamos apontado, nada mais há nas ilhas e praias do mar do Sul senão os Cíclopes, selvagens puros, e o árido e imenso Sara. Não é para aqui a Atlântida não; e razão tiveram aqueles que, procurando-a por estes sítios, a abismaram.

Voltemos, pois, a atenção para a Coluna do norte. Aqui não há dúvidas, a não se querer objectar com o próprio nome, visto o Atlas ficar para o extremo sul e a Atlântida para o extremo norte; mas o Atlas não foi para os antigos só o monte da coluna, "a mais antiga forma do mito de Atlas parece dever a sua origem à concepção de uma gigantesca cordilheira de montanhas, que se prolonga pelo litoral do disco terrestre [78]. Diodoro diz: "Os Atlantes habitam o litoral do Oceano e uma região muito fértil... O seu império (de Uranus, primeiro rei da Atlântida) estendia-se quase por toda a terra, mas principalmente do lado do ocidente e *do norte"* [79]. Expunhamos, pois, sem receio as razões concretas, que autorizam a solução que se defende. São elas as que seguem, conformes aos conceitos de Platão:

[76] Idem, *ibidem*, p. 16.
[77] Diodoro, V, XIX-XX.
[78] Decharme, *Mythologie de la Gréce Antique*, 2ª ed., p. 315.
[79] Diodoro, *ibidem*, p. 236.

I.Não pode haver dúvida de que a Inglaterra é uma ilha e uma grande ilha, situada no Grande Oceano, muito capaz de criar em si os numerosos exércitos de que fala Platão e Teopompo, como ainda veremos, muito principalmente se incluirmos no domínio da Atlântida a Irlanda e outras ilhas, como o mesmo Platão autoriza[80].

II. Não há igualmente dúvida que, colocada a Coluna de Hércules na extremidade do Pas de Calais, ninguém poderá sair, por exemplo, do Tamisa para as regiões ocidentais da Europa, quer siga para o Reno e imediações, quer venha desembarcar em qualquer ponto do litoral ou entrar pelo estreito de Gibraltar, sem que passe em frente da mesma coluna.

III. A divisão política da Ilha dos Albiões é a mesma da Atlântida. As antigas Cassiterides, as celebradas ilhas do estanho, são na opinião de Mullenholf a Ilha dos Albiões e a dos Hibernos, para Sarmento apenas a região meridional daquela, sendo que a palavra *ilha* das línguas semíticas também significava *península* e *região* [81]. Para nós vale o mesmo. Ora, as Cassitérides são, na opinião de Ptolomeu, em número de dez: "Cassiterides insulae decem" [82], e Estrabão diz também: "As ilhas seguintes, as Cassitérides, são em número de dez, muito próximas umas das outras" [83]. Tão próximas que até não eram ilhas. E da Atlântida, diz Platão, que era um reino dividido igualmente em dez reinos, sob a hegemonia de um deles. [84].

IV. Os habitantes da região chamada "As Cassitérides" lembravam-se em épocas históricas de um tempo em que o soberano da grande ilha os dominava. Marcellus, na obra intitulada *Ethiopicas*, falava de dez ilhas situadas no Oceano

[80] Vide supra, trecho de Platão.
[81] Sarmento, *Orla marítima*, 1ª ed., nota 43.
[82] Ou Catiderides. Ptolomeu, *Geografia e Atlas de Mercator*.
[83] Estrabão, *Historia Natural*, III, 5, 11.
[84] Platão, *Critias*, p. 588 e 595.

Atlântico, perto do nosso continente... Ajuntava ele que os moradores destas ilhas tinham conservado memória de uma ilha muito maior, a Atlântida, que por longo tempo exercera domínio sobre as outras ilhas do Oceano Atlântico [85]. O ilustre sábio, M. de Jubainville, de quem é este extracto, escreveu na parte interrompida: "et dans lesquelles nous pouvons peut-être reconnaître les Canaries"; mas, salvo o devido respeito, isto parece um manifesto lapso, porque *dez ilhas no Atlântico e perto do nosso continente*, da Europa, são inquestionavelmente as Cassitérides.

Estas Cassitérides, apesar de serem as penínsulas a Sul da Inglaterra, graças provavelmente ao seu nome de ilhas, viajaram por largo. Ptolomeu colocara-as ainda a muito pequena distância do *Promontorium Artabrum*, no Noroeste da Espanha. Dinis Periegeta tinha-as posto ao pé do cabo de S. Vicente. Contudo, ninguém hoje duvida do que sejam. Esta preciosa notícia pertence, pois, de direito, à Atlântida = Inglaterra.

V. As tradições:

a) Conta o grande filósofo que o formidável embate dos atlantes com os gregos se deu nove mil anos antes dele [86]. Não é pouco..., mas tamanha antiguidade está pelo menos em proporção com o pseudo-desastre da Atlântida. Felizmente o mesmo autor fornece outros dados mais verosímeis, pois, dizendo também que a fundação de Atenas remontava a oito mil anos [87], acrescentava que os nomes de Cecrops, Erecteu, Erictonius e da maior parte dos personagens anteriores a Teseu eram recordados na narrativa, que dessa campanha os sacerdotes fizeram a Sólon [88]. Segundo a cronologia vulgar, isto leva-nos ao século XIII, pouco mais ou menos, e como a invasão foi mil anos antes, sujeitos a uma dedução proporcional,

[85] Jubainville, *ibidem*, v. 1, p. 20.
[86] Platão, *Critias*, p. 582.
[87] Idem, *Timeu*, p. 488.
[88] Idem, *Crítias*, p. 583.

poderemos atribuir os séculos XIII ou XIV antes de Cristo ao extraordinário acontecimento.

b) No extracto que transcrevemos no princípio deste artigo, não se diz que o exército invasor conquistasse a Europa e a África. Ao contrário, os reis da Atlântida dominavam já por esse tempo, além da sua ilhas, "outras ilhas mais e partes do continente", isto é, além da ilha, dominavam já todo o litoral atlântico, como nos diz Diodoro Sículo [89], e para dentro do estreito de Gades, todo o litoral da Líbia até o Egipto e o da Europa até a Tirénia. Foi nessas condições, muito capazes de reduzirem as proporções do caso, que um novo exército, vindo da Atlântida, tentou invadir o Egipto e Atenas, que estaria quando muito nos princípios da sua gloriosa história.

c) Na divisão das terras, que entre si fizeram os deuses, coube a Atlântida a Neptuno. Este apaixonou-se por Clito, filha de Evenor, um dos primogénitos da terra e de Leucipe. Unindo-se a ela, por cinco vezes Clito concebeu, tendo dois filhos varões de cada vez. Neptuno dividiu entre eles o seu reino, dando a todos a realeza sob a soberania do mais velho. Este chamou-se Atlas "e foi dele que toda a ilha e o mar tiraram o nome de Atlântico. O segundo dos primeiros gémeos teve em partilhas a extremidade da ilha, vizinha das Colunas de Hércules [as falsas] e da terra chamada ainda hoje gadírica, por via desta vizinhança; em grego o seu nome era Eumele, Gadira na língua do país, e foi este o nome que pôs à terra" [90]. Gadira é Gades, é o velho, culto e rico Tartessos, é a Espanha. A Atlântida e Tartessos eram pois irmãos gémeos.

Platão diz o nome dos oito restantes soberanos; mas esses não têm interesse para nós, pelo menos que eu lho possa reconhecer.

Deve porém notar-se o sabor mítico de todo este trecho. Há os amores de deuses com as filhas dos homens, os heróis epónimos pelo menos dois, os reis no número sacramental de

---

[89] Nota 9.

[90] Platão, *Crítias*, p. 588-9.

dez de todas as histórias primitivas. Dá-se aqui todavia o caso de que esses reis não são sucessivos mas contemporâneos, e é o facto deles se nos apresentarem assim, que me autoriza a supor que esta legenda, talvez de antigos tempos desfigurada, fosse a origem da divisão, também em dez, das Cassitérides. Não sei se isto foi já estudado; mas não pode duvidar-se que estes e outros elementos, que se encontram por desvairadas partes, são os elementos desconjuntados de uma história mítica perdida talvez.

d) Teopompo, autor do século IV como Platão, mas um pouco posterior, dá também notícia da Atlântida. Conta ele que um dia os seus habitantes, em número de dez milhões, nada menos, tentando invadir as nossas ilhas, atravessaram o Oceano e chegaram até o país dos Hiperboreos. Aí, como lhes dissessem que este povo, de todos os da Europa, da África e da Ásia, era o mais feliz e eles o vissem muito miserável, desistiram do seu intento [91]. Isto é inquestionavelmente um facto diverso daquele que narra Platão. Enquanto um se passa no sul da Europa e do Mediterrâneo, o outro acontece no extremo norte, na região dos hiperboreus. É tudo quanto há de mais oposto. São, pois, dois factos notáveis conhecidos da história da Atlântida.

e) Dizia também Sileno a Midas, como continua narrando Teopompo: "A Europa, a Ásia e a África são ilhas que o Oceano abraça com o seu curso, como num círculo. Não há senão um único continente e esse está em outra parte" [92]. Esse continente é a Atlântida de onde partiram os invasores do país dos Hiperboreos [93]. Esta ideia encontra-se com mais desenvolvimento em Plutarco. Começa ele por um verso de Homero:

"Longe de nós, no mar alto, a ilha de Ogígia" dista da Grã-Bretanha, do lado do Ocidente, cinco dias de navegação".

[91] Jubainville, *ibidem.,* I, p. 17-18.
[92] idem
[93] idem

É a Madeira, segundo Sarmento. Talvez o não seja para Plutarco; veremos isso já adiante.

"Há três outras ilhas, situadas para o poente de verão, tão afastadas da primeira quanto elas o são umas das outras. É numa destas ilhas, segundo a tradição dos bárbaros do país, que Saturno está prisioneiro por ordem de Júpiter, o qual, tendo recebido de seus pais a guarda das ilhas e do mar adjacente, que se chama Saturnio, se estabelecera um pouco mais abaixo".

O Mar Saturnio é sem questão o Mar do Norte. O lugar onde Saturno se encontra preso pelo filho é o Tartaro, perto dos Feácios de Sarmento, na região da foz do Eridano, o Reno. As três ilhas ignoro onde sejam, mas uma delas é essa região da foz do Reno. Para Plutarco, parece ser Ogígia, mas não pode ser, porque essa ilha é uma das três, além de Ogígia. Passa-se tudo no litoral do Mar do Norte.

"Dizem eles mais que o grande continente, que rodeia o Oceano, está afastado da ilha de Ogígia, cerca de cinco mil estádios, e um pouco menos das outras ilhas; que não se pode navegar aí senão em navios movidos a remos, porque a navegação é lenta e difícil, por via da grande quantidade de lodo, que acumulam na praia os muitos ribeiros, que descem do continente, formando aterros, que impedem o fundo do mar; o que fez acreditar aos antigos que ele estava gelado."

Continuamos no Mar do Norte. O grande continente é certo a Atlântida de Platão e Teopompo, é outra vez a Grã-Bretanha; mas isto parece não ter visto Plutarco. Os antigos são os Fenícios das primeiras viagens da descoberta e exploração. A distância de cinco mil estádios até Ogígia está em conformidade com a primeira medida de cinco dias, pois a viagem de mil estádios por dia não é novidade nenhuma. O mar de lodo é a confusão do *mar inavegável* do Atlas, que já vimos ter-se dado mais vezes, com o *mar obscuro*, o *mar de nevoeiros, o mar gelado* do norte. Este grande continente quem o habita?

"As costas do continente, acrescentam eles, são habitadas por Gregos, que se dilatam ao longo de um golfo não mais pequeno que o *Palus Meotide*, e cuja embocadura corresponde

precisamente à do Mar Cáspio. Consideram-se eles a si como habitantes da terra firme, e a nós como insulares, porque a terra que habitamos é rodeada pelo mar.”

O golfo de que se trata é o Mar da Mancha, comparável ao Mar de Azof. Na geografia antiga, o Mar Cáspio tem realmente uma abertura toda virada ao norte, assim como o Mar da Mancha tem a sua, o Passo de Calais, igualmente virada ao norte. É a teoria de Estrabão, dominante no tempo de Plutarco. Os habitantes, que se estendem ao longo do Mar da Mancha, são, pois, os moradores das antigas Cassitérides. E são gregos, porque o são também os habitantes da Grã-Bretanha, visto serem estes os que se prolongam pelo litoral da Mancha. Quem o afirma não é Plutarco, o autor vai já revelar-se.

“Os companheiros de Hércules, deixados neste país, misturando-se com o antigo povo de Saturno, tiraram da obscuridade a nação grega, que estava quase extinta de asfixiada sob as leis, os costumes e a língua dos bárbaros, restituindo-lhe o antigo esplendor.”

O país de que isto se conta é a Feácia de Sarmento. Continuamos sempre no Mar do Norte. Os bárbaros serão *Lestrigões* ou *Cíclopes*, que os arianos encontraram já ocupando a Europa, quando da sua grande migração do século XVIII, pouco mais ou menos. No século XI ou XII chegaram aí os companheiros de Hércules, isto é, os fenícios, por mais de uma vez, andando à procura do inexaurível velo de ouro, na sua grande faina comercial. Ao retirarem-se de uma delas, deixaram guarnição na terra, para bem do seu negócio, e foi essa gente que espertou os brios e deu força aos arianos para se imporem aos bárbaros.

É certo que este serviço não lhes ficou de graça: “Assim, desde esta época, é Hércules o deus que eles mais veneram, e Saturno em segundo lugar” [94]. Quer dizer: os fenícios tomaram a supremacia política... e comercial. Ainda hoje seria o mesmo.

---

[94] Plutarque, *OEuvres morales* (trad. Ricard), Paris, 1791, t. XIII, p. 130-133.

As testemunhas, que afirmam estes factos, são o mais autênticas possível. Os fenícios conheciam os gregos como as suas mãos. O Tártaro da notícia supra, tal como a dá o autor, não representa a concepção semítica, mas sim a ariana, a grega [95]. O deus preso no Tártaro por ordem de Júpiter, seu filho, é Saturno. Saturno é o deus supremo dos Sículos, e os Sículos são Lígures [96]. Os Lígures são arianos como os *Graicoi* da Itália [97] e da Grécia, e Lígures aparecem de mistura com gregos em todo o litoral do Mar do Norte, do Atlântico e do Sardo [98].

São conhecidas as tradições gregas de que Sarmento extraiu a história da primeira viagem fenícia à Inglaterra e a demonstração do seu desenvolvimento social; o roteiro fenício que documenta o importante tráfico comercial da Inglaterra com os fenícios e os povos do litoral atlântico desde tempos muito remotos; igualmente o são as tradições câmbricas e da Irlanda antiga, manifestando nessas ilhas do noroeste europeu uma grande potência militar em terra e no mar, populosa e culta. Daí saíram por vezes grandes expedições, que se encaminharam, para nascente umas, outras para sul. Algumas serão aquelas de que chegaram os ecos até Platão e Teopompo.

Resumindo:

- A Inglaterra é uma grande ilha do Oceano;

- Fica em frente e junto de uma das Colunas de Hércules verdadeiras;

- Bate-lhe as praias o mar obscuro e pavoroso, o mar dos nevoeiros;

- Ela é o continente, que fica do lado de lá do braço do Oceano, que cerca o nosso mundo, é a grande ilha;

- Os seus habitantes eram de uma raça que realmente dominava o litoral do Mar do Norte e do Atlântico, o Mediterrâneo pelo norte até à Tirrénia, pelo sul até ao Egipto provavelmente;

---

[95] Piele, *Manuel de l'histoire des religions* (trad. Vernes), 1885, p. 296.
[96] Jubainville, *ibidem*, I, 323.
[97] Idem, *ibidem,* I, 438.
[98] F. Martins Sarmento, *passim.*

- As suas tradições nacionais narram grandes expedições para o país dos Hiperboreos (Teopompo) e para o Mediterrâneo (Platão).

Não ficam assim satisfeitas todas as condições do problema, tais como as apresentam os antigos?

Que será preciso ainda para se poder afirmar que a Atlântida era mais um dos vários nomes com que os fenícios designavam, escondendo-lhe a situação, as ilhas do estanho? portanto, que a Atlântida era a Inglaterra?

A Atlântida e as dez Cassitérides [99]

"[...] L'école moderne qui ne voit que des mythes aux origines de l'histoire et qui se fait un bonheur de reléguer au rang des fables les événements les plus simples et les mieux constatés."

Arbois de Jobainville, *Les premiers habitants de l'Europe*, p. 287.

Este artigo amplia ou substitui o que publiquei sob o título de *A Atlântida* a páginas 5 do volume vigésimo oitavo desta mesma Revista, pois é coisa muito diversa embora entre os resultados, a que chego num e noutro, não haja muito mais do que a diferença, que há sempre, entre a parte e o todo.

O problema é ainda mais simples de resolver, mas ao mesmo tempo mais compreensivo, do que se me tinha afigurado na ocasião. Em balde Platão se esmerou em dar-nos todas as garantias de autenticidade da história que nos contava. Ele citou-nos as autoridades em que se fundava, os sacerdotes de Saís e Sólon; disse-nos quem guardava ainda no seu tempo os escritos do grande filósofo, as testemunhas a quem este tinha

[99] *Revista de Guimarães*, v. 29, n. 3 (Jul. 1912), p. 97-115.

narrado a velha história; determinou a época do sucesso com a aproximação possível; avisou-nos de que os nomes gregos dados aos filhos de Poseidon, e portanto aos seus reinos, eram a tradução de outros em egípcio, tradução por sua vez dos primitivos na língua do país, o que indicava logo serem esses nomes meros traços descritivos mais ou menos característicos dos povos ou cidades mencionadas. Infelizmente Platão não se contentou em dar-nos uma data aproximada, mas histórica, e deu-nos outra em número certo de anos, mas *geológica*; infelizmente ainda, querendo explicar o desaparecimento da grande ilha, que ninguém encontrava onde era esperada, deu-nos como facto certo e averiguado a hipótese precipitada de um cataclismo grandiosamente dramático, que absorveu a atenção das gerações que se lhe seguiram. E assim, estes elementos de somenos valor tornaram-se o principal da lenda, e, sendo puras ilusões dum grande espírito, tornaram-se a única Verdade, que todos procuravam, inutilizando por completo, para a ciência, certamente o mais antigo documento da história do ocidente conhecido até hoje.

Isto me parece poder estabelecer-se muito facilmente e deixar provado nas poucas páginas, que vão seguir-se.

*
* *

Quando os deuses procederam à partilha do mundo, coube a Poseidon, deus do mar, a Atlântida. Um dia que ele andava visitando os seus domínios, chegou a uma planície deliciosa, adiante da qual, num monte não muito elevado, vivia Evenor, *o valente*, um dos primogénitos da Terra, com a sua companheira Leucipe, “a do cavalo branco”, e a “dócil (?)” Clito, sua filha única. Como na Grécia, onde foi seu costume de sempre, Poseidon amou a rapariga e, ao falecimento dos pais, uniu-se a ela. “Cinco vezes Clito concebeu e, de cada uma delas, deu o ser a um par de gémeos do sexo masculino. Poseidon criou-os, pôs-lhes nomes e mais tarde dividiu a Atlântida em dez porções, dando uma a cada filho. Ao mais velho dos

primeiros gémeos deu a morada da mãe com a terra vasta e fértil, que se estendia ao derredor, e fê-lo rei de seus irmãos, aos quais também fizera soberanos de grande multidão de homens e extensão de terra. Esse primeiro gémeo e primeiro rei chamou-se Atlas e foi dele que toda a ilha e todo o mar tiraram o nome de Atlântico. Seu irmão, segundo gémeo, teve em partilha a extremidade da ilha vizinha das Colunas de Hércules e da terra ainda hoje chamada gadirica por via dessa vizinhança; chamava-se em grego Eumele e na língua do país Gadira, e foi este o nome que pôs à região" [100] .

Não pode haver duas maneiras de entender estas palavras de Platão. Nestes dois reinos ou porções da Atlântida trata-se indubitavelmente de Gadira (Cádis), o velho e opulento Tartessos ou *Tarshisch*, que havia de guardar mais tarde o monopólio comercial do Ocidente, tão falado depois nas escrituras sagradas dos Hebreus; trata-se também da região do Atlas, igualmente bem conhecida e afamada na mitologia grega, e tão vizinha daquela que, pelo maciço triangular, que a termina ao noroeste, tão pejado de tradições, apenas os separa o estreito de Gibraltar.

Sendo isto assim, como é, e examinado com o espírito isento de quaisquer preconceitos, começa já a ver-se o que pode ser a Atlântida, a resenha geográfica das comunidades políticas ou comerciais do Ocidente numa época remotíssima. Começa a ver-se; mas nós precisamos da certeza, e, para a alcançarmos, Platão não nos dá mais informações do que as que porventura constem dos próprios nomes dos filhos de Poseidon, traduzidos do egípcio para grego e para o egípcio da língua indígena.

São os seguintes, conforme um dicionário da língua grega, menos os dois primeiros:

1º grupo de gémeos
Atlas – "celui qui supporte de compagnie" [101]

[100] Platão, *Critias*.
[101] Jubainville, *Les premiers habitants de l'Europe*, v. 2, p. 25.

Gadira – "la forteresse" [102] ou Eumele, "que tem muitas e magníficas ovelhas".

2º grupo

Amphère – "controvertido, disputado".

Eudemon [103] – "feliz, afortunado, cuja sorte é próspera: alguma vez rico, opulento". A raiz *daimon* significa "deus, demónio, no plural os manes, os génios infernais, as sombras dos mortos".

3º grupo

Mnésea – "reminiscência, saudade".

Autochthones – "indígena".

4º grupo

Élasippe – "que anima os corcéis, cavaleiro, escudeiro".

Mesora [104] – "que serve de limite, marco servindo de limite".

5º grupo

Azaès – "fuligem, negrura de corpo queimado, borra seca, sujidade".

Diaprépès – distinto, notável, ilustre. *Prepo* – fazer-se distinguir. *Dia* – Júpiter?

Eis o que dizem os nomes da lista de Platão, nomes dos filhos de Poseidon e dos seus reinos. Para a pesquisa dos países a que devem ser aplicados, nada por ora nos adianta; matéria para hipóteses, um ou outro débil raio de luz na noite tenebrosa; mas não passa disto.

Desde que este assunto começou a preocupar-me, a coincidência da divisão da Atlântida em dez reinos com a

[102] Kiepert, *Manuel de Géographie ancienne*, Paris 1887, p. 257.
[103] Platão (ed. de Bipontium), 1787; a tradução de Schwalbé traz *Évémon*.
[104] *Bipontium*. Schwalbé leu *Mestor*.

divisão das Cassitérides em dez ilhas causou-me sempre uma tal ou qual suspeita. Infelizmente daí também nos não pode vir auxílio nenhum; pois que ainda hoje se discute o que eram as Cassitérides. Mullenhoff via-as na Inglaterra, Sarmento nas regiões meridionais da mesma ilha, Mr. Salomon Reinach nas Scilly, embora consideradas como lugares de depósito, visto não haver estanho nelas, e Mr. Louis Siret na Armórica. Todos para o norte; mas nenhum insistindo na divisão em dez, apontada por Estrabão e Ptolomeu. Desta forma, impossível fazer uma aproximação qualquer. E, se mais tarde, vier a poder-se fazer, será em benefício das Cassitérides e não dos reinos da Atlântida. Devo porém a essa impressão o pensamento de estabelecer com as ilhas conhecidas das relações antigas a aproximação que não podia realizar com as Cassitérides. É o que vamos fazer com os dois poemas de Avieno, começando pela *Descriptio Orbis Terrae*, versão livre de Dinis, *o Periegeta*.

São estas as ilhas que menciona no Mar Exterior [105]:

1ª - Hespérides
2ª - "Erythia"
3ª - "Sacrum mons", incluído no número das ilhas, como se vê dos versos 736-738.
4ª - "Britanorum, hae numero geminae".
5ª - "Et brevis e pelado vertex subit".
6ª - "Thulé",
7ª - "Insula aurea".

Ao todo sete. Para obter-se o número *consagrado* de dez, seria preciso desdobrar as *Britanorum* e contar as Hespérides por três, como na fábula! É forçado. Além disso, são relativamente modernos os elementos de que se serviu, posteriores a *Pytheas*, mas ainda envoltos nos sonhos lendários da *Erythea*, etc. Fornece porém informações principalmente negativas, de valor; ver-se-á depois.

---

[105] Versos 739 a 771.

Os povos, que conhece são:

os *Mauri propter columnas*;
os *Iberos magnanimos*.
Ili super Oceani borealis frigida tangunt,
Aequora.
e os Bretões.

Seremos mais felizes com a outra obra do mesmo autor, *Ora Marítima*, feita sobre um périplo ou periegèse do séc. VI a. C. As ilhas do Ocidente, que menciona, são as seguintes:

1ª - *Insula Gadir* (v. 283).
2ª - *Insula Cartara* (v. 255).
3ª - *Insula Agonida* (v. 214; há aí duas ilhas, mas a mais pequena nem nome tem).
4ª - *Paetonion insula* (v. 199).
5ª - *Insula Achale* (v. 183).
6ª - *Pelagia insula* (v. 164).
7ª - *Insula duas* (v. 159; inabitadas de pequenas que são).
8ª - *Insula Albionum* (v. 112).
9ª - *Insula Sacra* (v. 108).
10ª - *Insulae Oestrymnides* (v. 96; não diz quantas).

Agora temos as dez. Os povos que as habitam são: na nº 10 os *Oestrymnios*, na nº 9 os Hibernos, na nº 8 os Albiões, nas seguintes e pela mesma ordem os Draganes, Lígures, *Saefes*, *Cempses*, velhos e novos. Faltam-nos os habitantes de Atlas e Gadir; mas esses sabemo-los nós.

É preciso agora tirar a limpo se da comparação das três listas umas com outras ressalta alguma luz que esclareça o nosso problema. Para isso é preciso manter cuidadosamente a ordem em que os diversos lugares foram encontrados em cada lista, apenas me autorizando a espaçar alguns na 2ª, manifestamente deficiente, segundo a sua correspondência conhecida. Assim:

1ª	2ª	3ª	4ª (povos)
Atlas	I. Hespérides	Atlantes	
Eumele-Gadira	*Erythia* (p. Gades)	Gadir	Tartéssios
Amphère		Cartara	*Cempses* antigos
Eudemon	Sacro	Agonida	*Cynetes*
Mneséa	Paetonium	*Cempses*	
Autochthone	Achale	*Saefes*	
Elasippe	Pelagia	Lígures	
Mésora	Insulas duas	Draganes	
Azaes	I.Britannorum	I.Altionum	Bretões
Diaprépès	I. Britannorum 2	I. Sacra	Hibernos
	?	I. Oestrymnides	
	Thulé		
	Insula aurea		

Ninguém me estranhará com certeza que eu tenha feito descer na 2ª relação o Sacro à correspondência dos *Cynetes* na 4ª. Na 3ª, falta o Atlas e crescem os *Oestrymnides*; naturalmente porque o autor não tinha de ocupar-se do Atlas e, quanto às *Oestrymnides*, porque a geografia da região tinha mudado, como se verá. Podemos agora, estudando cada um dos reinos da Atlântida, ver o que nos quis dizer o autor desconhecido da notícia de Platão, sendo bom todavia observar desde já que na *Ora marítima* as ilhas significam sempre, *ou indicam*, uma cidade, sendo mesmo por isso que o anónimo, autor da periegèse, que serviu de base ao poema de Avieno, apenas cita uma ou outra, que lhe convém mencionar, deixando as restantes sem menção.

I – *Atlas*

Não tenho a este respeito nada a acrescentar de essencial ao que já fica dito. Não posso porém deixar de notar que a etimologia de Jubainville se acomoda muito mais rigorosamente ao Atlas de Platão do que ao Atlas da Coluna. É muito mais natural dizer-se que *suporta companhia* o monarca, que herda o seu império dividido por mais nove irmãos, do que chamar companhia à coluna com que posteriormente o fizeram aguentar-se. Não deixemos também de observar que Heródoto (e outros depois) ainda conheceu no noroeste da Líbia um povo chamado Atlantes [106], embora os geógrafos modernos o não vejam, mesmo quando copiam do próprio pai da história a relação dos povos que então o habitavam, talvez receosos de toparem com um povo mítico, que comprometia a sua seriedade. Parece-lhes absurdo, penso eu, que numa região de sempre chamada Atlas pudesse haver um povo, uma tribo chamada Atlantes! fosse Atlas o que fosse, aqui sem dúvida um herói epónimo como tantos, a personificação dum povo.

II – *Eumele*

Eumele e Gadira não significam a mesma coisa; mas a significação de Eumele ajusta-se perfeitamente à *Gadir*, capital dos Tartéssios. Estamos na moderna Andaluzia ainda hoje afamada pela produção dos seus *merinos*. É a Turdetânia de que Estrabão dizia: "Antigamente vinham-nos também de lá muitos dos seus tecidos, dos seus estofos. Hoje são ainda mais procuradas as suas lãs do que as coraxianas; na verdade não há nada mais belo, e, ao vê-las, explica-se perfeitamente que se pague por um talento um carneiro reprodutor da Tudertânia" [107]. E, dos vizinhos *Cynetes*, que habitavam, segundo Trogo Pompeu, os bosques dos Tartessios, dizia Avieno: "Os

[106] Heródoto
[107] *Geografia.,* III, II 6.

habitantes possuem cabras de grande pelo e muitos bodes, que vagueiam constantemente por entre os matos: estes animais fornecem uma seda forte e espessa para as tendas de campanha e para as velas dos navios” [108]. Não pode, pois, negar-se, cuido eu, que este príncipe tinha todo o direito a chamar-se Eumele, *um rico proprietário de muitas e belas ovelhas*.

III – *Amphère*

Corresponde na lista 3ª a Cartara, na 4ª aos *Cempses* antigos. Avieno conta assim a sua triste história: “Segue-se a ilha de Cartara, que, segundo é voz corrente, foi em tempo ocupada pelos Cempses”. E acrescenta imediatamente: “Expulsos depois pela guerra, que lhe moveram os seus vizinhos, estes povos foram procurar outros lugares” [109]. Daí, na relação de Platão, chamar-se, e com toda a justiça, Amphère, o *disputado*.

IV – *Eudemon*

Posto o *Sacrum* da lista 2ª em relação com os *Cynetes*, como não podia deixar de ser, dada a deficiência da lista, ficam a corresponder com eles a ilha Agónida e o *Eudemon*. Este último nome está também, pela sua significação atrás exposta, em perfeita conformidade com o carácter e as lendas sagradas, que ilustravam desde os mais antigos tempos o cabo de S. Vicente. Falta-nos portanto procurar apenas o que poderá ser a ilha Agónida, não tanto por ela, como pela cidade que subentende.

Esta consideração afasta-me das hipóteses apresentadas até agora [110]. Eu vejo a Agónida em qualquer das ilhas de areia

[108] *Ora Maritima*, v. 218-221.
[109] *Ora Maritima*, v. 255 e 259.
[110] Sobre o assunto em que vamos entrar, o leitor tem na nossa língua duas obras dignas sempre de consulta: *Ora marítima* (2ª ed.), de F. Martins Sarmento, e *Religiões da*

do cabo de Santa Maria, e a cidade nessa região a que Mela chama o *Cuneus ager*, *Cuneus* = cunha é uma etimologia popular feita pelos escritores clássicos. *Cuneus-ager* tem a mesma significação que tem em outras expressões correspondentes: *ager romanus, ager tartessius, ager Ophiusae*, etc.

Na nossa espécie valerá então como *região dos Coneos*, sendo esta expressão referida ao nome da capital dos *Cynetes*, a velha cidade de *Con-istorgis*, talvez depois *Estor* ou *Estoy*.

Valeria assim *Conistorgis* como quem dissesse hoje o *Estói dos Coneos*. *Appiano diz mesmo: "Connistorgis no país dos Coneos"* [111]. A forma *Estor* encontro-a só em Duarte Nunes de Leão [112], que a aproxima de Estombar e não de Estoy, com o mesmo direito, suponho, com que eu faço o contrário, pois que, provavelmente, lha sugeriu apenas "A relação das sedas do século XIII" mencionando a *Estorensem* [113].

V- *Mneséa*

Mneséa, *Paetanion*, *Cempses*; cá os temos outra vez, aos pobres *Cempses*, no fim da carreira em que vieram de Cartara. Deve notar-se que, no verso 55, o anónimo autor do périplo se refere ao abandono da cidade primitiva, como simples tradição antiga, embora constante, enquanto o nome simbólico, que lhes é dado no seu novo lugar, mostra ainda viva a recordação e a saudade da pátria perdida e a dor do exílio recente.

Nos versos 178-180 da *Ora Marítima*, Sarmento reconheceu uma estrada, que, partindo dos Tartessios, vinha ter à foz do Tejo. Podiam ter sido os *Cempses* que a iniciassem na sua fuga; mas a menção dela no poema faz ver que era uma estrada muito concorrida ainda no tempo do anónimo. O êxodo

---

Lusitania, do senhor J. Leite de Vasconcellos. É com elas que eu estabeleço a comparação da narrativa da Atlântida.

[111] L. VI, LVII-LVIII.

[112] *Descrição do Reino de Portugal*, 2ª col., p. 29.

[113] *Espanha Sagrada*, v. 4, p. 267.

não seria completo, as relações entre o ponto de partida e o de chegada continuariam ainda por muito tempo. Em todo o caso, este pequeno povo de uma cidade, desgraçado e dividido, aparece-nos mais tarde no outro poema de Avieno, a *Descripção do Universo*, tradução livre de um autor do IV século, ocupando todo o ocidente da Espanha até os Pirinéus! Ninguém mais soube isto; mas ultimamente assim foi acreditado.

A ilha *Paetanion* não pode ser a ilha do Pessegueiro; porque ela anda associada a um *vasto porto*, e, ao sul do Tejo, nenhum merece ser assim designado como o do Sado; porque os *Cempses* ficavam na *Ophiusa* e limitavam com os *Cynetes* e, nessa hipótese, ficaria muito reduzido o território destes e muito ampliado o *ager Ophiusae*. A ilha *Paetanion* não pode ser o mesmo que a ilha *Achale*; porque uma é dos *Cempses* e a outra dos *Saefes*, como se vai ver.

Aqui convém recordar o que já ficou dito: as ilhas na *Ora Marítima* são cidades no litoral ou as indicam. Esta de que se trata está situada "[...] ad Saefum latus", e por isso nos ocuparemos de ambas no número imediato.

VI – *Autochtone*

A "ilha chamada *Achale* pelos *indígenas*" pertencia aos *Saefes*, segundo a nossa tabela comparativa. São esses portanto os indígenas, os "autóctones" de Platão, assim como os bárbaros de Ptolomeu (*promuntorium Barbarium*), e fica provado que não é nada manifesto que *ab incolis* não passe de mera redundância poética. As fantasias poéticas de Avieno virão mais abaixo, não são estas.

O viajante vem do Tejo. Primeiramente encontra o cabo *Cepresico*, ou *Cempsico* segundo a correcção de Wernedorf, ou *Barbarium*, segundo Ptolomeu; em seguida fica-lhe logo por baixo, *subjacet*, a ilha, abrigada pelo cabo, na costa onde se encontra Sesimbra.

Os *Saefes* parece serem também um pequeno ou disseminado povo, e por isso os vemos acantonados numa das suas pequenas cidades nos limites dos *Cynetes* e de *Ophiusa*, como os *Cempses*, a quem acolheram. A *Paetanion* destes ficava, também segundo a lição de Holder, "[...] ad Saefum latus"; portanto ainda na margem Sul da península da Arrábida; supunhamos (unicamente como exemplificação do pensamento) Sesimbra e Setúbal, uma dos *Saefes*, outra dos *Cempses*. Àquela (dos Bárbaros, note-se), caberia a imunda descrição de Avieno de verso 185 por diante.

O *ager Ophiusa* abrangia a península da Arrábida e nesta habitariam os dois povos em altos montes. Para a mesquinhês com que se apresentam na história, já não será dar-lhes pouco.

VIII – *Élasippo*

A situação da ilha Pelágia deduz-se dos versos seguintes: "[...] post Pelagia est insula" (v. 104) e logo imediatamente: "[...] prominens surgit dehinc Ophiusae in oras [...]" (v. 172). Como Sarmento disse, os cabos indicam portos, e, como também é verdade, as ilhas indicam cidades. É o que acontece agora com o *prominens* [...] *in oras*, que vai do cabo Carvoeiro ao cabo da Roca. Sarmento não aceitou esta significação do *prominens*, proposta por Mullenhoff; porque precisava de um lugar certo e determinado para acabar a *jornada*, que vinha do cabo *Aryium*; mas esse ponto ficava da mesma maneira fixado, lá onde o "prominens" *surgit*. Aí começa para terminar na Roca. A ilha está também indicando a cidade próxima; essa ilha é uma das Berlengas. Um dos motivos porque Sarmento também não aceitou esta hipótese é que as Berlengas não eram uma só; mas o autor do roteiro nunca teve em vista descrever todas as ilhas (propriamente ditas) do ocidente; aproveitava apenas as que lhe convinham. Foi o que ele aqui fez, distinguindo aquela, que era "[...] Saturno sacra" (v. 165).

A outra objecção, tirada da própria descrição, que dela faz Avieno, também me não parece grave. O poeta diz em suma que a ilha abundava em ervas e era muito batida do vento e do mar.

Ao terminar da *saliência* (*prominens*), virando para o golfo, aparece-nos a cidade; para os poetas, *Ophiusa*, para os geógrafos e historiadores deve ser *Oliusa*, primeiro elemento de *Oliosipon* com a terminação fenícia, que lhe dará a significação de *cidade de Liuses (?)*. *Liuses*, segundo Jubainville, é o mesmo que Lígures, e, no nosso quadro comparativo, já estão os Lígures correspondendo com Pelágia e *Élasippo*. Com a narrativa de Avieno igualmente concorda, pontuando os versos como certamente devem ser entendidos:

> "Cempsi atque Saefes arduos colles habent
> Ophiusae in agro: propter hos pernix Ligus,
> Draganumque proles sub nivoso maxime
> Septentrione, collocaverant larem".

Os Lígures lá estão *propter hos*, tão perto de *Cempses* e *Saefes*, que estes até ficam in *agro Ophiusae*, como os Draganes nos montes nevosos do norte. *Élasippo* é pois o Lígure infatigável, o ágil e feliz cavaleiro, que montava as velozes éguas da Lusitânia, filhas do vento, de que falam os autores clássicos.

VIII – *Mésora*

Observando o quadro comparativo, que vamos estudando parcelarmente, o leitor notou que a coluna nº 3 constante das ilhas da *Ora Marítima*, apresenta umas ilhas a mais, as *Oestrymnides*, que eu abandonei como estranhas e que realmente o são, a coluna nº 1. Que significa isso?

Significa que a notícia histórica dos sacerdotes de Saís é anterior, assim como o roteiro da *Ora Marítima* é posterior ao êxodo dos *Oestrymnios*. Neste meio tempo os Draganes, isto é, os Brigantes ou Bragantes (?) vieram de uma das ilhas dos Hiernos ou dos Albiões (provavelmente desta última; o leitor

verá isso no número seguinte), acometeram os *Oestrymnios*, puseram-nos fora da terra, substituindo-os na região, que eles ocupavam, a Noroeste da Espanha.

Os *Oestrymnios* expulsos foram habitar o litoral do mar da Mancha, fazendo assim os dois povos uma espécie de *chassé-croisé*, Os Brigantes eram um grande povo, estirpe provável dos povos da *Callaecia*, onde uma carta do século X, ainda se recorda da grande região de *Brigantia*, e onde fundaram a cidade depois chamada *Flavium Brigantium*, Bragança e não sei se *Brachara*. Posto isto, os Dercinos, que Jubainville identificou com Draganes (*Dercunos*, personificação provável dos Draganes [114]) serão também os Brigantes da ilha dos Albiões, companheiros dos Lígures com quem Hércules aí se bateu? Não esqueça que a este Dercino Pompónio Mela chama *Bergion*. Seria, pois, com o nomes destes Bragantes corrigido em *Draganes* e o de *Oliusa* corrigido em *Ophiusa*, que Avieno constituiu mais uma vez a conhecida anedota histórico-poética dum exército de serpentes assaltando um povo, que é assim posto fora da terra, ficando esta vazia.

O leitor vai ver isto quase demonstrado, aparte quaisquer razões glóticas, que por acaso haja em contrário da aproximação *Bragantes-Dercunos* ou *Bergion*.

Um dos pontos mais difíceis da restauração ou interpretação da *Ora Marítima* é exactamente o que se refere à passagem, que agora nos ocupa, querendo-se ver as estações indicadas na costa do poente, principalmente a tentadora identificação do *Aryium* de Avieno com o *Avarum* de Ptolomeu, das *insulae duae* de Avieno com as *Deorum insulae duae* de Ptolomeu.

Por mais que tenha procurado, não vejo maneira de admitir essa hipótese, a não se transferir tudo para o litoral do norte, ou será preciso julgar viciado o roteiro por confusão em que se visse Avieno, julgando de mais o grupo do poente, se porventura o roteiro indicava duas estações diversas, uma dos

---

[114] Jubainville, *Les premiers habitants de l'Europe*, v. 1, p. 350.

Brigantes, ao norte, outra dos antigos habitantes, os *Oestrymnios*, a oeste, ambas elas assinaladas, cada uma por seu cabo e duas ilhas desabitadas. A não ser assim… *o texto novo* manda-nos ir em qualquer caso para o *Magnus portus*. A regra exige que os cabos indiquem portos e as ilhas cidades. Aqui parece haver, não um cabo mas dois e as duas ilhas *tão pequenas que são por isso inabitáveis*. O cabo de Vénus é hoje talvez o Ortegal ou o Prior; as duas ilhas serão os *islotes* de Gabeiras; o cabo *Aryium* de Avieno será o *Solis arae* (mesmo no nome – o *Arae*) de Ptolomeu, talvez o S. Adrian, que também tem duas ilhas, para o caso de não servirem as primeiras, as Sisargas. E assim ficaram grandemente assinalados o porto e a cidade de *Flavium brigantium*, sendo que o segundo cabo, no lugar ocupado pela sua descrição no poema, interrompida como é a *jornada*, que vem trazendo, com a contagem da distância, que daí vai até as colunas do poderoso Hércules, serve apenas para fixar esta estação na viagem. É certo que as medidas anteriores ficam bastante aumentadas, entre o *Aryium* e o *prominens in oras*; mas pouco maiores do que era admitido por Muller e, aplicando o mesmo metro em direcção ao norte, os cinco dias levam exactamente ao Pas de Calais, uma das colunas exteriores de Sarmento.

Onde está, porém, o novo texto, a grande prova? perguntará o leitor. Esse texto insofismável é o nome do grande monarca Mésaro, o *extremo, o marco servindo de limite*, o célebre monumento erigido pelos *Oestrymnios* "ubi Brigantia civitas Galleciae sita, antiquissimum pharum et interpauca memorandi operis ad speculam Britanniae" [115]. Não falta nada.

IX – *Azaès*

Esta identificação faz-se com um nome, *os Pictos*, que se diz deverem o seu nome ao hábito de se pintarem. Os *Pictos* (*Cruithne*, um dos povos irlandeses mais antigos) eram uma

[115] Paulo Osório (*Coloniae,* M.D.XLIII) p. 18

tribo da Caledónia, vizinhos dos Bretões. Destes, diz César, que pintavam o corpo de verde-mar. De uns e de outros, diz Plínio, que o pintavam de azul. Dos seus parentes, ribeirinhos do Douro, contava Estrabão que viviam à maneira dos Lacedemónios e se untavam com óleo. Havia-os que se pintavam de negro. Na Trácia, segundo Heródoto, os nobres distinguiam-se do vulgo pintando o corpo. Mas aqui, como se verá, o nome é posto num sentido humilhante, e, visto que ele comporta a ideia de *borra seca*, deverá traduzir-se, o Borrado.

X – *Diaprépès*

Com esta o mesmo. A Irlanda era chamada desde a mais remota antiguidade a *Sacra*. "[...] sic insulam / Dixere prisci [...]" diz Avieno. Era isto no tempo dos *Nemedes*, os celestes, os distintos, escolhidos de Júpiter, os santos.

E aí está o que é a Atlântida!

Não... ainda não é tudo. Falta saber-se o que levou a grande ilha e, para isto, nada mais característico e elucidativo do que a seguinte passagem de Heródoto:

"[...] os Gregos, que habitam as margens [*do Sul*] do Ponto-Euxino, dizem que Hércules chegou com os bois de Gerião ao país ocupado agora pelos Citas, nesse tempo deserto; que Gerião morava *para além do Ponto,* numa ilha a que os Gregos chamam *Erythia*, a qual *Erythia* [ora vejam!] era situada ao pé de Gades, no Oceano, para além das colunas de Hércules" [116]. Ia-se para o pólo para chegar ao poente.

Vejamos isto por partes, porque só por partes pode ser visto.

Diziam pois os Gregos do Ponto-Euxino que Hércules chegará com os bois ao país dos Citas, então deserto; era isto na margem esquerda do Danúbio inferior. Que Gerião morava para além do Ponto, portanto para o norte; tinha descido pois o Danúbio, tinha provavelmente subido o Reno e atravessado o

[116] Heródoto, IV-VIII.

mar da Citia, que assim se chamava também aos mares do Norte, passando da foz do Tamisa (na *Erythia* – Inglaterra) para o do Reno. É em parte uma variante do itinerário da volta dos Argonautas, restaurado por Sarmento [117].

Ao tempo que isto se dizia nas margens do Ponto-Euxino, pelas ilhas do mar Egeu dizia-se outra coisa. As colunas de Hércules do estreito ocidental, assinalavam as extremidades da terra e do mar, e, para além delas, não havia mais nada do que uma ilha, maior do que a Líbia e a Ásia juntas, que pela sua posição *à beira do estreito*, facilitava a comunicação entre os povos do ocidente, ilha esta que os Egípcios chamavam Atlântida e os Gregos chamavam *Erythia*. "Erythia dos Atlantes", lhe chama Clemente de Alexandria [118]. Como as Colunas eram no fim do mundo e para lá ainda havia essa grande terra, ela ficava infalivelmente à beira das Colunas e tudo quanto a vaga tradição dizia aos Gregos que ficava para o ocidente, ou para o norte, desde que lá se chegasse por mar, aí ficava também.

Quando os Gregos chegaram às Colunas, não encontraram Atlântida nem *Erythia* ao pé de Gades, como dizia Heródoto. Ficaria então ao pé do Sacro, como quer Dinis, *o Periegeta* [119]; mas também lá não estava. Ficaria com certeza em frente da Lusitania, como o pretendeu Pompónio Mela [120]. E assim, atrás da miragem, sempre na esperança de encontrar a grande ilhas, que lhes facilitasse a passagem para as outras ilhas e terras, sem terem de arrostar com os pavores do grande Oceano, assim chegaram também pelo Sul à Inglaterra e sem a conhecerem ainda passaram além; porque a *insula aurea* do verso 769 do mesmo Dinis, que ele localiza não sei se para os mares do Norte, se para o mar polar, é a *Erythia*, *a vermelha*, é a Atlântida, a Inglaterra que, em vez de abismar-se no fundo do mar como depois se pretendeu, continua, pelo contrário, não já

---

[117] F. Martins Sarmento, *Os Argonautas*. Para *Erythia* o primeiro capítulo e imediatos.
[118] Stromata, 81.
[119] Avienus, *Descriptio orbis terrae*, v. 741.
[120] *De situ orbis, III, 6*, citado por Sarmento.

conservando só a hegemonia política do ocidente, que Poseidon estabelecera a Atlas, mas a quase hegemonia do mundo.

Assim, a grande ilha da Atlântida não é mais do que uma segunda forma do reino de *Azaès*, não perturba, não altera o número consagrado de dez ilhas de que constava todo o conjunto da Atlântida, tal e qual como eram as dez ilhas Cassitérides, acerca das quais podemos já agora dizer qualquer coisa, que não pareça logo às primeiras palavras uma pura hipótese lunática.

As Cassitérides entram na história na forma de um grupo de ilhas, situadas ao noroeste da Espanha e a muito maior distância de qualquer outra região da terra firme. É a posição que lhes marca Ptolomeu [121]. Estrabão diz que elas se encontram a partir do porto dos Ártabros para o Norte [122]. É a mesma notícia. Mela, o mesmo, diz que as Cassitérides, abundantes em chumbo, existem entre os *Celtici* [123]. Ora, os *Celtici* ficam exactamente no Noroeste da Espanha; são os Ártabros de Estrabão. Diodoro Sículo explica que as minas estão nas ilhas do Oceano, chamadas *por isso* Cassiterides, em frente da Ibéria e por cima da Lusitânia [124]. Por cima da Lusitânia fica a *Callaecia*. Acabemos pelo grande geógrafo Plínio. Numa passagem confirma a notícia de todos [125]; noutra nega a existência delas [126].

Realmente, o grupo das Cassitérides não apareceu em parte nenhuma. Ainda hoje, uns identificam-nas com as *Scilly*, a Sudoeste da Inglaterra, outros com umas ilhas da Armórica, fazendo uns e outros pouco caso do número de dez. Mas, salvo o respeito devido aos sábios, que defendem essas opiniões, se o arquipélago não aparecia em parte nenhuma, se, por outro lado, é sabido que as línguas semitas têm uma só palavra para

[121] Mercator, carta Segunda.
[122] III, 5, 11.
[123] III, 6,
[124] V, XXXVIII.
[125] IV, 36.
[126] XXXIV, 47.

significar *ilha, península, cidade marítima*, não seria natural procurar as Cassitérides na terra firme? Alguns assim o entenderam, localizando-as na Inglaterra, ou nas regiões meridionais da Inglaterra. Mas, porque não na *Callaecia*, onde foi tão intensa a pesquisa do estanho, como demonstrou Mr. Louis Siret [127], onde os recortes da praia ofereciam lugar para ainda mais de dez portos e muito mais de dez cidades, como se vê pelos *castros*, e pelas praias arcaicas de que restam vestígios? Fosse como fosse, o que é certo é que a ciência moderna tende toda a encontrar as Cassitérides na Inglaterra, especialmente na Cornualha. E aqui temos nós já duas regiões disputando-se as honras de principais produtoras ou negociadoras do estanho, aqui temos nós já, portanto, duas verdadeiras Cassitérides, não é verdade?

Mas agora, seja-nos permitido perguntar: porque razão há-de ser apeada das honras de Cassitéride, e das mais ricas, a velha Gadir, vizinha do *Argentarius*, assim chamada pelos antigos: "Stanno iste namque latera plurimo nitet"? [128]. Porque não é também Cassitéride a ilha de Cartara, essa então vizinha do monte *Cassius* que, na opinião dos Gregos, fora quem dera o nome ao *cassiteros* [129] e, portanto, às Cassitérides?

Do Sacro diz o *Periegeta*: "[...] genitrix haec ora metalli / Albentis stanni venas vomit [...]" [130]. Porque não também Cassitéride? A região onde dominava Conistorgia, fosse ou não onde hoje Estói, foi muito trabalhada de minas [131], e nas margens do Anas ficava-lhe, julgo eu, *Cotinae*, que é provavelmente Alcoutim [132].

Das ilhas ou cidades de *Achale* e *Paetonium* e de *Oliusipon* nada se diz também; mas as regiões em que

---

[127] *Les Cassiterides, carte des routes de l'etain*.
[128] *Ora Maritima,* v. 293.
[129] *Ibidem*, v. 260.
[130] *Descriptis Orbis*, v. 743.
[131] Senhor J. Leite de Vasconcellos, *ibidem*, p. 15.
[132] Estrabão, *Geographia*, III, II, 3, onde *Cotinae* deve referir-se às margens do Anas, em que ainda não mencionou povoação mineira nenhuma, e que baralha constantemente com as do *Baetis*, separando a notícia desta mina da das outras.

dominavam eram igualmente mineiras [133], nada sendo de estranhar que negociassem com elas pelo menos; o contrário é que seria estranhável.

A região de Eblana finalmente marca-a Mr. Louis Siret [134] também como produtora de estanho, e, dada pelo menos a vizinhança em que o Atlas se encontra da Espanha, em nenhuma delas deixamos de encontrar, ou a prova de terem sido *cassitérides*, ou condições topográficas tais que as tornavam fatalmente traficantes do estanho, portanto possivelmente cassitérides.

Assim, a hipótese a que o estudo da Atlântida me levou, a respeito das *dez ilhas cassitérides* de Ptolomeu e Estrabão, supondo que elas sejam, pelo menos no princípio, os dez reinos da Atlântida, não parecerá destituída de fundamento. Há todavia uma objecção, que é preciso arredar, explicando o facto que a origina. Consiste ela na ignorância que demonstra de tudo isto, não tanto Ptolomeu, como Marino de Tiro, sobre cujas informações o primeiro escreveu a sua geografia na parte relativa ao ocidente. Essa ignorância explica-se, porém, se admitirmos que as Cassitérides pertenciam ao período tírio da influência fenícia, e que os Tírios guardaram o seu segredo tanto dos Cartagineses, seus irmãos, como de quaisquer outros povos. É que assim foi, parece provarem-no as viagens de reconhecimento pelos países do ocidente, encarregadas a Hanão e Himilton pelo governo de Cartago, logo que esta cidade pôde lançar mão ao comércio do Atlântico. Sabendo que existiam as dez Ilhas Cassitérides é de crer que as procurassem; não as encontrando, não querendo desprezar essa tradição do passado, ou Marino ou Ptolomeu supuseram um arquipélago a pouca distância da região mais afamada pela produção do estanho, e essa região foi, pelo menos nos primeiros tempos, o Noroeste da Espanha. Geralmente parece ligar-se a sorte das Cassitérides à das *Oestrymnides*. Isso poderia explicar como posteriormente

[133] Senhor J. Leite, *ibidem*.
[134] Carta citada.

todos procuram as ilhas do estanho nas margens ou nas águas do golfo *Oestrymnico*.

Rematando, compendiamos assim os resultados a que chegámos:

A Atlântida era apenas o litoral atlântico da Europa desde o Atlas até à Irlanda;

O reino de Atlas, um dos dez reinos da Atlântida, foi o primeiro, o mais importante do grupo, e o que lhe deu o nome;

Os outros eram: Cádis, Cartara (*Cartaya*?), o *Sacrum* (compreendendo S. Vicente e Santa Maria), os *Saefes* e *Cempses* ao sul da Arrábida, *Oliusippo*, Brigância, Grã-Bretanha e Irlanda;

A Grande Ilha da Atlântida não era nada mais que a Grã-Bretanha, isto é, um dos dez povos que ocupavam esse litoral;

As Dez Ilhas Cassitérides eram muito provavelmente o mesmo que os Dez Reinos da Atlântida, consideradas como o conjunto do mercado do estanho.

RAPOSO DE OLIVEIRA

Lendas açorianas - Sete Cidades [135]

Vós sabeis todos, irmãos meus na língua e na raça, da existência de nove lindos rochedos, cercados pela vastidão azul do Atlântico, açoitados pelas tormentas, beijados pelo sol, e que são as mais lindas terras de Portugal – os Açores.

No maior e mais lindo desses rochedos, em S. Miguel, há um pedaço de terra deslumbrante, num profundo vale, na boca duma cratera imensa, vestida de arvoredo soberbo com duas lagoas vastas lá em baixo, uma verde e outra azul, a espelharem o pedaço de céu que as cobre.

Formadas pela mesma água, que apenas estreita a meio pela configuração do terreno, sendo uma lagoa só, parecem realmente duas, a quem para baixo olha, do alto das cumeadas esplêndidas. E maior se torna a ilusão, ao ver-se que são verdes metade das suas águas, e que são azuis as águas da outra metade.

Em toda a bela terra portuguesa – acreditai-me! – não há um cantinho de natureza que se lhe possa igualar: têm muitos quilómetros de circunferência as cumeadas altíssimas, por cujas íngremes encostas é tão abundante o arvoredo enorme – eucaliptos, incensos, pinheirais gigantes – que até parece que já não há espaço onde uma urze cresça!

Oh! as Sete Cidades!

---

[135] *Serões*, v. 3, n. 15 (1906).

Mas também é possível que vós todos, irmãos meus na língua e na raça, ignoreis a razão porque a esse precioso canto da terra micaelense se chama Sete Cidades, sendo uma simples, pequenina aldeia, nas margens dessas lagoas encantadoras, e porque elas, sendo uma só, metade das suas águas são verdes, e são azuis as da outra metade.

Pois eu vos conto a deliciosa e maravilhosa lenda.

- Escutai-me!

Aqueles nove rochedos, e muito mais terra que o fogo dos vulcões arrojou e o mar subverteu, formavam antigamente um vastíssimo e formoso país, tão vasto que o seu rei não sabia ao certo o número dos seus vassalos, dos seus castelos, das suas cidades e dos seus povoados!

Esse país, rico e fantástico, chamava-se a Atlântida.

Ora, o rei da Atlântida vivia tristíssimo, por não ter sucessor à sua coroa e às suas terras. E, por esse motivo, o seu coração, que era cheio de bondades, foi-se tornando tão mau, tão cruel, que já iniquamente tratava o rei os leais vassalos que tanto o tinham amado!

Ao tempo em que assim andava, consumido por aflições e por maldades, veio uma noite em que ele, andando a vaguear pelos jardins do paço em companhia da rainha, viu descer do alto, iluminando intensamente a treva da hora, a figura luminosa do anjo do bem, que desta sorte lhe falou:

- Rei da Atlântida! Venho trazer a alegria ao teu coração! Dentro em breve serás pai de uma filha, tão linda e tão virtuosa que será o orgulho e a honra do teu povo. É preciso, porém, para que tenha fim a tua maldade, que, durante vinte anos, nem tu, nem homem algum destes reinos, se aproxime da princesa, que viverá dentro dos muros de sete maravilhosas cidades, que eu farei erguer no mais lindo canto das tuas terras e onde só donzelas a servirão. Mas toma conta, rei da Atlântida! Se antes de passados os vinte anos ousares transpor as muralhas que hão-de guardar lá dentro os encantos de tua filha, morto serás tu, arrasados serão os teus domínios!

Prometeu o rei fazer como a visão dissera; e a luz que a iluminava foi-se elevando no céu, até de todo se perder, deixando a rainha e o rei petrificados de assombro, na escuridão profunda da noite, sob as árvores aromáticas dos jardins do paço.

Tempos depois, nasceu a princesa; e por muitos dias, pomposamente, andaram em festa todas as terras da Atlântida.

Lagoa das Sete Cidades, na ilha de S. Miguel (Açores)

Iam passando os anos. A princesa crescia em maravilhas de formosura, rindo e cantando pelos jardins das sete maravilhosas cidades, rodeada pelo seu cortejo de virgens. Para esses passeios, levava ela sempre o seu lindo chapelinho azul celeste e os seus delicados sapatinhos verdes. E de tantas flores que a cercavam, de tantas estrelas que a cobriam, era ela a mais mimosa flor e a mais brilhante estrela!

No entanto, consumido de saudades longe de sua filha, o rei da Atlântida, à maneira que os anos passavam, mais ardia em desejos de a ver. Emagrecia, tornava-se cada vez mais colérico, cada vez mais oprimia os seus vassalos. E nesse estado de desespero, apesar de ter ainda bem presentes as palavras fatídicas da visão, decidiu ir bater às portas das muralhas que guardavam a linda herdeira da sua coroa e das suas terras.

Mandou aprestar um grandioso séquito dos seus mais nobres guerreiros, e com eles se pôs a caminho das sete cidades maravilhosas.

Durante a longa marcha, o céu ia-se tornando cada vez mais negro, e das entranhas da terra saíam vozes sinistras. Mas o rei caminhava sempre, num desvairamento, mandando avançar o espavorido séquito.

Os muros altos das sete cidades surgiram enfim, pesados e escuros na escuridão trágica do dia.

Cruzavam-se no ar línguas de fogo; a terra tremia ruidosamente, e a voz rouca do mar, vinda de longe, semelhava o brado de agonia dum gigante!

Torvo, sombrio, el-rei ergueu a sua espada enorme, e bateu com ela violentamente a uma das portas das muralhas. Um trovão pavoroso estrugiu no ar, ecoou lugubremente por toda a terra! E no mesmo instante abateram com fragor sinistro, sobre o rei e seus cavaleiros, os muros sombrios das sete maravilhosas cidades, enquanto um fogo terrível se elevava da terra fendida, que desaparecia em chamas no seio do mar em fúria! Depois, fez-se um silêncio profundo na natureza.

Calou-se a voz do mar, e o sol, muito claro, pôs-se do céu azul a beijar com a sua luz fecunda os nove pedaços que restavam daquela terra vasta, que se chamara Atlântida!

No maior e mais lindo desses rochedos, que muitos séculos depois Gonçalo Velho descobriu, ainda existe o lugar onde se erguiam nessas remotas eras as maravilhosas sete cidades, cujo nome ainda conservam, transformadas numa simples pequenina aldeia, nas margens dessas lagoas

encantadoras, que se espraiam no profundo vale, aberto pela terra que o fogo dos vulcões arrojou.

E a mesma água que as forma é metade verde e metade azul, porque no fundo duma lá ficaram os lindos sapatinhos verdes, e no da outra o chapelinho azul celeste da malograda princesa, tão fatalmente morta pelo mau tino do rei da Atlântida.

Lisboa, 1905

JOSÉ LOPES DA SILVA

Minha Terra!

(Saudação às Ilhas de Cabo Verde) [136]

Foi... só Deus sabe, há que milhares de anos!...
De Poseidon a Ilha ou Continente,
Maravilha dos priscos Oceanos,
Erguia sobre o Ponto do Ocidente
Os topos de seus montes soberanos.
Era imensa, formosa, viridente...
Mundo vasto, fantástico, lendário.
Segundo as mais remotas tradições,
Povoavam-na, enchiam-na milhões,
A crermos Diodoro de Sicília,
Via-a de longe a Terra do Arsinário.
Quem sabe? E à rubra luz dos seus vulcões
Contemplou-a, talvez, também a Antilia...
Projectando os seus cumes nos espaços,
Recobria a vastíssima extensão
Do Mar que hoje se chama dos Sargaços.
Foi já quando, família após família,
Tinham passado os seres primigénios
E surgiam do mundo nos proscénios
Outros seres – Tal é a Tradição -,
Filha da mais remota Antiguidade,
Inspira a narrativa de Plarão

[136] In *Hesperitanas* (Poesias), Lisboa, 1929 e 1933.

E outros sábios, que a tinham por verdade.
No suceder de horrendos cataclismos,
Poseidon tinha enfim sobrevivido
A um Continente desaparecido,
Que hoje dorme no fundo dos abismos...
Era a Atlântida... a Atlântida da Lenda,
Que sucumbira às convulsões plutónicas
Pela acção dos vulcões longa e tremenda
E de forças titânicas, tectónicas...
E assim entre os Antigos uma ideia
Reinava, clara, nesse facto ou Mito...
Era ali o Jardim dos pomos de ouro
(Dizem papiros primordiais do Egipto)
Rico presente nupcial que Gea,
Nesse país de eterna primavera,
Ofertara, - fantástico tesouro, -
Nas suas têdas, à formosa Hera...
Cinco Ninfas, entre elas Erythea
E Héspera, guardavam noite e dia
O Jardim, com o auxílio de um dragão...
(Existe em Petrogrado, ou existia,
Há pouco, entre as relíquias de um Museu,
Nuns papiros do Egipto, uma alusão
Ou referência ao mítico himeneu...)
Essa lendária Terra dos Atlantes
Estendia-se ao largo das famosas
Colunas de Hércules, como era de antes
Chamado Gibraltar. Flores mimosas,
Ao mesmo tempo lindas e gigantes,
Embalsamavam-lhe os suaves ares
Com seus aromas mil, inebriantes,
E flabelos de intérminos palmares
E de outras grandes árvores formosas
Cobriam-lhe as enormes extensões...
Nos seus frondentes ramos não cessava,
Nunca cessava! A música das aves,

Os poetas daquela Natureza
Ao mesmo tempo doce, forte e brava
De um mundo primitivo de beleza...
Por toda a parte murmuravam fontes,
Cujas águas serpeavam cristalinas
E cujo espelho retratava as frontes
De Ninfas e de Deusas, que banhavam
Suas formas olímpicas, divinas
Nos lagos que onde a onde se alastravam...
Dos fugitivos cumes dos seus montes,
Sempre toldados de hiemais neblinas,
Não tinham fim, à vista, os horizontes...

Nas ficções, mesmo, da Mitologia
Perpassa a sombra desse mundo ignoto,
Reminiscências do assombroso dia
Em que o mais espantoso terramoto,
Em que os mais formidandos cataclismos
Subverteram a Ínsula de Hestia
Do Oceano insondável nos abismos...

Níobe convertida em um rochedo
Pela clemência supernal de Zeus
Condoído de a ver chorar a morte
A que Apolo, o divino Citaredo,
Votara, um por um, os filhos seus,
Mas que, saudosa, por tão negra sorte,
Depois de pedra continuou chorando,
Ainda, o seu destino miserando;
O Jardim das Hespérides já dito;
Os combates de Ulisses com os feros
Cíclopes pastoris, - mito por mito,
Tudo isso apenas representa a história
Da horrenda submersão, cuja memória,
Tão digna de epopeias e elegias.
Tempos em fora terá sempre Homeros

Para cantar a Atlântida proscrita,
Que no fundo do mar hoje dormita...
Tais mitos não são mais que alegorias
Dos cataclismos desses priscos dias.
E ainda o velho conto se repete
No esquema das sub-raças (que eram sete)
Filhas da Quarta Raça Mãe Atlante...
São factos que a moderna Etnografia
Vai aprendendo da Teosofia.
Cimentando a mais clássica doutrina,
Esta ciência misteriosa ensina
Que há onze mil e quatrocentos anos
E mais noventa e dois, em certo dia
Correspondendo a onze de Fevereiro,
A última convulsão dos cataclismos
Lançava, num arranco derradeiro
A Ilha de Poseidon nos abismos...
Té onde se estendiam suas praias?...
Entre a costa africana ocidental,
Compreendendo as nossas Arsinárias,
E a costa americana oriental,
Talvez entrando o grupo das Lucaias,
Seria a Mãe Atlântida formosa.
As Irmãs Accipítridas (Açores),
Mirando ao largo a vastidão undosa,
As Gorgónidas lindas, as Canárias,
A Madeira gentil trajando flores;
Ao Norte do Equador inda outras ilhas,
A pensarmos no *Códice dos Maias*
Do México primevo, que Cortez
Nos legou das conquistas (as Antilhas)
Finalmente, talvez sejam, talvez!...
Os restos desse morto Continente
De que Poseidon foi, por sua vez,
Para também morrer, sobrevivente...
Não só dos Maias, desse Iucatão

Que ainda hoje esconde mil segredos,
A notícia nos vem da Submersão.
Povos irmãos do Maia e do Chimu,
Os Guatemalas contam pelos dedos,
Como se lê no prisco *Papul Vuh*,
Factos iguais aos que narrou Platão.
Tal foi a Atlântida... Hoje, o seu mistério,
Sonho eterno do sábio e do romântico,
Dorme no fundo do profundo Atlântico.

O Atlântico!... Que imenso cemitério!...

*
* *

Deus, porém, quis que lhe sobrevivesse,
Justificando a tradição obscura,
Alguma coisa que prevalecesse
Mostrando a cada geração futura
O ponto dessa terra de Titãs
E a posição da sua sepultura...
Das vastas extensões assim submersas
Então ficaram estas nossas ilhas
E as outras suas célebres irmãs,
Como elas, pelo Atlântico dispersas.
As Hespérides, de Hespero as três filhas,
Por essa mesma antiga tradição,
Deram o nome às nossas, com razão
Chamadas, pois, Ilhas Hesperitanas.
Também se denominam Arsinárias
Pelo cabo Arsinário dos Antigos,
Nome mudado em Caboverdeanas
Desde que as lusas velas legendárias,
Zombando das procelas, dos perigos,
Davam o nome Verde ao mesmo cabo,
Que assim perdia o que lhe dera Strabo.

Mas no mito de Níobe, a mãe triste,
A multifília mãe, ventripotente,
Dizem hoje os teósofos, existe
A história do submerso Continente,
A qual chegou também ao Oriente...

Ela tem muitos filhos. Porém Leto,
Que tem só dois, lhe vota ódio secreto...
E esses dois filhos, Ártemis e Apolo,
Matam os filhos todos da rival...
Isto é: a Terra desde pólo a pólo
Treme num sismo horrível, infernal!...
O Céu vai destruir a Mãe Atlante
Povoada por milhões, milhões de filhos...
Diana (a Lua) e Apolo dardejante
(O Sol) negam-lhe a luz, negam-lhe os brilhos...
Zeus, de ambos pai, tem compaixão... Converte
Níobe triste e flente em rocha inerte.
Inerte? Ó deuses! mesmo assim, não tanto,
Porque ela, embora em pedra convertida,
Continua chorando o amargo pranto
Como o chorava quando ainda em vida!...
Assim, pois, se decifra o grande Mito.
Cada ilha do Atlântico é o rochedo
De que a Lenda nos fala e o Velho Egipto,
No qual Níobe, - a Atlântida, - há milhares,
Muitos milhares e milhares de anos,
Convertida ficou... Há um segredo
(O segredo dos grandes avatares!...)
Em cada uma delas, desse drama
Envolvido na treva dos arcanos,
Pois cada uma é Níobe que chora,
Níobe que o materno amor inflama,
Triste e só, debruçada sobre os mares,
Os fortes filhos que já teve outrora...
Viu-os morrer, e em vão por eles chama...

É esta, pois, Irmãos Caboverdeanos!
A história original da nossa terra,
Que esse segredo do Passado encerra...

O Atlântico!... Que imenso cemitério!...

E, erguido sobre o hórrido ossuário,
Vela o vulcão do Fogo esse mistério,
Qual gigantesco círio funerário...

*
* *

Demos lugar a novos nomes,
Mil outros anos nossa terra leva
A surgir de entre os véus da espessa treva
Que a envolve. Mas eis que Diogo Gomes
(Mil quatrocentos e sessenta e dois)
Num primeiro de Maio, de manhã,
As ínsulas avista que depois,
Como hoje ainda, iam ter os nomes
De Ilhas de Maio, Sant'Iago e Fogo.
No dia três de Maio, ele e Nola,
Navegando na volta da Guiné,
Sublimes mestres da henriquina Escola,
Cheios de glória, porém mais de fé,
Não muito longe, descobriram logo
A ilha de alvas areias, tão louçã,
Que depois se chamou da Boa-Vista,
Pois tão linda aparece a quem a avista,
E, não muito longe dela, a outra irmã
A que chamaram Lhana, depois Sal.
E, sucessivamente, as caravelas
Do nosso heróico e invicto Portugal,
Voando por marouços e procelas,
Sondando pegos, carteando milhas,

Descobriram as outras nossas ilhas.
Vista do Fogo, um dia lhe avultava
Ao largo, perto, a encantadora Brava
Como um jardim plantado sobre o Mar.
E, continuando sempre a navegar,
Depois São Nicolau, a minha terra,
A ilha sacrossanta dos Prelados,
Aos olhos desses Argos se descerra
Com seus montes de nuvens coroados.
E assim, do mesmo modo São Vicente,
Ilha do Grande Porto Hospitaleiro,
Que a vinte e dois de um límpido Janeiro
De longe acena à Lusitana Gente,
Que a dezassete, em muda admiração,
Já tinha visto torrejar-lhe em frente
A ilha colossal de Santo Antão,
Das últimas a serem descobertas,
Mas que é contudo a que se vê primeiro
Quando se desce do Setentrião.
Assim também, correndo noite e dia,
Descobriram as ásperas Desertas
E, delas mesmo ao pé, Santa Luzia.

Mas convém que nos fique na memória,
Como facto imortal da nossa história,
Que, há muito já, dezassete anos antes
(Mil quatrocentos e quarenta e cinco)
Um dos nossos mais fortes navegantes,
- Dinis Dias, - lutando com afinco,
E desvendando da África, o mistério,
Tinha dobrado o Promontório Hespério
(Ou Arsinário) que pôs nome Verde.
Mas do primeiro nada impede que herde
Este nosso arquipélago a famosa
Designação de Ilhas Hesperitanas,
Igual à de Ilhas Caboverdeanas,

Aquela mais em verso e esta em prosa.

*
* *

Já, pois, vistes, Irmãos Caboverdeanos,
Que as nossas lindas e queridas Ilhas
Contam a história de remotos anos
Da Atântida, da qual elas são filhas.
Nós pisamos, nós filhos e habitantes,
Talvez a mesma terra que os Atlantes
Ocupavam nos séculos passados...
Mas somos filhos, - nós, - de outros gigantes
Que, "por mares não de antes navegados",
Nossas Ilhas tiraram do mistério
Repovoando estes restos espalhados,
Do antigo e imenso *Continente Hespério*,
De que o Atlântico é o cemitério...

Viva, pois, para sempre, Portugal,
Da Civilização nosso fanal!

*
* *

Eu vos saúdo, Irmãos Hesperitanos!
Não só os que na pátria estais presentes,
Como também os que viveis ausentes
Lá muito longe, entre remotas gentes,
Labutando!... entre os Norte-Americanos,
No Brasil, terra irmã e na Argentina
E outros países através dos mares,
Longe da nossa terra pequenina,
Saudosos do terrão dos vossos lares!...
A todos vos saúdo, a vós que, embora
Vivendo a trabalhar noutros países

Maiores e mais ricos e felizes,
Pensais em nós, como eu em vós agora!...
Vós que nunca esqueceis vosso terrão,
Cuja imagem guardais no coração!...
Este livro é o tributo que vos devo
E à terra amada que nos viu nascer.
É a oferta de um filho a sua Mãe.
É a minha vida toda. E nesta hora,
Para mim tão solene, em que isto escrevo,
Que os cinquenta e sete anos meus contém,
Só Deus pesa esta lágrima discreta
Que verte no papel vosso poeta...
....
Amai muito, amai sempre a nossa terra!
Faça-a feliz o vosso amor filial!
Nossa mãe nunca é pobre, e a pátria encerra,
Mesmo pobre, tesouros sem igual!
Honrai-a muito, honrai-a sempre, Irmãos!
Não olvideis vosso terrão natal
E não vos esqueçais de Portugal!
Lutai porque não sejam sonhos vãos
A esperança de à Terra Hesperitana,
A mais brilhante pérola africana,
Em paz e amor fraterno lhe sorrir
O mais alto Progresso no Porvir!

E recebei o livro em vossas mãos!

(São Vicente, 1929)

ANTÓNIO AUGUSTO MENDES CORREIA

Um problema paleogeográfico [137]

Um dos homens de ciência que com mais eloquente convicção tem nos últimos tempos admitido a verosimilhança dos textos de Platão sobre a Atlântida – Pierre Termier – assevera que "sob o ponto de vista geológico a narrativa platónica é altamente provável", e, invocando os numerosos dados de Louis Germain sobre a fauna, conclui que o cataclismo que fez desaparecer aquela "ilha maravilhosa" (na sua própria expressão) é indubitável "faltando apenas provar [...] que ele foi posterior à aparição do homem na Europa ocidental", condição necessária para que a sua recordação se perpetuasse. Mas, escreve, nem a geologia nem a zoologia poderão resolver o problema, e fica esperando da antropologia, da etnografia e da oceanografia a solução [138].

Não se conforma com este ponto de vista o eminente geólogo espanhol, D. Lucas Fernández Navarro, que com muita proficiência se tem ocupado do assunto em vários artigos: "Nem a etnografia nem a antropologia poderão jamais fornecer provas" demonstrativas de que "dentro da era humana se deu um facto geológico que fez desaparecer terras bem conhecidas". Os dados *geológicos* são, no seu parecer, os únicos susceptíveis de resolver a questão. E estes, por enquanto, "deixam o ânimo

[137] *Revista da Faculdade de Letras do Porto*, v. 1-2 (1920), p. 87-101.
[138] Pierre Termier, *Atlantis*, in *Smithsonian Report for 1915*, Washington, 1916.

em suspenso", se bem que "haja muitos indícios que tornam possível a hipótese" [139].

Sem dúvida, como já foi notado, Termier vai excessivamente longe quando pretende atribuir à narrativa de Platão uma "exactidão quase científica! Também é evidente que a demonstração de um facto geológico deve assentar essencialmente em argumentos geológicos. Mas a fixação cronológica desse facto dentro da era *humana* dispensa inteiramente o concurso das ciências antropológicas? Com a devida vénia, permitimo-nos discordar da opinião de D. Lucas Navarro neste ponto restrito, e julgamos mesmo que, se se tivesse efectivamente dado esse cataclismo geológico dentro da era humana, seria mais fácil fixar-lhe uma data aproximada pelas indicações arqueológicas, antropológicas, etnográficas e até possívelmente históricas do que pelas indicações exclusivas da geologia, a qual por certo não pretende atingir nesse ponto a precisão dos documentos históricos e mesmo a da arqueologia.

Mais fundado parece pôr em dúvida o valor das indicações zoológicas ou botânicas para a fixação dessa data. Louis Gentil, que sobre dados geológicos e geomorfológicos afirmou a continuidade entre as dobras terciárias do Alto Atlas e as ilhas Canárias, faz notar este facto: Pitard, botânico, data de tempos muito remotos do quaternário a última fase da submersão da Atlântida, e Germain, sobre os elementos zoológicos, diz que ela foi recente, colocando-a na vizinhança do neolítico. E disso conclui Gentil: "Os estudos de zoologia ou botânica não resolverão nunca o problema da Atlântida" [140].

Se bem que vários proclamem o limitado valor estratigráfico dos moluscos terrestres, nem por isso devemos, entretanto, recusar inteiro valor às indicações biogeográficas na solução do problema da Atlântida. Alguns dos argumentos de Germain dão sem dúvida consistência à hipótese de ligações

---

[139] D. Lucas Fernández Navarro, *Nuevas consideraciones sobre el problema de la Atlantis*, separata da *Revista de la Real Acad. de Ciências Exactas, Físicas y Naturales de Madrid*, t. 15, n. 9 (Madrid, 1917), p. 14 e 15.

[140] Louis Gentil, *Le Maroc Physique*, Paris, 1912, p. 123 e 124.

continentais entre as ilhas atlânticas e o Antigo e Novo Continente, como a distribuição dos *Oleacinidae, Clausilidae*, de alguns hemípteros do género *Brachysteles*, etc. [141]. Os dados de Proust e Pitard permitem, pelo menos, crer no carácter antigo e no aspecto continental da flora das Canárias [142]. Wollaston, estudando os coleópteros dos arquipélagos da Madeira, Canárias e Cabo Verde, verificou que, se entre as espécies há muitas diferentes, entre os géneros há muitos comuns e concluiu: "all combine to proclaim the islands to be outposts of a single gigantic province which has been sent asunder and is now principally submerged" [143]. O barão de Castelo de Paiva, que foi professor da Academia Politécnica do Porto, contestando a opinião de Mousinho de Albuquerque de que as Canárias, Açores, Cabo Verde e Madeira seriam restos da Atlântida submersa, afirmava pelo contrário que a Madeira e outros arquipélagos teriam resultado da actividade vulcânica submarina, e fazia notar que quase todos os moluscos terrestres do arquipélago da Madeira não aparecem nos Açores, Canárias, Cabo Verde, costas fronteiras de África e de Portugal, e no litoral mediterrâneo [144]. No entanto a leitura da monografia não radica esta asserção. D. Lucas Navarro refere-se aos dados de Bolivar, segundo os quais há mais diferença entre a fauna ibero-marroquina e a das ilhas atlânticas do que entre as faunas andaluza e marroquina, o que parece indicar que a separação daquelas ilhas se fez antes da abertura do estreito de Gibraltar. Também sobre os mesmos dados acentua que a fauna ortopterológica dos Açores é uma fauna de importação, correspondente à sua situação centro-atlântica, devendo por isso os Açores excluir-se da suposta Atlântida. [145]

---

[141] Louis Germain, *Le problème de l'Atlantide et la Zoologie, in Annales de Geógraphie*, n. 123 (1913).
[142] D. Lucas Fernández Navarro, *L'état actuel du problème de l'Atlantide* (1ère. Partie), in *Revue Générale des Sciences*, t. 27 (Paris, 1916), p. 429.
[143] T. Vernon Wollaston, *Coleoptera Hesperidum,* London, 1876, p. XXXVIII.
[144] Barão de Castelo de Paiva, *Monographia Molluscorum Insularum Madeirensirum,* Lisboa, 1867, p. V e segs., e XI.
[145] D. Lucas F. Navarro, *Nuevas consideraciones* [...]. p. 6 e 7.

Um estudo moderno de Guppy sobre a flora dos Açores diz que as plantas indígenas são pouco numerosas e a flora açoriana tem um carácter acentuadamente europeu, com poucas afinidades com a África e Canárias. Considera essa flora relativamente recente, podendo atribuir-se a actuais agentes de dispersão, o que contrasta com as floras das Canárias e Madeira, que datariam, pelo menos parcialmente, talvez do mioceno [146]. Estas observações de Guppy constituem, ao que me parece, uma brilhante confirmação da opinião de D. Lucas Navarro.

Como é possível, pois, porem-se de parte, como até certo ponto indicariam as palavras de Gentil, os dados biológicos, quando tão valiosos subsídios parecem fornecer?

Muito menos caberia excluir os dados arqueológicos e antropológicos. De resto, os próprios dados geológicos não são igualmente valorizados por todos os especialistas como fundamentos da hipótese da Atlântida. Aludindo aos estudos de Gentil sobre o Grande Atlas, Lapparent escreveu, de acordo com ele: "A voir la façon brusque dont la chaine se termine ao cap Ghir, et la régularité avec laquelle les îles volcaniques des *Canaries* s'alignent sur son prolongement ou est porté à soupçonner qu'une ancienne terre, peut-être l'*Atlântide* de la tradition, existait au-devant du Maroc, et qu'en s'écroulant elle a ouvert des fissures par où l'activité éruptive s'est fait jour » [147]. Mas ao passo que Gentil pensa que a ruptura do canal canário-marroquino se teria feito depois da do estreito de Gibraltar, D. Lucas Navarro, também geólogo, pensa o contrário, embora sobre dados biológicos, como já vimos. E há mesmo uma questão de facto em que o geólogo espanhol diverge de Pitard e Gentil: na pretendida existência de cretácico na ilha do Ferro (Canárias) [148].

---

[146] Cf. *Nature*, London-Nova Iorque, v. 94 (1915), p. 570.

[147] A. de Lapparent, *Leçons de Géographie Physique* (3ªedição), Paris, 1907, p. 535.

[148] L. Fernández Navarro, *Sobre la no existencia del cretácico en la isla de Hierro (Canarias),* Separata do *Bol. de la Real Sociedad Española d'Historia Natural*, Madrid,

Se ninguém fundadamente contesta também que certas áreas do Atlântico, mais ou menos vulcânicas e mais ou menos sísmicas, são zonas de instabilidade, que traduzem fortes deslocamentos da crusta, se ninguém contesta que a Península Ibérica se prolongasse outrora a Oeste, se ninguém contesta, depois dos trabalhos de Suess e Bertrand, que uma massa continental muito antiga teria unido o norte da Europa à América setentrional, e outra a África à América do Sul, o que é certo é que nem todos vêem nesses factos *provas* ou mesmo sequer *argumentos* em favor da Atlântida de Platão. Termier quis do fragmento duma lava vítrea, *tachylite*, extraída do fundo do oceano, de 3100 m de profundidade, a cerca de 500 milhas ao norte dos Açores, concluir que a zona dos Açores teria sido recentemente submergida, visto que essa lava, comparável a certos basaltos dos vulcões das ilhas Havai, só poderia solidificar no estado vítreo à pressão atmosférica (a maior número de atmosferas, cristalizaria). Mas Schuchert, do outro lado do Atlântico, proclama que os Açores são ilhas vulcânicas e não restos dum continente, e que a *tachylite* mencionada se formou provavelmente onde foi encontrada. Sem que vá tão longe como Palacki, que considera a Atlântida "impossível". [149], ou mesmo talvez como Th. H. Martin, Humboldt, Rialle, G. de Mortillet, Verneau e outros, que a consideravam uma fantasia que, segundo alguns, "deveria ser relegada para o domínio da fábula", [150] o que é certo é que, com a sua indiscutível autoridade, Schuchert afirma que "não há qualquer dado geológico que prove a existência da Atlântida de Platão nos tempos históricos" [151] .

1918. Vide também nota à Academia das Ciências de Paris, sessão de 3 de Dezembro de 1917.

[149] Cf. G. Sergi, *L'Uomo*, Milão-Turim-Roma, 1911, p. 40.

[150] R. Verneau, *Le Maroc et les Canaries,* in *Revue Générale des Sciences*, v. 10 (Paris, 1899),p. 149.

[151] C. Schuchert, *Atlantis and the permanency of the North Atlantic Ocean bottom*, in *Proceedings, National Academy of Sciences*, v. 3, n. 2 (Washington, Fev. 1917). Vide análise in *Nature*.

Uma das particularidades em que ressalta a insuficiência dos dados geológicos sobre que se tem pretendido fundamentar a tradição platónica, é a imprecisão dos contornos e da extensão dessa formação insular ou continental, imprecisão que encontra aliás desculpa na afirmativa de que a catástrofe de que fala Platão, não seria mais do que a última fase da submersão dum vasto território, de que não teriam ficado nas eras geológicas mais próximas da actual mais do que fragmentos relativamente muito reduzidos. Mas a verdade é que Termier inclui os Açores, a Madeira e as Canárias na Atlântida, quando é certo que ele mesmo dá conta de sedimentos miocenos da ilha de Santa Maria [152], a ilha mais meridional dos Açores, o que parece indicar que um mar mioceno separaria parcial ou totalmente estas ilhas dos arquipélagos do sul.

Gentil confessa que lhe não é possível dizer se a Atlântida compreendia os Açores, Cabo Verde e a Madeira; apenas lhe outorga as Canárias.

Para o Senhor Pereira de Sousa [153], uma parte da Atlântida existirá na depressão do Golfo de Cádis, que chama "afundimento em oval lusitano-hispano-marroquino" e que teria sido o epicentro do megassismo de 1755 e de outras manifestações sísmicas. Depois de se referir aos embasamentos de rochas antigas sobre que os vulcões originaram os Açores, Cabo Verde e Canárias, detêm-se na classificação da idade dos fósseis terciários ou mais modernos de Porto Santo e Madeira, estudados por K. Mayer e Berkeley Cotter, e nota que a Madeira e Porto Santo se elevam na direcção do prolongamento da Meseta marroquina, na qual se têm também encontrado depósitos terciários. A seu ver, "embora os arquipélagos das

---

[152] P. Termier, *Ob. cit.*, p. 230. Num artigo muito recente numa revista de vulgarização, *Lectures pour tous* (Jun., 1920), Alphonse Berget reedita as suposições de Termier sobre a Atlântida, mas, embora aludindo à descoberta da *tachylite* no fundo do mar a Norte dos Açores, evita mencionar estas ilhas entre os vestígios do hipotético território. Dado o carácter extremamente conjectural destes estudos, parece-nos prematura a sua vulgarização para o grande público.

[153] Pereira de Sousa, *Ideia geral dos efeitos do megassismo de 1755 em Portugal,* Lisboa, 1914.

Canárias e da Madeira estejam já na orla com que limita o afundimento em oval lusitano-hispano-marroquino, bem visível numa carta batimétrica, podem bem considerar-se os seus vulcões como consequências deste afundimento, e os outros terrenos como restos da região que se afundou. Talvez, diz, a deslocação que na serra de Caldeirão fez aflorar no Culm um trato importante de triásico seja um vestígio da catástrofe que sepultaria essa região.

Se a imprecisão sobre os contornos da hipotética Atlântida é grande (não falaremos agora da descrição de Germain que é fundada na zoologia), - tão grande que nos fazem sorrir as cartas geográficas da Atlântida dadas por Bory de Saint-Vincent e por Donnelly – a verdade é que não há menor imprecisão na fixação da data do cataclismo que a teria submergido. Gentil diz, como vimos, que a ruptura do canal canário-africano dataria do quaternário, mas francamente afirma não saber de que fase do quaternário.

O Senhor Pereira de Sousa também se não fixa na época do afundimento, a que já aludimos, e que deveria relacionar-se com a do retalhamento do continente de que teriam feito parte "as ilhas do Atlântico ocidental e cujos fenómenos eruptivos, ainda recentes, testemunham as fracturas" que produziram o seu desaparecimento.

O estudo dos depósitos do arquipélago da Madeira leva-o a crer que esta parte do afundimento se deu depois do Vindoboniense, depois de fechado o estreito andaluz e aberta a comunicação do Mediterrâneo pelo estreito sud-rifenho. É possível, em virtude da idade quaternária de alguns fósseis das praias levantadas de Porto-Santo, que o homem já tenha assistido à catástrofe. O terramoto de Lisboa de 1755 seria, para o Senhor Pereira de Sousa, ainda talvez o último arranco da Atlântida submersa.

Não se arriscando em conjecturas sobre a cronologia do fenómeno – possível, embora não provado – a não ser as fundadas nas investigações de Bolivar, D. Lucas Navarro distingue o continente atlântico dos geólogos (que teria

desaparecido no terciário), da Atlântida de Platão que, a ter existido, não poderia ter-se extinto antes da era humana. Ora, "a humanidade capaz de conservar tradições não é anterior ao quaternário médio, entre o Mindeliense e o Rissiense", e a simples tradição oral não bastaria, devendo por isso tratar-se já duma época menos remota, coeva duma humanidade mais evoluída [154].

Há algum dado geológico que permita crer em que o fenómeno seja de data assim relativamente recente? Não nos parece que a geologia nos conduza senão à crença na sua possibilidade. Os sismos de epicentro ocidental, litoral ou submarino, da Península atestam movimentos tectónicos ou instabilidade; mas o que podem dizer-nos sobre a data da submersão da Atlântida? Quais os cronómetros puramente geológicos que podemos utilizar neste caso?

*
* *

Não é lícito em suma confinar a solução do problema paleogeográfico da Atlântida dentro da geologia ou dentro da biologia. Para se provar que um facto geológico foi presenciado pela humanidade, e que uma expansão e uma cultura notável como as que Platão atribui ao povo da Atlântida, foram sepultadas nesse cataclismo formidável, é preciso não excluir os dados fornecidos pela pré-história ou até pela história.

Isto não quer dizer que essas ciências tenham fornecido já a solução que as outras não deram. Nada disso. Sob o ponto de vista histórico, como Plínio e outros, hajam reproduzido com mais ou menos fidelidade a explanação de Platão, que Teopompo haja apresentado uma sua variante, e que, segundo Marcelo, nas ilhas fronteiras à Mauritânia se tivesse conservado a tradição da Atlântida. Também nada se pode concluir de positivo das lendas de druídas, de que fala Louis Gentil. A

---

[154] D. Lucas Navarro, *Op. cit.,* p. 2.

arqueologia e a antropologia também não dão resultados positivos, como vamos ver.

Naturalmente não pensamos em localizar uma possível Atlântida senão no Leste do Atlântico em frente das Colunas de Hércules, abrangendo algumas das ilhas atlânticas, e tendo ou não primitivas ligações geomorfológicas com a Península Ibérica ou com a Mauritânia. É esta a única Atlântida a que se poderia referir o texto de Platão, bem preciso na sua localização para que, como Rudbeck, a identificássemos com a Escandinávia, ou, como Bailly, com a Groenlândia, o Spitzberg e a Nova Zembla, ou, como Latreille, com a Pérsia, ou como Buache, com a linha de altos fundos do Cabo ao Brasil, ou, como De Baer, com Sodoma e Gomorra, ou até, como mais recentemente fizeram outros autores, com a ilha de Creta (Edwin Swift Balch), ou qualquer região do contorno do Mediterrâneo – talvez a Sicília ou o Sul do Adriático – (Mahoudeau), ou as proximidades do Golfo da Guiné (Leo Frobenius). A localização na América ou na região das Antilhas (Oviedo, Mac-Culloch, De Paw, etc.) poderia admitir-se se uma tal distância fosse acessível aos antigos navegadores do oriente mediterrâneo e se mais perto, também a Oeste do estreito de Gibraltar, não houvesse regiões vulcânicas e instáveis, e outras ilhas atlânticas, às quais logicamente primeiro se devem dirigir os inquéritos mais especiais. O texto de Platão não autoriza a supor que se tratasse apenas duma *pequena* ilha litoral, formada pelos deltas do Ued-Sus e do Ued-Draa, como pretendia Berlioux: a Atlântida era maior do que a Líbia e a Ásia reunidas, dizia Platão, e por imperfeito que fosse o conhecimento que este tinha da extensão da Líbia e da Ásia, e por hiperbólica que fosse a sua asserção, é lógico crer que ele se não referisse nesses termos a uma “pequena” ilha litoral.

Tournefort e Bory de Saint Vincent aproximaram-se mais das suposições hoje predominantes, sobre a localização da Atlântida; mas são fantasiosas as razões que apresentam para explicar a sua submersão: para o primeiro teria sido a ruptura do Ponto Euxino e consequente aumento de volume das águas

do Mediterrâneo; para o segundo a ruptura do lago Tritónide do interior da África para o Oceano...

Mais infundadas são as identificações étnicas dos habitantes da Atlântida com povos conhecidos: os bascos e os guanches, segundo Bory de Saint Vincent; indo-europeus, loiros e de pele branca, parentes próximos dos celtas e dos pelasgos, talvez os líbios ou lebús, segundo Berlioux. Este traça-lhes mesmo uma "história" minuciosa das suas migrações e conquistas. Essa história tem para nós quase tanto valor como a ingénua suposição do nosso padre António Cordeiro, da Companhia de Jesus (1717), de que a tradição da Atlântida (ou Atlanta, como ele escreve) de Platão – que diz fabulosa e inacreditável – teve a sua origem no nome do décimo-quinto rei de Espanha, Atlante, vindo de Itália por mar [155] - um fantasmagórico rei dessa fantasmagórica série engendrada por frei Bernardo de Brito e similares – e de que a formação das ilhas atlânticas tem a sua explicação no *Genesis* [156].

Quanto aos bascos, o seu idioma anárico, no seio de populações falando línguas áricas, e alguns outros seus carácteres étnicos sugerem a identificação com populações muito antigas, de estirpe diversa da daquelas [157] - mas porque hão-de ser sobreviventes da Atlântida? Contra a hipótese de Berlioux, os loiros do Aures, de origem tão controvertida [158], não representariam com mais razão do que os bascos, os povos daquela terra submersa, nem é lícito, como aquele autor pretendia, atribuir a estes hipotéticos povos os monumentos megalíticos, que estudos recentes têm mostrado bastante

---

[155] Padre António Cordeiro, *História insulana das ilhas a Portugal sujeitas*, v. 1, Lisboa, 1866, p. 18 e segs.

[156] *Idem*, p. 24 e segs.

[157] Merecem especial referência os recentes estudos do prof. Aranzandi sobre os bascos: *El tipo y raza de los vascos*, Bilbao, 1919; *Crâneos de Guipúzcou*, in *Congreso de Madrid da Associación Española para el Progreso de las Ciencias*, 1913; *El triángulo facial de los crâneos vascos*, in *Memória de la Sociedad Española de Historia Natural*, t. 10, mem. 8ª (Madrid, 1917). Cf. também nosso livro *Raça e Nacionalidade*, Porto, 1919, p. 105 e segs.

[158] Cf. Mendes Correia, *Op. cit.*, p. 121 e 127.

relacionados com a distribuição da braquicefalia nas costas europeias [159].

Também Mahoudeau tem razão em distinguir os habitantes da Atlântida dos Atlantes do monte Atlas, que Plínio, Pompónio Mela, etc., descrevem como atrasados, ao passo que os outros, segundo Platão, seriam relativamente civilizados. Só uma confusão pode explicar, na opinião de Mahoudeau, que Diodoro Sículo houvesse dado os Atlantes do Atlas como de elevada cultura [160].

*

* *

Dum rápido balanço do que se tem colhido na paleoetnologia das ilhas atlânticas em questão e das regiões continentais fronteiras resultam elementos nulos ou quase nulos para o estabelecimento da realidade da Atlântida e para a fixação da data do seu desaparecimento.

Segundo o testemunho dos cronistas, os arquipélagos dos Açores e da Madeira foram encontrados desabitados. Os contemporâneos de Cristóvão Colombo, referem-se a cadáveres de homens duma raça desconhecida achados nas praias da ilha das Flores. Tratar-se-ia mais presumivelmente de supostos indícios das populações que as viagens de Colombo trouxeram ao conhecimento da Europa do que de problemáticos restos de

---

[159] Giuffrida-Ruggeri, *Antropologia e archeologia in taluni riguardi della preistoria europea*, Separata do *Archivio per l'Antropologia e l'Etnologia*, t. 46 (Florença, 1917), p. 11 e segs.

[160] P. G. Mahoudeau, *Les Atlantes d'après les auteurs de Pantiquité, in Revue Anthropologique* (Paris, 1913). Cf. também sobre a Atlântida: Do mesmo autor, *Les traditions relatives à l'Atlantide et à la Grèce préhistorique transmises par Platon*, in *Révue Anthropologique*, Paris, 1913. Segundo Mahoudeau, a tradição que serviu de base ao texto platónico, foi remodelada com o fim de lisonjear os Atenienses: tratar-se-ia dum cataclismo muito antigo sob o ponto de vista histórico e muito recente sob o ponto de vista geológico, e que teria ocorrido, como já foi dito, em qualquer região do contorno do Mediterrâneo. Nove mil anos antes de Sólon (a data fixada para o fenómeno no texto de Platão) ainda os navegadores do Oriente mediterrâneo não ousavam ir tão longe além das colunas de Hércules, e sem documentos figurados não seria possível conservar em povos atrasados, por muitas gerações, a tradição dum facto tão antigo.

antigas populações atlânticas. Também em Portugal se falou muito duma estátua de pedra dum homem a cavalo, com o braço direito e o indicador estendidos apontando o poente ou o noroeste, que teria sido vista na ilha do Corvo e que, segundo os contemporâneos do jesuíta Gaspar Frutuoso, apontaria uma ilha ainda encoberta, chamada Garsa. Para Frutuoso seria uma "antigualha muito notável"; para o padre Cordeiro seria "obra da Divina Inteligência" [161]. Supostos monumentos arqueológicos da ilha de S. Miguel, de que não há qualquer vestígio positivo, têm assim um valor documental análogo ao da fantástica estátua, concebida provavelmente pela fácil imaginação de alguns perante qualquer bloco de forma devida a forças naturais. As moedas fenícias e cirenaicas que se disse terem sido descobertas em 1749 na ilha do Corvo poderiam, quando muito, provar a visita da ilha por povos antigos do Mediterrâneo, o que não é de admirar [162] .

Só as ilhas Canárias têm fornecido dados arqueológicos e antropológicos dignos de atenção. Os seus habitantes à data da conquista europeia, os guanches, foram por Verneau identificados com o *Cro-Magnon*, que teria estendido as suas migrações da Dordogne ao SE. espanhol e às Canárias. Segundo Verneau, seriam altos e loiros, mas a verdade é que nada se pode dizer da cor do *Cro-Magnon* sobre os esqueletos... O jesuíta Cordeiro [163] no princípio do século XVIII atribui aos naturais das Canárias (já mestiçados com os europeus) cores meio morenas, em que "participam alguma coisa de africanos", e ordinariamente estatura alta, pouco ou nada se aproveitando do que ele diz sobre a sua filiação étnica: "Dos primeiros povoadores das Canárias não se sabe quem fossem ao certo; o

---

[161] Padre António Cordeiro, *Op. cit.*, v. 2, p. 316.

[162] Humboldt fez a crítica de alguns destes supostos documentos. Sobre o assunto escreveu Ernesto do Canto no *Archivo dos Açores*, v. 3 (1881), p. 102 e segs.

[163] O Padre Cordeiro fundou-se, ao que parece, para escrever o seu livro que tem reduzido valor, nos manuscritos de Gaspar Frutuoso (1522-1591), jesuíta como ele. Nunca vimos os manuscritos de Frutuoso, mas o nosso ilustre colega, Professor Urbano Soares, deles fez uma valiosa transcrição exactamente sobre os guanches, a qual constituirá um seu trabalho.

certo é que nem gentios, nem maometanos, nem mouros, ou turcos foram; porque os que as habitavam, quando foram conquistadas por católicos, não adoravam mais que a um só Deus, e por isso receberam com facilidade a Fé Católica; e por só alguns outros usos bárbaros se costuma dizer que eram gentios. Que nunca fossem maometanos, e menos mouros, ou turcos, consta de terem sido povoadas estas ilhas muito séculos antes de haver no mundo turcos, ou mouros, ou ainda maometanos; e de sempre as Canárias terem guerra com a mais vizinha África, e só de alguma delas e em algum tempo antigo muitas pessoas em África casavam, e ficaram participando do sangue africano: mas os mais só de entre si se propagavam, e depois de conquistados se aparentaram mais com os católicos conquistadores, e tanto, que já hoje nem há daqueles antigos a que chamavam gentios [...]" [164]. Como se vê, a preocupação da fé religiosa domina a narrativa, de que nada mais de concreto se apura sobre a etnologia dos guanches.

Segundo os dados de Sergi e Hooton, Giuffrifda-Ruggeri exclui a hipótese da filiação dos guanches no *Cro-Magnon*, estranhando que Osborn tivesse dado importância aos desenhos geométricos das grutas de Tenerife, como se eles se pudessem comparar às pinturas deixadas pelo *Cro-Magnonianos* nas cavernas espanholas e francesas [165]. O *Cro-Magnon* era alto, dolicocéfalo, com desarmonia crânio-facial (isto é, dolicocéfalo, com face curta e larga). Ora em 350 crânios antigos de Tenerife, Hooton encontrou poucos desarmónicos, e esses baixos, e a seu turno Sergi também encontrou poucos braquiprósopos nas Canárias. Quanto à estatura, Hooton sobre 63 fémures e 71 tíbias duma caverna de Tenerife, calculou as médias de 1m,62 para o sexo masculino e 1,52 m para o feminino, o que está longe, muito longe mesmo, dos valores muito altos do tipo de *Cro-Magnon*.

---

[164] Padre Cordeiro, *Op. cit.*, v. 1, p. 82.
[165] Giufrida-Ruggeri, *La successione e la provenienza delle razze europee preneolitiche e i pretesi Cro-Magnon delle Canarie,* Separata da *Rivista Italiana di Paleontologia*, a. 2 (Parma, 1916), p. 10 e segs.

Entre os trabalhos mais importantes sobre a pré-história a etnogenia das Canárias figura o de John Abereromby [166]; segundo este autor os primeiros habitantes das Canárias datam da *segunda fase*, ou fase berbere, do *neolítico* e falavam um dialecto berbere. Admite na etnogenia canária a interferência do ramo dólico ou mesocéfalo do tipo hamítico, o tipo de *Cro-Magnon*, que, como o anterior, seria de origem africana, e um braquioide de origem provavelmente europeia, que teria chegado quase ao mesmo tempo que os outros.

Nada de paleolítico nas Canárias – eis uma conclusão que permite pôr de parte a suposição de que, pertencendo as Canárias a uma Atlântida povoada pelo homem, esta se tivesse afundado no pleistoceno: a não ser que exactamente os restos emersos desse território jamais tivessem sido habitados ou percorridos pelos atlantes, o que não deixaria de ser singular.

Sobre Cabo Verde nada conseguimos averiguar de concreto que interesse ao ponto de vista que aqui debatemos.

A paleoetnologia da Ibéria e da Mauritânia, enriquecida aliás com numerosíssimas aquisições, nada esclarece por enquanto o problema, pois nem às culturas, que se sucederam, nem aos tipos humanos, que nessas regiões se têm estabelecido, é possível por enquanto atribuir uma origem atlântica. Os roteiros das várias civilizações do paleolítico na Península estão mais ou menos determinados: o chelense, o acheuleuse, o musteriense e o aurignacense (excepto o médio), seriam, como o capsiense (que tira o seu nome até duma estação dos arredores de Tunis, Gafsa), de origem meridional: teriam passado do norte da África à Ibéria. Pelo contrário o solutrense e o madalenense teriam origem europeia [167] .

De todas as culturas do paleolítico a que se manifestou nas artísticas decorações parietais das cavernas francesas e espanholas, seria sem dúvida aquela que indiciaria mais

---

[166] J. Abercromby, *The prehistoric pottery of the Canary Islands and its makers*, in Journal of Royal Anthropology Institute, v. 44 (Londres, 1914) (Análise em *Nature*).
[167] Cf. Hugo Obermaier, *Et hombre fósil*, Madrid, 1916, p. 202 e segs.

acentuado sentimento estético, senão mais elevada mentalidade. A supor-se paleolítica ou epipaleolítica a população da suposta Atlântida, o elogio que Platão fez à sua cultura, conduziria naturalmente a inquirir se estas manifestações da arte parietal seriam influências suas. Mas a arte naturalista que se desenvolve do aurignacense ao madalenense, não constitui o apanágio duma só civilização ou dum só povo, e o madalenense correspondente à mais notável fase artística da idade da rena é de origem nórdica [168]. À arte realista madalenense sobrevem em Espanha a arte esquemática dos capsienses do SO, e mais tarde a arte, ainda menos interessante, dos neolíticos [169].O capsiense, que se pode considerar, em grande parte, epipaleolítico e como que um prolongamento do aurignacense, abrange uma área extremamente vasta em torno do Mediterrâneo e mesmo mais longe, tornando-se difícil atribuir-lhe uma origem atlântica. As míseras populações dos *kiekkenmeddinger* tardenoisienses do Vale do Tejo, consideradas já por um autor português como um *Homo atlanticus* sobrevivente da afundada Atlântida [170], seriam de provável origem meridional, nada indicando, porém, uma sua origem no território desaparecido. A indústria microlítica tardenoisiense tem uma vasta área de expansão, desde a Península Ibérica, norte da África, Sicília, à Índia, Austrália, etc.

Mas a ausência do paleolítico, do epipaleolítico, do protoneolítico e da primeira fase do neolítico nas Canárias (já não falamos nos resultados negativos de inquéritos paleoetnológicos nos Açores e Madeira) conduzem-nos à suposição de que, se a Atlântida existiu, a catástrofe a que

---

[168] H. Breuil, *Les subdivisions du paléolithique supérieur et leur signification*, in *Compte rendu de la XIVeme session du Congrès International d'Anthropologie et Archéologie Préhistorique*, Genève, 1912, p. 202 e segs.
[169] Idem, *L'age des cavernes et roches ornées de france et d'Espagne*, Separata da *Revue Archéologique*, t. 19 (Paris, 1912), p. 40 e segs. É digno de nota que as principais manifestações artísticas do paleolítico superior ibérico predominam na região cantábrica, ao passo que o O*cidente* português tem uma arte rupestre quase nula ou rudimentar.
[170] António Sardinha, *O valor da raça*, Lisboa, 1915, p. 71 e segs.

Platão se referia, não dataria de qualquer desses períodos; não poderia remontar mais longe do que ao neolítico menos antigo, ou mesmo já à idade dos metais e tempos protohistóricos.

Ora, em geral, as mais importantes correntes civilizadoras dessas épocas tiveram uma origem mais oriental do que ocidental, embora se possa reconhecer uma certa individualidade de cultura nos restos arqueológicos de algumas populações como as ibéricas. Na idade do bronze, os lígures, povo do ocidente, têm uma fase de expansão, mas nada autoriza a identificá-los como os supostos atlantes.

Para explicar a aparição duma civilização premáleo-nigrítica no Congo e na Guiné, Georges Montandon, num importante estudo sobre as armas de África, renova a concepção da *ecúmena* de Ratzel. "Encontrando-se aquela civilização a oeste do continente africano, não poderia ter vindo da Oceânia pela América do Sul e pelo Atlântico?" Não – responde Montandon. É que a dispersão dos povos e das culturas se fez a partir dum ou mais centros na *ecúmena* que seria representada por uma superfície correspondente não a uma esfera mas à concepção da terra segundo os antigos, e essa dispersão ter-se-ia efectuado dentro de limites que nunca se encontraram em qualquer ponto. "O Atlântico teria sido o fosso nunca transposto" [171]. Este papel negativo do Atlântico na difusão dos povos e das civilizações é fundamentado na ausência de profundas e numerosas afinidades étnicas e culturais entre os indígenas das respectivas costas oriental e ocidental. Não falando no homem esquimóide de Chancelade, de origem aliás controvertida as afinidades que têm sido proclamadas entre essas populações, são em geral meramente superficiais.

*
* *

[171] Georges Montandon, *Des tendances actuelles de Pethnologie à propos des armes de l'Afrique*, in Archives Suisses d'Antrhropologie Générale, v. 1, Genebra, 1914 -1915, p. 114.

Em suma, a arqueologia não demonstra que qualquer população e qualquer cultura conhecida tenham vindo para o Antigo Continente ou influído nele, partindo da Atlântida. As suas indicações parecem mesmo mais opostas do que favoráveis a tal hipótese, a não ser que se reduza a proporções bastante modestas a alusão de Platão ao poderio e expansão dos atlantes.

Por outro lado, se a atribuição do cataclismo de que fala Platão, a uma data muito remota – ao pleistoceno, aos primeiros alvores da era humana – tem contra si a inverosimilhança de se ter podido transmitir através de tantas gerações uma tradição que para muitas dessas gerações teria sido apenas oral, a atribuição a uma data mais recente, aos primórdios da história, é combatida a seu turno pelo facto de se não ter conservado dum tão extraordinário acontecimento, duma tal civilização e dum tal povo uma documentação mais positiva e numerosa.

Em qualquer caso, os dados arqueológicos e etnológicos tanto nas ilhas atlânticas como no sudoeste europeu e no noroeste africano, são até agora nulos como elementos para a demonstração da existência da Atlântida. Nem por isso nos parece que a geologia deva dispensar em absoluto o concurso daqueles ramos científicos para a solução dum problema que ela continua também deixando em suspenso.

As novas ideias sobre a Atlântida [172]

Se há 15 anos não tivesse publicado um breve estudo sobre o problema da Atlântida [173], eu não tomaria hoje da pena para tratar um tal assunto. Não porque julgue este impróprio,

[172] In *Da Biologia à História*, Porto, 1934, p. 93-157.
[173] *Um problema paleogeográfico*, in *Revista da Faculdade de Letras do Porto*, v. 1 (Porto, 1919).

pelo que nele há de confuso, inseguro e inverosímil, dum cientista, ainda do cientista modesto que sou, mas porque me sinto atraído para tarefas mais objectivas e receio sempre perder o tempo, e perder-me até a mim próprio, nesse emaranhado labirinto de opiniões, de realidades e de ficções fabulosas em que tem de caminhar quem se ocupa dessa questão, precisamente uma das mais populares do nosso tempo, desta época em que ao lado da perfeita disciplina científica, dos métodos rigorosos de investigação, florescem, como nunca, os mais gratuitos dogmatismos, os exageros menos legítimos e as fantasias mais audaciosas.

A medida do interesse que o assunto suscita em variados meios, dá-o a soma enorme, formidável, de publicações que sobre ele constantemente surgem. Nos 15 anos decorridos, a *Bibliografia Geográfica*, dirigida por Elício Colin, tem quase sistematicamente consagrado uma rubrica especial à questão da Atlântida, com sínteses ou comentários, em poucas linhas, de Louis Germain, Besnier, Crone, Raveneau, etc., relativamente aos trabalhos ali referidos. Publicações científicas sérias como as *Petermanns Mitteilungen, a Berliner Philologische Wochenschrift* e outros, têm inserido numerosos artigos e memórias sobre a Atlântida. As mencionadas *Mitteilungen*, em 1926 e 1927, publicaram trabalhos, a tal respeito, de R. Hennig, P. Borchardt, A. Berger, Theodor Dombart, E. Gautier, A. Hermann, Fritz Netolizky, Meinulf Kusters, A. Schulten, etc. Mas na Sociedade Geológica de França e na Academia das Ciências de Paris o tema é abordado também por Jacques Bourcart, R. Mantovani, Ph. Negris, etc., o mesmo sucedendo noutros meios científicos. Volumes dalguns centos de páginas são consagrados, no mesmo lapso de tempo, ao assunto. Citarei os livros de Michel Manzi, Scott Elliot, Roger Dévigne, Gattefossé, Padre Moreux, Lewis Spence, F. Wencker, Giacinto Perone, etc., dos quais, aliás, poucos são servidos por erudição e crítica seguras. L. Germain, insuspeito atlantidófilo, mas zoólogo eminente, diz, por exemplo, de *Le livre de l'Atlantide* de Manzi (Paris, 1922), que "os trabalhadores sérios nada podem

aproveitar deste livro, desprovido de espírito crítico [...]; de *L'Histoire de l'Atlantide* de Scott Elliot (Paris 1922) escreve que é despida de espírito científico; ao livro de Roger Dévigne (*L'Atlantide*, Paris, 1923) dá-o justamente como superficial e cheio de erros manifestos. Erros e fantasias existem também nos livros do Padre Moreux e em muitos outros trabalhos publicados nos últimos anos.

Em 1926, Jean Gattefossé e Claudius Roux publicaram uma bibliografia da Atlântida [174]: registavam-se ali *nada menos de 1700 espécies bibliográficas*, além de 15 cartas do suposto continente propostas por diferentes autores, com maior ou menor fantasia. Já as cartas dadas por Bory de Saint-Vicent e por Donnelly, como dizia eu mesmo em 1919, nos faziam sorrir...

Como já antes Verdaguer, os poetas e os romancistas – por exemplo Pierre Bénoit – apoderaram-se do tema. Estavam no seu direito, tratando-se notoriamente de obras de pura imaginação. Os cientistas é que não tinham o direito de fazer romance, sob a capa austera de ciência... Na esteira de Pierre Termier, o ilustre geólogo que era também um grande poeta, alguns sábios distintos faziam sobre a Atlântida mais literatura do que ciência...

Em Paris, sob o patronato condescendente de algumas respeitáveis individualidades científicas, fundou-se uma *Société d'Études Atlantéennes*, que publicou um boletim, e da qual saíram fantásticos e imprevistos devaneios. Um dos devaneadores, Paul Le Cour, no *Mercure de France* [175], arranja etimologias inverosímeis e, proclamando a origem atlantidiana das civilizações, declarava fundar-se "no simbolismo, origem de todo o conhecimento", preconizando um regresso à tradição atlantidiana "detentora da ciência única e da harmonia"... [176]

[174] *Bibliographie de l'Atlantide e des questions connexes*, Lyon, 1926.
[175] *La réssurrection d'Atlantis* (número de 1 de Maio de 1925) e *A la recherche d'un monte perdu, l'Atlantide et ses traditions* (número de 1 de Dezembro, 1925).
[176] *Bibliographie Géographique* (1926), Paris, 1927.

Não faltaram os que, como Scott Elliot, Manzi, Schuré, Gattefossé [177] etc., queriam resolver o problema com auxílio da teosofia, auxílio estranho à verificação científica... Já em 1912 o alemão Lomer, num livro singular, previra a reemersão da Atlântida [178], como antes um argentino, Llerena.

É fácil de compreender a relutância que tal ambiente suscita para com o tema da Atlântida a quem quer que pretenda manter-se livre de influências perturbadoras, dentro do mais rigoroso espírito científico. Mas não faltam trabalhos sérios como nos últimos tempos, os de Germain, Couissin, Rivaud, V. Bérard, e tantos outros. O artigo de 1919 impunha-me o dever de, logo que possível me fosse, registar os aspectos que desde essa data a questão revestira. Fiz um novo exame do assunto e, sem modificar essencialmente a opinião anterior, *julgo ter chegado a alguns resultados novos*.

De resto, como o saudoso geólogo Pereira de Sousa que ainda no terramoto de 1755, de epicentro no golfo de Cádis, admitia tratar-se dum último arranco da Atlântida, submersa, como António Sardinha, o malogrado historiador, que no seu livro *O valor da Raça* fizera do homem pré-histórico de Muge um pretenso *Homo atlanticus*, sobrevivo do continente afundado, veio também outro português, o ilustre militar e colonial, senhor João de Almeida, numa conferência em 1931 na Sociedade de Geografia de Paris [179], reeditar a doutrina de que "o homem de Muge não é outro senão o homem da Atlântida", e afirmar que parece "indiscutível" a realidade do famoso continente e tem sido "um erro" não se contar com ele. O autor apresenta dois mapas hipotéticos da Atlântida, um do fim do plioceno e outro do período chelense do quaternário, sendo, porém, estranho que só no desta última data entre em linha de conta com o levantamento dos Pirinéus.

---

[177] *La vérité sur l'Atlantide*, Lyon, 1923.

[178] Louis Germain, *L'Atlantide*, in *Revue Scientifique* (Paris, 1924), p. 15 da separata e nota 1.

[179] João de Almeida, *Ao serviço do Império* – I. *O espírito da raça portuguesa na sua expansão além-mar*, Lisboa, 1933.

São de carácter rigoroso, no ponto de vista geológico, as considerações cautelosas que sobre a Atlântida fez ultimamente outro português, o doutor Carrington da Costa, num artigo sobre a hipótese de Wegener e a geologia portuguesa [180], ao qual adiante nos referiremos.

Nestas condições, o meu artigo de 1919 implicava o compromisso tácito de não ocultar o parecer que nestes 15 anos os novos trabalhos iam sucessivamente despertando no seu espírito relativamente a um problema que no dito artigo eu considerara prudentemente em suspenso. A divulgação em Portugal dalguns trabalhos estrangeiros sobre o assunto – nem sempre os mais dignos de crédito – e a própria existência de trabalhos portugueses recentes são factos que intensificam o que há de imperativo nesse dever. Eis porque me apresento a cumpri-lo, por menos entusiasmo que a matéria me sugira, e entendendo, como já escrevi outrora, que, dado o carácter extremamente conjectural destes estudos, eles devem ser debatidos nos meios científicos, sendo prematura a sua larga vulgarização para o grande público...

*
* *

Resumirei em primeiro lugar o meu escrito de 1919. [...]. Fora este inspirado por uma divergência entre dois ilustres geólogos, ambos já falecidos, que pouco antes se haviam ocupado do assunto. Um era Pierre Termier [181] e o outro Lucas Fernandez Navarro [182]. Para o primeiro - que considerava a Atlântida *geológicamente provável* bem como o cataclismo que a fizera desaparecer, "faltando apenas demonstrar que foi

---

[180] J. Carrington Simões da Costa, *A Geologia de Portugal, a Teoria de Wegener e a Atlântida*, in *A Terra*, (Coimbra, 1933).

[181] *L'Atlantide, in* Revue Scientifique (Paris, 1913), trad. ingl.: *Atlantis*, in *Smithsonian Report for 1915*, Washington, 1916.

[182] *Nuevas consideraciones sobre el problema de la Atlantis*, separata da *Revista de la Real Academia de Ciencias Exactas, Físicas y Naturales de Madrid*, t. 15, n. 9 (Madrid, 1917), p. 14 e 15.

posterior à aparição do homem na Europa ocidental" - nem a Geologia, nem a Biogeografia (da qual mencionava os dados de Germain), poderiam resolver o problema, cuja solução caberia à Antropologia, Etnografia e Oceanografia. Pelo contrário, Navarro, para quem os factos geológicos relativos ao assunto não demonstravam ainda suficientemente a existência da Atlântida, embora a tornassem verosímil, era só a factos dessa ordem e nunca à Etnografia e à Antropologia que caberia resolver a questão.

Ora, nesta divergência, eu ousava pronunciar-me por Termier – não pela sua tese indemonstrada de que a descrição de Platão é duma exactidão quase científica - mas pela necessidade da colaboração de todas as ciências indicadas, na resolução do problema, que não é apenas geológico, mas tem vários aspectos, sendo indispensável o concurso das ciências antropológicas para a identificação dalguns dos pormenores do texto platónico e para se averiguar se à remota humanidade suposta coeva do continente afundado poderiam corresponder a densidade demográfica e o grau de civilização naquele texto descritos. A fixação cronológica de um facto geológico dentro da era *humana* pode ser feita mais fácil e rigorosamente pelas indicações arqueológicas, antropológicas, etnográficas e até históricas do que pelas indicações exclusivas da geologia que não têm naturalmente, nesse caso, a precisão cronológica dos documentos históricos e até da arqueologia.

Confrontando os elementos fornecidos por vários naturalistas para a solução do problema da Atlântida, considerada uma grande massa de terra que ocuparia grande parte do actual Oceano Atlântico, entre o antigo Continente e a América, verifiquei o desacordo profundo entre eles. Ao passo que Termier, dum pedaço de lava vítrea, *tachylite*, extraída de 3100 m de profundidade, a 500 milhas ao Norte dos Açores, concluía que, não podendo ela ter solidificado no estado vítreo a uma pressão superior à atmosférica, provinha duma superfície terrestre submersa, Schuchert, do outro lado do Atlântico, dizia que os Açores são ilhas vulcânicas (não falando, claro, nos

sedimentos de Santa Maria e que a *Schylite* se formara provavelmente onde apareceu, não havendo "qualquer dado geológico que prove a existência da Atlântida de Platão nos Tempos Históricos". Enquanto Termier incluía os Açores, a Madeira e as Canárias na Atlântida, Lucas Navarro excluía os Açores, Gentil – o geólogo que estudou a continuidade do Grande Atlas com as Canárias apenas estava seguro de lhe poder outorgar este arquipélago... Navarro prudentemente distinguia o continente atlântico de muitos geólogos (que, em geral, se supõe ter desaparecido no terciário) da Atlântida de Platão que, a ter existido, não poderia ter-se extinto antes da era humanística. O saudoso professor Pereira de Sousa que, com razão, se impressionara com os factos averiguados de instabilidade sísmica das costas ocidentais, especialmente da região a Oeste das Colunas de Hércules, nem se fixava entretanto nos limites da Atlântida nem na data da sua submersão.

Da biogeografia surgiam idênticas contradições. O botânico Pittard colocava o desaparecimento da Atlântida num remoto quaternário, o zoólogo Germain na vizinhança do neolítico. Ao último se devem elementos que permitem crer em antigas ligações continentais entre as ilhas atlânticas (incluindo as de Cabo verde) e o Antigo e Novo Continentes. Wollaston, estudando os coleópteros da Madeira, Canárias e Cabo Verde concluíra, em 1876, que essas ilhas eram restos duma única e enorme massa de Terra que se submergira. Mas, num estudo sobre os moluscos do arquipélago da Madeira o barão de Castelo de Paiva contestava a tese da Atlântida e afirmava que quase todos os moluscos terrestres daquele arquipélago não apareciam nos Açores, Canárias, Cabo Verde, costas fronteiras de África e de Portugal e nas costas mediterrâneas. No entanto, a leitura da monografia não nos convence disso. O entomologista Bolivar dizia que a fauna ortopterológica dos Açores é uma fauna de importação e que há mais diferenças entre a fauna ibero-marroquina, mostrando que aquelas ilhas deveriam ter-se separado antes da abertura do estreito de

Gibraltar, ao passo que Gentil pensava ser a abertura do canal canário-marroquino posterior à deste estreito.

Assim, alguns elementos da geologia e da biogeografia não se opõem porventura, antes dão verosimilhança à possibilidade de ligações continentais atlânticas em datas remotas, talvez no terciário. Mas, como dizia Navarro, não provam que elas tenham atingido uma data coeva duma humanidade suficientemente evolutida para conservar a respectiva tradição. Ora quais os dados geológicos ou mesmo biogeográficos que permitem crer que a submersão desses territórios tenha findado numa data geologicamente tão recente? Quais os cronómetros geológicos a utilizar neste caso?

Eis porque não é lícito confinar nos campos da geologia, da sismotectónica e da biogeografia a solução do problema paleogeográfico da Atlântida. Seria preciso demonstrar que o facto geológico em questão foi presenciado pela humanidade e que os habitantes da Atlântida possuíam a cultura notável e a poderosa organização que Platão lhes atribuiu. Ora isso não autoriza a excluir os elementos de discussão fornecidos pela pré-história, pela antropologia, mesmo pela história, antes pelo contrário. Mas estes ramos de estudo não deram também ainda as demonstrações procuradas.

No meu artigo citado, acentuei que só a uma Atlântida, localizada mais ou menos na frente das Colunas de Hércules, abrangendo ou não algumas das ilhas atlânticas, e tendo ou não ligações geomorfológicas com a Península Ibérica e com a Mauritânia, se podia referir o texto de Platão. Este não permite outras localizações propostas, algumas as mais inverosímeis e absurdas, como no norte da Europa, na Groenlândia, na Pérsia, em Creta, na Palestina, nas proximidades do Golfo da Guiné, na América ou na região das Antilhas (Gomara, Oviedo, G. de Postel, Mac-Culloch, De Paw, Carli, etc.) só poderia admitir-se se essas regiões não estivessem a uma distância inacessível aos antigos navegadores do Mediterrâneo Oriental e se, mais perto deste, logo a Oeste do estreito de Gibraltar, houvesse regiões

vulcânicas e tectónicamente instáveis, e outras ilhas atlânticas as quais primeiro se dirige naturalmente o inquérito [183] .

O texto de Platão também não autoriza que se tratasse apenas duma *pequena* ilha litoral formada pelos deltas do *Ued-Sus* e do *Ued-Draa* como pretendia Berlioux: a Atlântida é descrita no velho texto como maior do que a Líbia e a Ásia reunidas. Por mais imperfeito que fosse o conhecimento das dimensões reais da África e da Ásia, e por hiperbólica que fosse a asserção, como admitir que se aludisse em tais termos a uma "pequena" ilha litoral?

As identificações étnicas dos habitantes da Atlântida com povos conhecidos têm sido também as mais contraditórias e, por vezes, as mais inverosímeis. Bascos, guanches, indo-europeus louros, celtas, pelasgos, líbios, índios da América, têm vindo à tela deste debate.

Ora que elementos paleoetnológicos nos fornecem as ilhas atlânticas, de interesse para o dito debate? Nulos ou quase. As ilhas dos Açores, Madeira e Cabo Verde, à sua descoberta, estavam desabitadas. Falou-se de cadáveres de homens de raça desconhecida encontrados por contemporâneos de Colombo nas praias da ilha das Flores. Também em Portugal se falou muito duma estátua de pedra, dum homem a cavalo a apontar para ocidente, que teria sido visto na ilha do Corvo [184]. Alguns supostos monumentos arqueológicos da ilha de S. Miguel [185] não deixaram qualquer vestígio documental, assim como a

---

[183] De resto, a América não se submergiu...

[184] António Ferreira de Serpa (*Açores e Madeira* - Exposição Portuguesa em Sevilha, Lisboa, 1929, p. 40) ocupou-se recentemente desta estátua, referindo-se à sua descrição por Damião de Góis e combatendo o cepticismo de Humboldt, E. do Canto, E. de Bethencourt, etc. Mas que ficou dessa "estátua" além da descrição de Damião de Góis?

[185] Gustavo Barroso (*As Colunas do Templo* – Rio de Janeiro, 1932, p. 290) ocupa-se da lenda das Sete Cidades, colhida pelo senhor Raposo de Oliveira, no vale desse nome, na ilha de S. Miguel. Relacionar-se-ia com o mito da Atlântida. Perto de Piracurara, no Piauí, Brasil, um amontoado natural de rochedos tem também esse nome. Cientistas apressados ou fantasistas, diz Barroso, afirmam que estão ali os restos de sete cidades dos antigos tupis, povo atlante civilizadíssimo, dando-lhes pelas pictografias uma data de dois mil anos antes de Cristo. O ilustre escritor brasileiro põe, com razão, estas suposições de remissa.

famosa estátua, talvez concebida pela imaginação dalguns perante um *lusus naturae*. As moedas fenícias e cirenaicas que teriam sido descobertas em 1749 na ilha do Corvo, nada mais poderiam provar do que a visita da ilha por povos antigos do Mediterrâneo. Humboldt e Ernesto do Canto fizeram a crítica destes documentos reais ou imaginários.

Só as ilhas Canárias forneceram materiais arqueológicos e antropológicos dignos de atenção. À data das primeiras visitas dos Europeus, vivia nelas uma população que pouco a pouco os Espanhóis foram extinguindo ou assimilando, mas da qual ficaram os depoimentos de muitos autores coevos, como o do português quinhentista Gaspar Frutuoso, e existem ainda esqueletos, múmias e restos arqueológicos que têm sido estudados por vários investigadores. Verneau identificou os antigos guanches das Canárias com a raça quaternária de *Cro-Magnon*, dizendo-os altos, louros e com desarmonia crânio-facial, mas, baseado nos estudos antropológicos de Sergi e de Hooton, Giuffrida-Ruggeri demonstrou não ser fundada aquela identificação, correspondendo a médias baixas a estatura e havendo poucos casos desarmónicos. O jesuíta português António Cordeiro no princípio do séc. XVIII, na sua medíocre *História Insulana*, diz que os indígenas das Canárias eram de cores meio morenas e ordinariamente de estatura alta, mas já então não havia "daqueles antigos a que chamavam Gentios [...]".

No ponto de vista cultural, Hooton com razão estranhava que Osborn tivesse dado importância aos desenhos geométricos das grutas de Tenerife, como se eles se pudessem comparar com as pinturas quaternárias das cavernas espanholas e francesas. A seu turno, J. Abercromby, estudando a cerâmica pré-histórica e a etnogenia das Canárias, concluiu que os primeiros habitantes das Canárias datavam da *segunda fase*, ou fase berbere, *do neolítico* e falavam um dialecto berbere.

Nada de paleolítico nas Canárias. Eis uma conclusão que nos autoriza a excluir a hipótese de que, pertencendo as Canárias a uma Atlântida povoada pelo homem, esta se tivesse

afundado antes do neolítico, a não ser que os restos emersos desse território jamais tivessem sido habitados ou percorridos pelos Atlantes o que não deixaria de ser estranho. [186] Onde fica já então a Atlântida dos geólogos submergida no terciário ou, mesmo ainda, no pleistoceno?

A paleoetnologia da Ibéria e da Mauritânia não esclarece por enquanto o problema. Quais as culturas pré-históricas ou tipos humanos que nelas se sucederam, com direito flagrante a verem-se considerados duma origem atlântica? Obermaier e Breuil autorizadamente traçaram os roteiros das várias civilizações do paleolítico na Península: para nenhuma falam da Atlântida. A mais notável manifestação cultural do paleolítico ocidental é a arte das cavernas franco-cantábricas: falta precisamente essa arte, com o brilho que a distingue, nas regiões do extremo Sudoeste da Península ou no Noroeste da Mauritânia, isto é, nas regiões de mais presumível contacto com a hipotética Atlântida. A cultura madalenense a que ela pertence, é considerada de origem nórdica.

E como pode às gente mesolíticas de Muge, com a sua existência miserável e selvagem, atribuir-se, como quiseram alguns autores portugueses já citados, uma filiação nos povos da Atlântida, de civilização e poder tão enaltecidos por Platão? A origem do *Homo taganus* é provavelmente meridional, africana, como a da cultura humilde de que ele era portador. [187]

---

[186] Dévigne (*Op. cit.*,p. IV) escreveu: «Imaginez quelques siècles de bouleversements semblables sur la civilisation dont nous sommes si fiers; une partie du onde civilisé s'effondrant sous les eaux; des terres émergeant à la lumière (não é disso que se trata, mas da submersão de velhas terras) et cherchez ce qu'il pourrait bien rester de l'Association Anglaise pour l'Avancement des sciences de la Bibliothèque Nationale ou du Collège de France sur un plateau do Bangui-Chari, sur un pic du Caucase, sur des iles du Pacifique?» Argumento é este sem valor. Evidentemente muitos restos da nossa civilização não aparecem por certo em qualquer ponto da área a que ela se estende; mas, salvo em picos inacessíveis ou em territórios distantes dos focos de tal cultura, não será difícil encontrar em toda essa área um ou outro vestígio da referida civilização. Se um cataclismo destruísse esta e os vindouros não tivessem senão os cumes desertos dos Alpes ou do Cáucaso para campo das suas pesquisas, neles não encontrando qualquer dado positivo, que poderiam concluir? Quando muito, *possibilidades*, nunca *certezas*.

[187] A aproximação, pretendida por Vallois, do *Homo taganus* com o homem de *Cro-Magnon* (aproximação de que aliás discordo) não apoiaria a tese em questão pois sendo

Em suma, a antropologia e a arqueologia não demonstram que qualquer população ou qualquer cultura conhecidas tenham vindo para a Europa ocidental, partindo da Atlântida. Por outro lado, se a atribuição do cataclismo a uma data muito remota, como o pleistoceno, tem contra si a inverosimilhança de se ter podido transmitir através de tantas gerações uma tradição que para muitas destas teria sido apenas oral, a atribuição a uma época mais recente, aos primórdios da história, é combatida a seu turno, não só pela data de que fala o texto platónico mas também pelo facto de se não ter conservado de tal acontecimento, de tal civilização e de tal povo uma documentação mais positiva e abundante.

E concluía o meu artigo de 1919, renovando – apesar dos resultados nulos da pesquisa arqueológica e etnológica nas ilhas atlânticas, no sudoeste europeu e no noroeste africano como elementos para a determinação da realidade da Atlântida – a afirmação inicial de que a geologia não deve dispensar em absoluto o concurso dos ramos científicos indicados, na solução dum problema que ela afinal também deixa em suspenso...

*

* *

De então para cá, continuaram os autores a repartir as suas atitudes perante o problema, desde o extremo de darem a Atlântida platónica como pura invenção ou simples alegoria, até o extremo oposto de a considerarem uma realidade científica perfeita. Em posições intermédias se encontram os que adoptam uma atitude agnóstica ou aceitam a hipótese de se tratar, no texto de Platão, duma transposição poética ou dum embelezamento mais ou menos fantasioso de alguns factos reais.

---

o *Cro-Magnon* pleistoceno e o homem de Muge mesolítico, era natural que este tivesse origem em França e não a ocidente da Península.

Entre os cépticos e opositores da realidade da Atlântida de Platão, enfileiraram, entre outros: A. Delatte [188], que lhe nega "qualquer realidade geográfica e histórica"; B. Saint-Jours [189], que nega também a Atlântida; o americanista Imbelloni [190] que diz a Atlântida uma simples alegoria, "filha da literatura", que teria servido a Platão para sede da sua utopia político-filosófica, "apesar do que muitos míopes anatomizaram depois essa página como se fosse uma descrição objectiva do relevo terrestre"; Paul Couissin [191], que crê ter sido a fábula da Atlântida forjada inteiramente pelos padres saítas que a contaram a Sólon com um fim político de agradar a Atenas, e nem sequer admite, como Mahoudeau e outros, que "um cataclismo local" do Mediterrâneo tivesse sido o ponto de partida dessa história; Jacques Bourcart, que, num estudo sobre o quaternário marroquino, não oculta o seu cepticismo [192], etc.

Admitindo a tese da simples invenção ou da alegoria, é de crer que nunca possa vir a apurar-se se o inventor do mito foi um sacerdote egípcio ou Sólon que a esse sacerdote o teria ouvido, ou Crítias que o conservaria de Sólon, ou o próprio Platão que arranjaria todos esses transmissores da pretensa tradição para a tornar verosímil... A minúcia e o presumível fim da descrição levam a preferir a última hipótese.

De todos os autores citados que me foi possível ler, o que mais me impressionou foi Paul Couissin, cujo trabalho pôs um dique sério às divagações perigosas da Sociedade de Estudos Atlantidianos e dos teósofos... É sobretudo importante a sua crítica do valor histórico e documental de todos os textos antigos que teriam afirmado a existência da Atlântida. Ele mostra afinal iniludivelmente que não só a antiguidade se

---

[188] *L'Atlantide de Platon*, in *Musée Belge*, 1922 (citado na *Bibliographie Géographique,* E. Colin, de 1924).

[189] *L'Atlantide de Solon n'est qu'un mythe*, in *Rev. Méridionale*, Bordeaux, 1924 (cit. na mesma Bibliografia, que lhe atribui erros e factos mal interpretados).

[190] *La Esfinge Indiana*, Buenos Aires, 1926, p. 24 e 316.

[191] *Le mythe de l'Atlantide, in Mercure de France* (Paris, 1927), p. 29

[192] *Essai sur le quaternaire marocain*, in *Bull. de la Société Géologique de France*, s. 4, t. 27 (Paris, 1927).

absteve de dar representações plásticas da história dos Atlantes, como a única fonte helénica da tradição da Atlântida foi, a bem dizer, o texto de Platão sendo também de ponderar, apesar dos padres saítas e Crantor falarem de monumentos egípcios relativos ao assunto, o não ter aparecido nada de tais documentos...

Imbelloni, muito lacónico sobre a matéria, inspirou-se decerto em Beuchat, o malogrado autor do magnífico *Manuel d'Archéologie Américaine,* que em 1912 dizia: "A l'heure actuelle, tous les esprits sérieux n'y voient plus autre chose qu'un mythe" [193], palavras que naturalmente escandalizaram os partidários da veracidade objectiva do texto [194]. Estes não terão dificuldade em opor a Imbelloni a suspeita de que ele não haja lido o referido texto, visto o dizer contido só numa página... Mas trata-se decerto duma figura literária, em que a parte está pelo todo. Passemos adiante.

Como disse, o estudo sensato e objectivo de Couissin impressionou-me, e a tal ponto, que em 1927 escrevi, num artigo na *Lusitânia*, que a Atlântida, com aquele estudo, se submergira de novo [195]...

Mas, no seu comentário, aparecido dois anos antes, ao texto de Platão, o tradutor deste, Albert Rivaud, de cujo trabalho só recentemente tive conhecimento, condescendia um pouco mais com a hipótese de Platão se haver inspirado nalgumas realidades que observava mesmo em redor de si, utilizando sugestões as mais variadas e imprevistas para a construção "de toutes pièces" do seu mito. Rivaud, pensando que o filósofo visava assim dar a impressão do máximo de verosimilhança à sua narrativa [196], acentuava, com visão justa,

---

[193] Liv. cit. no texto, p. 38.

[194] Vide, por exemplo, Roger Dévigne, *Un continent disparu – L'Atlantide –sixième partie du monde*, Paris, 1925, p. 246.

[195] *Os Portugueses e a questão de Glozel*, in *Lusitânia*, v. 4 (Lisboa, 1927).

[196] Platon, *Oeuvres complètes, Timée, Critias* (Comentários e tradução de Albert Rivaud), Paris, 1925, p. 246.

que esta apresenta a regularidade geométrica das cidades de Utopia... [197]

A tendência para não considerar rigorosamente exacta a narração platónica e para procurar interpretá-la ou nela descobrir factos reais que teriam sido mais ou menos desfigurados ou envolvidos em roupagens de fantasia, é talvez a tendência predominante nos escritos recentes sobre a Atlântida. Desloca-se esta no espaço ou no tempo, veem-se na sua descrição traços reais e linhas fictícias. Em 1920, Arldt localiza a ilha Atlântida em face da Europa de sudoeste, entendendo que a respectiva lenda, como as de Hércules e dos Argonautas, recorda um episódio da história dos descobrimentos e do primitivo tráfico. [198]

Pouco depois, o ilustre iberólogo A. Schulten, no seu sugestivo estudo sobre *Tartessos*, [199] a famosa cidade comercial que floresceu na antiguidade até o meado do primeiro milénio antes de Jesus Cristo, numa ilha junto da foz do Guadalquivir, vê "na formosa ficção platónica da Atlântida [...] uma notícia obscura de Tartessos" e procura pôr em evidência os pontos de contacto entre a sua descrição do empório andaluz e o texto de Platão. Em 1925, Butavand [200] localizava a ilha submersa no Mediterrâneo, a leste da Tunísia, entre a Sicília e a costa tripolitana, datando a guerra entre as Atlantes e os Gregos de 1.400 a. C.: é um deslocamento no espaço – do Atlântico para o Mediterrâneo – e no tempo – de 9.000 anos antes de Sólon, data fornecida por Platão, para 1.400 a. C.! Uma Atlântida fora do Atlântico é tão paradoxal!...

---

[197] *Ibidem*, p. 251.
[198] *Die Platonische Atlantis*, in *Berliner philologische Wochebschrift* (1920). Análise de M. Besnier na *Bibliographie Géographique* de 1920-1921, p. 8.
[199] *Tartessos – Contribución a la história más antigua de occidente*, Madrid 1924, p. 112 e segs.
[200] *La véritable histoire de l'Atlantide*, Paris, 1925 (*Bibliographie Géographique* de 1925)

Claudius Roux [201], em 1926, sugere uma localização da Atlântida de Platão na África menor, transformada em Península pela penetração de águas ao lado do Mediterrâneo e do Atlântico a sul do Atlas. Neste caso, porém, em vez do afundamento da Atlântida, ter-se-ia esta ampliado com a emersão de novas terras...

Já em 1925, dois alemães, Hennig e Iessen, vinham [202] apoiar a tese de Schulten, localizando também a ilha de Platão em Tartessos. Esta era igualmente, para o primeiro, a ilha dos Feácios e de Alcinous (*Schéria*) da geografia homérica, como a ilha de Calipso (Ogígia) seria a Madeira. Alb. Herrmann [203] combate as hipóteses de Hennig, que, como veremos, têm aliás alguma razão em aproximar da descrição platónica da Atlântida a da ilha dos Feácios, da *Odisseia*.

Em 1926, o ilustre malacologista do *Muséum* de Paris, L. Germain volta mais uma vez a ocupar-se da Atlântida na *Revue Scientifique* [204], mencionando passagens dos textos, opiniões de autores, dados batimétricos sobretudo muito elementos biogeográfico tendentes a demonstrar que a Atlântida de Platão teria sido uma massa terrestre formada pelas Canárias em ampla ligação com a África fronteira, constituindo essa massa apenas um fragmento – sobrevivente ainda no quaternário, até ao quaternário médio, talvez mesmo ao neolítico – dum vasto continente atlântico que no princípio do terciário, talvez até ao mioceno iria da Europa meridional e da África setentrional até às Antilhas a norte da América do Sul e englobaria os actuais arquipélagos dos Açores, da Madeira, das Canárias e das Ilhas de Cabo Verde. A submersão duma parte desse continente

---

[201] *Note sur la situation probable de l'Atlantide de Platon,* Lyon, 1926 (*Bibliographie Géographique* de 1926).

[202] Richard Hennig, *Das Ratsel der Atlantis*, in *Meereskunde*, v. 161, v. 14 (1925); idem, *Von Ratselhatten Landern, verskene Statten der Geschichete,* Munique, 1925 (*Bibliographie Géographique* de 1925)*;* idem, vários outros artigos nas *Pettermanns Mitteilungen*, 1926 e 1927; C. Jessen, *Tartessos – Atlantis*, in *Z. Ges. Ethn.*, Berlim, 1825 (*Bibliographie Géographique* de 1925).

[203] Cit. na rubrica *Géographie homérique* da *Bibliographie Géographique* de 1926.

[204] L. Germain, *L'Atlantide*, separata da *Revue Scientifique* (Paris, 1924).

corresponderia o Mar dos Sargaços, cuja espécie algológica dominante é o *Sargassum bacciferum*, sem relação com os Sargaços da costa americana, como muitas espécies animais existentes naquele mar, espécies aliás *litorais*. Num estudo, no mesmo ano publicado sobre a fauna malacológica caboverdiana, [205] Germain acentuou o carácter continental desta fauna e as suas relações, não com a África equatorial vizinha, mas com a ilha da Madeira cuja fauna seria sobrevivente, como a de Cabo Verde, da do oligoceno e do mioceno inferior da Europa central. Deter-nos-emos adiante na análise da força probatória dos argumentos de Germain para o problema que nos ocupa.

Em 1926 e 1927, Paul Borchardt, nas *Petermanns Mitteilungen* [206] emitiu sobre a localização da Atlântida uma hipótese que a revista inglesa *Nature* dizia [207] "the most plausible". A Atlântida estaria na região dos *Schotts* norte-africanos a partir do Golfo de Gades. O mar dos Atlantes seria um golfo ligado com o Mediterrâneo. Haveria testemunhos de perturbações tectónicas, para explicar a narrativa da submersão, e a confirmação na descrição de Heródoto, do Lago *Triton*, com a ilha coroada por um templo. Insisto: se não estava diante das Colunas de Hércules no Atlântico e se não se submergiu, como podia ser a Atlântida descrita por Platão? Herrmann, já citado, apoiaria esta localização, indo, porém, ao ponto de transferir para a África a primitiva Tartessos [208]...

Caberia enfim aludir aos que crêem na exactidão integral ou quase integral do texto platónico. Não faltaram eles no lapso de tempo de que nos estamos ocupando, como Dévigne, Ph. Negris, Perrone, Le Cour, Amato, G. Vinaccia. Já falamos nalguns. Poderíamos juntar muitos outros nomes, entre os

---

[205] L. Germain – *L'origine et les caractères généraux de la faune malacologique terrestre et fluviatile des iles du Cap. Vert* – "C-R. du Congrès des Soc. Savantes en 1926", Paris, 1927.

[206] *Platos Insel Atlantis*, ver. cit., Heft 1-2, 1927; *Bibl. Géogr., 1927)*

[207] Nature (1927), p. 421.

[208] Estas opiniões são criteriosamente analisadas por P. Bosch Gimpera em: *Fragen der Chronologie der Phönizischen Kolonisation in Spanien*, in *Klio*, v. 22 (Leipzig, 1928), p. 357, 361, etc.

quais o do eminente escritor e académico brasileiro, Gustavo Barroso [209], que prudentemente se pronuncia entretanto pela "alta possibilidade mas não pela absoluta certeza" da existência da Atlântida. Mas para quê insistir na menção detalhada de pareceres contra os quais se erguem as próprias contradições e inverosimilhanças desse texto, examinado serenamente à face das aquisições mais seguras e recentes da ciência?

*
* *

De facto, é impossível aceitar a exactidão literal da descrição platónica. Reli atentamente, várias vezes, a passagem do *Timeu* e o trecho, mais extenso e detalhado, do *Crítias*, em que Platão registou a pretensa tradição da Atlântida. É de crer que muitos que do assunto se têm ocupado, nunca tenham lido senão resumos ou versões defeituosas desses textos. Só assim se explicará que façam tábua raza de tantos elementos ponderosos que neles se contêm, para só verem coincidências parcelares, às vezes de pormenores sem significação. É ainda mais surpreendente que, tendo lido Platão, se proclame sem *ambages* a exactidão científica do texto (como Termier já citado), "a simplicidade e unidade do império colonial, religioso e comercial dos Atlantes" (Dévigne), ou que "a Atlântida é o berço da arte e da civilização" (Gennaro d'Amato) ou a necessidade de regressar à tradição atlantidiana (Le Cour)...

Não vou dar uma versão completa das passagens do *Timeu* e do *Crítias* que se referem à Atlântida. Julgo que a um espírito submetido a princípios rigorosos de disciplina científica e de crítica histórica, não será difícil encontrar de pronto, nessas descrições, inverosimilhanças e indícios de que as teceu, em grande parte pelo menos, uma intenção filosófico-política ou uma imaginação poética...

À falta ou escassez doutras fontes e tradições concordantes, juntam-se naqueles textos muitos motivos de

---

[209] *Aquém da Atlântida*, S. Paulo, 1931.

incredulidade sobre a sua exactidão histórica. Mencionemos alguns desses motivos, sem carregar os tons. Em primeiro lugar, admiremos a memória prodigiosa de Crítias, dando tantos números e detalhes sem recolher aos apontamentos de Sólon que consultara na juventude, e apenas invocando o auxílio da deusa Mnemósina... Notemos, em seguida, a contradição entre a minúcia rigorosa dalgumas descrições e o mero luxo literário doutras, como as relativas à flora e à fauna, em que, à parte o elefante, o cavalo e poucos tipos mais, nada aparece susceptível de identificação segura, apesar de tantas palavras que se gastam. Vê-se bem que o poeta descreve ali um mundo irreal.

Mas o que há de mais grave, ainda são as inverosimilhanças cronológicas. Como é possível, em face do que hoje se sabe de pré-história, admitir que no décimo milénio a. C. – isto é, numa remota data correspondente sem dúvida à plena idade da pedra nas regiões do Antigo Continente vizinhas da hipotética Atlântida – se conhecessem e utilizassem tantos metais e houvesse uma civilização mais grandiosa e brilhante do que as mais notáveis civilizações históricas, a qual desaparecesse sem deixar rastos mais eloquentes e significativos do que os que se lhe atribuem? Se Platão não falasse na expansão dos atlantes para oriente e ocidente, ainda se poderia invocar um isolamento total. Mas com tantos navios e um tal alargamento do seu império? A expansão para o novo mundo é contrariada pelo desconhecimento, na América pré-colombiana, do elefante [210], do cavalo [211], da roda [212], etc. A não ser, quanto ao cavalo e elefante, que se tratasse dos equídeos e mastodontes fosséis americanos... Mas falemos a sério. Os

[210] Vide, por exemplo, discussão do assunto em Imbelloni, *Ob. cit.,* p. 189. Dos elefantes fósseis se ocuparam recentemente Osborn e Max Uhle. Ainda sobre o elefante na América vide: Louis Germain, *Les origines de la civilisation précolombienne et les théories de M. Elliott Smith*, in *L'Anthropologie* ,t. 32 (Paris, 1922), p. 108. As ideias de Elliot Smith são combatidas por Imbelloni.

[211] No mesmo livro de Imbelloni, p. 65 e segs., e especialmente nota da p. 104.

[212] Holmes, *Handbook of Aboriginal American Antiquities*, parte I, Washington, 1919, p. 20.

carros de combate não eram usados pelo gregos, mas pelos egípcios e persas [213] .

Nos números, nas dimensões, as improbabilidades ressaltam. Se ao estádio podemos atribuir cerca de 180 m, um dos canais teria uns 1800 km de comprimento, associando-lhe outros descritos no texto, o total, sem falarmos em ramos divergentes, constituia, para uma planície com o dobro da superfície de Portugal, uma rede de mais de 12.000 km, quer dizer uma rede muito superior à de hoje toda a Índia (2.000 km), à de toda a China (4.000 km), à da Alemanha (2.050 km), à da França (5.252 km) e apenas comparável à dos Estados Unidos (15.500 km), que corresponde a um país duma área de 9.420.000 km2, ou seja muitas dezenas de vezes maior do que a problemática planura atlântica...

O santuário atlante de Poseidon seria duma área muito maior do que as das catedrais de S. Paulo e de Colónia, das basílicas de S. Constantino e de Santa Sofia, da Notre Dame de Paris, do Ramesseum, do grande templo do Sol em Cuzco, do tempo peruviano de Xochicalco, dos compridos monumentos dos Maias do Iucatão, dos maiores *teocalli* mexicanos... A sua área seria apenas comparável às dos grandes templos de Babilónia, de Jerusalém, de Tiauanaco, da grande pirâmide de Quéopes, da basílica de S. Pedro em Roma.

E tantas estátuas, efígies e ornatos de oiro? Platão descreve-os com prodigiosa abundância no templo atlante referido. Só estátuas, em oiro, de Nereides com golfinhos (em torno do colossal monumento também de oiro, em que Neptuno aparecia guiando o seu carro tirado por 6 cavalos alados) havia, segundo o texto, cem... Fora o mais, em estátuas e efígies de reis, rainhas, particulares, etc...

Ora, havia ornatos de oiro na muralha de 400 passos do templo do Sol em Cuzco – um friso de placas de quatro palmos de largura e dois dedos de espessura – e nas paredes dos edifícios envolvidos por essa muralha. Dois bancos em que só o

[213] Rivaud. Tradução citada, das obras de Platão.

Sapa-Inca tinha o direito de se sentar, eram incrustados de ouro e de esmeraldas. O grande templo peruviano do Sol na ilha de Titicaca era, segundo Blas Valera, tão rico que se poderia dizer feito de ouro [214]. Mas nem, como vimos, a Atlântida se pode identificar com a América, nem estes monumentos americanos existiam já ou eram assim nos tempos de Platão... [215]. isto, admitindo mesmo que não há exagero dos cronistas, ao relatarem a magnificência e fausto das civilizações pré-colombianas. Fora do Novo Continente, também o ouro aparecia nos ornatos e estátuas de alguns templos da antiguidade. No templo de Bel, em Babilónia, havia, por exemplo, uma grande estátua, uma mesa e um escabelo, todos de ouro. Apesar de tudo, a abundância do ouro no santuário da fabulosa Atlântida seria sem par...

E tantos navios e carros de combate?! 1.200 navios (não pequenos barcos, mas da importância de trirremes, que tão antigas se revelariam, e com 200 homens de tripulação cada um...) e 10.000 carros de combate, fornecidos só pela planície central, permitem presumir que a potência naval e militar da Atlântida, que compreendia mais nove reinos ou principados, seria bastantes vezes superior.

Mas onde a narrativa toca as raias do absurdo, é nos números relativos aos guerreiros e aos cavalos ao serviço das tropas. A planície central concorria, só ela, com 1.440.000 homens para o exército de terra e mar e com 240.000 cavalos! Admitamos que cada uma das outras circunscrições só contribuía com metade, e alcançamos totais estupendos de cerca de 8 milhões de homens e 1.320.000 cavalos! Não é

---

[214] Beuchat, *Ob. cit.*, p. 641 e 642.

[215] Philip Ainsworth Means, *An Outline of culture-sequence in the andean area, in* Proceedings of the Nineteenth International Congress of Americanists, 1915 [...], Washingtion, 1917, p. 236; Silvanus Griswold Morley, *The Rise and Fall of the Maya Civilization in the light of the Monuments and the Native Chronicles*, idem, ibidem, p. 140; Ambelloni, *Ob. cit., p. 169, etc. Muitos outros estudos cronológicos existem para as mesmas e outras civilizações americanas. Estas não são sincrónicas da egípcia, onde o período neolítico finda por volta de 5.000 a. C., mas muito mais recentes. Muito menos podiam aproximar-se cronologicamente da pretensa civilização da Atlântida.*

possível fazer ideia do modo como se mobilizava e abastecia um tal exército, sem caminhos de ferro, sem transportes automóveis, sem os meios de comunicação actuais. E, sobretudo, não se compreende como Atenas, tão pequena, com os seus diminutos recursos e população, teria podido, abandonada dos aliados, deter vitoriosamente tão grandiosa avalanche...

Os recenseamentos pecuários mais modernos do nosso país estabelecem um total de pouco mais de 80.000 cabeças de gado cavalar. Com o dobro da superfície de Portugal, a planície central da Atlântida fornecia aos exércitos em tempo de guerra o triplo desse número de cavalos!?

Eu não quero fazer espírito à custa dum texto de Platão. O filósofo ateniense, o maior filósofo da antiguidade, está acima, muito acima, dos meus gracejos. Mas a verdade é que à construção filosófico-poética da Atlântida ele só podia dar logicamente um fim que não permitisse jamais a verificação do que nela havia de fantasioso, e esse fim lógico foi o que ele lhe deu – afundando-a. Um vasto lençol de águas ficou protegendo dos olhares indiscretos dos investigadores de todos os tempos, a poderosa e rica Atlântida...

Evidentemente, é ainda admissível que as inverosimilhanças da descrição sejam o produto duma deturpação hiperbólica e imaginosa duma realidade fundamental, muito mais modesta. As lendas homéricas têm sido "traduzidas em linguagem histórica". Ora na narrativa da Atlântida há analogias com passagens de Homero: a preocupação das fontes, natural em gentes da seca Ática; os palácios maravilhosos; as ilhas encantadas; as grandes expedições guerreiras; as viagens em mares misteriosos e longínquos; a intervenção frequente e decisiva dos deuses. Tem razão, a meu ver, o autor que encontra afinidades entre a Atlântida e a ilha dos feácios da *Odisseia*, onde se descreve a cidade e o palácio admiráveis do rei Alcinous, a mesma costa escarpada, etc. Os mares ocidentais eram tema das mais contraditórias lendas dos escritores gregos que, como depois

fariam as gentes medievas, os povoavam de obstáculos e monstros. Platão coloca a Atlântida sob a égide de Poseidon ou Neptuno, do deus do mar, que na *Odisseia* fora o perseguidor do grego Ulisses.

A menção no *Timeu* dum continente para lá da Atlântida seria uma coincidência casual da fantasia com a realidade, um pressentimento genial da América ou já mesmo uma vaga notícia das longínquas terras ocidentais? A verdade é que nesse ponto Platão acertou.

Se está longe de haver unanimidade de vistas, entre geólogos ou geofísicos, sobre a existência e a submersão dum grande continente atlântico dentro da era humana, é menos difícil conseguir a aquiescência geral ou quase geral de uns e outros à tese da possibilidade de que uma ilha ou ilhas de proporções muito menos grandiosas do que as atribuídas à Atlântida, se tenham afundado no Atlântico, em face da Ibéria e da Mauritânia, dentro da era humana, mesmo nos tempos proto-históricos. Há exemplos análogos no globo. Há a ponderar a instabilidade sísmica destas regiões e que as suas costas marítimas marginam áreas de subsidência. [216]

Os partidários da doutrina da *permanência* dos oceanos e dos continentes nem um grande continente atlântico, que se teria submergido no terciário, admitem. Em carta de 22 de Outubro de 1920 o eminente geológo americano Schuchert, afirmava-me que elementos geológicos provam a inexistência da Atlântida de Platão, e mostrava a sua relutância em admitir continentes e ligações continentais baseados na distribuição dos seres vivos, embora aceitasse tais provas no que se refere por exemplo, aos velhos continentes a devónica Eria, no Norte, e de ondwana, no sul. Os oceanos e os mares de hoje, concluía, "are where they were" – estão onde estavam.

Mas, apesar da facilidade com que Termier, Berget, Negris e outros atlantófilos não têm hesitado em crer em que vinha até

---

[216] Além dos trabalhos de Pereira de Sousa, vide, por exemplo, mais recentemente: Raúl de Miranda, *Tremores de terra em Portugal (1923 a 1930)*, Coimbra, 1930.

à época humana o suposto continente atlântico admitido por alguns geólogos (ou seus restos importantes), a maioria dos geólogos ou põe em dúvida a existência desse continente e desses restos ou recua as suas últimas fases para tempos geológicos, em que a humanidade não existia ainda, ou, se existia, estava ainda muito longe dos tempos históricos, isto é, não estava em condições de poder manter até Sólon e Platão a tradição de seus factos. Em geral, o dito continente não se considera como subsistindo mais do que até ao mioceno. Berget relacionava-o com os sílices terciários de Ipswich. Raros são os que, como Negris, admitem o seu prolongamento até ao quaternário. A simples probabilidade de ligações continentais entre a Europa e a América antes do mioceno é admitida por F. Roman, sobre o estudo da fauna terciária continental do vale superior do Tejo, o que é também indicado pelo estudo dos vertebrados [217].

Num discurso perante a Sociedade Geológica de Londres [218] o professor J. W. Gregory, ocupando-se da história geológica do Oceano Atlântico, não é de parecer que a Atlântida tenha podido ultrapassar o oceano, mas concorda em que as Canárias possam ter estado ligadas do continente até ao pleistoceno. Van Ihering deu o seu aplauso a estas ideias.

Estes problemas pareceram tomar, porém, um novo aspecto com a teoria de Wegener. Decerto a tradição platónica não pode já ser o eco de uma longínqua data em que a massa siálica americana estivesse toda quase em contacto com a massa eurafricana fronteira. A América, de resto, como já vimos, não é identificável com a Atlântida. O estudo comparado da geologia de Portugal com a da América do Norte levou ultimamente o doutor Carrington da Costa [219] não só a avigorar as suas

---

[217] Fréderic Roman, *Nouvelles observations sur les faunes continentales, terciaires et quaternaires et la basse valée du Tage*, in *Comunicações do Serviços Geológicos de Portugal*, t. 12 (1917), p. 99.

[218] *Nature* (London, 1929), p. 262.

[219] J. Carrington Simões da Costa, *A Geologia de Portugal, a Teoria de Wegener e a Atlântida, Ob. cit.*

inclinações em favor da sedutora teoria das translações continentais, mas também a concluir que a ruptura e desmembramento da ligação siálica entre a Europa ocidental e a América se teriam dado, a ter existido tal ligação, no início do mioceno, originando-se certamente várias ilhas, algumas das quais porventura extensas e duradoiras. O carácter litoral e não pelágico da fauna do mar dos Sargaços, com distantes afinidades com as formas europeias e americanas, teria explicação na existência dessas ilhas. Mas o doutor Carrington da Costa, admitindo que a Atlântida, a ter existido, nem podia possuir as dimensões indicadas por Platão nem haver deixado como testemunhos os Açores, a Madeira e Cabo Verde, localiza a hipotética terra na fossa em oval lusitano hispano-marroquina e secunda a opinião, por mim defendida em 1919, de que não à geologia, mas à pré-história, à história, à antropologia, pertence esclarecer o problema, ou resolvê-lo em última análise.

Resumindo, a geologia e a geofísica não se opõem à existência duma Atlântida, ainda na era humana, mesmo nos tempos proto-históricos: mas exigem que ela tenha tido dimensões muito menores do que as que lhe atribuía o texto platónico e, por outro lado, se não se opõem a que ela tenha existido e se tenha submergido, *não demonstram que assim se tenha passado de facto*. Por outra, admitem a *possibilidade* da Atlântida, nas proporções modestas e localização que indiquei, mas dela não dão a *certeza* científica, e muito menos a certeza de que com essas terras tenham desaparecido qualquer povo ou qualquer civilização...

Contra o que muitos imaginam [220], as cartas batimétricas não permitem, por si só, reconstituir a configuração de

---

[220] Estava nesse número o ilustre oceanógrafo Alphonse Berget, recentemente falecido, que acreditava na "verdade" da narrativa de Platão, de acordo com Termier Germain. Apoiando-se na oceanografia, dava um mapa da Atlântida no seu trabalho *L'Atlantide d'aprés la légende et devant la science moderne*, in La Science de la Vie, v. 27, n. 91 (1925). Baseava-se nas descobertas de sílices lascados no terciário de Ipswich para crer que o homem foi contemporâneo da Atlântida. Ph. Negris *(L'Atlântide*, in *Révue Scientifique*, a. 60, Paris, 1922, p. 614) apoia-se na existência do vale submarino do

territórios submersos. Elas revelam zonas de deslocamento, fossas e relevos submarinos, mas seria ousado supôr que a morfologia dos fundos conserva integralmente os contornos daqueles territórios. De resto, como evidenciou Thoulet, não se deve exagerar a precisão de detalhes das cartas batimétricas em geral. Conhece-se mal a morfologia do solo submarino. Veja-se como a recente expedição do *Meteor* no Atlântico tropical e austral modificou profundamente as noções anteriores sobre os fundos dessas áreas marítimas [221]. E os seus resultados são ainda susceptíveis de modificação, apesar de terem sido feitas nada menos de 67.000 sondagens acústicas!

Os elementos biogeográficos, reunidos em grande número e com notável competência, sobretudo, por L. Germain, provam a existência de relações faunísticas entre os arquipélagos atlânticos, a Europa sud-ocidental, a África nord-ocidental e a América. Provam as afinidades entre as Canárias e o continente vizinho. Provam maiores relações entre Cabo Verde dum lado e as Canárias, a América e as regiões circum-mediterraneas ocidentais, do outro lado, do que entre Cabo Verde e a África tropical vizinha. Provarão talvez que no Mar dos Sargaços houve uma ou mais zonas emersas. Mas, à parte as Canárias e a África vizinha, todas essas relações não indicam contactos recentes. Milice [222] considera a zona terrestre dos Sargaços desaparecida no quaternário. O próprio Germain não concede à Atlântida de Platão senão uma diminuta parte do vasto continente atlântico que diz retalhado já no meio da era terciária. E escreve – ele, um atlantófilo: "A ciência [...] delimita vagamente os seus contornos (da Atlântida). Mas revela-se incapaz de fixar, com precisão, as datas das suas submersões e é

Hudson para crer numa Atlântida glaciária. O glaciário dataria, para ele, de há 10 ou 9 mil anos.

[221] Camille Valaux, *L'Atlantique intertropical et austral, a'après l'expédition allemande du Meteor*, in *Anais da Faculdade de Ciências do Porto*, v. 15 (Porto, 1928).

[222] Alb. Milice, *Contribution à l'étude des migrations atlantides et méditerranéennes*, in *C-R. du Congrès de Grenoble de l'Association Français pour l'Avanc. des Sciences* 1925, Paris, 1926 (Análise de Germain na *Bibliographie Géographique* de 1926).

com dificuldade que se antevê que as últimas convulsões deste prodigioso abalo foram contemporâneas das primeiras humanidades. Mas que importa? Fica a epopeia, a maravilhosa epopeia do divino Platão [...]" [223].

Que importa? Importa registar – digo eu – que, como a Geologia e a Geofísica, a Biogeografia se não opõe à possibilidade duma Atlântida de mais modestas proporções do que as que lhe dava Platão, mas não demonstra que ela tenha necessariamente existido, visto que mal entrevê que o seu desaparecimento tenha sido coevo das primeiras humanidades, como diz Germain, quanto mais do povo e da civilização que descreve o filósofo ateniense!...

Resta examinar os aspectos arqueológico, etnológico e histórico acrescentando algumas considerações ao que já disse no artigo 1919. Naturalmente não nos detemos nos argumentos de Dévigne, de Lewis Spence, e doutros que, como aqueles, facilmente se convencem de que tudo na arqueologia, na antropologia e no folclore, mesmo os elementos menos dignos de crédito, são provas duma origem atlantidiana. Nada os embaraça. Para uns são as afinidades dos paleolíticos europeu e americano que demonstram a Atlântida platónica, que seria afinal milhares de anos posteriores. Para Berget a presença do homem no continente atlântico estava provada com os toscos sílices terciários de Ipswich (Inglaterra). Para outros, os atlantes eram do neolítico. Negris, misturando o glaciário com o eneolítico diz os atlantes da idade do cobre e derivados dos dolicocéfalos mediterrâneos do neolítico. Para Dévigne e para a maioria, os atlantes seriam, numa data correspondente ao mesolítico, o grande povo do bronze... É precisa uma certa saúde mental para resistir, sem prejuízo das nossas faculdades, ao desfile de tanta contradição e fantasia.

Em 1924 escrevi numa nota dos *Povos Primitivos da Lusitânia* [224] em que também aludia rapidamente ao livro de

[223] L. Germain, *L'Atlantide*, *Ob. cit.*, sobretudo pp. 45 e 47 da separata.
[224] Porto, 1924, p. 8 – nota I, que continua na página seguinte.

Dévigne, à teoria de Wegener, etc: "As analogias culturais registadas entre distantes populações, como as do México e Perú e as do Egipto, pouco significam; é preciso não esquecer que entre essas culturas há naturalmente um laço comum – o facto de serem obras duma mesma mentalidade, a mentalidade humana". Reparemos no número de séculos que separam a pretensa civilização atlântica da do Egipto, e esta das do México e do Perú. Poucos hoje admitem uma origem monogenista das construções megalíticas, por exemplo. Os etnólogos entram constantemente em linha de conta com fenómenos chamados de *convergência*, isto é, de analogias etnográficas com origens independentes.

O esclarecimento do nosso problema não avançou, pois, também sob este aspecto, de 1919 para cá. Avidamente procurei qualquer fio condutor na reprodução, nesse ano feita [225], da parte ainda até então manuscrita, das *Saudades da Terra*, de Gaspar Frutuoso, relativa às ilhas Canárias e seus habitantes. Estes falavam diversas línguas desconhecidas, eram valentes, dextros, afáveis, dados à criação de gado e à agricultura, lavrando a terra com chifres, moravam em grutas e cabanas, desconheciam o uso do fogo, dos metais, da escrita e "das bestas de carga para o seu serviço", tinham armas de madeira e de pedra, e embalsamavam os cadáveres por meios que o nosso autor, como outros, descreveu: estado de cultura neolítico, como já sabíamos.

Os pormenores que ele fornece também, sobre os caracteres físicos dos guanches não esclarecem o enigma. como o não esclarecem os novos trabalhos antropológicos de Aranzadi, Tamagnini, Verneau e Barras de Aragón [226] que, se

---

[225] Pelo doutor Urbano Canuto Soares, *Ensaios filológicos – Um manuscrito português ao século XVI e o problema guanche*, in *Revista. da Faculdade de Letras do Porto*, v. 1 (Porto, 1919).

[226] Francisco de Las Barras de Aragón, *Estudio de los cráneos antiguos de Canarias, existentes en el Museo Antropologico Nacional*, in *Actas y Memorias, Sociedad Española de Antropologia Etnografia y Prehistoria*, t. 8 (Madrid, 1929). Aí são citados os trabalhos dos outros autores sobre as Canárias.

não concordes uns com os outros sobre a importância dum elemento de *Cro-Magnon* ou *cro-magnonoide* nessa população, já mista, não excluem, porém, a possibilidade de relacionar mais ou menos as origens dela com a população da região africana fronteira, como já um açoreano coevo afirmava a Gaspar Frutuoso ter ouvido a um canário da Grande Canária, de nome Antão Delgado. Este, interrogado sobre a procedência dos naturais das Canárias, respondeu sorrindo, que "donde podiam ter vindo senão dessa Berbéria que estava ali tão perto"...

Enfim não se modificou, quanto aos indígenas das Canárias, a conclusão a que Hooton chegara em 1916 [227]. Para o autor americano aquelas ilhas não foram habitadas pelo homem antes do período geológico actual. A sua civilização material não recuaria a uma data anterior ao neolítico, e elas deveriam ter recebido algumas influências culturais proto-históricas (prática do embalsamamento dos Egípcios, por exemplo?) sobretudo as ilhas mais orientais. Para o mesmo autor, a civilização das Canárias seria um desenvolvimento afastado, da dos berberes, com os quais haveria afinidades linguísticas, assim como, nalgumas palavras, com os *kabilas* e até com os Árabes.

A abundância da África menor em estações paleolíticas [228] e a morfologia neolítica da mais remota cultura das Canárias, a mesma até à descoberta no séc. XIV, são factos que não militam, creio eu, em favor da ligação, por tantos autores admitida, daquelas ilhas ao continente vizinho até uma data geologicamente recente. Teremos de concluir que nem as Canárias fariam parte da pretensa Atlântida? Porque não?

Mas, se em vez de pretendermos delinear uma Atlântida, mesmo de modestas dimensões e de modesta cultura, que pudesse constituir a realidade que a lupa de Platão ou de seus

---

[227] E. A. Hooton, *Preliminary remarks on the Archeology and physical Anthropology of Tenerife*, in *American Anthropologist*, v. 18 (1916).

[228] Hugo Obermaier, *El maleolitico nel Africa menor*, separata de *Homenage a Bonilla y San Martin*, v. 1, Madrid, 1927; *El paleolitico del Marruecos español,* separata do *Bol. de la Real Soc. Españ. de Hist. Natural*, v. 28 (Madrid, 1928); Louis Siret, *Notes paléolithiques marocaines*, in *L'Anthropologie*, v. 25 (Paris, 1925).

informadores teria ampliado desmesuradamente e projectado numa antiguidade demasiado remota, nos contentássemos em procurar nas regiões ocidentais de aquém das Colunas de Hércules um ou outro facto geológico que pudesse adaptar-se, mesmo isoladamente, à descrição de Platão, a nossa tarefa seria mais fecunda em resultados interessantes. Simplesmente essas coincidências parcelares não autorizam a conclusão, a que tantos chegaram, da realidade integral ou quase integral da narrativa platónica, antes as deveremos interpretar doutra forma.

Houve, por vezes, movimentos de povos invasores de Ocidente para Oriente. A *Ora Marítima* de Avieno, regista a migração dos *oestrimnios* da Península Ibérica para Nordeste, para a Bretanha. As lendas irlandesas estão cheias de referências a invasões do solo da ilha por iberos. Estes foram averiguadamente, na região circum-mediterrânea, até ao Ródano. Atravessaram o mar até à Sicília (sicanos). Os povos do mar que invadiram o Egipto faraónico, seriam líbios ocidentais.

Houve, e há, ilhas na região atlântica, em frente da Mauritânia e da Ibéria. Os fenícios e os gregos conheceram as Canárias, talvez a Madeira. Toda essa área é de instabilidade sísmica.

É de crer que aos ouvidos dos povos do oriente egeu e mediterrâneo tivessem chegado os ecos vagos e longínquos de impérios e notáveis culturas da pré-história e proto-história ocidentais. Não falarei já, por circunscritas e muito recuadas, nas admiráveis manifestações da arte troglodita quaternária dos Cantábricos e dos Pirenéus. Mas, por volta do terceiro para o segundo milénio antes de Cristo, houve sem dúvida no ocidente da Península uma cultura – a cultura megalítica – "que revela a existência duma vida colectiva intensa (sem a qual se não compreenderiam os poderosos esforços para a edificação dos monumentos dolménicos) e duma vida moral, religiosa, militar e política, que se traduz na sua arte esquemática, no culto dos mortos, nos seus ídolos, nas suas expedições guerreiras ou pacíficas, na consagração presumível de acontecimentos, de

chefes ou de heróis". Se fosse possível completar a precária reconstituição arqueológica já feita, com um mais largo esforço de evocação histórica, talvez (escrevi eu mesmo em 1928) surgisse das trevas um império mais admirável do que muitos dos que a história enaltece, e um povo mais glorioso do que muitos que os poetas imortalizaram. [229]. A essa notável cultura lítica e paleo-metálica que se expandiu dum lado para a Bretanha, Irlanda e outras regiões do norte, e, por outro lado, para o Mediterrâneo, Norte de África, Baleares, sul de França, Itália e Sicília, sucedeu uma triste decadência, uma decadência tal que os cartagineses e os romanos ao chegarem a estas paragens, não podiam adivinhar na população pobre, rude, fraccionada, atrasada, que por aqui encontram, o esquecido brilho e poderio de eras passadas.

Mas não conseguiu, com mais ou menos realidade, a imaginação evocadora e erudita de Adolf Schulten reconstituir, nas margens do Guadalquivir, o império poderoso e rico de Tartessos, que teria florescido desde o segundo milénio ao meado do primeiro a. C., tendo sido nessa época o mais importante empório comercial do extremo ocidente?

Do mesmo modo que o império megalítico português decai durante o segundo milénio, também a cidade de Tartessos decai ou é mesmo destruída pelos cartagineses por volta de 500 a. C. Estas derrocadas podiam sugerir uma imagem simbólica, a do aniquilamento da Atlântida. Schulten assim pensa relativamente à queda de Tartessos, 150 anos antes do tempo de Platão. "Uma ficção poética – escreve o ilustre iberólogo de Erlangen [230] pode ter raízes na realidade. Não esqueçamos que a Tróia de Homero resultou dum facto, apesar de todas as ironias que os filólogos dirigiram a Schliemann". E enumera várias coincidências entre a Atlântida e Tartessos, algumas das quais

---

[229] *A lusitânia pré-romana,* in *História de Portugal* do professor Damião Peres, v. 1, Barcelos, 1928, p. 155 e 156.
[230] A. Schulten, *Tartessos*, *Ob. cit.*, p. 113 e segs.

poderiam também, a meu ver, reivindicar-se para o círculo cultural megalítico do ocidente português.

A localização de Tartessos, idêntica à da Atlântida; as riquezas em metais, das montanhas do país; a genealogia neptuniana ou oceânica dos reis; a primazia da idade na transmissão do trono entre os atlantes e a velhice lendária do rei Argantónio entre os tartéssios; a descrição do país, com a planície da Atlântida representada pelo vale do Bétis e as montanhas do Norte pela Serra Morena; o movimento e o ruído do porto da capital; talvez a correspondência do templo principal da Atlântida com o templo tartéssio de que fala o périplo de Avieno; o tráfico mundial; a riqueza de produtos naturais; os touros da Atlântida e os bois do rei tartéssio Gerião; as leis antiquíssimas escritas numa coluna de oricalco na Atlântida e as leis tartéssias com mais de 6 mil anos, referidas por Estrabão; são (ainda com outros) factos invocados justamente por Schulten para fundamentar a sua hipótese de que "a ficção" da Atlântida contém uma "notícia obscura" de Tartessos. Poderia falar também dos elefantes da Atlântida e do marfim tartéssio, referido no *Livro dos Reis*, do Antigo Testamento, que noutros pontos cita.

Mas a riqueza em metais (como o estanho das montanhas do Norte de Portugal, o ouro de alguns dos nossos rios, o cobre das minas do Sul do país), a abundância de vegetação e produtos naturais (que nas suas *Laudes Spaniae* os velhos autores tanto enalteceram, desde Políbio), a importância cultural dos toiros (de que há representações pré-históricas), o *Mons Sacer* nos arredores de Lisboa (Monsanto?), a quantidade dos cavalos (os lusitanos eram bons cavaleiros e os seus cavalos excelentes, apesar de pequenos), o seu papel nos sacrifícios entre os lusitanos, as tendências guerreiras reconhecidas nos lusitanos, os jogos gímnicos, hípicos e hoplíticos entre estes, alguns detalhes do armamento lusitano (escudo pequeno, dardos, etc.), as navegações dos *oestrímnios* e o tráfico antiquíssimo dos portos portugueses, a menção constante do Zéfiro nos "limites da terra", são, como outros, factos que

permitiriam também aproximar da descrição da Atlântida o que se sabe destas paragens e dos povos pré-históricos e proto-históricos do extremo ocidente peninsular.

Mas tais aproximações, possivelmente mesmo convergências casuais, não teriam fim [231]. Sabemos seguramente que na Grécia já havia, antes de Platão, um conhecimento mais ou menos exacto das regiões ocidentais, situadas fora das Colunas de Hércules, conhecimento que transparece nitidamente em Homero, Hesíodo, Estesícoro, Anacreonte, Hecateu, Heródoto, etc. Como escrevi em 1928 [232], se as viagens dos gregos ao Ocidente desde cerca de 700 a. C. (época em que os tírios são vencidos pelos Assírios) são já um facto histórico assente, é possível considerar mais antigas as primeiras visitas dos Egeus a estas paragens. É crível que, mesmo antes dos focenses, os cretenses e os micénicos aqui tivessem vindo. "O aspecto legendário e fabuloso dalgumas passagens de Homero e doutros antigos autores gregos, como Hesíodo, não impediu que modernamente nelas se reconhecessem, pelo menos em parte, versões de factos reais. Embora mais tarde, no século V, Píndaro dê simbolicamente as Colunas de Hércules como o limite intransponível das viagens

[231] Até se encontram para o oriente... Há pouco W. A. Heidel (*A suggestion concerning Plato's Atlantis*, in *Proceedings of the American Academy of Arts and Sciences* , v. 68, Mai. 1933), crê que Platão, tendo-se inspirado para a sua ficção da Atlântida, na geografia grega de Hecateu, Heródoto, etc., teria, por um espírito de simetria que se nota nesses geógrafos, localizado também no ocidente factos que se supunha existirem nas paragens orientais. Assim, não faltariam, nestas paragens, colunas como as de Hércules a assinalar as expedições guerreiras, como as legendárias de Sesostris, a que se refere Heródoto e o lodo que, com dificuldades para a nevegação, teria resultado da submersão da Atlântida, teria correspondência, do lado oriental, nos obstáculos deixados pelo presumido desaparecimento de ligações continentais entre a Ásia meridional e a África, ligações admitidas por alguns geógrafos gregos contra outros que afirmavam a existência de périplos da África, como o de Necau. O elefante da Índia e de Ceilão teria também a contrapartida no elefante da Atlântida. Embora combatesse os geógrafos jónios, Heródoto também admitia tais simetrias, como por exemplo, quando afirma que se houvese Hiperbóreos, também devia haver Hipernótios. Heidel acha mais racional procurar na história e geografia gregas, a solução do problema da Atlântida, do que nas últimas descobertas da geologia moderna.

[232] *A Lusitânia pré-romana*, in *Ob. cit.*, p. 158

dos Gregos para ocidente, (e, de facto, os acontecimentos históricos lhes tinham dificultado o acesso às regiões ocidentais), é certo que o Tartessos "de raízes argênteas", o país das Hespérides "de voz sonora" e das "formosas maçãs de ouro", a residência das Górgonas "mais além do ilustre Oceano, nos confins da noite", o palácio de Estix, "com colunas de prata que chegavam ao céu", os prados donde Hércules teria levado para Micenas, num dos seus trabalhos, os bois de Gerião, aparecem com grande probabilidade, como paragens atlânticas conhecidas e visitadas pelos gregos dessas remotas eras" [233].

Reconhecemos, por outro lado, que não é possível identificar a Atlântida com qualquer região do globo, sem termos de a deslocar inverosimilmente no tempo ou no espaço, ou num e noutro, e sem termos de a reduzir – e ao império atlante – a proporções muito menores, não faltando, de resto, contradições e inverosimilhanças que aconselham o maior cepticismo sobre uma aceitável correspondência do conjunto da descrição platónica com qualquer realidade objectiva.

Em tais condições, uma conclusão se impõe, nítida, insofismável: a de que a história da Atlântida é, no conjunto, uma alegoria poética, filosófica ou política, e, no detalhe, uma combinação fantasiosa de factos imaginários com factos reais. Nalguns pormenores o seu autor ter-se-ia inspirado em redor de si, no mundo do Mediterrâneo oriental [234].

Noutros, porém, a sua imaginação teria combinado vagas tradições relativas a longínquos ou próximos cataclismos geológicos com notícias fragmentares, mais ou menos deturpadas e exageradas, referentes a países e povos das regiões atlânticas. Em suma, um tecido de heteróclitos retalhos, em que a pura invenção não cortou todas as raízes numa realidade parcelar e desfigurada. A minúcia e o fim da narrativa levam-nos a crer, como disse já, que a sua autoria pertence mais a Platão do que aos padres saítas, a Sólon ou a Crítias.

---

[233] *Ibidem.*
[234] Assim pensa Rivaud. Heidel vai mais longe, à Ásia meridional, por exemplo.

Em suma, a Atlântida descrita no *Timeu* e no *Crítias,* ou mesmo uma Atlântida semelhante a essa, nunca existiu. Mas em tempos remotos e nas regiões atlânticas houve, sem dúvida, alguns factos reais que forneceram sugestões à formosa alegoria que tantas ondas de tinta tem feito correr...

*
* *

Toda essa construção foi colocada – numa extensão significativa da mitologia grega ao extremo ocidente – sob a égide de Neptuno ou Poseidon, o deus do mar, cujo poder era quase igual ao do seu irmão Zeus. Caprichoso, muitas vezes possuído de cóleras terríveis, Poseidon tinha o seu palácio maravilhoso – sempre os palácios maravilhosos! – nas profundidades do Oceano. Acalmava as tempestades, mas mais frequentemente as desencadeava, em momentos de fúria temerosa. O mar abria-se à passagem do seu carro puxado por cavalos de patas de bronze e crinas de oiro. À sua ordem, os monstros irrompiam dos abismos (entre eles, toiros como os de Creta e Maratona), ilhas novas emergiam das águas, estas invadiam as terras, as fontes (sempre as fontes!) brotavam do solo. Uma simples pancada do tridente, produzia um terremoto. Como os mitos helenos do mar se adaptam à história da Atlântida!

Mas há mais. O tridente e o cavalo são atributos neptunianos. O cavalo – em que a Atlântida era tão prodigiosamente rica!...

Dos amores de Neptuno com Clito nascem 10 filhos, em partos gemelares. Da primeira gestação surge primeiro Atlas, em seguida Gadiros. Note-se bem: Atlas um topónimo marroquino; Gadiros, correspondente, como o próprio Platão sugere, ao nome fenício de Cadiz, na costa sud-ocidental da Espanha. Dir-se-ia que o carácter gemelar destes partos de Clito simboliza a dualidade europeia e africana destas paragens ocidentais.

Os outros nomes dos filhos de Poseidon têm aparecido escolhidos ao acaso, arbitrariamente. Terá sido assim? Talvez não. Alguns desses nomes aparecem já em Homero, Hesíodo, Pausânias, etc., mas relativos a personagens decerto diferentes. Diaprepes surge mais tarde ligado, como Atlas em Hesíodo, com a lenda das Hespérides. Azaes não aparece noutro texto. Entre os reis legendários de Atenas, também Platão mencionava Cecrops, que, segundo Wilamowitz, recorda o nome duma tribo antiga da Grécia. Eram legendários heróis indígenas. Rivaud, o sensato comentarista de Platão, conclui: "Não nos apressemos demasiado a afirmar que a escolha dos nomes dos reis atlantes é inteiramente arbitrária. Quando mais se estuda a obra de Platão, mais nela se encontram, mesmo no pormenor, intenções ocultas" [235]

Ora, relendo na edição Müller o *Crítias*, feriu-me particularmente a atenção o nome do primeiro gémeo da quarta gestação de Clito: *Elásippos* no texto grego. *Elásippon ou Elásippos*. Tive a brusca impressão duma analogia com o nome de Lisboa (*Olisippo*). Essa impressão radicou-se subsequentemente no meu espírito pelos motivos que passo a expor.

Em primeiro lugar, trata-se de paragens atlânticas. Por outro lado, no texto aparecem nomes, como os de Atlas e Gadiros, correspondentes a semi-deuses ou heróis epónimos dum monte e duma cidade das mesmas paragens. É possível que outros nomes, aparentemente arbitrários ou de significado desconhecido, tenham origem análoga. Além disso, não faltavam topónimos gregos na Península [236]. Esta mesma no século VI a. C. é designada, no périplo que serviu de base a Avieno, pelo nome de Ofiusa, de origem grega (significando "terra de serpentes") e a costa portuguesa é a *Ophiussae frons*. Acresce que o porto de Lisboa devia ter desempenhado já um papel importante como intermediário no tráfico dos tartéssios e

[235] Rivaud, *Ob. cit.*, p. 234 e 264.
[236] Schulten, *Fontes Hispaniae Antiquae*, v. 1, Barcelona, 1922, p. 6, 89, etc.

mediterrâneos com o Atlântico. Schulten assim o crê [237], fundado no mesmo périplo que a partir do *sinus* ou golfo do Tejo menciona mesmo um caminho terrestre para Tartessos e Mainake, dando as durações do percurso a pé. Segundo o professor alemão, os focenses de Mainake, bloqueado então pelos cartagineses o empório tartéssio, iriam directamente por essa via terrestre à foz do Tejo buscar o estanho das regiões atlânticas do Noroeste. Isto tudo significa a alta importância que no séc. VI a. C. tinha o golfo de Lisboa para os gregos [238]. Região habitada desde a remota idade da pedra [239], era bem de crer que, desde muito antes do séc. VI, ali existisse um ou mais povoados. A futura Lisboa poderia, como tem sido aventado, ter o seu gérmen num castro ou citânia já então sito, por exemplo, no alto do Castelo de S. Jorge [240], e o papel do estuário do Tejo no tráfico da época leva a crer que já então a futura cidade não seria um povoado insignificante, cujo nome os gregos não registassem sequer.

Mas o argumento mais importante para a aproximação entre *Elásippos* e Olisipo, surgiu ao meu espírito, ao verificar que *Elásippos* é também um nome comum grego que significa "que lança os cavalos na corrida" ou "que conduz os cavalos". Uma associação de ideias se estabeleceu de pronto entre este facto e o conhecimento dos velhos textos (Varrão, Plínio, Sílio Itálico, Justino, etc.) em que se alude a uma tradição de que os cavalos da região de Lisboa eram tão velozes que se dizia serem, ali, as éguas fecundadas pelo vento. Varrão escreve: "In foetura res incredibilis est in Hispania, sed est vera, quod in Lusitania ad oceanum in ea regione, ubi est oppidum Olysippo, monte Tagro, quaedam e vento certo tempore concipiunt equae" [241].

---

[237] F.H.A., *Ob. cit.*, p. 92; *Tartessos*, *Ob. cit.*, p. 85 e 98.
[238] Segundo Carpenter *(The greeks in Spain*, p. 125) a estrada de *Olisipo* a Tartessos seria também percorrida pelos indígenas.
[239] Provam-nos os achados de Fonseca Cardoso, Joaquim Fontes, Padre Lapierre, Virgílio Correia, Mesquita de Figueiredo, etc.
[240] Leite de Vasconcelos, *Religiões da Lusitania*, v. 2, Lisboa, 1905, p. 129, nota.
[241] *Rerum Rusticaram,* II – I, 19 (p. 104 da edição Nisard).

Plínio, logo que cita *Olisipo* entre as cidades, di-la "célebre pelas éguas que o vento fecunda" [242] e mais adiante torna a falar em que é certo nas proximidades de Lisboa e do Tejo, as éguas aspirarem o sopro fecundante do Favónio, ficando grávidas e sendo os potros extremamente rápidos na corrida [243]. Justino cita a lenda mas não acredita. Outros atribuem-na aos cavalos vetões.

Inventaram-se, desde tempos distantes, etimologias sucessivas e variadas para o nome da capital portuguesa. Nas inscrições e nos textos figura as mais das vezes *Olisipo*, algumas vezes o *p* é dobrado, poucas vezes o *O* inicial é substituido por um *U*. Nalguns autores há deturpações, mas as inscrições sobretudo são bastante uniformes. Daquelas deturpações algumas obedeceram já ao propósito de tornar aceitável uma dada etimologia. Mas a filiação do nome de Lisboa a partir de *Ulisses* está hoje posta de parte, apesar da antiguidade dessa hipótese e do valor de alguns autores que a defenderam. Da derivação fantasiosa a partir do nome de *Lysias*, filho de Baco, ou de *Elisa*, neto de Noé, nem a vale a pena ocuparmo-nos. A que ultimamente mais circulava [244] era a hipótese formulada no século XVII por Samuel Bochard [245] e adoptada por ilustres arqueólogos contemporâneos como Júlio de Castilho [246] e Matos Sequeira [247]: Lisboa viria do fenício (porquê do fenício?), de *Alis ubbo*, que significaria "enseada amena". É poético, mas gratuito. Porém já Marinho de Azevedo [248], embora indo buscar a origem a Elisa, neto de Noé, e admitindo a reedificação de Lisboa por Ulisses, cita a etimologia, que aliás combate, *Olios e Hippon*,

[242] *História Natural,* IV – 35, 4 (p. 204 da edição Nisard).
[243] Idem, VIII – 67, 1 (p. 345).
[244] Vide, por exemplo, *Les Guides Bleu Portugal*, Paris, 1931, p. 24.
[245] *Geographia Sacra*, 2ª parte, Chancan, Cadomi, 1646, p. 695. A 1ª parte começa no dilúvio e na torre de Babel; a 2ª é o produto duma obsessão que via apenas nomes fenícios em todo o mundo...
[246] *Lisboa Antiga – II. Bairros Orientais,* Lisboa, 1884, p. 28
[247] *Lisboa*, in *Enciclopédia pela imagem*, Porto, p. 11
[248] Luís Marinho de Azevedo, *Fundação, antiguidades e grandezas da mui insigne cidade de Lisboa*, Lisboa, 1753, livro II, p. 45.

que significariam lugar onde se reúnem os cavalos. A tradição da fecundação das éguas pelo vento é aí recordada. Tal opinião etimológica teria sido sustentada por Lourenço Valla (séc. XV) e Gerardo Mercator (séc. XVI).

Assim, sem poder assegurar que Platão tenha escrito o nome exacto da antiga Lisboa (há tantas deformações nos velhos textos!), julgo crível que o *Elásippos* do *Crítias* diga respeito à nossa Lisboa e que este nome se relacione com a tradição a que alguns séculos mais tarde dão guarida quase todos os autores que primeiro se referem à cidade lusitana. Devo dizer que se *Elásis* significa em grego "corrida a cavalo" ou "equitação", também se afirma ter havido um nome indígena peninsular *Elaísos*, corrompido em grego *Elaíos* [249]. Mas parece provável que o primitivo nome grego de Lisboa se tivesse relacionado com a existência dos velozes cavalos da região, os cavalos lusitanos, encarecidos por tantos autores antigos e porventura ascendentes dos mais ágeis cavalos dos campinos do Ribatejo actual.

Seja como for, a hipótese por mim apresentada recua do século I a. C. (Varrão), ou do séc. II a. C. (fortificação por Bruto Calaico, segundo Estrabão), para o séc. IV antes da nossa era (com o *Crítias*), a menção mais antiga de Lisboa nas fontes literárias e históricas. Representada por um herói ou semi-deus epónimo, esta apareceria assim envolvida na narrativa da mais remota história da Atlântida. Quando este relato, pelo que nele há de mítico e inverosímil, não tivesse outro interesse real, ele surgiria precisamente para nós, portugueses, como o mais antigo texto em que ressoa o eco da formosa rainha do extremo-ocidente europeu. Que maior glória heráldica poderia caber a esta do que ter sido quase divinizada na prosa do imortal ateniense!?

---

[249] F.H.A., v. 1, p. 121.

ANTÓNIO RODRIGUES SILVA JÚNIOR

A Atlântida: subsídio para a sua reconstituição histórica, geográfica, etnológica e política [250]

[...]. Sacudida por cinco pavorosos cataclismos que, no espaço de um milhão de anos, abalaram até aos fundamentos o seu majestoso colosso continental, com o último desses paroxismos sumiu-se nas profundezas do Oceano, o poderio, glória e fama das seis sub-raças da quarta raça humana, que ali floresceram.

Ao período glorioso dos chamados *Reis Divinos* dos Grandes Iniciados, sob cujo domínio sábio e patronal a sub-raça tolteca, de tipo superior às suas antecessoras, atingira um brilhante desenvolvimento e cultura, sucederam através de milénios os períodos fatais da degenerescência e decadência e o declínio da civilização atlante, acentuou-se numa queda vertiginosa.

Nações vizinhas e de sempre aliadas, romperam os seus laços de paz e fraternidade, surgiram então incendiadas as paixões da riqueza, da ambição, de poderio, desvairando os espíritos e abafando no seu sussurro sinistro a voz dos descendentes dos homens esclarecidos e bons que tentavam manter os códigos gloriosos da chamada Idade de Ouro da Atlântida.

---

[250] In *A Arquitectura Portuguesa* (Jan. 1930-Mai. 1933).

A civilização cintilante duma raça que possuía poderes psíquicos, que não tinha ainda caído na materialidade e que se achava depositária de conhecimentos iniciáticos, aos quais correspondiam possibilidades de actuar com forças naturais potentíssimas, desviou-se do caminho recto e elevado para o do egoísmo pessoal e colectivo, donde sempre provieram as calamidades que podem aniquilar a felicidade das pessoas, classes, povos e raças.

O emprego das descobertas da ciência dessa época, denominada Magia, que etimologicamente quer dizer: Ciência, dos Magos ou Sábios, passou a ter aplicações malévolas e cruentas de destruição e morte, de aí a distinção que antigamente se fazia entre a Magia Branca, ou ciência empregada com fins desinteressados para o bem geral, e Magia Negra, quando empregada com fins egoístas e perversos.

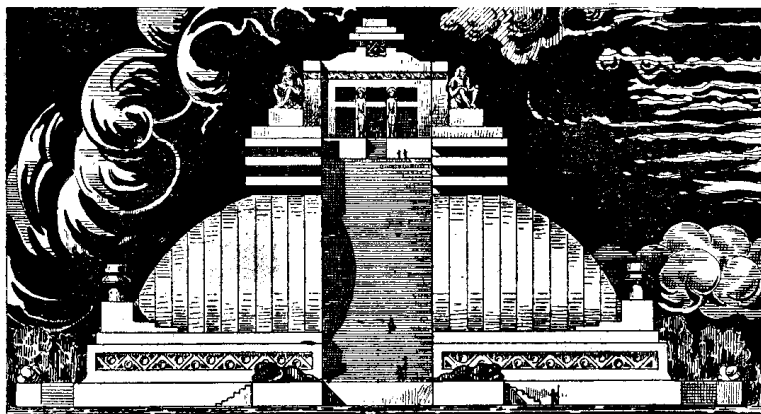
Os que conheçam um pouco de ocultismo sabem avaliar que armas terríveis e potentes têm à mão os iniciados nas ciências esotéricas e que perigo resulta para eles e para os outros se perdem o autodomínio sobre as paixões humanas.

Ai daquele que possuidor de chaves que, pela vibração mântrassica, possa desmobilizar a matéria organizada desencadeando a energia comprimida nas moléculas e nos átomos, não seja o absoluto dominador dos próprios sentimentos de ódio ou amor.

E, foi o que sucedeu nessa Atlântida da pré-história, quando tais armas caíram em mãos profanas e sacrílegas, então nas lutas travadas entre povos e nações rivais os instrumentos de destruição obtidos no domínio das ciências ocultas excederam em parte e igualaram noutra aqueles que, postos ao serviço da destruição e da morte na última grande guerra europeia, tão sinistramente assinalaram essa catástrofe que deixou a sangrar o coração do mundo e rebaixou a civilização deste século.

Terríveis combates, cruas represálias, devastação, incêndios, destruição e morte... nunca um inferno na Terra foi

mais completo e pavoroso, nunca a alma humana hauriu mais fundo os horrores do sofrimento e da dor.

Estas tristes fases de decadência duma raça, que se repetiram através de dilatadas idades foram acompanhadas de apavorantes catástrofes que quebraram, reduziram e separaram a grande massa primitiva do continente da Atlântida.

Reconstituição dum Templo Atlante

Tão supremos avisos sustiveram por vezes o incremento dessa negra e terrível feitiçaria e sortilégios de toda a ordem cuja prática tanto se generalizou e enraizou nos povos da Atlântida e cujos vestígios encontramos ainda hoje não só nos povos nativos da África e América, mas ainda na própria Europa.

Mas a raça tolteca pura desaparecera, vieram os semitas, os acádios e as raças cruzaram-se e o veneno latente ressurgiu embora houvesse decorrido um largo período de alternativas de repouso e prosperidades com épocas de duras atribulações.

Muitas dinastias se sucederam elevando ou abatendo o espírito público, o bem da nação, a felicidade dos povos e as

catástrofes repetiram-se fazendo desaparecer, com as maldições de milhões de vítimas, essas extensas e férteis regiões onde florescera o Éden Bíblico e acabava por surgir o inferno.

Mas cada um dos mais críticos movimentos de decadência e perversão moral e social que alternavam com as fases de repouso e relativo brilho que caracterizavam as civilizações da Atlântida, iam provocando sucessivas emigrações de densas multidões humanas, constituídas por aqueles que resistiam à perversão dessas épocas calamitosas e, abandonando as terras malditas do continente condenado, partiam aos milhares a semear novas colónias em pontos onde, mais tarde, floresceram povos históricos do nosso conhecimento.

Parece haver uma relação íntima entre os fenómenos de dissenções graves e repetidas na vida social dos povos e as crises cataclísmicas que assolam o mundo sob o ponto de vista sísmico.

Compreende-se que assim seja num mundo em que, todas as realidades objectivas são constituídas por vibrações; universo palpitante, oscilante e perpetuamente mutável, o ritmo, a cadência, a suprema Harmonia das vibrações é que torna possível a constituição das formas desde o átomo ao planeta.

Essas formas organizadas sob a Ideação do Logos, num grande plano panorâmico de beleza, constituem-se por associações ordenadas e disciplinadas dos elementos naturais.

No mundo emocional o bem é uma harmonia o mal uma dissonância, no mundo das formas correspondem-lhe a beleza estética e a fealdade e as vibrações desarmónicas conduzem à destruição da estabilidade material.

Se acompanharmos o ser físico humano, o homem da argila, através da vida, veremos como a doçura das feições juvenis se altera e transforma desde a adolescência à velhice, acusando a máscara humana e reflectindo sempre a natureza das emoções, as lutas e vicissitudes impostas ao ser anímico que palpita no tabernáculo da carne.

No rosto do homem bom, sereno e morigerado, não se acentua a dureza da expressão, não se vincam os fundos sulcos

das contracções musculares resultantes da impetuosidade das fortes emoções da cólera, da inveja e da luxúria, que dão expressões tão rudes, grosseiras e desagradáveis.

Todos sabem que a maioria das doenças têm a sua origem nas desordens emocionais profundas; um grande desgosto pode determinar a manifestação cancerosa; todas as doenças crónicas se agravam com os desgostos.

Passando do homem à multidão o fenómeno complica-se e amplifica-se; as populações esmagadas pela depressão moral, resultantes de opressões, dificuldades de vida, injustiças sociais ou outros factores de sofrimento colectivo, tornam-se taciturnas, rancorosas ou tímidas.

As formas pensamento, emitidas por cada um, toldam como um nevoeiro o céu mental ambiente, por isso se diz e sente que a tristeza ou a alegria são comunicativas, para todos que não saibam dominar o mental.

Há fenómenos que os órgãos sensoriais normais só podem apreciar nos seus efeitos e assim aqueles que introspectivamente dispõem de meios de observação afirmam que, nestes casos, se formam turbilhões dinâmicos caóticos que afectam todas as energias cósmicas e acabam por romper o equilíbrio entre os elementos constituintes das formas.

Duma maneira geral todas as vibrações violentas são destruidoras, dissonantes, desprovidas de ritmo, exercendo portanto efeitos desintegrantes, seja na harmonia dos sons, seja na estabilidade das formas, seja no equilíbrio dos chamados agentes naturais.

Foi pois numa queda fatal da vida que a maioria dessa grande humanidade pré-histórica resvalou, nas vastas regiões da Atlântida, quando esqueceu ou abandonou as bases e preceitos duma sólida e luminosa civilização elaborada sob a direcção dos Instrutores espirituais, dos grandes iniciados dessa Raça, sob a direcção do seu Manú [251].

---

[251] Manú, do sânscrito: pensador. A inteligência maior que preside a um ciclo da evolução.

Dirigidos primeiramente por homens esclarecidos, homens que tinham visto a Meta da vida, homens que se não deixavam arrastar pelas ilusões e ambições da vida física, os povos conheceram então e usufruíram a felicidade, que naquela fase da evolução humana lhes poderia ser proporcionada, e as artes, as industrias e a ciência refulgiram com modalidades especiais mas surpreendentes, como teremos ocasião de referir.

Mas veio a decadência, os *deuses*, homens perfeitos, depois de terem cumprido a missão de orientadores e dirigentes, tinham-se ido, deixando os povos de então sem *muletas* para que aprendessem por si próprios e por si mesmos alcançassem a experiência da vida, lições que todos têm de aprender à sua própria custa até que, pela compreensão, se tornem pior sua vez homens perfeitos, meta única do fenómeno evolutivo.

Ainda por longos tempos os discípulos desses Homens mantiveram com relativo brilho o fulgor das primeiras civilizações e, a tradição deles conserva a imorredoura lembrança sob a denominação dos semi-deuses, porém esse tempo também passou e os povos caíram no jugo de déspotas cruéis, oligarquias de gente eivada de egoísmo, entregue apenas a ideais de poderio, de riqueza material baseadas na especulação infernal ou na ânsia de conquistar hegemonia para explorar e torturar os povos.

Povos houve que dissolveram os laços da família para aumentar a população, como o fizeram os Turanianos; os tiranos da Atlântida e o cortejo dos seus sequazes, chegaram a fazer-se adorar nos templos religiosos, onde as suas efémeras imagens carnais se tinham instalado nos nichos outrora reservados a símbolos espirituais e abstractos.

A par desse feitichismo humano, baixo e degradante, a desmoralização dos povos atingiu fases e aspectos nunca vistos, a crápula, a luxúria, a devassidão e todo o cortejo das misérias humanas atingiram o apogeu.

Nas grandes cidades deste continente e mormente na grande cidade de Cerne conhecida também pelo nome da

Cidade das Portas de Ouro, com os seus templos monumentais, com uma grandiosa Acrópole, monumentos e elevadas torres, centro dum cosmopolitismo considerável, as populações caíram inteiramente na mais frívola e vã das existências.

Plano da «Cidade das Portas de Ouro» identificada também por «Cerne» ou «Certne», segundo a descrição contida no «Timeu» e «Critias» de Platão. Os círculos centrais representam 3 canais concentricos, os 3 diâmetros que dividem a zona anular externa ao último canal circular do centro, representam outros canais de circulação.

O quadriculado que se vê nessa zona é uma anotação auxiliar para indicar essa grande área dessa cidade cujos arruamentos não teriam sido nessa disposição mas em qualquer outra que se desconhece. Bem assim o são as 6 praças indicadas nos seis sectores. Tudo porêm ajuda a dar ideia desta grande cidade da pre-história.

Cidade das Portas de Ouro, também conhecida por Cerne

Os tiranos, e a hora de cortesões e os inúmeros mandantes que os seguiam com as suas amantes, as suas libertinagens tinham desmoralizado e deprimido as massas populares já de si mescladas de sangue de raças negras e doutras raças bárbaras e a quem facilmente se dominavam e estonteava com constantes festas públicas, cortejos e bodos.

De queda em queda, gerou-se na Atlântida um ambiente terrível de monstruosidades inconcebíveis, de infâmias sem nome com o predomínio da Magia negra cujos poderes sobre os elementos naturais e sobre a vida pouco sabem avaliar até onde podem alcançar, e, a hora suprema, a hora da liquidação fatal deste continente chegou.

Após os primeiros prenúncios das grandes catástrofes pressentidas pelos sensitivos e denunciadas por vários fenómenos isolados, há 800.000 anos soou o início do ciclo fatal da Atlântida, ciclo que terminou 9.564 anos antes da Era de Cristo, com o desaparecimento dos últimos restos do grande continente reduzido então à ilha de Poseidonis, a qual se sumiu rapidamente no seio do Oceano, com uma população computada em 64 milhões de habitantes que pereceram completamente na tremenda convulsão da mais pavorosa tragédia.

É esta grande história que vou procurar esclarecer e documentar, é esta lição das lições que muito convém rememorar às humanidades egoístas, como aquela onde hoje vivemos, e que, infelizmente, apresenta pontos de identificação com esses tempos longínquos de iniquidade e crueza.

*
* *

Nos últimos momentos da catástrofe final, a natureza inteira deu combate decisivo aos restos do continente maldito.

A terra, o mar, o ar, o fogo, mobilizados em paroxismo violentíssimos, procederam à demolição e saneamento radical desse foco de putrefacção moral e social que ameaçava deter toda a evolução humana.

No meio duma obscuridade amarelenta e sinistra, sob a envoltura duma enegrecida cúpula de negras e densas nuvens... só iluminava o tétrico panorama a luz ofuscante das formidáveis descargas eléctricas que fulminavam os ares, em todas as direcções, e, a terra toda tremeu e abriu-se em esgares diabólicos.

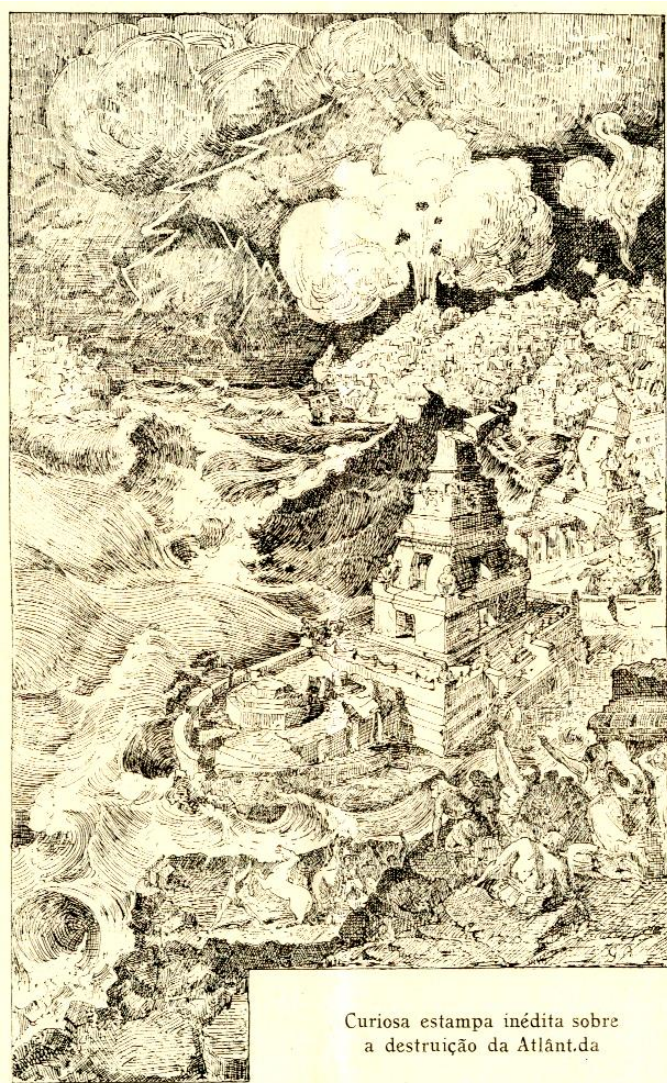
Nas costas do litoral as ondas desmedidas e revoltadas desfaziam em estilhas, como brinquedos infantis, todas as unidades da numerosa frota Atlante, que mantinha o tráfico comercial desse empório com as colónias que por todo o mundo semeara.

Aos horrores da fúria desencadeada pelos agentes meteóricos, o fogo ardente das erupções vulcânicas, irrompeu simultaneamente de crateras adormecidas ou improvisadas, perfurando a região elevada das montanhas e lançando no espaço catadupas de lava incandescente e luminosa.

Blocos colossais das cumeadas de elevadas montanhas, eram violentamente desagregados e projectados para o seio das nuvens... e, a terra... essa terra ainda de extensão continental... desconjuntou-se em movimentos ondulatórios que fendiam e estilhaçavam as camadas estratificadas, davam às argilas uma mobilidade fluídica e faziam sumir as areias nas fendas abísmicas abertas pelos espasmos do mais tremendo paroxismo sísmico.

O pânico indiscritível desses grandes e dolorosos momentos, em que milhões de seres se entrechocavam em busca de salvação, o embate e ruído dos animais e feras ululantes, desalojadas das florestas destruídas e lançados pelo pavor em busca dum refúgio... completavam o quadro trágico desta destruição ciclópica.

Foi então... entre as súplicas aflitivas e desesperadas de milhões de seres, entre os gritos lancinantes das mulheres e crianças e o rugir das feras, associados ao ribombar do trovão, ao sibilar do vento, ao sussurro crepitante do fogo e da lava... que a submersão do continente maldito se iniciou, dando fim a

essa amálgama de todos os pavores, de todas as aflições e de todas as dores.

Curiosa estampa inédita sobre a destruição da Atlânt.da

A tradição ergue aqui um trecho elegíaco, comovedoramente sugestivo. E uma inscrição caldaica, gravada há dois mil anos antes de Cristo e existente nos arquivos dum antigo templo budista da cidade de Lassa, no Tibete:

"Quando a estrela Bal caíu no lugar onde agora só existe mar e céu, as Sete Cidades com as suas Portas de Ouro e templos transparentes, tremeram e estremeceram como folhas de árvores agitadas por vendaval e então uma língua de fogo e de fumo se elevou dos palácios e os gritos de agonia da multidão enchiam os ares.

Buscavam refúgio nos seus templos e cidadelas e então o sábio Mu, o sacerdote de Ra-Mu apresentou-se-lhes e disse: Não predisse eu tudo isto?...e os homens e mulheres cobertas de pedras preciosas e ricos vestuários clamavam dizendo: Mu! salva-nos!... e Mu replicou com amargura: Morrereis com vossos escravos e vossas riquezas e de nossas cinzas surgirão novas nações. Se elas se esquecerem de que devem ser superiores, não pelo que adquiram mas pelo que dêem, a mesma sorte as esperará!... As chamas e o fumo abafaram as palavras de Mu e a terra fez-se em pedaços e submergiu-se com os seus habitantes nas profundezas do mar".

Este terrificante epílogo de prolongadas épocas de egoísmo cruel, de ambições pessoais, de privilégios odiosos, de conspurcação dissolvente, deu-se, segundo refere um famoso manuscrito dos Maias do Iucatão, que adiante reproduziremos no ano 6 do *Kan*, a II *Muluc*, no mês de *Zac* prolongando-se até 13 *Chuen*. Esta data referida à cronologia actual foi calculada como correspondente a 11 de Fevereiro de há 11.194 anos.

Quantos seres deprimidos e timoratos da nossa actual humanidade não serão consciências, que apesar de centenas ou milhares de regressões à vida física, tragam ainda na subconsciência, impressos a fogo, nos átomos permanentes, a reminiscência de horas de cruéis agonias!...

*
* *

Quando o cataclismo consumou a sua obra, quando nem um só ser vivente deixara de ficar sepultado envolto com os escombros deste continente... até onde a vista pudesse alcançar, de ponto subido e em todas as direcções, enxergavam-se ainda dispersos e de mistura com a ondulação encapelada daquele repentino sorvedouro, onde um infinito oceano acabava de se formar... restos de píncaros e planaltos elevados que haviam sido apeados de altos níveis.

As ondas alterosas, numa agitação feroz, varriam sem cessar esses agonizantes destroços que procuravam acomodar-se numa estabilização perpétua, nesse sepulcro eterno, para que jamais aflorassem à vista dos homens e de Deus, porque eram regiões assombradas pelos réprobos inimigos da Luz e do Amor fraterno.

Assim como, caprichosamente o mar na revessa das marés varre os rochedos das praias, assim esses destroços continentais ainda por algum tempo surgiam das ondas mas para voltarem novamente a ocultar-se no seio delas.

Porém semelhantemente ao que sucede nos campos da morte, onde a piedade humana eleva obeliscos ou coloca singelas cruzes, demarcando a jazida daqueles que desapareceram, como forma, à nossa convivência e contacto, assim a Razão Suprema deixou imersas da superfície do Oceano, instantaneamente formado, os corutos dalgumas montanhas colossais, constituindo entre outros, o que chamamos hoje o arquipélago dos Açores, padrão demarcador e simbólico da desaparecida Atlântida.

Assim se nos reflecte a matriz acáchica dum cataclismo memorável, assim se nos aviva o panorama trágico dessa mutação geológica formidável que encerrou o capítulo histórico principal, da quarta Raça humana e, como prenúncio das eternas transições fenomenais...na negridão lúgubre daquele céu plúmbeo... lá ao longe, muito ao longe... na orla limite do horizonte... uma nesga de bonança se começava a definir, em azul vibrante e luminoso!... anunciando-nos uma primavera de novos tempos e de novas raças.

Reconstituição geográfica da Atlântida

Este continente ocupava, antes da primeira catástrofe produzida há cerca de 800.000 anos, uma grande parte do que é hoje o Oceano Atlântico, desde a Inglaterra até à América do Norte e do Sul.

Nele se continha, além da parte que desapareceu e é presentemente mar, as seguintes regiões do mapa actual da Terra: ao Norte, a parte das ilhas Britânicas constituída pela Irlanda, Escócia e uma parcela da Inglaterra propriamente dita e, alcançava até às proximidades da Islândia.

Ao Sul compreendia parte da América incluindo o Brasil, Bolívia, Equador, Perú, Venezuela e a América Central até meio do México que constituía uma grande ilha adjacente.

Ao poente incluía parte dos Estados Unidos da América, Canadá até às costas do Labrador, compreendendo a Terra Nova; ao Nascente as costas da Atlântida eram no recinto do Oceano, aproximando-se muito da África perto da Libéria e avançando deste lado até à Inglaterra.

O arquipélago dos Açores fazia parte do continente Atlante e bem assim as ilhas Bermudas, as Antilhas e a ilha de Fernando de Noronha.

A superfície deste continente, nessa época remotíssima, era muito aproximadamente igual às superfícies reunidas da América do Norte e do Sul. A catástrofe de há 800.000 anos modificou consideravelmente a configuração deste continente reduzindo-lhe um pouco a sua superfície e dividindo-o em duas partes.

No cataclismo de há 200.000 anos ficaram, por assim dizer, fixadas a América do Norte e parte da do Sul, ao passo que o que era propriamente o continente Atlante passou a ser dividido em duas partes: Ruta e Daitia [252].

Após o terceiro cataclismo sucedido há 800.000 anos a Atlântida ficou reduzida à ilha de Poseidonis, redução

[252] Daitia significa cauda de peixe ou serpente.

considerável da parte Ruta, ao passo que a parte Daitia quase desapareceu reduzindo-se a uma ilha afastada de Poseidonis e situada ao largo em frente da Libéria, na costa africana.

Finalmente no ano 9.564 antes de Cristo, um quarto cataclismo fez sumir tudo que restava da Atlântida, no fundo do Oceano Atlântico, ficando apenas como baliza, como memória, o arquipélago dos Açores, terras que há 1.000.000 de anos parece que já existiam, que jamais se submergiram, sendo pois duma respeitável e veneranda antiguidade.

Mas outras partes da primitiva Atlântida existem ainda hoje, mas que já dela se haviam separado há 800.000 anos, são elas: parte da América do Norte, Central e do Sul, compreendendo quase todo o Brasil, Bolívia, Perú, Equador e Colómbia.

Na Europa temos ainda, como restos da Atlântida, a Irlanda, Escócia e uma pequena parte da Inglaterra, propriamente dita.

A península Hispânica existia já há 800.000 anos evidentemente sem a configuração que tem hoje mas englobada numa extensa superfície que compreendia parte do Mediterrâneo, África do Norte, Ilhas de Cabo Verde, Marrocos, etc., região então banhada ao Sul pelo mar que cobria o deserto do Sara.

É de calcular que, através de tantos milénios que abrangeram idades geológicas, os contornos dos continentes e das ilhas se modificassem constantemente, e as imersões e submersões de extensas superfícies de terras, tivessem dado, através das idades, fisionomias geográficas muito diferentes ao nosso globo.

Assim por exemplo o Egipto que era uma terra isolada e pouco povoada há 400.000 anos, época em que ali se foi estabelecer uma loja de iniciados da Atlântida que fundou a primeira *Dinastia Divina* muito depois, há 200.000 anos, foi submergido por ocasião da catástrofe dessa data permanecendo longo tempo sob as águas.

Já então haviam sido construídas as duas grandes pirâmides de Gizé, destinadas a proporcionar salas para iniciações e a servirem de lugar secreto para arquivos.

Os antigos habitantes que se haviam refugiado nas montanhas da Abissínia, transformada então numa grande ilha, voltaram a repovoar o Egipto quando ele emergiu de novo.

Nessa época e após sucessivas imigrações de atlantes e de acádios, fundou-se a segunda *Dinastia Divina*; uma outra submersão, não tão demorada, surpreendeu este país e então se fundou a terceira *Dinastia Divina* e foi sob o poder dos primeiros reis dessa Dinastia que se construiu o templo de Carnaque e outros edifícios cujas ruínas ainda hoje se admiram.

Assim, informações históricas, mais ou menos reservadas do conhecimento dos historiadores conhecidos, rezam que construção alguma do Egipto, com excepção das duas pirâmides de Gizé, é anterior à catástrofe de há 80.000 anos, a penúltima que assolou a Atlântida.

Com a catástrofe que há 9.564 anos antes de Cristo fez submergir a grande ilha de Poseidonis ainda outra grande inundação submergiu parte do Egipto porém não passou duma inundação momentânea.

Publicando 4 mapas da Atlântida referentes às sucessivas metamorfoses por que este continente passou, após as catástrofes nos ditos mapas indicadas, desde há 1.000.000 anos até 9.564 antes de Cristo, reportamo-nos, com a devida autorização, à parte referente à Atlântida nos 4 mapas do mundo publicados na interessante obra de Scott-Elliot, *L'Histoire de Atlantide*. Numa outra obra posterior a esta de Michel Manzi: *Le Livre de Atlantide* este continente se encontra igualmente representado pouco mais ou menos nos mesmos contornos.

Convém aqui dizer que estes mapas de W. Scott-Elliot, não são uma fantasia do autor dessa obra; textualmente o explica no prefácio desse livro como segue: *"Para favorecer o sucesso do seu empreendimento essas pessoas* [refere-se a um grupo de pessoas categorizadas que recolheram com o autor

subsídios para a sua obra] *obtiveram a facilidade de tomar conhecimento de algumas cartas geográficas e outros documentos conservados desde tempos recuados, em lugares seguros, longe das raças turbulentas, ocupadas na Europa no desenvolvimento da civilização, nos breves instantes de repouso que lhes deixam a guerra e o fanatismo que, na idade média, por tanto tempo considerou a ciência como um sacrilégio".*

Esses mapas reproduzem pois muito aproximadamente as diferentes configurações territoriais que a Atlântida teve através dos largos períodos de tempo e após as convulsões cataclísmicas que sofreu, devendo notar que a catástrofe de há 800.000 anos se deu durante o período Miocénio da Era terciária.

A Atlântida era atravessada por uma compacta e alta cadeia de montanhas, com respeitáveis altitudes que chegavam a exceder 3.000 metros. Muitas dessas montanhas fumegavam e, nas vertentes e vales abundavam as nascentes de água quente e por vezes fervente.

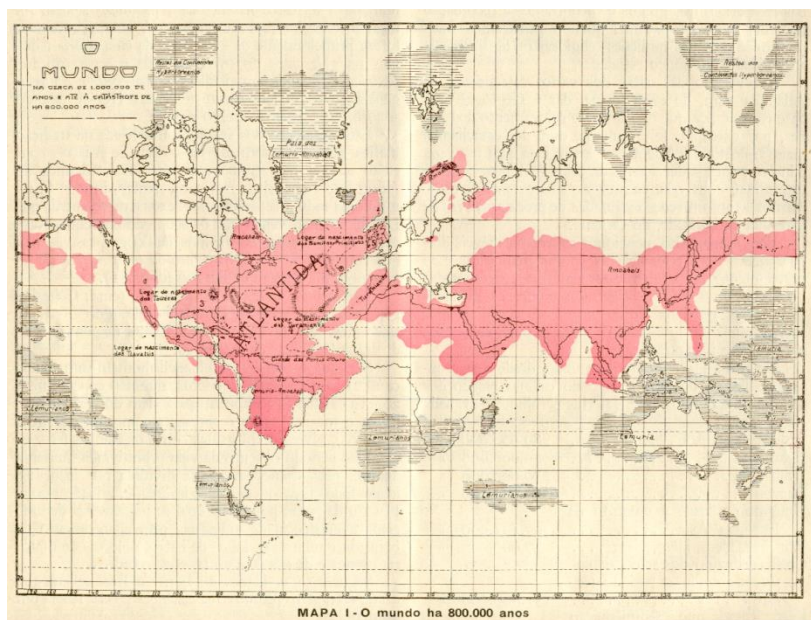
Extensas regiões dos vales e encostas eram constituídas por densas massas argilosas, essas formações sedimentares, tão intensas e características da idade mesozóica, à mistura com massas calcárias formando as marnas ou margas que sob este aspecto mais se acentuaram no período terciário em que as formações calcárias tomaram grande incremento.

A natureza deste solo assente sobre tectos de inúmeras e colossais geóides, como os denominados *chochos* da fundição dos metais, nas rochas vulcânicas, provocava amiúde derrocadas subterrâneas, com abaixamento sensíveis dos níveis superficiais desse continente, quando não eram verdadeiras submersões parciais que se produziam.

Esta natureza do subsolo da Atlântida concorreu em grande parte para o rápido desmoronamento dos seus restos, limitados à chamada grande ilha de Poseidonis que se submergiu há precisamente 11.494 anos.

O clima quente e húmido, com invernos muito suaves e estações calmosas, altamente chuvosas, não suspendia

completamente a actividade vegetativa e assim terminado o período de florescência outro se lhe seguiu com pequeno intervalo.

[...]. A mitologia contém velada a história da Atlântida, a própria Bíblia encerra inúmeras alusões a esse continente da pré-história; as cidades de Sodoma e Gomorra deveriam ter sido situadas não na região onde se passa o mito bíblico, como adiante analisaremos, mas sim nas vastas regiões da Atlântida, cuja história enche todo o pensamento da mais alta antiguidade.

Mapa 1

A periodicidade dos cataclismos que têm transformado a fisionomia do nosso globo, os intervalos espantosos que isolam no tempo as metamorfoses mais importantes em que

desaparecem continentes e outros afloram, as legendas esotéricas dum profundo conhecimento e certas leis cósmicas cujo exame e observação calam fundo no ânimo, quando se meditam serenamente, demonstram-nos que durante todo o tempo da existência futura da Terra a instabilidade geográfica presidirá ao destino deste planeta.

A suposição de que após a condensação da nebulosa que deu origem à formação da Terra, se seguiu uma época de consolidação definitiva da crosta, que esses tempos passaram e que o equilíbrio se atingiu e agora "Isto" continuará como está e que as humanidades podem seguramente continuar a tripudiar sobre fundamento sólido e duradouro... é uma florida ilusão.

O mapa 1 (p. 251) mostra o que era o mundo há 1.000.000 de anos e até à catástrofe de há 800.000 anos; durante 200.000 anos ter-se-ia vivido confiado numa risonha certeza de distribuição de terras e haveres, alimentada pelo culto a deuses protectores, porém reparando-se no mapa 2 (p. 254) ver-se-á que tremenda transformação se operou no nosso planeta e que destruição ciclópica deveria ter feito abalar até aos fundamentos o mundo de então.

Há 800.000 anos a raça atlante estava numa acentuada grandeza, o continente que habitava era vastíssimo, estendia-se desde as costas da península Ibérica até parte das duas Américas que abraçava, alcançando também pelo norte, parte da Inglaterra, mas o cataclismo citado desconjugou a grandiosa estrutura territorial da Atlântida e, reduzindo-a de todos os lados definiu o continente da América, que ficou separada da Atlântida por um largo canal, tirou-lhe as regiões polares e do norte e abateu o orgulho dos homens, o poderio de muitas nações e desacreditou os deuses protectores e tutelares dessas raças humanas.

Simultaneamente davam-se abaixamentos e solevamentos de grandes regiões nas outras partes do mundo e assim vê-se que a Inglaterra ficou fazendo parte duma região isolada que compreendia a Escandinávia e o norte da França assim como os mares circunvizinhos.

A África definiu-se pouco mais ou menos na configuração actual, porém ligava-se à Ásia e englobava a península Hispânica, Mediterrâneo, Itália e toda a região Balcânica: o deserto do Sara era então um grande mar e no interior da Ásia o mar de Gobi, hoje deserto de Gobi, avançava na direcção do sul ao passo que se davam solevamentos de terras definindo parte da Sibéria e continuando a região do Japão ligada à China.

Esta catástrofe de há 800.000 anos fez desaparecer ainda mais de metade dos restos do continente Lemuriano (tracejado a preto nos mapas juntos); a Austrália reduziu-se a superfície muito aproximada da que tem hoje e a Oceânia perdeu as grandes superfícies continentais para ficar reduzida a esse aglomerado de arquipélagos e ilhas dispersas na amplidão do grande mar.

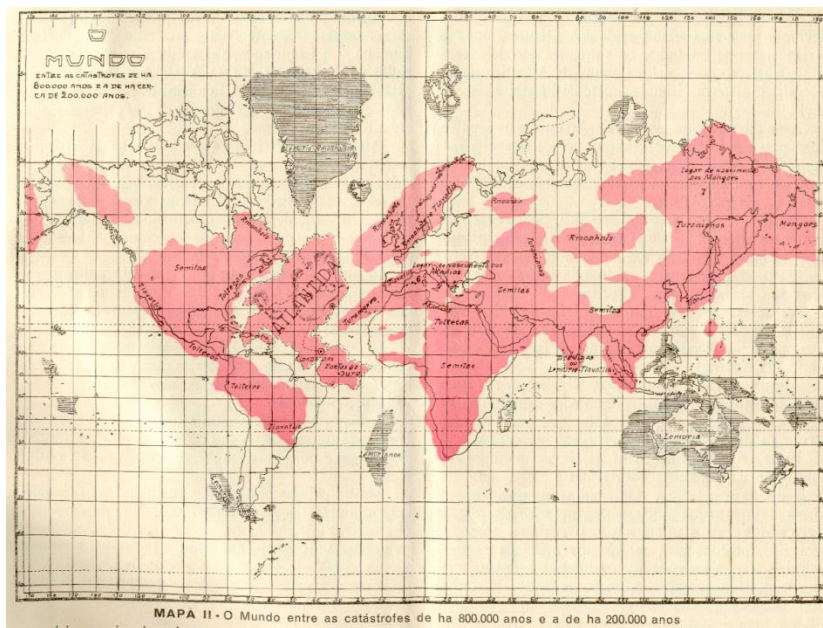
É no mapa 2 (p. 254) que se observa a amplitude deste cataclismo de há 800.000 anos que garantiu uma estabilização geográfica da Terra por mais 600.000 anos! período prodigiosamente extenso para se apagar da memória humana qualquer impertinente receio duma nova ameaça, duma nova catástrofe e voltar-se a essa leda confiança duma interminável consolidação da crosta terrestre.

O mapa 3 (p. 255) regista os efeitos da catástrofe de há 200.000 anos; foi ela, relativamente à anterior, menos importante todavia representou um colossal movimento de terras assim, o continente atlante dividiu-se em duas partes indicadas pelos nomes de Ruta e Daitia as quais ficaram separadas por um largo canal. O Egipto foi submergido ficando a Abissínia constituindo uma ilha; a região isolada compreendendo a Escandinávia e Inglaterra ligou-se à Europa; o mar Mediterrâneo surgiu definindo aproximadamente os contornos marginais do sul da Europa e a região de Marrocos, Algéria e Tunísia passaram a fazer parte da África que assim ficou mais aproximada da configuração que presentemente tem.

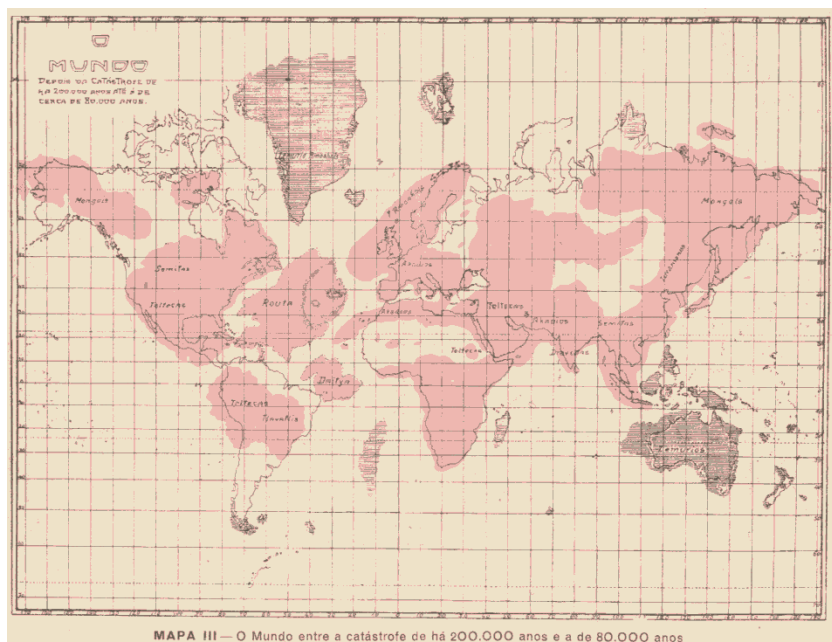
A América do Norte viu aumentado o seu território; a Ásia viu surgirem as regiões da Sibéria mantendo-se porém o Mar de

Gobi comunicando por um largo canal com o Oceano Glacial Árctico.

Quanto ao afundamento dos restos da Lemúria acentuou-se na Oceânia e na região da actual Patagónia na América do Sul.

MAPA II - O Mundo entre as catástrofes de ha 800.000 anos e a de ha 200.000 anos

Mapa 2

Após esta catástrofe de há 200.000 anos outro período de repouso gozou a humanidade durante 120.000 anos, até à catástrofe de há 80.000 anos que constituiu uma formidável convulsão registada no mapa 4 (p. 257) por onde se vê: a grande ilha Daitia quase desapareceu ficando reduzida a uma insignificante superfície arrasada. A grande região Ruta sofreu uma considerável redução de mais de dois terços de superfície

ficando assim a primitiva e grandiosa região continental da Atlântida limitada à ilha de Poseidonis.

Mapa 3 - O Mundo entre a catástrofe de há 200.000 anos e a de 80.000 anos

Neste mapa vê-se que por essa data memorável a Europa, Ásia, África e América definiram os seus contornos actuais, com leves correcções, mantendo-se todavia o mar do Sara, ligado ao Mediterrâneo e o mar de Gobi constituindo um lago no interior da Ásia.

Esta carta geográfica, que constitui o mapa 4 (p. 257), afirma Scott-Elliot que foi levantada há cerca de 75.000 anos e que representa exactamente e sem dúvida alguma, a superfície

da Terra tal como existiu até à submersão final de Poseidonis no ano 9564 antes de Cristo.

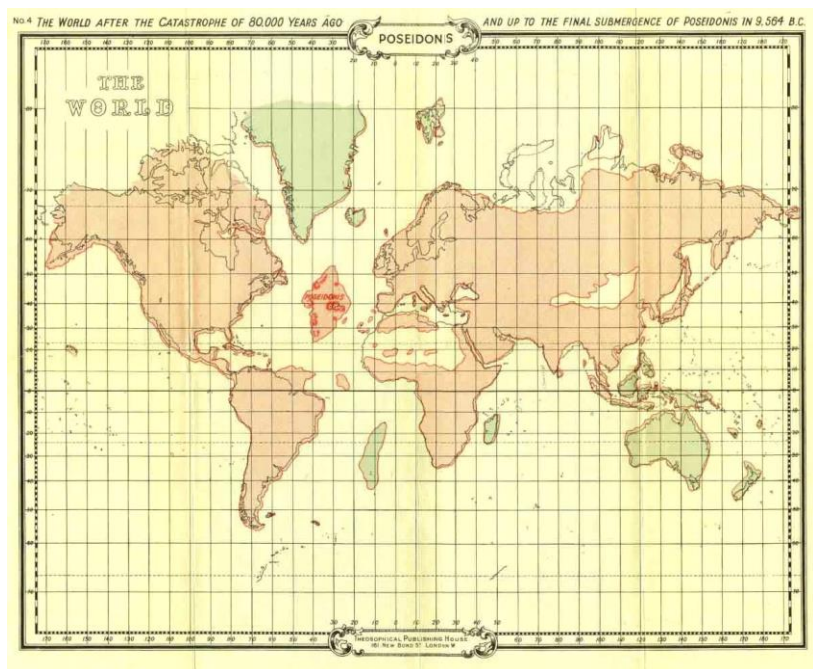
Vê-se que as Ilhas Britânicas ainda figuram ligadas ao continente Europeu e a não admitir alterações parciais e de importância secundária, durante o período dos 75.000 anos mencionados, tal separação se teria operado depois da data de 9564 anos antes de Cristo, facto que fica por esclarecer.

Terminando este capítulo devo dizer que as tradições dos dilúvios que figuram nos livros sagrados das várias religiões têm a sua origem nos cataclismos da Atlântida que deixaram nos sobreviventes de tamanhas catástrofes inolvidáveis recordações. Jamais poderia ter havido um dilúvio universal que destruiria toda a vida animal e humana no nosso planeta; houve sim vários dilúvios parciais, embora de enorme vastidão mas que não envolveram senão determinadas regiões.

O *Dilúvio* constitui uma tradição universal; a ciência reconhece a existência de Períodos Glaciais os quais deram origem a outros tantos dilúvios e assim Croll conta seis dilúvios, correspondentes a outros tantos degelos formidáveis que sucederam a tais períodos glaciais e fixa o mais antigo há 850.000 anos e o mais recente há 100.000 anos. Mas um dilúvio pode produzir-se por outras razões e então se quisermos saber a qual de tantos que tem havido se refere o lendário dilúvio bíblico averigua-se que este: o dilúvio de Noé, não passa dum resumo mítico de antigas tradições, dispersas por todo o mundo e em todos os tempos.

Mas o que devemos considerar como o Grande Dilúvio será o mais remoto, esse que resultou da grande catástrofe que sacudindo todo o mundo, desfez as grandes massas continentais da Atlântida reduzindo-a ao *espectro* de Poseidonis.

São inúmeras as referências a tal *Dilúvio*: ora as encontramos na mitologia mexicana quando nos mostra Coxcox, o Noé dos mexicanos, e sua mulher Xochiquetzal, assentados num tronco de árvore coberta de folhas e flutuando no meio das águas, ora é noutros povos do Anahuac, Teocipactli ou Tezpi, que corresponde a Noé e, não falta na tradição o

correspondente ao Monte Ararat, conforme o pico de Colhuacan e a pomba a anunciar que as águas haviam descido, pomba que entre os povos de Mechoacan era substituída por um colibri.

Mapa 4 – O Mundo entre a catástrofe de há 80000 anos e a de 9564 anos a. C.

Nas tradições dos incas do Perú diz-se: os Incas em número de *sete*, repovoaram a terra após o dilúvio; na mitologia egípcia Osíris entrando na Arca ou Barco solar e tomando sete raios e, por aí fora na mitologia hindu, na mitologia grega, nas tradições chinesas e noutras de diversos povos lá se encontra sempre a tradição mítica dum dilúvio identificado com o dilúvio bíblico.

Se mais penetramos no assunto então parece depreender-se que certas tradições tecem um sentido alegórico e cósmico a par do dum real dilúvio de água.

As identificações mencionadas atestam, além de muitas outras, que a Bíblia é baseada nas tradições universais das mais antigas escrituras, que o *Genesis* é puro esoterismo, que a Bíblia é a última das obras ocultas que se escreveu, sendo participante do esoterismo dos árias e em parte cópia dos *Vedas*.

Não admira pois que contenha velado por símbolos e alegorias toda a história do mundo e das raças, história que escapa à compreensão superficial dos que não se tenham iniciado no referido estudo dos velhos arcanos e forma de os interpretar; é este um ponto interessante para o qual desejaríamos chamar a atenção dos investigadores e estudiosos. [...].

Provas da existência da Atlântida

Tradições

[...]. Começarei por citar alguma das obras onde se alude à Atlântida e onde um investigador, mais profundo e erudito do que eu, poderá fazer farta colheita de fontes históricas e reconstituir pelo seu engenho e intuição o que teria sido a vida social, política e histórica das primeiras raças humanas. Eis essa relação:

Timeu de Platão, célebre diálogo que se refere ao continente isolado da Atlântida; esse filósofo grego que viveu cerca de 400 anos antes de Cristo estudou muito e viajou pelo Egipto e dos sacerdotes desse país colheu informações importantíssimas acerca da Atlântida que o habilitaram a poder deixar à posteridade obras que contêm revelações que foram a base de todos os estudos que se têm feito sobre esse desaparecido continente.

Critias ou o *Atlanticus*, outro diálogo que contém uma história dos costumes e usos dos povos que habitaram tal continente.

Mahabharata, poema oriental, ou a grande guerra, narra a luta travada há 800.000 anos entre os *deuses*, homens bons e esclarecidos, e os *assuras,* raça turbulenta, má e destruidora, que praticavam a feitiçaria na mais alta e repugnante escala. Nessa obra se encontram correlações com o exercício da magia branca e negra preponderante na Atlântida.

Códice Troano, manuscrito que parece ter sido escrito há 3.100 anos, pelos maias do Iucatão e onde se narra a destruição de Poseidonis. Este documento de grande valor existe no Museu Arqueológico Nacional de Madrid e há uma tradução arquivada no Museu Britânico de Londres.

Proclus, que faz referência a um autor antigo, o qual fala de umas ilhas existentes além das colunas de Hércules (estreito de Gibraltar) e cujos habitantes conservavam uma tradição referente a uma grande ilha chamada *Atlantes*.

Marcelus, fala de sete ilhas situadas no Atlântico tendo também os seus habitantes tradições idênticas.

Diodoro da Sicília, conta terem os fenícios descoberto uma grande ilha, situada no oceano Atlântico e para além das colunas de Hércules após alguns dias de viagem, saindo embarcados das costas da África.

Aristóteles, descreve a Atlântida como sendo uma terra extensa e fértil, bem regada por abundantes correntes (veja-se sua obra *De mirabile Ausculatis*).

Heródoto, que disse que os egípcios afirmavam terem vindo das *Terras de Oeste*.

Plutarco, narra que Sólon, tendo viajado no Egipto, pelo ano 600 a. C., soube de Psenofis e de Sonctis, sacerdotes de Heliopolis e de Saís, que durante nove mil anos não foi possível comunicar com as *Terras de Oeste*, devido à barreira de lodo produzida pela submersão da Atlântida. Igualmente refere uma narração dum viajante que regressou a Cartago vindo da ilha do continente (obra: *Facie in Orbe Lunas*).

Timageneos, historiador romano recolheu, no primeiro século, antes da Era cristã, tradições gaulesas sobre a Atlântida, do maior interesse.

As mais arcaicas obras em língua sânscrita ou em tamul, fazem referência aos dois grandes continentes desaparecidos: Lemúria e Atlântida.

Entre estes documentos há uma obra de grande valor que está por traduzir em grande parte; tal obra é: *O Somodoevo*, escrita por Gôtomo há aproximadamente 30 mil anos; contém dados preciosos, sobre a periodicidade dos cataclismos diluvianos aos quais a Terra está sujeita. A Sociedade Átmica de Londres prometeu publicar uma tradução desta obra que se aguarda com ansiedade.

Os Vedas, e obras do taoísmo, budismo e confucionismo, escritas em sânscrito, contêm inúmeras referências às raças e ao continente atlante.

A Bíblia: Isaías e Ezequiel falam várias vezes nas *Ilhas do Mar*, sua destruição pelas águas, alusão à Atlântida e seu fim; também o mito de Adão e Eva, que têm várias interpretações esotéricas como todas as legendas deste género, que eram escritas com sentidos diferentes, mas propositados, para encerrarem conhecimentos ou revelações que os escritores entendiam não deverem tomar conhecidos de todos, contém uma alusão simbólica à história da Atlântida. Assim Adão simboliza a raça atlante, Eva a imaginação dessa raça; Adão arrebatado pela sua imaginação apoderou-se do pomo da ciência - a maçã trazida pela cobra - empregando esses conhecimentos profundos e dominadores ao serviço do orgulho, da cupidez, e do egoísmo, do que resultou serem expulsos do paraíso - submersão da Atlântida.

A árvore do bem e do mal, cujos frutos eram proibidos porque: “[...] no dia em que dela comeres se abrirão vossos olhos e sereis como Deus, sabendo o bem e o mal” (*Genesis* III, 5), é a árvore do conhecimento o qual tanto pode ser empregado para o bem geral como para o mal. Abel e Caim, descendentes de Adão, simbolizam os dois pólos da esfera do conhecimento:

Abel a magia branca, Caim a magia negra. Em todas as tradições remotas sobre a Atlântida se faz referência às formidáveis lutas entre os magos negros e os brancos, os primeiros venceram os segundos – Caim matou Abel – e outras destruições do continente maldito se sucederam. Os restos fugitivos dos magos brancos refugiaram-se no Egipto e nas Índias lutando e prosperando numa descendência em que Seth, o terceiro filho de Adão, se tornou a ordem social a qual foi fazendo perdurar, através dos tempos, a origem do homem vermelho, Adão.

Pelo facto de à legenda simbólica de Adão e Eva, terem sido dadas outras interpretações poder-se-á concluir, à primeira vista, que tanto esta como outras tradições se prestam às adaptações que cada qual entenda dar-lhe.

Há porém um argumento que deve ser conhecido e uma consideração a tomar em conta: o *Genesis* é considerado como uma obra esotérica e estas obras eram escritas com interpretações diferentes. Tinham *"sete chaves e cada chave sete voltas"*, daí o seu valor oculto nas sete modalidades simbólicas e quarenta e nove correlações compreendidas.

Diz A. Gedalge: "O simbolismo realmente iniciático é geralmente esquemático, é o resumo dos dados das ciências e das artes sacerdotais da antiguidade e tem-se conservado o melhor possível pelas sociedades secretas às quais foi confiado. Graças a estes *esquemas* é ainda possível, na actualidade, achar os dados da antiga e sempre viva iniciação".

A narração do *Êxodo* é também uma versão das legendas que se relacionam com os atlantes.

A cólera de Deus por causa da dureza de coroação do faraó, a ordem por ele dada aos eleitos para despojarem os egípcios das suas "Jóias de prata e de oiro" e por fim o afogamento dos egípcios e do seu faraó nas "Ilhas do Mar Vermelho" é um acontecimento de há cerca de 1 milhão de anos e representa a emigração de todas as nações da Atlântida fugidas da tirania e da perversão moral e social do povo.

A este respeito, judiciosamente, diz Alexandre Duke num estudo publicado numa revista literária inglesa, que se o êxodo

tivesse acontecido aos judeus e se o faraó tivesse perecido afogado no Mar Vermelho, dever-se-ia encontrar: histórias, fábulas, legendas e mitos, entre os árabes, egípcios e outros povos que assim certificariam o acontecimento.

São precisas pelo menos duas nações para fazer uma guerra e sempre haverá ao menos duas versões, além daquelas que sempre resultam dos que foram testemunhas.

Mas sucede que a tal respeito não existe um único fragmento duma tradição ou legenda, o que nos conduz à conclusão fundamentada de que esta história é suspeita.

A tal propósito diz Helena Blavatsky, que copiou os manuscritos secretos em sânscrito do Templo, sobre o registo dos 35 Budas de Confissão, o seguinte: "ali encontra-se o que pode verdadeiramente ser chamada a história do *Êxodo*" (*Doutrina Secreta*, v. 2, p. 445).

Mais ainda, Moisés é a personalidade adaptada à história hebraica de algum grande adepto ariano que há milhares de anos guiou e conduziu esses povos e tribos da perdida Atlântida para terras que estavam ao abrigo da catástrofe.

Partindo deste ponto de vista, também as cidades de Sodoma e Gomorra, como já dissemos, não deviam ter existido no Mar Morto, mas provavelmente na Atlântida. Com efeito nem uma única inscrição egípcia, ou um único ladrilho assírio, nem qualquer documento fenício dão notícia de ter havido na região estas duas cidades.

E não admira que assim seja visto que também Ruta e Daitia, ilhas da Atlântida, são o paralelo mitológico hindu das ilhas mitológicas gregas Ceres e Prosérpina.

Muitos outros vestígios da Atlântida se encontram na Bíblia. Assim, em sânscrito, o termo para atlante é *assura*, o que quer dizer: *nenhuns deuses*; os paralelos bíblicos são os *amalaquitas*, significando *nenhuns anjos* e *assiriano* e *assur*.

É muito possível também que Abraão, Isac e Jacob, representem a 3ª, 4ª e 5ª Raças raízes da doutrina esotérica e não personagens.

Passemos a alguns documentos da América:

Popul Vuh dos Guatemalas: descreve a civilização atlante, como esse povo emigrou, dirigindo-se parte para Este e outros para Oeste (América central), e como por isso a sua língua sofreu alterações profundas. Refere mais que homens brancos e negros, falando uma mesma língua e vivendo em paz, habitaram essa região feliz.

Manuscritos de Troano: um dos manuscritos desta famosa colecção que existe no Museu Britânico, escrito pelos Maias e ao qual já nos referimos, a páginas 10 desta obra, é um documento de alto valor para a história da Atlântida. Essa colecção de manuscritos foi reunida por Le Plongeon, o grande arqueólogo francês, e o que transcrevemos narra a destruição de Poseidonis, como segue:

"No ano 6 do *Kan a II, Muluc,* no mês de *Zac,* terríveis tremores de terra se produziram e continuaram, sem interrupção, até 13 *Chuen.* [...]. A região das colinas de argila, o país de *Um* foi sacrificado". [...]. Depois de ter sido sacudido por duas vezes, desapareceu subitamente durante a noite; o solo foi continuamente levantado por forças vulcânicas que o fizeram elevar e abaixar, em muitos pontos, até que cedeu; as regiões foram então separadas umas das outras, depois dispersas, não tendo podido resistir a tão terríveis convulsões, afundaram-se arrastando consigo 64 milhões de habitantes, isto passou-se 8064 anos antes da composição deste livro".

Inscrição Caldaica do antigo Templo budista da cidade de Lassa, no Tibete: embora a tenhamos já reproduzido a páginas 10 desta obra, temos de a repetir aqui para lhe ajuntar uns comentários. É também um valioso documento escrito há 2000 anos, antes de Cristo, onde se descreve a destruição de Poseidonis. Ei-la:

"Quando a estrela Bal caíu no lugar onde só agora há mar e céu, as Sete Cidades, com suas Portas de Ouro e Templos Transparentes, tremeram e estremeceram como folhas de árvores movidas por vendaval e, então, uma língua de fogo e de

fumo se elevou dos palácios; os gritos de agonia da multidão enchiam os ares. [...]. Buscavam refúgio nos seus templos e cidadelas e então o sábio Mu, o sacerdote de Ra-Mu apresentou-se-lhes e disse: *Não previ eu tudo isto?* E os homens e mulheres cobertas de pedras preciosas e de luzidios vestuários chamaram dizendo: *Mu salva-nos!* e Mu replicou: *Morrereis com vossos escravos e vossas riquezas e de vossas cinzas surgirão novas nações. Se elas se esquecerem de que devem ser superiores não pelo que adquiram mas pelo que dêem, a mesma sorte as esperará.* As chamas e o fumo abafaram as palavras de Mu e a terra fez-se em pedaços e submergiu-se com os seus habitantes, nas profundezas do mar".

Nesta narrativa encontramos as palavras: "o sacerdote de Ra-Mu" e na mitologia egípcia há a tríade inicial formada de três partes do Amon-Ra, a saber:

Amon (o masculino e o pai)
Month ou Muth (o feminino e a mãe)
Khons (o filho menino)

RA era a alma universal o Sol, não será esse Mu o mesmo que Muth, sem o *th* final e então como a tríade indicada se manifestava na terra expressa em Osíris, Isis e Horus, teríamos que Ra-Mu seria o culto de Ísis, segundo aspecto da alma universal.

A tradução deste trecho é de Le Plongeon que igualmente traduziu outra narração desse cataclismo contida no:

Códice Cortesiano [253] diz: "Por sua vontade poderoso homem (esotericamente o deus Maia dos terremotos) fez a terra tremer depois do pôr do Sol e durante a noite, Mu o país dos

[253] O *Códice Cortesiano* é um rolo com 1,50m, de comprimento, repleto, de ambos os lados, de hieróglifos e figuras coloridas, contidas em 21 rectângulos por lado, 42 nos dois (digamos 42 páginas); as cores empregadas são: preto, vermelho e azul, há indícios de haver amarelo – as três cores simples do espectro solar – que a acção da luz fez desaparecer.

plateaux foi submergido, pelo *Homem* durante a noite. [...]. O lugar do governante morto está agora sem vida, não mais se move, depois de ter saído duas vezes das suas bases ou apoios. O rei das profundezas, ao surgir, o sacudiu de cima abaixo, matando-o e submergindo-o. Duas vezes saltou Mu dos seus alicerces. Depois foi sacrificado pelo fogo. Explodiu ao ser sacudido de alto a baixo violentamente, pelo terremoto. Dando-lhe um pontapé, o mago que faz com que todas as coisas se movam, como uma massa de vermes, sacrificou-o naquela mesma noite".

Há uma identificação interessante entre os maias e egípcios, que representam a *Terra de Mu* por um hieróglifo semelhante: "os montanhosos países de Oeste".

Outro documento interessante devo citar e que concorre para esclarecer e documentar este facto importantíssimo para a aclaração da pré-história, ei-lo:

Papiros Egípcios: no Museu de Petrogrado, diz o Dr. Paulo Schliemann (obra de Mário Roso de Luna, *De Sevilha ao Iucatão*, p. 176) há um rolo de papiros escrito durante o reinado do faraó Sent, da segunda dinastia, 4571 anos antes de Cristo. Nele se referem as investigações que fez uma expedição, que o dito faraó Sent mandou em busca da Atlântida, de onde, cerca de 3350 anos, haviam chegado os antecessores dos egípcios, trazendo com eles toda a sabedoria da sua terra nativa.

A expedição voltou cinco anos depois informando que não havia encontrado pessoas nem objectos que pudessem dar-lhe uma pista sobre a desaparecida terra.

Outro papiro do mesmo museu, escrito por Maneton, faz referência a um período de 13.000 anos, como sendo a data do reinado dos sábios da Atlântida.

A dedução de datas obtidas em documentos desta ordem requer certa reserva visto estar reconhecido terem sido alterados os nomes de alguns reis do Egipto, nas nomenclaturas que correm mundo, de forma que há erros devido a isso. A *História Universal* escrita por Maneton perdeu-se completamente e assim, como transcrição só existe a divisão e

nomenclatura das dinastias e nomes de reis nas obras de Jorge, o historiador bizantino do século VII, que as tirou da *Crónica de Eusébio*, bispo de Cesareia que viveu no século III, da nossa Era e da *Cronografia do Africano*. Estas relações foram copiadas e reformadas pelos autores que as tiraram do original para servirem de base aos seus estudos e teorias.

Mas há um confronto de datas a fazer, sobre o desaparecimento de Poseidonis e tiradas de fonte egípcia e de documentos dos maias do Iucatão, que determina com aproximação e historicamente este acontecimento.

A informação egípcia foi dada a Sólon pelos sacerdotes de Saís que à data da sua viagem ao Egipto, 564 anos antes de Cristo [254], lhe afirmaram ter sido destruída Poseidonis 9.000 anos antes dessa data.

Temos pois, referindo o acontecimento à actualidade:

Informação egípcia	9.564 + 1.930 = 11.494
Informação maia	8.060 + 3.430 = 11.490

A data de 8.060 consta do documento supracitado; a data de 3.430 anos é a atribuída em antiguidade, e referida ao ano corrente de 1930, ao citado documento que existe no Museu Britânico.

Relata Roso de Luna, eminente escritor espanhol, na sua interessante obra *De Sevilha ao Iucatão*:

"[...] Desenterrou-se também uma inscrição na Porta do Leão em Micenas (Creta), que diz que Misor, de quem, segundo a inscrição, descendem os egípcios era filho de Taant Thor, o Deus da História, e que Taant era filho emigrado de um sacerdote da Atlântida que tendo-se enamorado de uma filha do rei Cronos escapou e desembarcou no Egipto após muitas

[254] Sólon grande filósofo e legislador grego, morreu com 80 anos, em 598 anos antes de Cristo.

aventuras. Construíu o primeiro templo em Saís e ensinou a sabedoria da sua terra".

Nesta mesma obra onde se refere a uma comunicação do doutor Paulo Schliemann, neto do grande arqueólogo doutor Heinrich Schliemann e herdeiro de documentos de alto valor histórico, diz-se: "Quando em 1873 fiz as escavações nas ruínas de Tróia em Hissarlique e descobri, na Segunda cidade, o famoso *Tesouro de Príamo*, encontrei entre esse tesouro um famoso jarrão de forma especial e de grande tamanho. Dentro dele encontravam-se algumas peças de olaria, várias imagens pequenas de um metal particular, moedas do mesmo metal e objectos feitos de osso fossilizado. Alguns destes objectos e o jarrão de bronze tinham gravados uma frase em hieróglifos fenícios. A frase dizia: *Do Rei Cronos da Atlântida*".

Considero todas estas informações como subsídios valiosos para a história da Atlântida e será reunindo o maior número possível de elementos dispersos e colhidos de origens muito diferentes que se há-de fazer ressurgir historicamente o desaparecido continente.

Cito outro documento interessante, extractado da obra *América* de Rodolfo Cronau:

"Em 1825 um índio de nome Cusik, procedente da tribo dos tuscarosas da confederação iroquesa, publicou em Lewiston num livro intitulado *História dos Índios*, o seguinte: "[...] em remotos tempos os povos da união iroquesa enviaram para o Sul uma embaixada ao Grande Rei que residia na Cidade do Ouro (*Golden city*), capital do seu imenso império. Esse Rei, algum tempo depois, construíu muitas fortalezas nos seus extensos territórios avançando quase até ao lago Eria [na Pensilvania, América do Norte]. Semelhante avanço e as ditas fortificações foram motivo de grande alarme entre os povos do Norte, que temiam ver-se invadidos pelo exército real e desapossados dos seus territórios. Antes que isso sucedesse resolveram preparar-se para a defesa e por tal razão rebentou

uma guerra sangrenta cuja duração se prolongou pelo espaço de cem anos. Os povos do Norte estavam sumamente instruídos e eram muito destros no manejo do arco e além disso suportavam com facilidade toda a ordem de fadigas. Por tais motivos a luta causou a ruína dos povos do Sul sobre os quais os povos do Norte obtiveram uma vitória total exterminando-os e convertendo as suas cidades e fortalezas num montão de ruínas".

Não será isto uma referência às remotas lutas dos povos da Atlântida, obtida por tradições orais ou escritas conservas por esses índios? O lago Eria e a região próxima, faziam parte da Atlântida primitiva e após o segundo cataclismo separou-se mas ficou, por milhares de anos, ligada por um istmo no local da Terra Nova e outro nas Antilhas, que garantiam uma perfeita ligação com a parte separada pelo cataclismo de há 800.000 anos, até ao de há 200.000 anos.

Há também uma narrativa muito interessante inserta na *Crónica do Serenissimo príncipe D. João*, escrita por Damião de Góis, ácerca duma célebre estátua equestre encontrada nos Açores quando da sua descoberta, diz, em resumo: numa das ilhas mais extremas dos Açores, no alto dum monte, encontrou-se uma estátua de pedra assente numa base quadrada que lhe servia de embasamento; esta estátua que saía maciça da mesma pedra, representava um homem a cavalo coberto com um manto e a cabeça descoberta. Com a mão esquerda agarrava as crinas do cavalo e o braço direito tinha-o estendido e com o dedo indicador apontava para o ocidente.

D. Manuel, rei de Portugal mandou o seu vassalo Duarte de Armas, fazer um desenho desta estranha figura e posteriormente deu ordem para que a trouxessem para a sua corte, porém só chegaram a Lisboa vários troços, entre eles a cabeça e braço e mão direita, como também parte do cavalo, peças todas que foram guardadas muito tempo no guarda-roupa do soberano e de que ao presente se não sabe onde foram. Junto ao penhasco sobre que assentava a estátua havia algumas letras

esculpidas. Estas foram reproduzidas em cera no ano 1529 por Pedro da Fonseca, porém ninguém soube decifrar o seu significado.

Damião de Góis, deduz que a inscrição que aquelas letras formavam era procedente dos colonisadores normandos que chegaram até àquelas ilhas, pois estes costumavam gravar nas pedras todos os seus grandes feitos e acontecimentos.

A ilha onde este estranho achado foi encontrado foi a ilha do Corvo e diz o referido cronista que tal estátua estava no cume Noroeste da serra, que se eleva ao centro dela.

Que significa tal achado numa ilha deserta em pleno oceano Atlântico e em terra que fez parte da Atlântida? A suposição de Damião de Goes que atribui a inscrição existente na base desse monumento, aos normandos carece de fundamento... talvez um dia uma revelação sensacional se possa fazer a tal respeito.

Sobre o caso o erudito açoriano senhor António Ferreira de Serpa publicou há tempo na imprensa diária um interessante artigo sobre *A Ilha do Corvo e a sua estátua*, em que transcrevendo o que diz Damião de Góis comenta muito judiciosamente a insubsistência das bases em que se apoiam os que, sejam estrangeiros, como Humboldt, sejam nacionais, procuram considerar lendária a informação desse cronista.

Mas voltemos a mais algumas das muitas referências que se encontram nas tradições pagãs e não pagãs, desde a mais alta antiguidade sobre esses continentes primitivos: Lemúria e Atlântida que enchem o pensamento humano através de muitos e muitos milénios.

A história da Atlântida está na mitologia, está nos mitos e religiões, tropeça-se com ela a todo o instante, quando compulsamos qualquer relato que o passado nos legou.

Ora, é Hércules esse fantasma de grandeza, o Ozochor contemporâneo de Osíris, roubando as *maçãs de ouro* dos jardins das Hespérides, simbolizando o salvamento dos conhecimentos e segredos das Hespérides, filhas de Atlas, cuja condenação sabia ser fatal. Ora é Uranos aparecendo como o

primeiro rei da Atlântida e a luta estabelecida por Ulisses com os Cíclopes pastorais, que é uma recordação alegórica da passagem gradual da civilização ciclópica da pedra e dos edifícios colossais à busca mais sensual e física dos atlantes; Niobé, filha duma das Pleiades, ou Atlântidas, que Júpiter por causa das suas lágrimas transforma em rochedo e fonte inesgotável, simbolizando a Atlântida coberta pelas águas.

Na mitologia Escandinava a Atlântida transparece quando se fala de Nibetheim, país das nuvens onde viviam os anões fundidores de metais.

Nas legendas persas, de uma grande antiguidade, diz-se que antes de Adão viveram duas raças sobre a Terra: os *Devs* e os *Péris* (*izeds*). A primeira era uma raça de gigantes robustos e maus, a segunda era formada de homens de menor estatura, inteligentes e suaves que descobriram a arte de trabalhar o cobre, abrir canais e melhorar a agricultura. Esta raça parece identificar-se com a atlante tanto mais que se lhe dava um período de existência de 9.000 anos, outra identificação da data para a submersão da Atlântida a acertar com as legendas egípcias e maias.

Ora como mais adiante veremos, os atlantes foram *o povo do bronze*, eminentes na metalurgia que transmitiram às suas poderosas colónias de egípcios, cretenses, etruscos, maias do Iucatão, índios e outros.

Mas vejamos um outro documento do mais alto valor: as *Estâncias de Dzian*, que são um manuscrito arcaico escrito sobre folhas de palmeira tornadas indestrutíveis pelo ar, água e o fogo, por qualquer processo desconhecido. A sua antiguidade não se pode fixar devendo exceder todo o cálculo que se pretenda estabelecer por deduções modernas. *Dzian* vem da palavra sânscrita *Dhyan* que quer dizer: *meditação mística*. Diz-se que estas *Estâncias* estão escritas em símbolos ideográficos e seja como for elas serviram de base à colossal obra de Helena Blavatsky, a *Doutrina Secreta*.

Esta escritora publicou apenas uma parte dessas *Estâncias*, com os seus comentários e esclarecimentos não

podendo ou não lhe sendo permitido divulgar a obra completa que se desconhece.

Referir-me-ei somente aos *shlokas* (versículos) que têm informações referentes à Atlântida visto que essas *Estâncias* encerram um tratado de Cosmogonia e Antropogenesia que são os anais de sabedoria de um povo desconhecido da Etnologia, o que seria descabido reproduzir aqui.

No *shloka* 44 da *Estância* XI, lê-se: “Eles [os atlantes] erigiram grandes estátuas dos seus corpos com nove *yalis* de altura (27 pés = 8,235 metros). Fogos interiores haviam destruído o país de seus pais [os lemurianos]. A água ameaçava a quarta [Raça atlante].

Shloka 45: “As primeiras grandes águas vieram, elas engoliram as sete grandes ilhas [as 7 grandes ilhas ou zonas que faziam parte da Atlântida]”.

Shloka 46: “Todos os bons foram salvos e os ímpios destruídos, com eles a maior parte dos animais produzidos pela Terra”.

Estância XII, *shloka* 47: “Pouco numerosos [os homens] foram os que ficaram. Alguns amarelos, alguns trigueiros e negros e alguns vermelhos ficaram. Os de cor da Lua [pertencentes ao grupo divino primitivo] partiram para sempre”.

Shloka 48: “A quinta [Raça], proveniente do rebanho santo, ficou: ela foi governada pelos primeiros Reis divinos [homens esclarecidos, inteligências superiores]”.

Shloka 49: “As serpentes que tornaram a descer [serpentes da sabedoria, iniciados] que fizeram as pazes com a quinta [Raça] que a ensinaram e a instruíram”.

Por último, sobre essas *Estâncias*, reproduzo um fragmento dos comentários que as acompanham e que narrando um dos grandes cataclismos da Atlântida, que deve ser o de há 800.000 anos, nos elucida também sobre as fontes onde o *Êxodo* bíblico foi buscar a sua origem.

"A hora soou, a noite negra vai começar [...]. Que grande destino se cumpre! Nós somos os servidores dos Quatro Grandes [que dizer os quatro deuses cármicos chamados os Quatro Maarrajas]. Possam os Deuses da Luz voltar. O Grande Rei [Senhor do Mundo] deixou pender o seu Rosto Resplandecente e chorou [...]. Quando os Reis se reuniram, o movimento das águas havia começado. Mas as nações tinham-se já transportado sobre as terras secas. Estas achavam-se acima do nível das águas. Os seus Reis foram ao seu encontro nos seus *vimanas* [veículos aéreos] e os conduziram ao país do Fogo e do Metal [a Este e ao Norte]. As estrelas [os meteoros] caíam sobre os territórios dos das Faces Negras; [os répobros] mas eles dormiam. Os monstros falantes [os auxiliares mágicos, as forças ou entidades criadas pelo exercício da crueldade] não se moveram. Os senhores inferiores esperavam ordens, mas não lhe foram dadas porque os seus soberanos e donos dormiam. As águas subiram e cobriram os vales dum extremo a outro da Terra. As regiões elevadas ficaram, o fundo da Terra [os países situados, nos antípodas] ficou seco. Lá habitavam os que tinham escapado; os homens de Rosto Amarelo e visão recta [pessoas francas e sinceras]. Quando os senhores de rosto sombrio, despertaram e pensaram nos seus *vimanas*, para fugir às ondas que subiam, souberam então que eles haviam desaparecido. Semelhante a um dragão serpente que lentamente desenrola o seu corpo, assim os Filhos dos Homens conduzidos pelos filhos da Sabedoria, se deslocaram e espalharam, qual torrente de água doce [...] um grande número dos que tinham o coração fraco pereceram pelo caminho, mas a maior parte salvou-se" [255].

Nesta narrativa vê Blavatsky materiais originais com que centenas de milhar de anos depois foi tecida a narrativa do *Êxodo*.

---

[255] H. P. Blavatsky, *Doutrina Secreta*, v. 3, p. 532.

Os *Senhores da Face Sombria*, os mágicos de Ruta e Daitia, tornaram-se os magos egípcios; as nações de rosto amarelo, da 5ª Raça, tornaram-se os virtuosos filhos de Jacob, o *Povo eleito*.

A biografia de Moisés seu nascimento e salvamento das águas do Nilo, pela filha de faraó é extractado da narrativa caldaica que se refere a Sargão, antigo rei que sua mãe após seu nascimento abandonou sobre as águas, mas salvo por um barqueiro que o recolheu e amparou, vindo mais tarde a ocupar o trono.

Não desejando alongar-se mais ácerca deste capítulo – Tradições -, onde aliás muito haveria indirectamente a recolher, tanto em obras da antiguidade oriental como nas mitologias dos vários povos, vou referir-me a um caso estranho que surge quando confrontamos o eco longínquo da destruição da Atlântida, conforme o relato já aqui reproduzido e existente na inscrição do templo budista da cidade de Lassa, com o nome dado a um encantador local da ilha de S. Miguel.

Diz a citada inscrição: "Quando a estrela Bal caíu no lugar onde só agora há mar e céu, as *sete cidades*, com suas portas de ouro e Templos transparentes, etc.".

As *sete cidades* é um local privilegiado da ilha de S. Miguel, restos do continente atlante! A ele se refere o doutor Ferreira Deusdado, nos seus *Quadros Açorianos*, como segue:

"A perspectiva deslumbrante da taça das Sete Cidades, na ilha de S. Miguel, é apenas um eco longínquo das belezas da ilha encantadora. Esse fascinante Lago é unicamente o pórtico florido do majestoso palácio que está submergido no misterioso Atlântico".

Que inspiração foi dar àquele local um nome que reflecte uma recordação tantas vezes milenária e que só por um documento de conhecimento recente, foi vulgarizado?

O mistério da subconsciência arquivando as recordações do passado, que surgem depois como intuições expontâneas,

poderá talvez explicar factos desta natureza que tantas vezes se produzem.

Falando dos Açores, restos da desaparecida Atlântida, vem a propósito reproduzir um pequeno poema extractado da *Atlante*, do subtil poeta madeirense João Gouveia, mimo de inspiração e singeleza:

Nasceu das fúrias
Dum cataclismo
De braços rubros d'imensas dores
como nos contos
Sai dum abismo
Uma donzela cheia de flores

Porque os seus cumes, as suas fontes
Chorosas fontes!
Apenas são
Últimos restos, últimos montes
Da velha Atlântida de Platão.

Antes de fechar este capítulo devo dizer que a existência de arquivos secretos onde se guardam tesouros de conhecimentos arcaicos, resguardando-os da avidez egoísta e exploradora do mundo profano, é um facto aceite pelos escritores hinduístas e orientais e muitos os que terão visitado e colhido elementos valiosos com que ilustram as suas obras.

A tal respeito informa o grande escritor e filósofo hindu C. Jinarajadasa, propagandista mundial, a quem já me referi, o seguinte que me merece confiança porque conheço a honestidade deste homem de letras e de ciência que tem percorrido o mundo e que teve um prolongado estágio na Índia de onde é natural.

"O que chamamos a Hierarquia ou Grande Fraternidade [Alta Escola Iniciática], conserva desde o dia em que o homem começou a habitar a Terra, fósseis, esqueletos, cartas, modelos e manuscritos, esclarecendo o desenvolvimento da Terra e dos

seus habitantes, animais e humanos. Para aqueles que pelo renunciamento completo e consagração ao serviço da Humanidade obtêm o privilégio de visitar este maravilhoso museu, o estudo das formas e das civilizações passadas é um prazer sempre novo. Ali o investigador encontra modelos de argila representando a configuração da Terra em épocas recuadas, antes de tal e tais cataclismos, modelos pacientemente feitos pelos adeptos das civilizações passadas, para servir de guia às gerações seguintes dos estudantes”. [...].

Estudo comparativo da Arquitectura e da Arte

A Atlântida foi sempre mais ou menos um continente oscilante, sucessivas catástrofes que a flagelavam amiúde, não só pela natureza do seu subsolo minado de cavernas como por ser contemporânea de épocas geológicas de maior gestação, imprimiram no espírito dos seus arquitectos e construtores a noção preventiva da maior estabilidade na construção, assim os muros dos edifícios com o seu *jorramento* determinavam formas estáveis e a pirâmide, elevada sob um simbolismo esotérico, por ser o sólido geométrico da maior estabilidade coadunava esta com o sentido metafísico elevado que a havia gerado.

Esse simbolismo estava ligado a princípios fundamentais duma religião simultaneamente filosófica e científica a qual assentava no reconhecimento dum Ser supremo, uma Causa universal e primordial que se manifestava como vida e forças superiores constituindo, em número de quatro o quaternário representativo da natureza; este mesmo quaternário no homem representava o quadrado da matéria os quatro princípios inferiores que constituem a personalidade perecível. Era pois a pirâmide de base quadrada, no seu contacto com a terra, e os seus lagos triangulares representando a Trindade, os três aspectos dum todo, a consciência monádica relacionada no

homem à tríade que forma os princípios superiores: *Atma - Budi – Manas*, o homem espiritual imperecível, reunindo-se num todo, a pirâmide, e convergindo num ponto culminante expressava que o Um estava todo na Manifestação e esta Nele.

A culminância desse vértice representativo do Um e situado na sua mais alta elevação e todo o simbolismo da pirâmide pode ser identificado com as palavras do Bem-Amado a Arjuna, no *Bagavad-Gita* (capítulo IX, versículo 4) que diz: "Fui eu que dotado duma forma invisível desenvolvi este Universo; em mim estão contidos todos os seres; e eu não estou contido neles".

Todas as cidades importantes da Atlântida estavam cheias de templos de proporções enormes, e riqueza artística, alguns construídos no cimo de pirâmides truncadas superiormente, outros sobre socos elevados do solo com ingresso por majestosas escadarias.

Esses templos, verídicos monumentos de uma enorme vastidão, que eram interiormente constituídos por séries de pilares rectangulares sobre os quais apoiavam altos tectos, compreendiam grandes salas e nichos com altares onde só predominavam signos astrológicos e imagens, em reluzente ouro, do Astro-Rei o dador da vida no nosso Universo. Ora eram enormes discos em ouro com irradiação chamejante cingindo toda a circunferência do disco, ora era uma série de zonas circulares intercaladas com pedraria preciosa que formava essa resplandecente imagem. Dizem as tradições e infere-se pelo que de contemporâneo à civilização atlante ou dela derivado se encontra na América nos monumentos dos incas do Perú ou nos dos toltecas do México e Guatemala que este e outros símbolos eram geralmente colocados em locais onde aberturas reduzidas rasgadas nas paredes opostas, e o mais possível disfarçadas ao observador, conduziam ao nascer e pôr do Sol, e em diferentes outras horas do dia, os raios luminosos que, incidindo sobre o ouro polido desses símbolos, produziam uma reverberação deslumbrante.

Como no apogeu da civilização atlante ao ouro, prata e outros metais se não ligava o valor intrínseco que depois passou a ter, pois o seu sistema monetário consistia numa convenção fictícia, como adiante veremos, sendo a moeda representada por uma rodela de couro perfurada a meio valendo como hoje vale uma nota de banco, os metais serviam exclusivamente para a decoração e para todo o culto da arte forrando-se com eles baixos-relevos esculpidos na pedra, colunas, portas e empregando-se em mais outras infinitas aplicações que a fantasia desses povos e as suas desafogadas condições de vida permitiam desenvolver.

Assim as paredes dos templos, colunas e tectos reluziam em faiscações metálicas conjugadas com os painéis decorativos em pintura com que eram adornados.

A escultura que na Atlântida atingiu grande desenvolvimento animava e enriquecia esses recintos e as praças públicas, vendo-se por toda a parte estátuas humanas e de animais.

Todos os templos tinham torres mais ou menos elevadas com reluzentes zimbórios onde os sacerdotes da religião de Ra – o culto do Sol, ou Alma Universal – subiam ao nascer e pôr do Sol, para saudar o astro sublime com salmos e litânias a que se juntavam os cânticos em coro das sacerdotisas e o acompanhamento de uma grande parte da população que a essas horas subia também às torres, que quase todas as habitações possuíam para idêntico fim. Deveria ser uma coisa *impressionante*, embora teatral esses momentos onde o murmúrio duma multidão fanatizada enchia os ares numa plagência que não podia deixar de incluir o medo que acompanha sempre a crença cega que definha e deprime a autonomia e sublimidade do Eu.

A reprodução, em miniatura, desses templos, dessas grandezas, encontramo-las nos templos de Tebas, Menfis e Carnac no Egipto, como nas ruínas de Quito no Perú e nos templos caldaicos e assírios, que são os reflexos da monumental arquitectura atlante.

Estes templos eram circundados de jardins, alguns suspensos, como em Babilónia se procurou reproduzir, e esses jardins repletos de flores multicolores, de árvores de fruto, estatuetas, alegretes e fontes em jacto, cascatas lagos e obeliscos, constituíam um enebriante recinto de recreio ou repouso.

Nos templos havia geralmente uma torre distinta e especial para observações astronómicas onde os magos da Atlântida, antecessores dos magos da Caldeia, procediam às suas afamadas observações e se extasiavam e inspiravam na admiração e indagação das grandezas e ritmos do cosmos.

Os palácios eram magnificentes, consoante a categoria das pessoas que os habitavam, e as casas mais modestas compunham-se pelo menos de quatro compartimentos distribuídos em volta dum pátio central, com um lago e repuxo ao centro e com o qual pátio todos os compartimentos comunicavam. Raro era que cada habitação destas não tivesse uma torre construída num dos cunhais com uma escada exterior de acesso em espiral, para acompanhar o rito de saudação ao Sol nascente e poente. Por vezes estas casas não tinham exteriormente aberturas, a não ser a porta e qualquer ventilador em fresta, e então as superfícies murais eram decoradas com cores vivas e variadas quando não envolviam decoração com figuras e símbolos.

A multiplicação das torres dava às cidades da Atlântida o aspecto das cidades muçulmanas do oriente onde os sacerdotes maometanos e devotos sobem a inúmeros minaretes ou almenaras das mesquitas e de lá saudam o seu Alá, às horas do Sol se elevar ou abaixar no horizonte.

Esta particularidade do culto solar era observada não só na Atlântida como o era na América nos impérios centrais. Assim, numa das históricas cartas dirigidas por Cortez ao rei de Espanha, relatando-lhe os resultados e informes do seu avanço na conquista do México, diz ele a respeito da grande cidade de Cholula, à qual chamava a Meca dos mexicanos: “Posso assegurar a Vossa Alteza que, do alto duma mesquita [assim

chamava ele aos *teocalli* mexicanos] contei mais de 400 torres e todas são de mesquitas" [chamava mesquitas aos templos mexicanos].

Convém referir que o exame da mitologia mexicana com os seus ídolos materiais e sacrifícios sanguinários deixa transparecer um culto anterior e elevado ao Sol e aos outros astros e o reconhecimento da existência dum Ente supremo, mas tudo desfigurado pela imaginação selvagem das hordas astecas que invadiram a região do Anauac no declinar da civilização dos toltecas atlantes.

Assim nas torres de Cholula, como nas das outras cidades do Império de Montezuma, ainda ao nascer e pôr do Sol se faziam saudações a este grande astro a par de oferendas com queima de substâncias resinosas, copal e ervas, a ídolos sedentos de sangue.

Falei das habitações vulgares das cidades atlantes com o seu habitual pátio central descoberto e com uma fonte ao centro, pensamento remoto que se tem perpetuado através das idades entre gregos romanos e orientais e ainda hoje perdura em tipos regionais de habitações na Espanha andaluza e noutras regiões, mas resta dizer alguma coisa sobre as habitações em comum as quais sendo reservadas geralmente para sacerdotes do culto solar possivelmente teriam sido empregadas para alojamento de guerreiros e nos palácios para estrangeiros que havia nas grandes cidades da Atlântida, mantidos pelo governo local, e aos quais se refere Platão, descrevendo um edifício da cidade de Cerne, a decantada cidade das Portas de Ouro, capital da Atlântida da idade de ouro. Diz Platão que esse palácio era uma maravilha e dum luxo que deixa a perder de vista o que podemos hoje conceber de melhor, pois que o ouro, prata, marfim e o denominado *ouricalco* encrustavam-se nas paredes, tectos e pilares conjugados com decorações de alto mimo artístico.

Não tendo até agora podido encontrar onde colher informações mais seguras e descritivas de tais edifícios somente

posso referir como se construíam os que eram reservados para os monges do dito culto solar.

Diz C. Leadbeater no seu livro *O Perú e a Caldeia, antigos*, a que já me referi, que tais edificações, do tipo que encontramos no *teocalli* de Papantla (estampa L 15 dos monumentos americanos, da *História Geral da Arte*, de Montaner y Simon), que há 12 mil anos se construíam no Perú, eram de muitos andares e alojavam um grande número de pessoas. Seriam os *arranha-céus* daquelas épocas recuadas em que não havendo o conhecimento moderno e bem recente do betão armado, o qual vence hoje todas as dificuldades construtivas, haviam porém o pensamento tendente a resolver problemas idênticos e comuns a todos os tempos por meios adequados aos materiais de que se dispunha,

Publicamos uma planta e alçado de um desses edifícios tendo ao todo 816 compartimentos e podendo alojar, admitindo serem os sacerdotes celibatários, 408 pessoas, reservando 2 compartimentos a cada uma, devendo notar-se que tal plano é uma reconstituição mental feita agora em face da descrição escrita de tais edifícios na citada obra e noutras da história desse povo.

Faziam primeiro uma plataforma rectangular que geralmente tinha cerca de 330 metros de lado e cerca de 5,9 de alto; sobre esta, outra, com a mesma altura e recuada da aresta da anterior em cerca de 16,5 metros, de forma que esta segunda plataforma tinha cerca de 297 metros de lado; seguia-se outra com 264 metros de lado e assim sucessivamente diminuindo e deixando banquetas laterais livres com cerca de 16,5 de largura, chegavam a uma plataforma de cerca de 33 metros de lado onde construíam um pequeno sacrário ao Sol. Era, pois, uma larga pirâmide em escalões e em cada plataforma estavam inscritos compartimentos aproximadamente iguais, um à frente com um largo vão, outro interior e subterrâneo que, parece, não tinha luz directa.

Numa só face ou nas faces opostas da pirâmide partia uma larga escadaria, com patins, dando acesso às diferentes

banquetas as quais constituíam largos arruamentos que circundavam a pirâmide e se podiam em parte ajardinar ou povoar de canteiros móveis com flores. Um muro de cortina, erguido à frente de cada banqueta com assentos, completaria tais edifícios colossais e capazes de resistirem a abalos sísmicos ou a incêndios. A parte inferior, também com compartimentos mais ou menos fundos, não era habitada reservando-se para celeiros ou depósitos de qualquer natureza.

Quando havia no local uma elevação natural de terreno, espécie de monte ou outeiro, a construção simplificava-se por exigir menos aterros e apenas restava construir muralhas e tectos sólidos e bem vedados, para evitar infiltrações, e para isso eles tinham o tal cimento líquido que empregavam a quente e que era dotado duma notável qualidade de coesão.

Se a construção era feita num terreno plano, então havia aterros volumosos a fazer os quais se iriam realizando à medida que os muros laterais do perímetro do rectângulo das banquetas fossem executados.

Era natural que nestes casos fosse sugerido ao arquitecto e construtores da obra deixar ao centro de cada banqueta largos espaços, com fiadas de pilares rectangulares para sustentarem as cargas superiores, evitando assim os aterros e realizando-se a apropriação de extensas superfícies cobertas.

Mas tudo isto se fazia com alegria e tranquilidade porque, como adiante veremos, a sociedade não era capitalista e não havia a preocupação constante, horrível da especulação acompanhada das nuvens dos parasitas que vivem e se nutrem à sombra do capitalismo.

Tendo cada um garantido o seu pão, o interesse capital era o êxito da obra, a alegria de a ver realizada e o contentamento que resulta de um dever cumprido.

Não havia também a luta das classes. Todos colaboravam sem submissões e o mérito prevalecia não sendo asfixiado por privilégios convencionais; grandes tempos, pois, eram esses que findaram quando a força bruta suplantou o direito natural e quando a sociedade se enquistou de castas absorventes e

monopolizadoras, criando-se as fronteiras fictícias para sustentáculo de interesses particulares do mais feroz egoísmo.

Uma das características das grandes cidades e aglomerações humanas na Atlântida "da idade de ouro" era a abundância da distribuição da água e a sua dispersão judiciosa por toda a parte, desde o lar até aos campos, onde se mantinha um sistema perfeitíssimo de irrigações para garantia e êxito da produção agrícola, base da felicidade dos povos.

Isto denunciava também que a higiene era elevadamente compreendida e observada pelas populações atlantes da pré-história.

Com efeito, tais tradições se transmitiram a todos os povos da antiguidade histórica vendo nós como eles mantinham os seus balneários, piscinas, lagos e fontes. Os magos assírios diziam que: "a água era a mulher do Sol e o seu filho era a Terra".

As cidades atlantes, como as suas representantes no Perú, Bolívia, México e centro da América e bem assim como as grandes cidades do Egipto, ocupavam superfícies muito grandes porque, as edificações de muitos andares e contínuas não se adoptavam e em geral a casa era de um a dois andares e isolada das outras por jardins luxuriantes.

As ruas eram geralmente largas e bem pavimentadas e todas eram medidas e as extensões marcadas por balizas de pedra ou marcos onde se indicava o limite de extensões unitárias.

Devido à grande área das cidades a locomoção era grande e não só o cavalo se empregava como animal de tracção, mas muitos outros e até as feras domesticadas, como o leão, segundo afirmam as tradições, tanto do ocidente como do oriente.

Uma circunstância muito interessante que resulta do estudo da civilização atlante, tão longínqua e mal conhecida e estudada, é que existia o hábito ou vício de fumar, os homens e as mulheres fumavam e predominava o cachimbo o qual constituía um objecto aprimorado que a arte se encarregara de embelezar, com ornamentação variada e caprichosa.

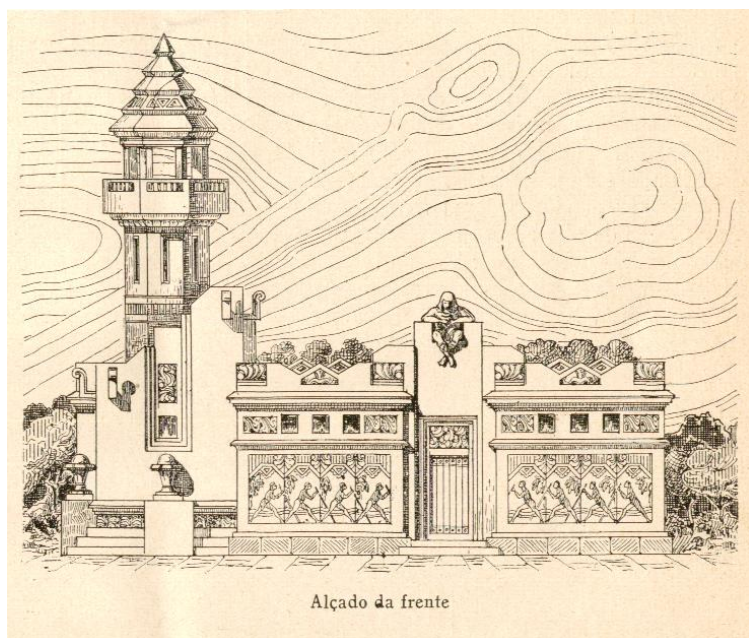
Na Irlanda, que era uma península da Atlântida, foram encontrados cachimbos pertencentes à idade da pedra e do bronze, com formas de elefante; idênticos se encontraram na América nas mesmas condições, comprovando assim que o uso e vício do fumo também veio da Atlântida.

O auge de civilização que atingiu a Atlântida no seu "período áureo", determinou um notável desenvolvimento nas artes e nas indústrias, e assim esse poderoso centro de desenvolvimento fazia a admiração de todos os povos da terra contemporânea da sua florescência.

Tamanha era a grandiosidade e imponência da sua arquitectura, o progresso da escultura, pintura e outras artes tributárias da arquitectura, que os edifícios da Atlântida se impunham a todo o mundo e as principais cidades eram um conjunto de maravilhas que deixavam extasiados os visitantes que, de regiões afastadas, ali podiam convergir.

Templos imponentes, escolas, palácios para alojar os visitantes e forasteiros, mercados, edifícios públicos, quartéis, balneários, jardins, cuja descrição deixa a perder de vista os nossos modernos parques das grandes cidades, jardins suspensos, grandes arruamentos pavimentados, obeliscos e grandezas que mal podemos suspeitar.

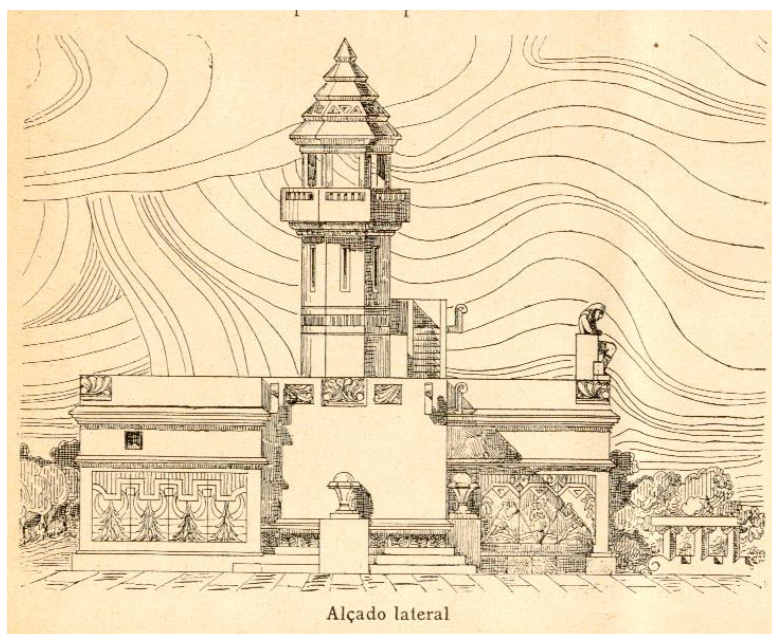
Como a acumulação da propriedade tal qual a conhecemos hoje, com o fim especulativo de tirar os maiores proventos possíveis das rendas, nem era conhecida nem seria permitida se o fosse, pela admirável organização política e social que regia a vida desses povos, não havia o congestionamento que ao presente sufoca, comprime, flagela e dizima as populações citadinas.

A não ser os templos e edifícios públicos cujas proporções e altura assumiam por vezes carácter ciclópico e um ou outro palácio particular de algum grande dignatário, no geral os edifícios para habitação compunham-se de um só andar e uma torre e sempre eram isolados uns dos outros por terrenos ajardinados ou cultivados e com árvores de fruto.

Alçado da frente

Visão duma habitação da Atlântida: Projecto *alfa* (alçado da frente)

Assim as edificações isoladas umas das outras, surgindo de recintos arborizados e matizados com os variados tons de inúmeras espécies de flores, ladeando largos arruamentos, dariam o aspecto das nossas modernas povoações de prazer e repouso onde a propriedade não se acumula como nas grandes cidades modernas.

As superfícies dessas cidades eram portanto maiores do que as nossas em relação a qualquer número de habitantes em paridade; entre tantas que teriam florescido nas extensas regiões do continente atlanteano a cidade de Cerne, também conhecida pela *Cidade das Portas de Ouro* como recordação da Capital Cerne ou Certne com 365 portas de ouro, cidade

sepultada há 800.000 anos no fundo do oceano, e reconstituída posteriormente em Poseidonis, ocupava uma grande área e continha mais de dois milhões de habitantes. Nalgumas tradições esta cidade se denomina também Merópida porque a identificavam com outra colossal cidade da primitiva Atlântida afundada na alta pré-história e com tal nome a ela se referiam os sacerdotes da Frígia.

Alçado lateral

Visão duma habitação da Atlântida: Projecto *alfa* (alçado lateral)

Ainda aparece nalgumas tradições com o nome de Kalia-Shekelmesa e com tal nome de Shekelmesa fundaram uns sacerdotes e outros atlantes fugidos da Poseidonis, alguns anos

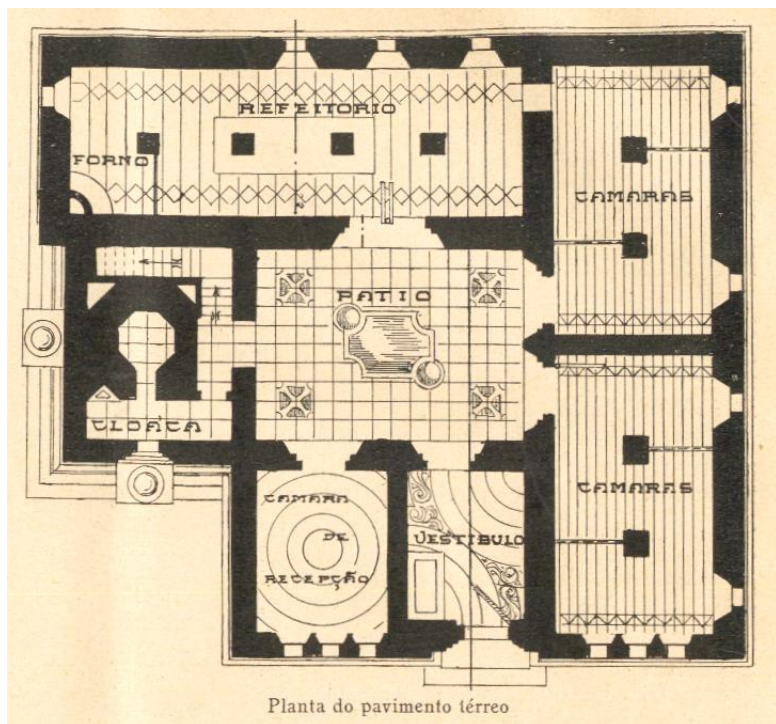
antes da catástrofe que afundou essa grande Ilha, uma cidade no oásis marroquino de Tafilete, cidade hoje em ruínas.

Assim pois as grandezas da Atlântida e da sua elevada arte constituíram um foco único da humanidade dessa era e as descrições que de tais maravilhas e progressos faziam os que regressavam desse *paraíso* da pré-história ou as multidões de atlantes que emigravam para fundar colónias desse grande Império por quase todo o mundo de então, enchiam todo o pensamento humano contemporâneo.

Pela natural exaltação dos sentidos dos narradores de tais descrições das maravilhas da Atlântida e ainda mais dos que delas se fizessem eco reprodutivo sem terem o testemunho directo da observação e visão local, decerto que tamanhas grandezas ainda mais se teriam muitas vezes avolumado tomando proporções sobrenaturais e assim quando uma catástrofe colossal fez desaparecer rapidamente essa enorme ilha de Poseidonis todo o mundo estremeceu e as mentes começaram a divinizar esse privilegiado recinto da Terra, esse farol de civilização e progresso que iluminava todo o Orbe. Tal consideração junta à enorme expansão da rama Atlante, altamente colonizadora que se achava dispersa não só pela América como pelas margens do Mediterrâneo, África e Ásia deve-nos conduzir à conclusão de que todas as grandes cidades do mundo teriam procurado reproduzir a arte, os costumes, os usos, da desaparecida capital do mundo e então quando admiramos as ruínas de Tebas, as descrições da Babilónia e de tantas outras relíquias da grandeza de um passado longínquo, devemos ver reproduzidos motivos, modelos, processos, derivantes de toda a ordem da mais notável e antiga civilização humana: a de Atlântida.

Podemos dizer que foram os atlantes que fundaram a primeira civilização verdadeiramente humana, que foram eles que criaram as regras da arte, da técnica, organizaram indústrias com métodos próprios como a metalurgia ensinando a fundir os metais e a obter ligas como a do bronze e a do *ouricalco* que deveria ser uma admirável liga dando um produto

de aspecto do latão vibrante mas inalterável aos agentes atmosféricos.

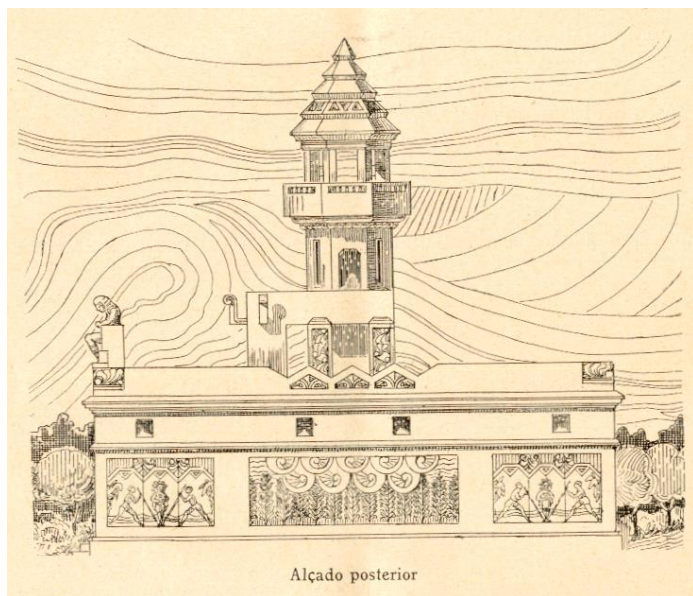
Planta do pavimento térreo

Projecto *alfa* (planta do pavimento térreo)

Na economia política, na arte de governar e dirigir os povos, na sociologia, tiveram eles em execução proveitosas fórmulas sociais que hoje os mais avançados reformadores e ideólogos preconizam e de que se faz grande propagação, mas que a decadência e o egoísmo humano destruíram por longos milénios.

O estudo e a reflexão sobre a civilização dessa notável raça conduz-nos à conclusão de que, exceptuando em parte a civilização ariana que se desenvolveu nas margens do mar da Ásia Central, toda ou quase todas as grandezas e manifestações dos mais famosos impérios da antiguidade nada mais foram do que cópias parciais e enfraquecidas da maravilhosa organização atlante nas artes, indústrias, ciências e perfectibilidade de métodos de governo e administração pública, sistema económico, religião e moral, que deram a prosperidade e felicidade aos povos do imenso Império da Atlântida.

Se a antiguidade considerada como a descendente dos Atlantes viveu sempre no pensamento dos seus antecessores e no desejo de poder restaurar e fazer reviver esplendores e progressos duma civilização prímeva e tão eminente, cujas maravilhosas manifestações artísticas e materiais jazem nos abismos do oceano Atlântico e as recordações da sua potente ideologia, imaginação e profundos conhecimentos perduram através das tradições e formam o substrato da subconsciência humana, hoje mesmo pressentimos o reviver constante do pensamento atlante transplantado na antiguidade histórica ao presenciar o desabrochar da ideação moderna da arquitectura, da escultura e da própria pintura decorativa.

Por mais originalidade que se procure encontrar na morfologia e estética modernas, o sentimento primitivo revive inconscientemente e, ao contemplarmos muitas das construções mais recentes ouve-se exclamar: parece estilo egípcio, assírio, babilónico!

Com efeito, regressa-se às grandes superfícies murais, aos pilares esguios, às colunas sem base nem capitel, a destaques e claros escuros obtidos por sobreposição ou combinações de formas geométricas, nuas, a frisos e painéis viúvos de ornamentação artística de qualquer motivo da natureza viva mas preenchidos por ondulações poligonais, ou rectangulares, por vezes umas ingénuas setas, tudo com carácter esquemático como que encobrindo os mais belos e profundos tesouros de pensamentos grandiosos em gestação futura.

Alçado posterior

Projecto *alfa* (alçado posterior)

As molduras complicadas desaparecem e o sentimento das proporções grandiosas renasce na alma do artista e os atributos complicados e frágeis da decoração somem-se na ideação moderna da arte sendo até destacados dos próprios móveis, que adornam as habitações.

Na escultura, no desenho e na própria pintura, revela-se mais o intuito de estilizar as formas humanas, animais e vegetais, do que reproduzir com verdade os modelos, como eles se patenteiam à visão humana.

Publicando o projecto visional duma casa atlante primeiro duma série de tentativas, sem compromissos, em que das tradições, nas narrativas, de ruínas de construções derivantes das de um continente que desapareceu totalmente, conjugadas talvez com um pouco de intuição, que surge sempre da repetida

concentração e estudo prolongado de qualquer assunto, e que pode acordar na chamada subconsciência da psicologia moderna vislumbres de arquivos calcados pelo tempo, temos somente em mira despertar para este campo formosíssimo de investigação e indagação, os estudiosos.

E, muitos eles, decerto, poderão facilmente corrigir deficiências visionais, expressões falseadas por errada interpretação e todas as restantes lacunas de um estudioso vulgar que julga no entanto que vale mais fazer qualquer coisa do que não fazer nada.

O Projecto *alfa* compreende uma casa dum só pavimento, com um pátio interior, terraços planos cobrindo todos os compartimentos, e uma torre, acessório que era por assim dizer inerente às construções mais importantes e mesmo às medianas.

Esta torre era colocada geralmente num dos cunhais do edifício o que não quer dizer que o não fosse ao centro ou mesmo à frente. Vêmo-las em ruínas no templo dos incas, na ilha de Coati, no lago Titicaca (Bolívia), vemo-las em mais dum desenho de Wilkinson sobre a habitação egípcia, nos templos caldaicos, etc.

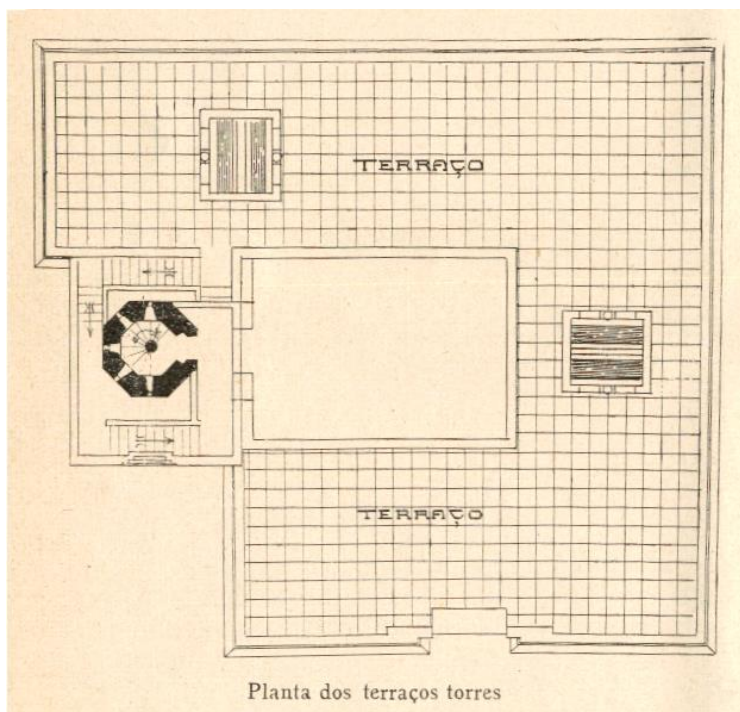
A torre que é sempre um motivo de realce e beleza e local aprazível de visão e observação tinha na Atlântida, como já temos referido, uma função especial e quase obrigatória: o exercício e prática do culto solar.

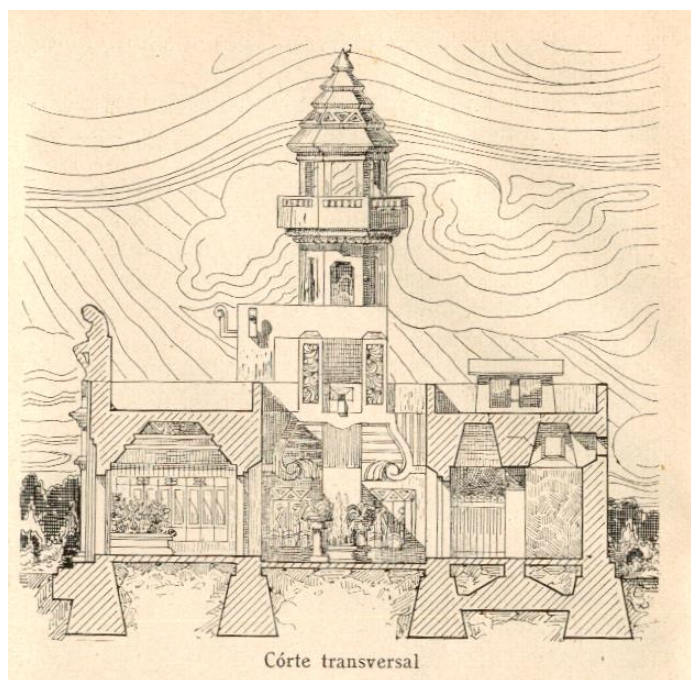
Todos os templos possuíam torres para tal fim e para observações astronómicas e na maioria das habitações a torre não faltava. Às horas do nascer e pôr do sol e ao meio dia, ali se subia para saudar no grande astro o símbolo da vida universal.

Para essa torre se subia, dizem muitas das tradições por uma escada exterior, sem contudo se explicar claramente como elas fossem concebidas; nalgumas referências se fala em escadas em espiral o que achamos estranho e pode ser má tradução de texto ou errada interpretação visional para o caso de indagações de carácter introspectivo.

Assim, neste projecto a escada alcança exteriormente a torre em dois lances até meia altura e é interna na altura restante até ao terraço superior que tem varanda e cobertura pontiaguda.

As fachadas das habitações não tinham, geralmente grandes vãos para o exterior, apenas algumas frestas elevadas: Por vezes a única abertura era a porta de entrada, mas, em compensação para o pátio interior, com que todos os compartimentos comunicavam, largos vãos iluminavam e ventilavam o interior.

Planta dos terraços torres

Projecto *alfa* (planta dos terraços torres)

Ao centro desse tradicional pátio havia um lago com água nascente ou canalizada por vezes brotando em repuxo; em certos locais menos fornecidos de luz e ar, devido à sua localização e à ausência de aberturas profusas na frente, a luz era obtida pela forma que se vê no corte desse projecto: é um lanternim, espécie de albói das embarcações, coberto, recebendo luz lateral e projectando-a por abertura no terraço dos compartimentos para o interior da habitação. Além de fornecer luz difusa pelo tecto das casas, constituía também um óptimo ventilador; na planta dos terraços figuram dois destes lanternins, que lembram os *mulcafs* árabes ainda hoje empregados e transplantados da casa tradicional egípcia, derivante da casa atlante.

Projecto *alfa* (corte transversal)

Outra particularidade deste projecto é a configuração transversal das paredes, mais largas na parte superior do que em baixo, tectos trapezoidais ou de tumba que se fechavam a centro por lajes planas. No palácio de Palenque em Guatemala e noutras localidades históricas da América Central e do Sul encontram-se vestígios e ruínas de construções deste género.

Nas paredes empregava-se geralmente pedra branca, vermelha ou preta que se encontrava na maioria das regiões do desaparecido continente e se as pedras ficavam à vista, com qualquer aparelho, tais cores eram as que predominavam ou em faixas mescladas ou em superfícies uniformes; mas em regra as superfícies eram estucadas recebendo decoração variada com representação de cenas simbólicas, figuras humanas ou de animais, outras vezes com ornamentação fantasiosa e característica como se vê nas paredes das fachadas lateral e posterior que nos parecem típicas.

Nas paredes interiores e tectos indicam-se decorações em pintura sobre estuques lisos.

Na fachada principal, a porta central é de madeira forrada de metais em tiras ao alto, prata, *ouricalco* e cobre, sobre a verga um baixo relevo em pedra revestido de lâmina delgada de *ouricalco* batida e recalcada sobre a ornamentação indicada revestindo-a inteiramente.

A planta compreende um vestíbulo de entrada dando ingresso ao pátio central o qual comunica com duas câmaras divididas interiormente por biombos permitindo o alojamento de leitos isolados, um refeitório com um forno na extremidade oculto por outro biombo, uma câmara de recepção e uma cloaca junto à base da torre.

Os pisos vêem-se na planta revestidos com desenhos geométricos, que representam mosaicos de pedra de várias cores, pavimentos muito empregados já nessas eras e bem assim recorrendo a um cimento com que fabricavam o chamado "formigão pré-histórico", a que nos referimos a páginas 49 deste estudo, construíam pisos lisos sem juntas como na actualidade se faz empregando a betonilha.

Visão duma habitação da Atlântida

Projecto «Beta»

Alçado da frente principal

Visão duma habitação da Atlântida: Projecto *beta* (alçado da frente principal)

A estátua que se vê sobre a entrada tem sobre a cabeça uma cobertura justa na parte superior e caindo sobre os ombros, muito semelhante à que os egípcios empregavam, e tem nos pés solas presas por correias entrelaçadas, que sobem até meia altura do pé ao joelho.

Todos os povos da antiguidade empregavam calçado desta ordem, espécie de sandálias, somente as solas eram geralmente de folhas de palmeira ou papiros porque na Atlântida e, em especial os sacerdotes, evitavam todo o contacto do corpo com produtos de animais mortos, como são os couros que se empregam no calçado, alegando que o magnetismo dos animais é inferior ao dos homens excitando nestes instintos de sensualismo e bestialidade que o homem que quer avançar na evolução deverá deportar do seu animismo.

Assim, os tecidos de linho, as sedas e outros provenientes de produtos vegetais, eram preferidos às lãs, que também sabiam fabricar.

A figura está desenhada com uma naturalidade que a muitos pode parecer incompatível com a de tão recuadas épocas em que se julga que a anatomia plástica era desconhecida e que tal ciência somente devia ter desabrochado com os trabalhos de anatomia que se iniciaram nos fins do século XV.

Não é porém assim, o corpo humano e bem assim o dos animais foram estudados desde remotos tempos e, mais do que hoje, ainda eles tinham um conhecimento profundo das naturezas do físico e do espírito ou vida que anima as formas e conheciam melhor do que nós as relações entre os dois.

Conheciam todos os órgãos do corpo humano, sistema arterial e venoso; sabiam como as correntes vitais actuavam nesses órgãos; haviam fixado em 101 o número dos *nadis* (artérias e veias) que partem do coração; que cada um se ramifica em 100 e ainda estes em 72.000 de forma que se eleva a 727,210,201 o número de artérias e veias do corpo humano. Haviam determinado centros de força que coincidem com os plexos nervosos dos nossos anatomistas e muitas outras particularidades, que estudavam desde a formação do feto, até à maturação do corpo físico. Portanto a técnica da anatomia plástica não lhes era desconhecida e disso são prova, entre outros, os exemplos do *O escriba sentado* que existe no museu do Louvre, *O leão ferido*, esse mimo da escultura assíria, assim como outros modelos notáveis da antiga América como sejam as figuras da grande pirâmide do Iucatão, as do *Templo das duas Serpentes*, as expressivas cabeças humanas que publicámos a páginas 28 e 30, produção escultural dos incas da Bolívia.

As escolas egípcia, assíria e as dos toltecas e incas da América nada mais fizeram do que perpetuar e reproduzir a Escola atlante onde a escultura atingiu uma notabilíssima expressão.

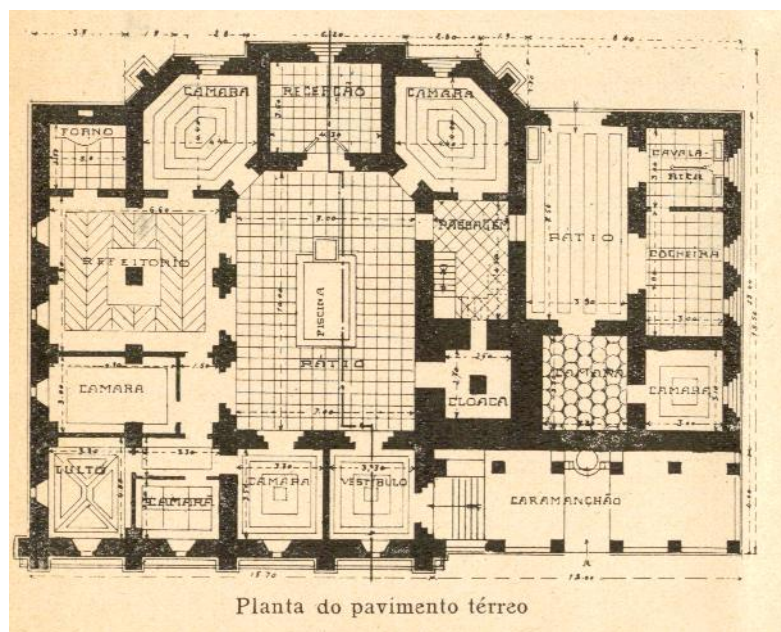
Por isso a figura do projecto *alfa* foi projectada na compostura natural que apresenta, embora o saibamos que em

muitos modelos antigos há exemplos de desproporções, atitudes forçadas e até deficiências anatómicas, mas isso se pode ainda encontrar nos nossos dias a par de muitos modelos correctos.

Certo é porém que todas as informações sobre a civilização atlante são concordes em afirmar que a escultura atingiu alto nível de expressão e correcção e que as suas escolas tiveram grande fama.

O projecto *beta* que inserimos refere-se a outra interpretação da *Casa Atlante* também com um só pavimento térreo e uma torre, sendo porém maior quanto à superfície.

Está esclarecido com três fachadas, duas plantas e um corte, sendo a fachada principal a cores.

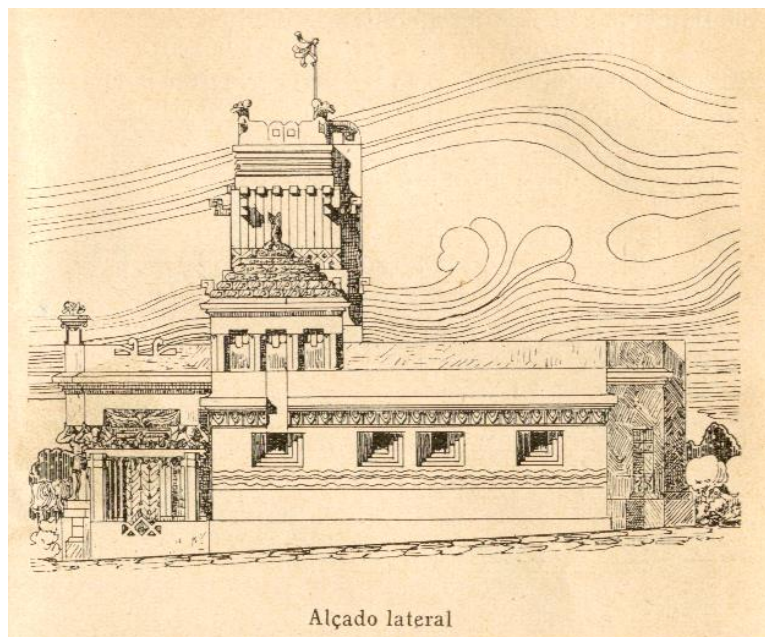
Planta do pavimento térreo

Projecto *beta* (planta do pavimento térreo)

Entra-se para esta habitação por um recinto com pilares onde apoia uma estrutura de madeira constituindo caramanchão, subindo-se um lance de seis degraus até ao nível da soleira da porta que é lateral, como se vê na planta do pavimento térreo.

Este recinto é circundado por um muro de cortina que o resguarda do exterior tendo acesso a meio e, ao fundo, em frente dessa entrada está, uma estátua de mulher em *ouricalco*, metal de aspecto de ouro luminoso, em pé sobre um pedestal de mármore.

A entrada dá para um vestíbulo o qual conduz a um amplo pátio central com o qual comunicam os vários compartimentos que o circundam: sala de recepção ao fundo, duas câmaras dos lados, refeitórios, outras três câmaras e uma casa para o culto solar, simples sacrário familiar. Do lado oposto, fica a cloaca, na base da torre, e ainda um recinto e passagem para outro pátio com entrada pela fachada posterior, igualmente circundado de vários compartimentos entre os quais figuram uma cavalariça e uma cocheira.

O pátio principal tem ao centro uma piscina, junto da qual se vê uma estátua em mármore sobre um pedestal pouco elevado; o segundo pátio tem um tanque com bebedouro para os animais e um portão de entrada. O recinto de passagem entre os dois pátios dá acesso à torre por uma escada exterior até ao terraço geral que cobre o edifício e daí, até ao extremo da torre, a escada segue desenvolvendo-se em lances curtos com patins sucessivos em torno de um pilar central, como se vê na planta dos terraços e no alçado posterior, de maneira que, tal escada sendo exterior fica inscrita numa parte do quadrilátero da dita torre não sendo visível nem da frente do edifício nem dos lados, mas somente do lado de trás da habitação.

O terraço superior da torre é descoberto mas podendo receber um toldo, como muitos empregavam egípcios e assírios, ou plano mantido por quatro prumos de igual altura, ou inclinado num dos sentidos da torre.

Alçado lateral

Projecto *beta* (alçado lateral)

Semelhantemente ao Projecto *alfa,* os pisos estão revestidos de mosaicos variados, e as faces interiores de paredes e tectos estão decorados predominando ornamentação geométrica.

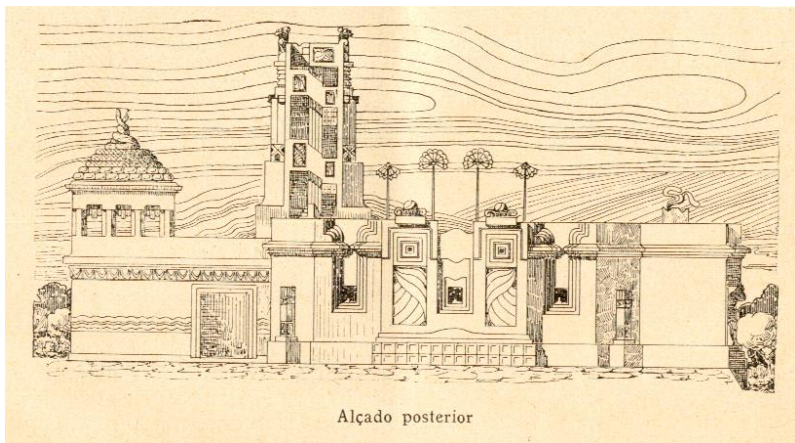
Na fachada da frente o corpo de edifício mais avançado tem somente quatro frestas bastante altas para iluminação e ventilação interior e o muro está decorado e pintado com cores vivas, nos quatro painéis determinados pelos pilares com figuras em bronze que sustentam o entablamento que avança de 60 cm sobre a face da frente das paredes.

Estas estátuas representam negros das raças bárbaras tributárias do grande Império da Atlântida: estão de pé sobre pedestais de pedra que na base pouco se salientam do soco do

edifício em virtude deste avançar aquém da parede, como se vê no perfil do lado.

Acima da cimalha vê-se o muro de vedação do terraço, com rupturas nos espaços correspondentes aos vãos rectos entre os pilares os quais se pronunciam no dito muro, servindo dois deles para apoio de vasos de cobre onde arde, com chama branca, um fogo líquido que os atlantes haviam descoberto.

Em segundo plano vê-se a parte do edifício, recuada de quatro metros da frente, onde se eleva a torre e, no cunhal, um recinto coberto, sustido por pilares quadrados e tendo por cobertura uma cúpula constituída por duas serpentes entrelaçadas cujas cabeças se tocam no ponto culminante.

A torre tem a altura de 14 metros. É, como vimos, descoberta e o terraço superior é defendido por uma vedação com rupturas.

Alçado posterior

Projecto *beta* (alçado posterior)

A disposição das cores nas faixas verticais que decoram parte da torre, segue a que se encontra nas salas de granito do

templo de Carnak, um dos grandes monumentos do Egipto onde os foragidos da Atlântida quiseram reproduzir o gosto, estilo e características da mais primitiva e grandiosa arquitectura de tão famigerado povo.

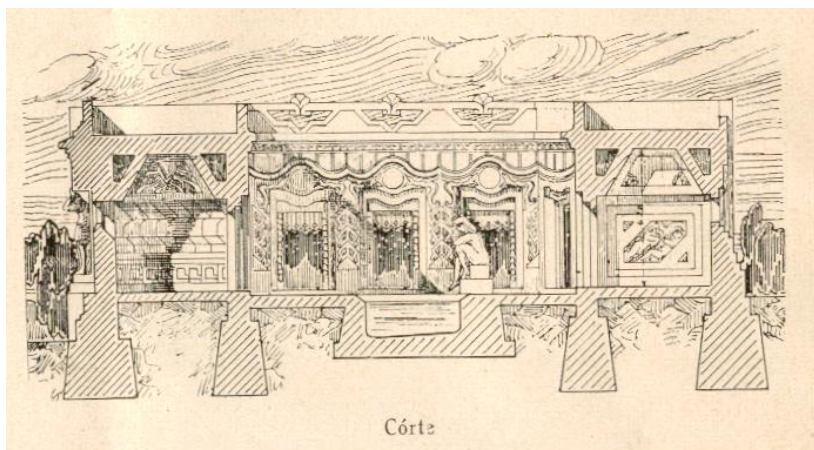
Na fachada lateral as aberturas da iluminação são rectangulares e recolhidas, vindo o vão aumentando até à face exterior por uma sucessão de escalões, cujas arestas na linha dos cruzamentos são tangentes à diagonal do cubo.

Na fachada posterior, a meio de cada uma das faces oblíquas do corpo central, vêm-se duas *estelas* rectangulares com leve ornamentação; as aberturas de iluminação já têm aqui outra disposição e os escalões, rasgados na espessura do vão, seguem pronunciados até ao resguardo do terraço.

Nesta fachada se vêm penachos de penas multicolores dispostas em leques, encimando mastros polidos, de madeira, adornos festivos que esses povos muito empregavam e que se transmitiram a outros da antiguidade clássica.

No córte aparece a decoração interior do pátio onde predominam serpentes, símbolos da Razão e da imortalidade, atraídas para globos que podem representar os astros ou o Sol e este conjunto termina por um listel ondulatório representando o movimento de *Akasa*, manifestação do terceiro Logos sobre o plano átmico, seja o comparativo relativo do Éter, cujos movimentos são ondulatórios, que enche os espaços cósmicos e onde flutuam os astros. Os nembos entre as portas são preenchidos por uma série de figuras poligonais similares, espécie de tirsos representando a árvore da vida dando apoio à Razão, representada pelas duas serpentes que nela apoiam.

Os atlantes com o seu culto solar e astronómico, constituindo uma religião simultaneamente científica, filosófica e moral, com os seus numerosos colégios de sacerdotes e escolas iniciáticas observavam uma simbologia complexa pela qual preferiam representar certas ideias, evitando assim enclausurar nos limites duma definição sujeita a ser contestada, ou alterada, determinados princípios, pensamentos ou ideias particulares, que assim faziam perdurar sob uma forma abstracta. Desta

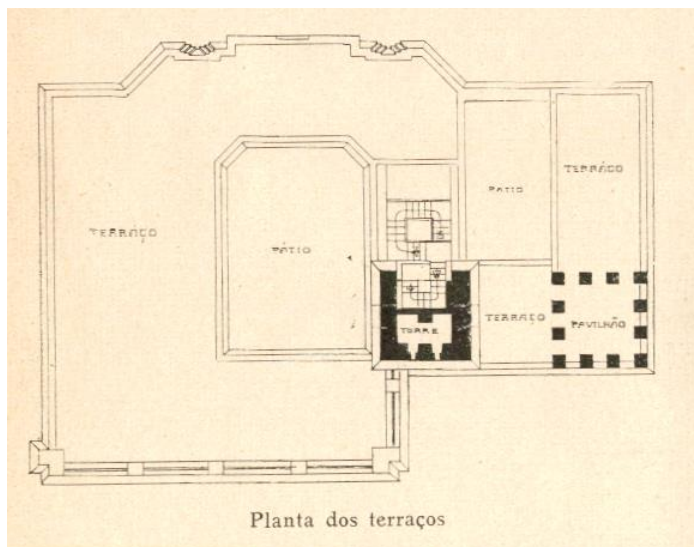
sorte, no monumento, na decoração, na arquitectura, nada era arbitrário e o símbolo prevalecia amoldando a forma à ideia.

Projecto *beta* (corte)

É por isso que para os artistas é muito necessário o conhecimento da história remota com as noções metafísicas dos vários ritos, cultos e crenças religiosas dos povos, sem o que dificilmente se poderão interpretar com inteira verdade os símbolos que a antiguidade nos legou no domínio da arte.

Por exemplo: os atlantes no seu culto astronómico veneravam nos astros a natureza, representada pelas suas forças boas e utilizáveis e pelas que o vulgo considerava forças más; tal divisão era porém desprezada nos colégios dos sacerdotes e iniciados na ciência esotérica porque esses sabiam que na realidade não existem senão forças, que não são boas nem más, mas simplesmente forças, do emprego das quais resultam vantagens ou prejuízos conforme o uso que delas se faça. A electricidade é uma força boa quando a empregamos regradamente e sabiamente na cura das doenças, na iluminação

das cidades e povoações, na indústria, como força motriz, fazendo mover todos esses complexos maquinismos do progresso material da nossa presente civilização; será uma força má quando a apliquemos para mover engenhos de destruição na guerra, nas execuções de condenados, na explosão de máquinas infernais. Semelhantemente, as matérias explosivas em que se aproveita a enorme compressão dos gases, podem prestar altos serviços na exploração de pedreiras na destruição de navios afundados em locais onde ameacem a navegação, nas escavações de terrenos rochosos para a abertura de túneis de caminhos de ferro, rasgamento de estradas, etc.; serão, no entanto, altamente maléficas ao serem empregadas pelos canos das espingardas e canhões, bombas de mão, e noutros engenhos de destruição e morte. Assim, prosseguindo com todas as forças naturais facilmente se chega à compreensão de que as forças em si são independentes da noção do bem ou do mal e então temos de reconhecer que o culto que se lhes prestava chamando-se-lhes até *deuses*, era mais para consagrar a sua potência natural e admiração pela Obra da Natureza, do que por receio ou medo como hoje sucede na maioria das crenças religiosas, com os seus infernos condicionados muitas vezes a noções de falso critério e falsa moral.

Era pois a religião dos Atlantes científica e lógica. Adorando além do Sol e da Lua os outros astros, tal adoração não era o que podemos chamar o misticismo contemporâneo, onde a par do medo está a pedincha constante e egoísta aos deuses de coisas para nossa conveniência ou utilidade ou para a nossa família e amigos; eles nas suas contemplações extasiavam-se na grandeza da Obra da Natureza, admiravam-na, não a temiam, sabiam que só na ignorância do homem estava o mal e não nesse conjunto admirável de energias, ritmos, harmonias, vibrações e, então, surgiram os poetas e trovadores com os seus cânticos, perpetuando o espírito das coisas e o espírito universal fonte de grandeza, luz e alegria. Os druídas continuaram na Bretanha este culto poético e os trovadores da idade média propagaram por longo tempo os

cânticos laudatórios à Natureza e à Vida, nos seus variados aspectos, perpetuando assim as tradições da gloriosa Atlântida.

Projecto *beta* (planta dos terraços)

Estas considerações, como tantas outras que se poderiam aduzir, mostram como nunca devemos tomar por manifestações grosseiras de superstições vãs, as religiões da mais alta antiguidade.

Se de facto nos períodos de decadência a essência das coisas e das ideias se obliteram, certo é que na Atlântida a religião foi, de princípio, essencialmente elevada e científica com noções puríssimas de alta metafísica, embora nos últimos tempos se tivesse desviado para um culto sádico.

Assim o artista precisa de ter conhecimento destas particularidades para não incorrer em interpretações erróneas

quando haja de reconstituir no campo da arte qualquer manifestação da antiguidade.

Tendo esses povos a noção da imortalidade da alma, a perpetuidade da vida através das formas, não encaravam a morte como nós o fazemos hoje, na generalidade; portanto nos monumentos funerários, túmulos, jazigos, nada dessas composições modernas cheias de carpideiras aterradoras, essas tétricas representações de um desespero inútil e ignorante.

Lágrimas, mãos erguidas ao Céu, lutos, penitências, para quê? - diriam eles – e se nos vissem hoje haviam de sorrir da nossa impreparação para encarar um fenómeno natural e inevitável que, como lei, se vem perpetuando através de todos os tempos.

Visão dum Palácio para forasteiros *na Atlântida:* *Projecto* gama

Todas as tradições sobre a Atlântida se referem aos seus sumptuosos e grandes edifícios destinados aos serviços públicos, instrução, aquartelamentos e grandes recinto de reuniões. Entre eles há referências a edifícios destinados a alojar os visitantes ou estrangeiros que de contínuo ocorriam, de todos os pontos, às grandes cidades desse famigerado continente. Todas as cidades importantes possuíam verdadeiros palácios para tal fim, mantidos pelo Estado, onde os visitantes, estrangeiros ou não, eram recebidos como hóspedes da cidade e acolhidos com a mais cativante hospitalidade por todo o tempo que permaneciam nela.

O Projecto *gama* representa uma interpretação visional de um desses palácios e tem uma capacidade muito aquém da que, pelas tradições, se infere que tais edifícios tinham. Porém, deve apenas ser tido como tipo, por isso que a sua maior representação gráfica, nesta *Revista*, viria minguada e não se poderia aperceber detalhes, que assim se tornam apreciáveis.

É uma construção elevada sem os recursos dos modernos materiais: o ferro e betão armado, com os quais hoje se fazem prodígios na construção. Assim, a alvenaria ordinária predomina e a abóbada auxilia, como meio de cobertura apropriado, os compartimentos inferiores, onde maiores cargas são impostas, como se vê no corte do dito projecto.

Alçado duma das frentes

Projecto *gama* (alçado duma das frentes)

O edifício tem a configuração de uma pirâmide com escalões largos constituindo terraços amplos que circundam, em sucessivos níveis, todo o edifício.

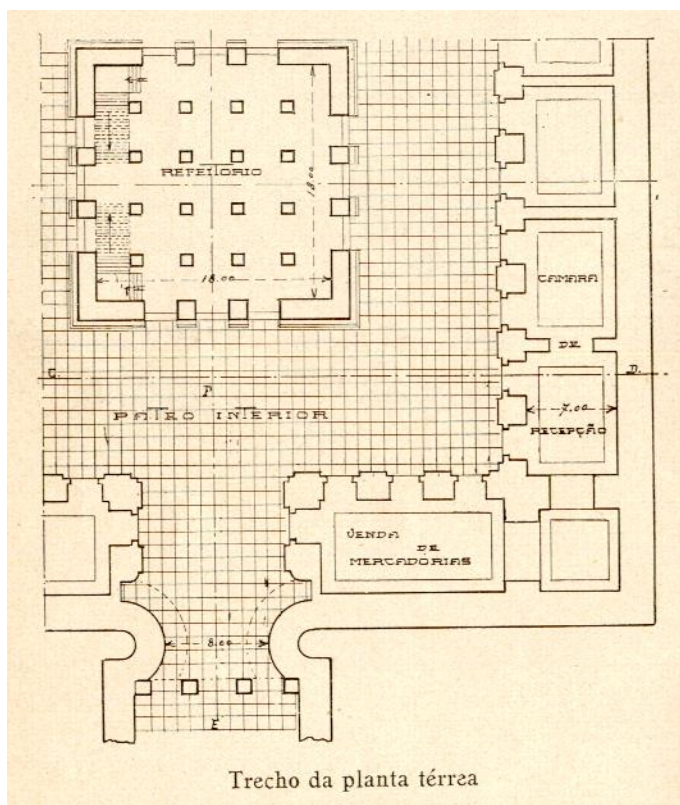
Na base, quadrada, mede de lado 104,60 metros e tem, além do pavimento térreo, mais três andares.

Esta pirâmide é aberta a centro tendo um pátio rectangular com 44,60 metros de lado com duas entradas fronteiras, uma a eixo da frente outra igual na fachada posterior, com três arcos poligonais, cada uma, como se vê no alçado da frente.

O ingresso para o pátio central é pois por estas arcarias, que se prolongam com pilares rectangulares, como se vê no corte, e por baixo dos dois primeiros terraços.

O acesso aos andares superiores faz-se pela grande escadaria dupla, que existe nas duas frentes, e pelas que vão indicadas do primeiro ao segundo terraço e deste ao último

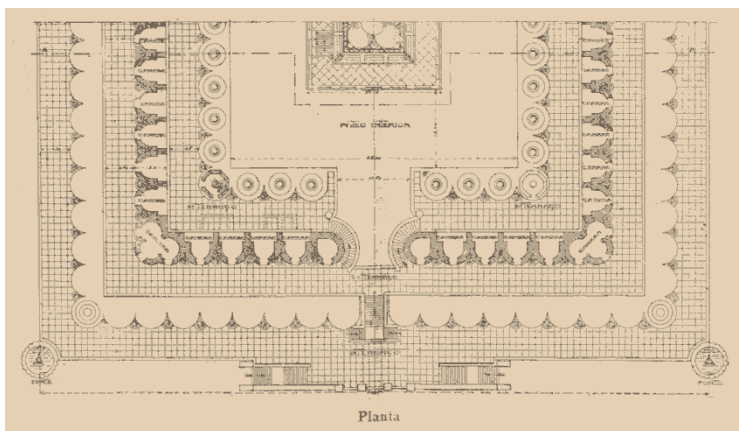
pelos dois lanços curvos que se vêem na planta, alçado da frente e córtes. Estes dois lanços curvos contornam o rasgamento dos dois lados opostos da pirâmide rasgamentos que interrompem a circulação contínua do último terraço do edifício.

Trecho da planta térrea

Projecto *gama* (trecho da planta térrea)

Os compartimentos destinados a dormitórios individuais ou de cônjuges, encontram-se dispostos e alinhados no

pavimento térreo e nos três andares superiores onde têm a forma circular. Na parede do fundo desses compartimentos rasgam-se pequenos recintos que ficam sob o piso do terraço imediato e que se destinam a cloacas com esgoto interior.

Nos cunhais da pirâmide elevam-se torres sendo as do último escalão mais altas e dominantes.

Ao centro do pátio ergue-se um pavilhão aberto, sustido, por pilares rectangulares, coberto por uma galeria que o contorna e ao centro eleva-se outro corpo apoiado nos pilares interiores que termina por uma cúpula rectangular constituída por cinco grandes esferas como se vê no projecto. Este pavilhão aloja o refeitório e simultaneamente é ponto de reunião periódica desempenhando o papel que representa hoje o nosso restaurante moderno.

Projecto *gama* (planta)

Nas paredes altas, que definem interiormente neste edifício apiramidado o pátio interior, ao nível do terreno fica uma série de compartimentos abobadados, bem definidos no

corte A B, destinados a cozinhas, arrecadações, casas de venda, sala de recepção e ainda a alojamentos em comum para criados, empregados deste edifício, precursor dos modernos hotéis.

Descrito ligeiramente este edifício sob o ponto de vista da sua contextura e aplicação, o que mais se pode esclarecer pelo exame das peças desenhadas que o compõem, resta-nos dizer alguma coisa acerca da sua decoração e estética.

Era nessas recuadas épocas, como o foi entre os povos históricos primitivos, muito empregada a pirâmide quando se tinha de recorrer a edifícios com muitos andares.

Além do simbolismo esotérico da pirâmide, este sólido geométrico tem uma grande estabilidade e em tais tempos de muito menores recursos para resolver problemas de construção e estabilidade a configuração deste sólido permitia com relativa facilidade e fazendo escalões horizontais, obter com alvenaria uma série de andares servidos por óptimos terraços e com acesso por escadarias exteriores de fácil construção.

Quando se erguia um monte natural numa planície, a construção limitava-se a revesti-lo com muralhas e obter assim soberbos e grandiosos edifícios de aspectos emocionantes. Quando isso não era possível, as pirâmides eram artificiais, como podia ser o caso para o projecto que apresentamos com a letra de ordem do alfabeto grego: *gama*.

Pedra, argamassa e cimento seriam os materiais suficientes para se erguerem tais monumentos, entrando a madeira e os metais nas aplicações secundárias, como hoje ainda o fazemos, em vedações de portas e janelas e respectivas ferragens. Na estatuária, os atlantes, conhecidos pelos primeiros que na pré-história aprenderam a arte de fundir metais, muito empregavam estátuas fundidas e ainda mais as esculpidas em pedra e revestidas de lâminas metálicas que se espalmavam cuidadosamente dando às figuras humanas de animais, ou mesmo a ornatos, o aspecto de peças metálicas maciças. Evidentemente que tal processo lhes deveria ser de mais fácil execução e talvez mais rápido.

Os assírios e caldeus usavam revestir colunas em madeira, que muito empregavam por falta de pedra na região, com lâminas metálicas em bronze dourado ou com folhas de ouro e outros metais, como foi encontrado em Corsabad sendo neste caso as lâminas em forma de escamas, com um rebordo contornando uma espécie de óvalo e pregadas à madeira com pregos de bronze.

No Projecto *gama* o andar térreo, de paredes rectilíneas, tem as aberturas das portas de ingresso aos compartimentos completamente lisas, sem decoração alguma, somente os nembos entre os vãos são decorados com uma série de toros verticais com ornatos na zona superior e inferior constituindo um motivo decorativo agradável; a parte superior da parede desse andar termina por uma moldura simples e sobre ela vê-se o muro de cortina do terraço do andar superior. Nos quatro ângulos do quadrilátero da pirâmide estão outras tantas fontes constituídas por um lago circular de muros canelados, tendo ao centro um grupo de três cobras aquáticas entrelaçadas e que lançam, em três direcções, jactos de água em repuxo.

Ao centro deste andar térreo fica a entrada para o pátio interior da pirâmide e a grande escadaria de acesso ao primeiro terraço, constituindo um conjunto monumental, como se observa no alçado da frente.

A escada é dupla, conduzindo a um patim central; à entrada de cada lanço há duas esfinges aladas que são como guardas do limiar recordando aos mortais o misterioso insondável que os cerca.

A entrada para o pátio central e interior faz-se por baixo dessa escadaria onde se rasgam três arcos poligonais apoiando sobre pilares rectangulares com quatro figuras com três metros de alto, de pé, de braços cruzados e numa atitude serena de disciplina e resistência.

Os pilares que interiormente com estes alinham, no recinto que conduz ao pátio, não têm figuras mas apenas caneluras verticais como se vê nos nembos do andar térreo já descrito, (vide córte C D pela entrada).

Aos lados dos portais da entrada há largos janelões abertos dando para um recinto de conversação e permanência e instalação de alguns serviços de informação.

Os compartimentos do primeiro, segundo e terceiro andares, todos ladeados pelos respectivos terraços, são com as frentes em semicírculo, coberto com terraços e com as decorações murais que se representam no projecto, sendo os últimos coroados por peanhas onde apoiam figuras de pé, em número de trinta nas quatro frentes do edifício.

Estas figuras estão erguidas, braços abertos em cruz, posição de equilíbrio e atitude de saudação usada pelos povos atlantes.

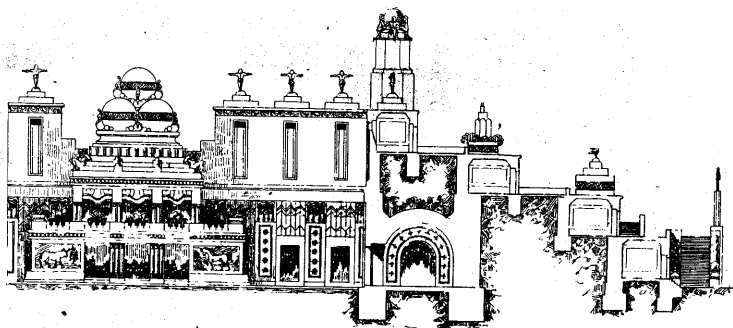
As torres mais altas, cujas escadas conduzem a pequenos sacrários de culto, terminam por esferas de cor branca opaca que representam o globo lunar sustentado por quatro *Pitris* lunares, os *Senhores das Formas* sobre a cadeia lunar, que dirigem toda a evolução plástica, segundo a doutrina esotérica primordial comum a todos os povos da antiguidade.

Os *Pitris* (pais), sendo considerados como antecessores do homem, formam uma hierarquia intimamente ligada com a evolução humana.

As torres, mais baixas, do primeiro andar deste edifício, são rematadas por meia esfera onde águias, simbolizando a alma humana, procuram elevar-se acima de todas as limitações representados pelos escalões do edifício, que as oprimem e constrangem.

Entrando no pátio interior (córte por A B) vemos ao centro o Pavilhão já mencionado que serve para refeitório comum dos hóspedes ali alojados. De secção rectangular, é formado por quatro cunhais com paredes de alvenaria cujas faces são decoradas com painéis coloridos representando animais; ao centro de cada lado há três portais definidos por dois pilares intermédios, de secção quadrada e com toros cilíndricos verticais constituindo um ninho de colunas coladas.

O perímetro exterior do Pavilhão termina por um terraço com muro de cortina que circunda o Pavilhão ao nível do piso

superior para onde se ingressa pela escadaria interior indicada no projecto.

Corte por A B

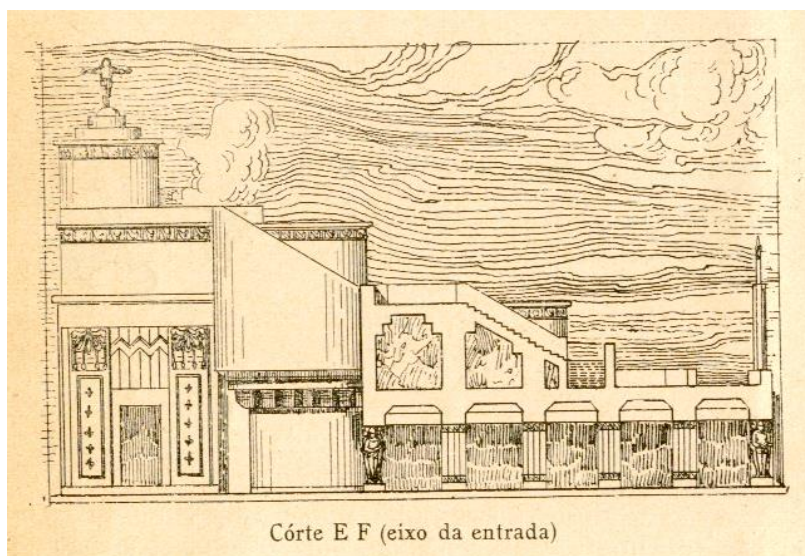
Projecto *gama* (córte por A B)

Ao centro ergue-se outro corpo, apoiando nos dezasseis pilares interiores ricamente decorados, que se eleva rematando-se com a cúpula terminando com as cinco esferas que se vêem no projecto junto.

A cada ângulo da base da cúpula, onde existem três degraus, está uma figura sentada em atitude livre de meditação, simbolizando que o pensamento ali se pode polarizar sem as submissões a ritos, ou a regras, na expansão natural e animada da vida profana vulgar de quem veio de lugares distantes para visitar uma grande cidade ou tratar de negócios. A decoração das paredes interiores do pátio central que se vêem ao fundo do corte por A B, consta de largas pilastras que vão só até ao friso que corta as empenas, aproximadamente a meio, molduradas e encimadas por flores de Lótus que pendem de três grandes folhas viradas para baixo.

Ao centro das pilastras e numa linha vertical vêem-se, também, flores de lótus, abertas.

O lótus foi considerado, desde a mais alta antiguidade, como uma planta sagrada figurando portanto como um elemento simbólico nas várias religiões da antiguidade e entrando na decoração como motivo predilecto. Planta aquática que tem as raízes na terra, a haste na água e a flor no ar e que, além disso, é influenciada pela luz, foi escolhida para representar os quatro elementos: terra, água, ar e fogo.

Córte E F (eixo da entrada)

Projecto *gama* (córte por E F - eixo da entrada)

Também a empregavam para símbolo da reencarnação porque a sua semente passa do ar para a água e depois para a terra, onde de novo germina para se elevar novamente para o ar e assim perpetuamente: nasce, vive morre e renasce. Além de ser considerada como flor sagrada pelos hindus, egípcios,

budistas, chineses e japoneses, vemo-la depois nas igrejas grega e latina servindo de emblema cristão.

Mais tarde a religião cristã substituiu o lótus pela flor-de-lis, mas simbolizando a mesma ideia, assim ela que figurava nas mãos do *Bodisatva* anunciando à mãe de Gautama o nascimento de Buda, surge como flor-de-lis nas mãos do arcanjo quando ele aparece à Virgem Maria como mensageiro da ideia da criação e geração representados pelo símbolo da dita flor: o fogo e a água. Tal é o seu símbolo na Anunciação.

Terminando a descrição do Projecto *gama,* devemos chamar a atenção para o ajardinamento dos terraços dos vários andares vendo-se canteiros, aproveitando os recantos curvilíneos entre os compartimentos, que constituíam um embelezamento de tão belos miradouros que em níveis diferentes proporcionavam a visão de largos horizontes e aprazíveis recintos de permanência e meditação.

Emblemas atlantes

Na tentativa de visionar a arquitectura e a arte em geral que floresceu na Atlântida, vem muito a propósito dizer alguma coisa sobre alguns dos símbolos que por serem absolutamente universais e perdurarem desde a mais remota antiguidade em povos de continentes afastados, por largos oceanos, têm evidentemente uma origem comum que não pode ser outra senão a civilização da Atlântida com os seus aspectos elevados e profundos duma doutrina esotérica simultaneamente metafísica, científica e filosófica.

Começaremos pela *serpente* que encontramos como emblema nos santuários do antigo Egipto, venerada na Índia, Japão, China, Fenícia, no México e América Central, como entre populações africanas e ainda entre gregos e romanos, simbolizando a razão, a sabedoria e perfeição divinas, a regeneração e como causa primeira da criação e geração.

Hermes classificou a serpente como o ser mais espiritual entre os seres; Jesus disse: sede sábios como a serpente; Moisés enalteceu-a também; assim, quer como potência vital quer como símbolo da razão e da regeneração, de onde vem a origem universal deste notável emblema?

Pretendem uns que tal símbolo teve origem primordial no culto primitivo dos atlantes ao falo. Com efeito a serpente é identificada com *Kundalini,* palavra sânscrita que significa: *poder inflamado*, a vida em acção nos centros vitais, a grande força foática ou magnética que vibra no âmago de toda a matéria. No homem essa força vibra no que os hindus chamam *chacras* e que correspondem proximamente, ou estão em ligação, com os plexos nervosos e havendo sete chacras principais, o mais potente em energia reside no extremo da espinha dorsal, junto ao cóccix e habitualmente a esse poder se chama *serpente de fogo,* poder criador e destruidor, cuja solicitação, por quaisquer meios, para exceder a acção normal apresenta sérios perigos. Assim, a serpente denominada pelos egípcios *Kneph*, que significa *grande criador*, reforça a hipótese da origem deste símbolo vir do culto ao falo e, com efeito, a serpente no antigo Egipto representava especialmente a força fecundadora.

Mas vejamos outra fonte que pode esclarecer a razão de ser do símbolo da serpente, tão remoto como universal.

Lê-se no *Livro de Sarparâjni* [256], obra esotérica e arcaica o seguinte:

”No começo, antes que a Mãe se tornasse Pai-Mãe, o Dragão de fogo movia-se só no infinito”. A terra é aqui chamada *Sarparâjni*, a Rainha-Serpente e considerada como *Mãe* de “tudo o que se move”. E, “antes que o nosso globo tomasse a forma oval [e o Universo também] um longo rasto de poeira cósmica [ou de bruma ardente] se agitava e contorcia, como

[256] Vide Helena P. Blavatski, *Doutrina Secreta* (edição francesa), v. 1, p. 53.

uma serpente no espaço. O Espírito Divino movia-se sobre o Caos".

Esse espírito teria "sido simbolizado, em cada povo, sob a forma de uma serpente de fogo soprando o fogo e irradiando a luz sobre as águas primordiais, até que houvesse posto em incubação a matéria cósmica e a tivesse feito tomar a forma anular duma serpente mordendo a cauda, o que simboliza, não somente, a eternidade e o infinito, mas também, a forma esférica de todos os corpos formados, no Universo, por essa bruma ardente".

Esta concepção, que pode muito justificar cientificamente o emblema da serpente, como um símbolo elevado e fundamentado, está aliás muito proximamente em concordância com a teoria de Laplace sobre a formação do nosso sistema solar: as nebulosas animadas de um movimento de rotação determinando a formação de anéis gasosos (bruma ardente) tomando por fim a forma esferoidal devido à diferença de velocidade linear das suas moléculas mais inferiores em relação às mais superiores do dito anel e, durante esta génese de natureza turbilhonária sempre a forma da serpente a esboçar-se, a reproduzir-se nos espaços, reflectindo o conhecido réptil não só na sua configuração física mas ainda nos seus movimentos habituais de contorções, ondulações, até à sua estabilização em círculo mordendo a cauda! Que extraordinária identificação entre noções e teorias dos mais remotos tempos primordiais e aquelas que a ciência dos nossos dias nos apresenta! As conclusões do grande físico dos tempos modernos, Lord Kelvin sobre o movimento dos turbilhões de éter determinando a formação da matéria, as palpitantes noções sobre a dissociação da matéria de Gustave Le Bon e tantas outras revelações modernas são como o eco de revelações passadas, e então ao nosso espírito surge aquela eterna sentença que perdurará sempre: "Nada há de novo sob o Sol" (*Nihil novi sub sole*).

Assim, a imagem da serpente incorporaria a sabedoria divina no plano superior da ideação do Logos, embora no plano da matéria grosseira ela aparecesse como tentadora e embusteira representando o Mal.

Mas ainda aproximando estas duas origens para o emblema da *serpente*, vemos que podem perfeitamente identificar-se ao atendermos que se ela servia para representar a força inteligente e geradora da Matéria e sendo esta uma forma estável de energia intra-atómica, este símbolo poderá incluir todas as manifestações de inteligência, sabedoria, força procriadora e tudo que se lhe queira chamar adentro do universo fenomenal que compreende todos os aspectos do Espírito e Matéria.

Entre outras representações emblemáticas da serpente vemos a serpente *Indushésha*, servindo de primeiro veículo a Visnú (primeira pessoa da *Trimurti* ou Trindade divina hindu) vogando sobre as *Águas Primordiais*, simbolizando o tempo infinito no Espaço, onde germina periodicamente o Universo manifestado.

No gnosticismo a *serpente* apresenta-se com as sete vogais sobre a cabeça; *Oeaohoo* emblema das sete Hierarquias Planetárias, criadoras. Estas vogais são um símbolo arcaico, que inclui, uma, três e sete sílabas representando o primeiro Logos não manifestado, o segundo Logos manifestado e o Triângulo que se concretiza no Tetrágono.

A Mãe Universal dos mexicanos, Cuhuacohuatl, é representada tendo junto uma serpente que a parece suster.

Os egípcios prestavam culto à serpente e esta adornava a maioria das coberturas, quer de homem quer de mulher, com que protegiam a cabeça.

A mãe de Jesus, simbolizando como a Ísis dos egípcios a criação, aparece com sete estrelas sobre a cabeça e pisando uma serpente.

Citações inúmeras se poderiam fazer acerca das identificações do emblema da serpente relacionadas com a procriação e portanto com o culto primordial ao falo.

Tal símbolo, surgindo desde o alvorecer dos tempos históricos em povos de todos os continentes, e mais ou menos com um sentido comum, não pode deixar de ter tido a sua concepção inicial num povo pré-histórico que houvesse exercido uma hegemonia universal e esse povo foi o que gloriosamente floresceu na Atlântida e expandiu a sua civilização nas numerosas colónias que fundou nos continentes dessas recuadas eras.

Referindo-se ao culto ao falo repetimos o que a tal respeito já dissemos: que este culto de que todos os países conservam mais ou menos vestígios, foi, primitivamente, exercido adentro de elevadas noções e sem o carácter de imoralidade que mais tarde assumiu.

Os órgãos humanos secretos e as suas funções eram considerados divinos, o princípio fecundante em acção perpétua na natureza, transformando na terra a semente em planta sob a influência geradora solar e a humidade, generalizada a toda a criação até à procriação animal e humana, envolvia um sentimento de admiração e reconhecimento à Natureza o qual se traduzia num culto sem sombra de malícia ou indecência.

Os vestígios deste culto são numerosos, encontramo-los nos menires proto-citas, nas estelas e obeliscos levantados posteriormente e que se ligam nitidamente com a ideia fálica.

Sesóstris, rei do Egipto, nas grandes conquistas que empreendeu na Ásia Menor, ia erigindo obeliscos onde mandava gravar os órgãos femininos, o que demonstra bem como assim procurava completar o símbolo da procriação.

Monumentos desta ordem e obedecendo à mesma ideia fálica se encontram em toda a Europa, Ásia, África, América e até há vestígios na Oceânia.

Foi após Pitágoras e Platão, quando os mistérios foram extintos e perseguidos os seus hierofantes, que se perderam as regras e noções que regiam com carácter elevado este culto, o qual rapidamente se corrompeu dando ensejo aos desregramentos sádicos do culto tântrico.

A maioria dos escritores descrevem com escuras tintas este culto, na persuasão de que um aspecto baixo e repugnante foi sempre inerente ao seu exercício, mas em regra desconhecem o carácter profundo e não imoral que primitivamente teve.

Muitas obras modernas se têm escrito sobre este assunto, entre elas o *Falismo* de Hargrave Jeannings e o *Culto Fálico* de Allen Campbell e os relatos são impressionantes porque se referem ao período de corrupção em que se deixou esquecer a noção elevada da procriação para só considerar o acto animal, nos seus aspectos e anormalidades mais degradantes.

Mas, apesar da crítica que se faz a tais aspectos de civilizações idas, a insensata humanidade contemporânea, não repara que na realidade o culto ao falo, com os seus aspectos sádicos, perdura em nossos dias e a ele se vão sacrificando saúde, dinheiro, honras e muitas vezes a própria dignidade individual.

O culto ao falo existe pois na realidade, como há-de existir sempre, cumprindo apenas dignificá-lo e moralizá-lo associando-lhe as elevadas noções primitivas da benéfica acção fecundante para reprodução dos seres nos reinos vegetal, animal e humano.

O Sol, emblema da energia universal

Aparece o culto ao Sol na Europa, Ásia, África e América, durante a idade do bronze, caracterizado por um ritual e cerimonial de notável identificação. Donde poderia ter vindo originariamente este culto, tão uniforme, senão de um único povo? e que povo nos aparece na pré-história como iniciador da civilização dos povos históricos do nosso conhecimento, a não ser o que floresceu na Atlântida?

O Sol era para os egípcios, a estátua de Deus; Santo Ambrósio dizia: “construamos as nossas igrejas com a frente ao

Oriente, porque durante os Mistérios começamos a renunciar àquele que está no Ocidente". Com efeito era pelo Oriente que, para judeus e cristãos, a Glória do Senhor, o Sol, idêntico também a Jeová, penetrava nos templos. Quanto àquele que está no Ocidente, era o deus das trevas, que os egípcios designavam pelo Deus Tifão.

Evidentemente que o local do horizonte onde nos parece nascer o Sol e com ele a Luz, o calor, a energia a vida fisiológica deveria ter chamado a atenção do homem e vê-se que todas as religiões, todas as escolas iniciáticas, simbolizam no Oriente e no Sol o grande ideal e a divindade.

Com o nome de Baal os fenícios adoraram o Sol, com o nome de Osíris os egípcios o representavam, chamando-lhe *Olho de Osiris* e nessa acepção era o Logos, o primeiro nascido; os gregos chamavam ao Sol o *olho de Júpiter*, para os parses, sectários de Zoroastro, o Sol é o *olho de Ormuzd*, na mitologia escandinava o deus Odin, análogo a Júpiter da mitologia grega, foi também adorado primitivamente como o deus solar e na gravura que publicamos ele está sentado tendo por resplendor o Sol e lá figuram ainda as emblemáticas serpentes a que já nos referimos.

O Sol tinha um culto especial nos povos da América, México, Perú e outros da região central e ali era adorado na sua própria imagem representada por um disco com raios geralmente ondulantes e tais reproduções do astro-rei eram muitas vezes feitas em ouro puro, como ainda encontraram os conquistadores espanhóis quando aportaram àquele continente.

Assim como os egípcios tinham o seu símbolo do *Globo Alado*, que reproduzimos na figura junta, igualmente os caldeus e assírios possuíam um emblema idêntico embora representado de outra maneira; era um disco sobre um par de asas muito abertas e por vezes aparecia com uma figura humana, de pé, com um arco para lançamento de flechas a qual figura se sobrepunha ao disco solar. Mas também se encontra a imagem solar isolada representada por um disco com raios numa disposição muito assemelhável à do emblema dos povos da

América; a gravura que adiante se publica é extractada dum baixo-relevo representando o Rei Nabou-Abla-Idin prestando homenagem ao Sol, e foi encontrado no local onde existiu uma das mais antigas cidades da Caldeia, chamada Sippara na qual o culto ao Sol – Samas – era especialmente observado em santuários de que se guardam importantes recordações tradicionais.

Ainda a propósito da importância ligada ao local onde diariamente nos parece nasce o Sol, lembramos que a escola iniciática da Franco-Maçonaria adoptou a designação de *Grande Oriente* para cada uma das suas grandes organizações nacionais.

Mas se vemos o culto solar transparecer fundamentalmente em todas as gnoses das várias religiões e escolas iniciáticas da antiguidade, temos de reconhecer também que não só a heliolatria predomina mas com ela um sabeísmo encoberto.

Os mistérios dos *cabires*, divindades pagãs e judaicas, eram presididos por sete deuses planetários entre os quais Júpiter e Saturno; Os *cabires* no Egipto e Fenícia eram sempre os sete planetas então conhecidos, com o seu *Pai*, o Sol, e há vestígios entre os druídas de tais divindades.

Na Bíblia há clara referência a este culto sideral pagão onde vemos os *cabires* no célebre candeeiro de sete luzes que aparece na visão do *Apocalipse* de S. João (capítulo IV, 4):

"[...] e diante do trono estavam sete lâmpadas ardentes que são os sete espíritos de Deus". Simbolismo que mais se aclara no: *Zacarias* (capítulo IV, versículo 2): "[...] olho, e eis um castiçal todo de ouro, e um vaso de azeite no cimo, com as suas sete lâmpadas [...]" e (versículo 10): "[...] [referindo-se às lâmpadas] são sete olhos do Senhor que discorrem por toda a terra" e a rematar ainda mais temos o que disse S. Jerónimo: "em verdade o candeeiro ou candelabro de sete braços, era o tipo do mundo e seus planetas".

Com nomes diferentes “os Olhos do Senhor discorrendo por toda a terra” da Bíblia, são afinal a mesma coisa que os deuses pagãos *cabires* dos Fenícios, e estas e outras identificações apresentam-se sempre numa síntese que vai referir-se a concepções indeformáveis de um esoterismo primordial, oriundo da Atlântida.

É assim que os sete *Elohim* são sete génios planetários que entre os cristãos se denominam ”os sete espíritos diante do trono”, são os mesmos que os sete *Dhyan-Chohans* dos hindus; os sete arcanjos dos maometanos; os sete *Ameshaspentas* do zoroastrismo; tudo aspectos do culto solar e astronómico dos atlantes.

Os sete génios planetários ou as sete potências superiores, realizavam em torno do Sol a “dança circular sagrada” símbolo da rotação dos astros e assim tiveram origem as danças astronómicas, as danças bacanais, as rústicas em honra de Pã e outras que acompanhavam as cerimónias do culto.

Os adoradores de Baal dançavam em volta da fogueira por ocasião das suas festas solsticiais, o mesmo faziam os padres de Carmel no solstício do verão; na liturgia bramânica perduram as danças executadas pelas *Devadassis* ou dançarinas, a *Rasa Mandala* executada pelos *gopis*, ou pastores de *Crichna*, o deus Sol, dança teo-astronómica dos signos do zodíaco e dos planetas, que ainda hoje se realiza na Índia.

Na Caldeia as festas ao deus solar revestiam um brilho e pompa dignos de registo, segundo descreve o bispo C. W. Leadbeater, na sua obra *O Peru e a Caldeia antigos*; por ocasião de tais solenidades todas as pessoas que concorriam às festas, levavam por cima das suas vestimentas ordinárias uma capa ou manto da cor consagrada ao dito planeta. Os tecidos da fazenda dessas capas eram muito brilhantes como se fossem de cetim e os seus tons eram: os devotos do Sol, cor branca matizada com fios de ouro; os que estavam sob a influência astrológica de Vulcano levavam o manto da cor de fogo, talvez relacionada com a proximidade deste planeta ao Sol e portanto nas suas condições ígneas; os nascidos sob Vénus iam envolvidas em

mantos de azul celeste tecidos com fios de verde claro, cujo conjunto dava uma irisação fascinante; os nascidos sob Mercúrio vestiam cor de laranja; os da Lua tinham mantos brancos com fios de prata, o que dava com a ondulação um matiz violeta pálido que muito realçava; distinguiam-se os de Marte por mantos escarlates de grande efeito; a cor azul violeta, salpicada de pequenas pintas de prata era a escolhida, ou destinada, pelos *filhos* de Júpiter; os de Saturno iam vestidos de verde claro com fundo *gris pérola*.

A multidão, assim dividida por vestimentas de cores diferentes, com grinaldas de flores e bandeiras, marchava em procissão para o local dos templos e aí se dividia em círculos concêntricos em volta do edifício pela seguinte ordem: primeiro círculo interior os devotos do deus solar, a seguir os círculos de representantes dos signos de Vulcano, Mercúrio, Vénus, e os seguintes pela sua ordem de distâncias ao Sol.

Estes círculos humanos moviam-se em rotações à volta do templo cantando e constituindo um espectáculo que deveria ser soberbo.

As danças do culto astronómico, que também se observavam nos povos da América remota, deram ainda origem à dança rotativa dos *derviches*, *darueses* e as que eram inerentes na Grécia e Roma aos cultos idólatras.

Com origem no culto sabeísta devemos incluir a dança de David (*Samuel*, II, 16) "[...] e, vendo o rei David que bailando e saltando diante do Senhor [...]" e a dança das filhas de Siló (*Juízes*, XXI, 19): "[...] Eis que se avizinha a solenidade anual do Senhor em Silo [...] e quando virdes que as moças de Silo saem, segundo o costume, a formar as suas danças, etc. [...]" e os saltos dos profetas de Baal (*I Reis*, I, 26) "[...] e saltavam sobre o altar que se tinha feito [a Baal]".

O culto primitivo ao Sol e aos astros, transparece, pois, universalmente porque ele era lógico, natural e racional. No nosso sistema solar a imagem do astro-rei impõe-se pois o Sol é a origem do calor, da inércia fecundante e vital de que a vida depende.

Sem Ele não poderíamos existir e portanto não é favor considerá-lo como o penhor da nossa existência e como a mais elevada manifestação da Criação Divina.

O Sol é pois, quem está por detrás de muita crença, de muita superstição, de muito apostolado, que aparentemente diferencia religiões cujo tema esotérico é sempre o mesmo embora mascarado com simbologias emblemáticas e fantasistas para constituírem, aparentemente, originalidade.

Não se furta a Bíblia, que é considerada como um texto esotérico, a esta verdade, pois ela é um sistema secreto ligado a todo o simbolismo dos indianos, caldeus e egípcios, sistema que na sua concepção originária foi fundado pelos atlantes.

A dificuldade em interpretar tais textos, a necessidade duma vontade, sentido de observação e paciência para lhes arrancar o sentido unitário que encerram, e que mais se complica nos textos sagrados dos indianos é que fez aborrecer a Voltaire e obrigou a classificar as obras mais profundas desse povo com o epíteto de *Pataratas bramanicas*.

Veja-se como a instituição das *ofertas* criadas pelos atlantes com sentido metafísico elevado, se degradou até à imolação de animais e pessoas a deuses imaginários. A hóstia representa na religião católica a recordação e vestígio dessa instituição; entre os hebreus designava qualquer vítima sacrificada e oferecida a Deus e como partícula eucarística representando o esforço de identificação com uma perfeição, que só pode ser obtida à custa do sacrifício ou desistência de desejos materiais, encerra um mesmo intuito e um mesmo propósito das *ofertas valiosas* da mais alta antiguidade. Demais a sua colocação no disco da custódia de cristal resplandecente, com a forma circular, reproduz a imagem solar com os dois sentidos reunidos: Corpo e Espírito do Cristo Solar.

É interessante observar como através de tantos milénios, e resistindo a todos os esforços de destruição e propaganda contrária, as manifestações do culto solar, sempre associado ao culto do fogo, vão perdurando universalmente.

A igreja romana conserva nas manifestações ligadas à sua liturgia inúmeras recordações desse culto: na França, na Inglaterra e na Noruega, havia ainda há poucos anos o costume de acender fogueiras nos pontos elevados, por ocasião dos solstícios do inverno e do verão, dançando-se e cantando-se em volta destes fogos; em Portugal e Espanha as festas populares de Santo António, S. João e S. Pedro, que coincidem ou fizeram coincidir com o solstício de verão, são celebradas com as fogueiras tradicionais, danças circulares em volta delas e a ainda com saltos sobre as chamas a recordar o baptismo purificador sobre o fogo, dos pagãos, e tudo isto se faz associado à celebração de santos cristãos, como outrora se fazia a Baal, a Zoroastro, ou a qualquer das divindades *cabires* dos fenícios.

As festas equinociais de Jerusalém, em que cada seita cristã se procura apoderar do *fogo celeste* na persuasão de que terá um bom ano todo aquele que o alcance, nada mais é do que puro paganismo.

Para rematar o exposto sobre o culto solar, recordaremos o que o imperador Juliano, que parece ter sido o último dos sacerdotes iniciados do dito culto, revelou acerca do Sol: “São três num”, e, o comentário que a tal respeito faz Blavatsky: “O primeiro é a causa universal de tudo: Soberano Deus e perfeição; o segundo poder é a inteligência suprema, exercendo a sua autoridade sobre todos os seres racionais; o terceiro é o Sol visível. A pura energia da inteligência solar procede do lugar luminoso que ocupa o Sol no meio do Céu e, esta pura energia, é o Logos do nosso sistema planetário; o Misterioso Verbo Espírito – produz tudo com o auxílio do Sol e nunca opera com o auxílio de outro meio – disse Hermes Trimegisto” [257].

Portanto, deveria ter razão São João Crisóstomo, afamado orador e que foi Patriarca de Constantinopla, falecido no ano 407 da nossa Era, referindo-se aos chamados infiéis: “Cegos pela luz solar perdem de vista o verdadeiro Sol absorvendo-se na contemplação do falso Sol”.

---

[257] *Doutrina Secreta*, v. 5, p. 233.

A revelação de Juliano fica assim confirmada por esta autoridade da Igreja: “Por detrás do Sol visível está a divindade” e então o culto solar tinha fundamento. A fortificar este reconhecimento do Mistério do Sol diz o rabino Chevalier Drach na sua obra *Harmonia entre a Igreja e a Sinagoga*: “O Sol é incontestavelmente a segunda hipóstase da Divindade”.

A tudo isto somente resta dizer que não é verdade que os pagãos adorassem as estrelas e planetas materiais sem a estes astros associarem as potências criadoras, os poderes, as inteligências, que anteviam como espíritos, animando-os. O mesmo erro se cometeria se se dissesse que os cristãos adoravam a estátua em pedra, madeira ou metal, dum Cristo, sem noção alguma do ser espiritual que ele representa e dos poderes que lhes são atribuídos na qualidade dum Instrutor Mundial.

Passemos agora a analisar outros emblemas e símbolos de origem remotíssima, que aparecem nos monumentos e seus vestígios, anteriores às idades históricas e cuja compilação parcial, que procuramos fazer, demonstra a existência longínqua dum sistema estrutural cosmológico, metafísico e científico, que assentando em profundos conhecimentos, parece ser indeformável e conter em si a representação de algumas verdades.

Símbolos geométricos arcaicos

Começaremos pelos indicados na primeira gravura que contém os numerados de 1 a 12. Tais sinais encontram-se gravados ou representados em monumentos pré-históricos e alguns nas próprias ruínas da ilha da Páscoa.

São universais, análogos na sua representação e sentido, foram evidentemente oriundos de um mesmo povo que os difundiu e que, portanto, deveria ter exercido uma hegemonia em todo o mundo, então conhecido.

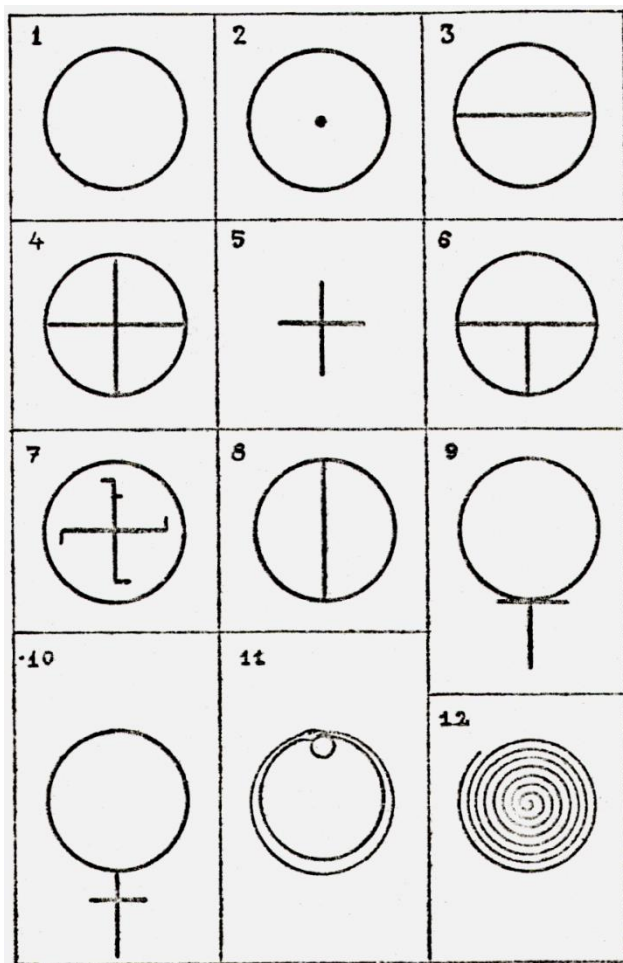
Esse povo ou povos, da quarta Raça humana, foram os atlantes, essa raça extinta a quem sucedeu a quinta Raça humana, a ariana, à qual pertencemos e, a quem sucederá a sexta e sétima Raças, findo o que a vida no nosso planeta terá fim; assim o reza o sistema arcaico da constituição septenária do Homem, das Raças humanas e da Terra e é confirmado na Bíblia:

Apocalipse (XVII, 9-10): “Aqui há sentido que tem sabedoria. As sete cabeças são sete montes; sobre os quais a mulher está sentada” [as sete cabeças são sete montanhas, ou sejam os sete continentes e as sete respectivas raças que os habitarão]; o versículo 10, diz: “E são também sete reis [sete Raças], cinco já caíram [a primeira, a segunda, a terceira, a quarta, atlante, e a quinta, ariana] e um existe [referência à quinta Raça, ariana, que continua] outro ainda não é vindo [a sexta e a sétima Raças vindouras]; e, quando vier convém que dure um pouco de tempo”.

No versículo 8, anterior, diz-se: “A besta que viste foi e já não é e há-de subir ao abismo” e Blavatsky comenta como sendo a inteligência que adquiriu a sabedoria; esta interpretação, dada a autoridade desta notável escritora, que foi uma iniciada da escola esotérica, tem bastante peso e corresponderá a uma das sete *chaves* que desvelam os textos esotéricos.

Portanto não poderiam ter vindo senão da raça atlanteana os símbolos e emblemas de um profundíssimo sentido que vemos divulgados em toda a terra e cuja antiguidade excede a dos povos históricos do nosso conhecimento.

Vejamos os símbolos.

O primeiro é um círculo: representa o círculo eterno do Tempo, contém a divindade não manifestada, é a Essência una, infinita e desconhecida, dos cabalistas, no seu estado passivo; pode representar uma *noite de Brama* do esoterismo hindu, como chamam a um período de repouso ou não manifestação da consciência cósmica.

Símbolos remotos

O círculo pode representar, esotericamente, o estado de não existência, que preceda o *alfa* de um *dia de Brama*, período de manifestação de um Universo, ou o estado que se siga a um

omega desse mesmo *dia*, admitindo que no infinito do Tempo e da existência os períodos de actividade cósmica, *Manvantaras,* e os períodos de repouso, *Pralaias*, se sucedam indefinidamente. O círculo sob este aspecto é pois um termo de uma série infinita de estados passivos ou negativos, estados de trevas que cortam a luz da existência como a noite corta os raios resplandecentes do dia.

A figura número 2, um círculo com um ponto central: a diferenciação inicial da manifestação periódica da eterna Natureza é o potencial no abstracto; os dois opostos de toda a manifestação – positivo e negativo – não existem ainda, há portanto uma absoluta insexualidade, é como se concebessemos uma semente incriada mas que contivesse em si a criação.

A figura número 3, um círculo cortado por um diâmetro horizontal: é o símbolo da *Natureza-Mãe*, imaculada, abraçando tudo; primeira manifestação passiva e feminina da Natureza criadora.

A figura número 4, um círculo com dois diâmetros um, horizontal outro, vertical: determina o símbolo da *Cruz do Mundo*, indica o começo da vida humana, propriamente dita, corresponde ao estado atingido pela terceira Raça-raiz.

A figura 5, indicando a cruz sem o Círculo: representa a queda do homem na materialidade e marca o começo da quarta Raça humana, a atlanteana. Este símbolo já é fálico ao passo que enquanto a cruz está dentro do círculo, o símbolo é panteísta.

Na figura 6, igual à número 3, mas tendo a mais indicado o raio vertical que cruza a centro com o diâmetro horizontal: temos a primitiva representação do *tau* egípcio, que representava a terceira Raça-raiz antes da separação dos sexos, visto ter sido esta raça de começo andrógina, passando então o círculo da manifestação insexual a ficar dividido a meio por um diâmetro vertical, como indica a figura 8.

As figuras 9 e 10 são: a primeira, uma modificação dada pelos egípcios ao emblema 6, passando o símbolo inscrito no círculo para a parte externa inferior, e assim constituíram o

emblema da vida. Posteriormente, com a modificação indicada na figura 10 criaram o símbolo astronómico do planeta Vénus. A origem da cruz latina deve ser esta, visto que tal sinal aparece desde os mais remotos tempos com este sentido esotérico.

No lajedo de granito do *aditum* de *Serapeum* foi encontrada gravada a cruz latina; o *tau*, ou cruz egípcia, era colocada no peito dos iniciados dos Mistérios de Eleusis e, nos monumentos dos povos da antiga América, tal cruz aparece e era até empregada pelos mexicanos, na data em que os espanhóis iniciaram as suas descobertas e conquistas naquele continente. Os padres espanhóis do século XVI, espantados de encontrarem o símbolo da cruz cristã em povos desligados completamente do seu conhecimento, atribuíram a "obra do diabo" tal aparecimento, deixando afinal sem explicação o facto visto que o diabo é ente que nunca existiu personificado, senão como criação mental para designar o que, segundo a etimologia grega desta palavra que se escreve *daimon*, quer dizer: *aquele que se atravessa na nossa frente*, *adversário*, *obstáculo*, etc.

Desta sorte, mesmo com o sentido de mal, a existência do *diabo* é negativa, visto ser ou um menor bem ou ausência de Bem e ainda seria relativa, visto que o que é mau para uns é bom para outros; para os padres espanhóis foi mau encontrar a cruz como emblema sagrado entre povos idólatras do México porque deixou em cheque, e sem explicação plausível perante o dogma cristão, a prioridade, posse e significado de tal símbolo.

A figura 7 representa a *svástica* ou *swastika*, símbolo dos mais remotos e sagrados, a origem desta palavra poderá vir de *tvashtri, o fogo criador* nos *Vedas* e cuja mãe era *Maya* ou Maia, *matéria* ou ilusão; foi símbolo iniciático e sacerdotal desde os mais remotos tempos, é encarado também como símbolo fálico contendo em si a ideia da reprodução ou multiplicação, visto que idêntico a um "torniquete hidráulico" marca o movimento de rotação em torno do eixo.

É também conhecido com a denominação de *martelo de Tor,* o deus do Raio da mitologia escandinava o qual com Odin e

Freir formava o triunvirato das mais poderosas divindades desse povo.

Tor é representado com o braço direito erguido e empunhando um pesado martelo do qual saem faíscas em várias direcções.

A *svástica*, empregada fora do círculo, é a cruz hermética e torna-se mais claramente fálica.

Em cada *braço* da *svástica* vê-se uma ponta virada sempre para o mesmo lado, que indica uma *chama* e assim representaria o *fogo*, considerado como o mais puro dos quatro elementos (tipos primordiais manifestados pela natureza: terra, água, ar e fogo), princípio animador, fonte de energia, o *fogo* foi adorado geralmente associado ao culto solar como símbolo da vida.

A *svástica* tem sido encontrada em ruínas da mais remota antiguidade, o doutor Schliemann disse ter encontrado no local da antiga Tróia, peças de barro cozido com tal símbolo gravado.

A cruz *svástica* encontra-se colocada no peito dos Budas, como vemos a cruz *peitoral,* que pende do pescoço dos prelados, e os primeiros cristãos a usavam também sobre o peito, ou pendente de um cordão ou recortada em fazenda e cozida às suas vestimentas.

Raros dos que assim as usavam e usam ainda hoje, tomando-a, apenas pela leitura "à letra rasa" das *Escrituras*, como símbolo do suplício de Jesus, saberão que ela era um remoto símbolo da iniciação nas Escolas Ocultas da antiguidade numa das quais, a dos Essénios, Jesus foi iniciado e menos saberão que a crucificação era nesse caso puramente simbólica; o neófito era ligado, não pregado a uma cruz de madeira, colocada horizontalmente e depois lançado num sono letárgico, em que permanecia durante algum tempo e durante o qual se pretendia que recebia, em *astral*, a verdadeira iniciação, após o que *renascia* para o sacrifício de abandono de todas as paixões humanas, desejos, posses, etc., e para viver, exclusivamente, para a mais ampla acção e serviço em favor da Humanidade.

Entre os eruditos e aqueles que estudam e pensam, há fundamento para supor que Jesus, esse *iluminado* de há dois mil anos, não tivesse sucumbido crucificado mas sim *lapidado*, e assim a crucificação representaria veladamente um acto iniciático, concretizado numa ampla renúncia.

A figura 11 é também um símbolo velho como o mundo: é a serpente mordendo a cauda conjugada com um *ovo* que, esotericamente, tem um sentido muito profundo a que estão ligados ensinamentos que não se escreviam e somente eram transmitidos verbalmente. O *ovo* aqui representa um mundo em potencial como a fusão das duas células macho e fêmea representa fisiologicamente um ser.

Na mitologia hindu, considera-se o mundo como saído de um *ovo*; Seb, o deus egípcio do tempo e da terra, aparece como tendo posto um ovo, o qual representa o Universo. Aristófanes descreveu o ovo órfico, o qual como símbolo era empregado por gregos, persas e outros povos do Oriente.

Além de circunstâncias de ordem esotérica presidindo a todas as géneses do princípio criador, e que não vem para o caso aqui tratar, duas causas externas chamaram, decerto, a atenção do vulgo e predispuseram para a aceitação deste símbolo: a forma do *ovo* quase esférica e por vezes esférica como a Terra, a Lua, o Sol e todos os planetas e corpos celestes; o segredo da vida que organiza a oculto no interior da casca, um ser animado, com todos os seus órgãos e atributos e que surge aos nossos sentidos como uma maravilha auto-gerada.

As sementes que contêm em si os indivíduos do reino vegetal também têm, em regra uma forma arredondada e assim o símbolo do *ovo* foi, desde remotos tempos, o que melhor podia representar o segredo e origem do Ser.

A aura humana [258], constituída pelos seus corpos subtis e atmosfera magnética, tem absolutamente a configuração oval que envolve todo o nosso corpo. No livro de *Dzian*, a que já nos referimos anteriormente, lê-se (estância VII, 22):

---

[258] W. C. Leadbeater, *O homem visível e invisível*.

"A segunda [Raça] evoluiu então a nascida-do-ovo, a terceira. O suor aumentou, as suas gotas engrossaram e as gotas tornaram-se duras e redondas. O Sol as aqueceu, a Lua as refrescou e modelou; o Vento as sustentou até à sua maturidade. O Cisne Branco da abóbada estrelada [a Lua] chocou a grossa Gota. O ovo da futura Raça; o Homem, cisne do fim da terceira [Raça]. De começo macho-fêmea depois homem e mulher".

Em tão notável e arcaico texto vemos pois a mais clara alusão ao *ovo* e quem sabe se a Fisiologia moderna terá um dia de admitir a existência anterior duma humanidade ovípara!

Todas estas revelações são evidentemente primordiais e só poderiam ter sido oriundas de uma raça humana primitiva, dotada de mental e inteligência e, essa foi a quarta Raça ou a atlanteana, que forneceu às raças posteriores da mais remota antiguidade histórica, os materiais para serem tecidos sistemas que encerram noções de tão profunda sabedoria que nos deixam perplexos e desarmados se os quisermos contraditar.

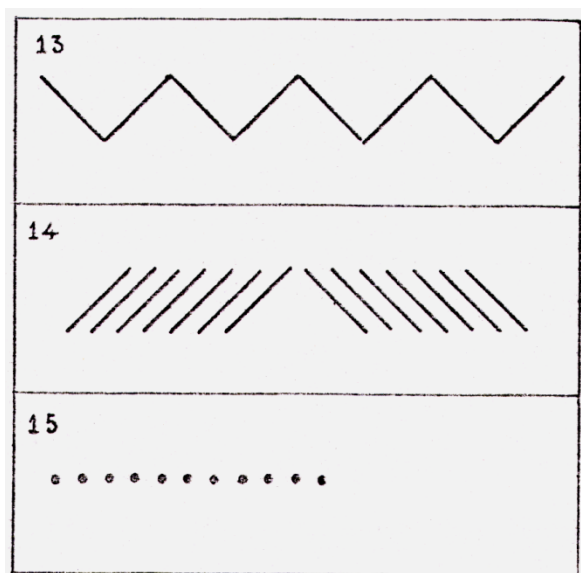
A figura 12 representa uma espiral de muitas voltas: é um símbolo druídico e, os druídas eram directos descendentes dos atlantes.

Tal espiral, que podemos definir como sendo um círculo crescendo de dentro para fora e de fora para dentro, tem um profundíssimo sentido que demonstra conhecimento e sabedoria: "Relação do homem para com Deus e relação de Deus para com o homem".

Temos aqui pois a elevada concepção de um Deus interno, de um Deus consciência, de um Deus lógico, atestando que os druídas, os mestres dos citas, os mais próximos e puros herdeiros das tradições atlantes tinham da divindade a noção que emana de toda a gnose das religiões e filosofias.

No diálogo de *Arjuna* com o Bem-Aventurado, no *Bagavad-Gita* (cap. VII, 3) diz o segundo ao primeiro: "Eu chamo Deus, o princípio neutro supremo e indivisível; Alma suprema, a substância íntima; Acto, a emanação que produz a

existência substancial dos seres” e no capítulo X, 6: Eu sou a alma que reside em todos os seres vivos; eu sou o começo, o meio e o fim dos seres vivos”.

O símbolo da espiral é panteísta ou monoteísta? creio bem que ele pode servir aos dois sistemas; ao primeiro porque se Deus é a universalidade dos seres o homem é um Deus em miniatura, como diziam os gregos, um Deus em embrião, cuja essência mais elevada será interna, o Ego supremo, a Consciência despertada, e então o gráfico é um admirável símbolo de aspiração e inspiração; no monoteísmo cristão diz o catecismo: onde está Deus? Está no Céu, na Terra e em todo o lugar; estando pois em todo o lugar tem de estar na alma e na consciência humana que são abstractamente íntimas e o símbolo prevalece tanto para satisfação do místico devoto, como para a evolução metafísica.

Símbolos druídicos

A figura 13, da outra estampa, é igualmente um símbolo pronunciadamente druídico: é uma linha quebrada em ziguezague que para eles representava especialmente a Lei cármica, ou da causalidade, Lei da acção e reacção. Esta figura que se encontra tanto na Europa como no Egipto e até no México, representava também as *águas primordiais* e Roisel, no seu livro *Les Atlantes* (p. 169, nota 1) diz a seu respeito: basta colocar acima deste signo, representando entre os egípcios o princípio feminino da dualidade fálica, um disco solar, símbolo da potência geradora, para ter a tradução hieroglífica do segundo versículo do *Genesis*.

Teria este símbolo inspirado os desenhos em ziguezague que constituem uma das características ornamentais das igrejas românicas do século XII?

Como se vê todo aquele que quisesse contraditar uma civilização grandiosa antecedendo a civilização histórica do ensino clássico, e portanto a civilização atlanteana, ver-se-ia em sérios embaraços para explicar como esses selvagens proto-citas teriam podido ser os fundadores de uma tão profunda simbologia e mestres, sob muitos pontos de vista, das gerações posteriores.

Resta descrever as figuras 14 e 15 da segunda estampa que publicamos. A primeira representa crescimento, avanço, aumento, progresso num sentido positivo, e o oposto no sentido negativo: evolução e involução; as duas séries de linhas inclinadas da esquerda para a direita e da direita para a esquerda tendem a estabilizar um equilíbrio no mundo dos fenómenos que é, qual inércia dum descontentamento, mas contendo em si aspiração para sair da trama dos conflitos, o que representa a libertação individual.

A figura 15 e última é uma série de pontos que aparentemente nada indica, mas que simbolizavam o valor da individualidade.

Algumas vezes esses pontos aparecem agrupados em figuras regulares determinando quadrados, triângulos, trapézios, pentágonos, hexágonos, etc., e assim se

diferenciavam as individualidades progressivas e superiores, partindo de um simples ponto que marcava a vulgaridade não acentuada, a que caracteriza os que nascem, comem, se multiplicam, gozam e morrem, sem deixarem rastos luminosos ou vínculos benéficos da sua passagem. Ainda hoje a maioria da humanidade poderia ser representada por pontos desalinhados como se fossem salpicos de lama. [...].

Notas cronológicas sobre a raça atlante e suas derivantes

1.000.000 anos antes de Cristo

É fundada a primeira das grandes cidades da Atlântida que tiveram o nome de *Cidade das Portas de Ouro*.

850.000 anos antes de Cristo

Grande cataclismo da Atlântida: este continente que até então compreendia parte da actual América do Norte e Sul e, parte das ilhas Britânicas, separa-se ficando constituindo um continente isolado da América e das ilhas Britânicas (vide mapa 2, p. 254).

600.000 anos antes de Cristo

Uma grande impulsão é dada às raças da Atlântida, nascem às centenas egos mais evoluídos, alguns da sub-Raça tlavatli, a maioria na sub-raça tolteca.

220.000 anos antes de Cristo

A *Cidade das Portas de Ouro*, essa metrópole do mundo atlante, está sob o governo de um Rei notável, herdeiro do nome de *Rei Divino*.

No seu reinado realiza-se uma expedição militar às fronteiras do vasto Império, a qual se cobre de glória realizando o seu objectivo de repelir uma série invasão dos tlavatlis.

O reinado deste imperador é perturbado por um período de conspirações contra ele e o seu melhor general e cabo de guerra, que se havia notabilizado na grande expedição contra os aguerridos exércitos dos tlavatlis. É surpreendido, na companhia do príncipe real, perto do Palácio imperial, por um grupo de conspiradores que o assassinam deixando também ferido, mas salvo, o príncipe.

200.000 anos antes de Cristo

Dá-se outra catástrofe na Atlântida, que reduz aquele continente às duas grandes ilhas de Ruta e Daitia (vide mapa 3, p. 255).

100.000 anos antes de Cristo

Um Imperador branco governa na *Cidade das Portas de Ouro*, sob a instabilidade latente de uma revolta organizada pelos elementos mais turbulentos e maus, que seguiam uma religião sensual e selvagem e celebrava os Mistérios de Pã, o deus da Terra – (que deu origem à criação dos Sátiros gregos).

O chefe desse movimento chama-se Odouarpa, é versado nas ciências mágicas negras, sendo ambicioso e velhaco; com os seus sequazes realiza bacanais nocturnas onde as mais baixas depravações morais se praticam, a par do sacrifício sanguinolento de vítimas humanas e animais.

A revolta estala com a intervenção das raças negras, que habitam nos arredores da cidade, o incêndio a pilhagem e destruição animam essas hordas selvagens que conseguem vencer, matando o Imperador, destroçando toda a força que o defende e sacrificando uma parte da população.

O triunfo de Odouarpa é, porém, efémero, as forças do Imperador reorganizam-se, um exército marcha sob a cidade, as forças negras são completamente desbaratadas, Odouarpa refugia-se, por último, numa alta torre, à qual é lançado fogo, morrendo miseravelmente.

Seguidamente, é restabelecido, na *Cidade das Portas de Ouro* outro Imperador branco; a ordem volta e quanto possível

os estragos produzidos por esta grave perturbação social e política, são reparados.

79-797 anos antes de Cristo

Dá-se uma emigração de pessoas, mais ou menos seleccionadas, pertencentes à sub-Raça branca da Atlântida e que resolvem furtar-se às perseguições e ameaças constantes das raças negras e brutais e do seu exercício de sortilégios de toda a ordem, que estabelecia, então, o mais apavorante ambiente para uma vida nobre e levantada. Nessa época o declínio da civilização atlante é manifesto, tudo está pervertido, tudo indica a aproximação de um fim fatídico que venha pôr termo a uma decadência moral e material, das mais tremendas.

Esta emigração, de incalculáveis efeitos futuros para serem nessa época previstos, faz-se pela costa oriental da Atlântida: trinta navios de vela, dos quais três são destinados exclusivamente ao transporte de mantimentos, conduzem cerca de 2.900 pessoas até às margens do extremo oriental do mar do Sara, hoje o deserto do mesmo nome. A viagem faz-se com alguns incidentes mas todos chegam ao seu destino, desembarcando, acampando e esperando outros carregamentos de fugitivos.

Por três vezes os trinta navios fazem esta viagem e percurso, transportando ao todo umas 9.000 pessoas e vários animais.

Depois de reunidos esses emigrantes, dirigidos por chefes esclarecidos, por grandes orientadores cultos, onde ardiam os mais puros sentimentos de uma Raça já dignificada por elevados aspectos de civilização e moral, iniciam uma das mais históricas marchas, a pé, na direcção do oriente, movendo-se lentamente por terem de enfrentar todos os imprevistos de um percurso através de regiões desconhecidas e por vezes sem comunicações regulares. Passado tempo, atingiram o Egipto pedindo ao faraó, que então ali reinava, licença para atravessar esse país e prosseguirem para além, na direcção da Ásia onde os guias haviam fixado a sua meta.

Nessa época florescia no Egipto uma bela civilização tolteca e os fugitivos foram bem recebidos, mas muito se instou com eles para que ficassem no país. Alguns, fascinados pelo conforto, acederam mas a maioria, chefiados por homem enérgicos e de visão clara, recusou ficar não só por esse não ser o seu destino, como por saberem que a Raça tolteca, ensoberbada pelo seu poderio e constituindo já ali um povo absolutamente distinto, desprezando as outras raças, terminaria, tarde ou cedo, por os escravizar, o que mais tarde sucedeu aos que por essa ocasião aceitaram tal convite.

A expedição atingiu assim a Arábia, passando pelo istmo onde hoje está rasgado o canal de Suez, e foi-se estabelecer nos férteis vales elevados dessa região, tendo chegado ali após alguns anos orientando-se e elevando abrigos e desenvolvendo a cultivação da terra.

Visão da Grandeza Atlante — Grande esplanada de recreio, com jardins suspensos
Alçado da frente

Visão da Grandeza Atlante – Grande esplanada de recreio,
com jardins suspensos (alçado da frente)

A parte dos 9.000 emigrantes que chegou à Arábia, embora desfalcada com a deserção dos que ficaram no Egipto, havia-se multiplicado e era então já, em parte, composta por uma geração nova, que se revoltou contra os chefes, pois

sonhavam em sair daquele local e instalarem-se no Egipto, cuja civilização os atraía.

Isto provocou, por parte dos devotados aos chefes, um profundo ressentimento contra aqueles que os haviam abandonado, ao passar esse país, acabando por organizar-se um ataque que se dirigiu contra tais desertores, o que provocou, por parte dos egípcios, uma furiosa ofensiva na qual foram massacrados muitos dos atlantes emigrados na Arábia.

Reforçados com elementos negróides, que habitavam a região e com quem haviam vivido em harmonia, e por outros elementos dispersos, desesperadamente atraíram os egípcios a uma escarpada colina, que se assemelhava à boca duma cratera, e ali os exterminaram por completo e, alguns raros que conseguiram salvar-se, de pouco lhes serviu o esforço, visto que, ao chegarem ao Egipto, foram mortos por não terem salvo o brio e poder do faraó.

Seguiu-se para os colonos atlantes um largo período de paz e tranquilidade, pois a lição sofrida havia unido todos mais intimamente e animado o sentimento de Raça. A sua primeira expansão foi na agricultura e surgiu então um povo de agricultores e pastores, desenvolvendo uma flora nova, com sementes que haviam transportado da Atlântida e que procuraram aclimatar nessa região.

Decorridos cerca de 2.000 anos um povo de alguns milhões de habitantes povoava a Arábia, derivados desses 9.000 fugitivos da Atlântida e constituíam a quinta sub-Raça atlante, formada por selecção natural e isolada do resto do mundo, por uma faixa de areias constituindo um deserto difícil de transpor.

O local onde existe agora a cidade de Meca, ficava nessa faixa desértica, na linha de uma espécie de vereda com alguma erva e água, por onde um raro trânsito se realizava.

O excesso de população determinava, porém, emigrações periódicas, quer em direcção à Palestina, quer para o Sul do Egipto e ainda noutras direcções.

Após cerca de 3.000 anos, de estabelecimento na Arábia dos fugitivos da Atlântida, uma enorme cidade existia já, além de numerosos centros de população, de menor densidade.

É lógico deduzir que muitos nomes de cidades e rios da Atlântida deveriam ter perdurado, depois, na região arábica e perdurarão ainda, ficando assim também fortalecido o que dissemos sobre a origem do alfabeto fenício ter vindo da Atlântida.

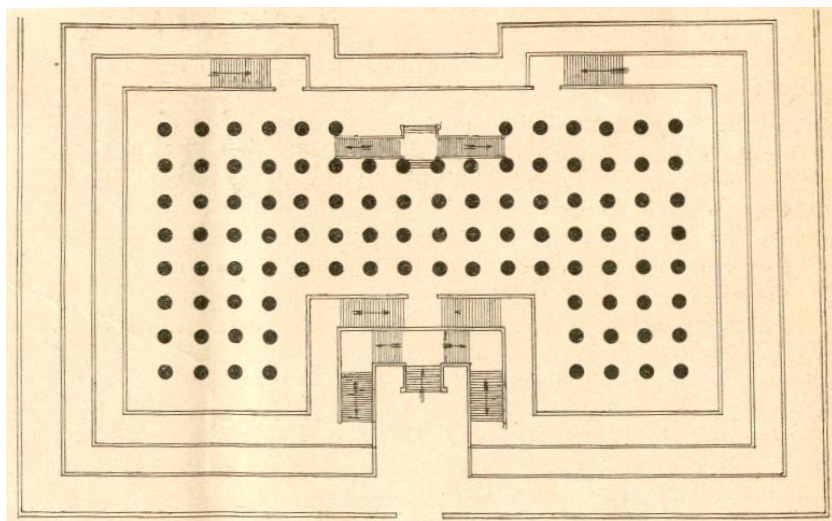
75.000 anos antes de Cristo

Cerca desta data uma expedição emigratória, formada por 700 pessoas escolhidas e dirigidas por chefes esclarecidos, saíu da Atlântida dirigindo-se para o Norte, em busca de uma região onde pudessem viver livres, das perseguições constantes, de uma ortodoxia intolerante, que predominava na Atlântida.

Esse pequeno grupo ia munido de uma recomendação especial da autoridade suprema da Atlântida, dirigida ao rei do Império sumero-acádio, que compreendia então uma parte do que hoje é a Turquia da Ásia, a Pérsia e outras regiões vizinhas, para que lhe fosse concedida passagem através do seu dilatado Império.

Após alguns anos, de um longo trajecto, chegaram ao centro do Turquestão e, obtendo concessão de uma Federação de Estados turanianos tributários, que abrangiam também a região do actual Tibete, atingiram por fim as margens do que então era o mar de Gobi. Nessa região permaneceram por algum tempo após o que ocuparam ainda a região montanhosa situada ao Norte, onde um grande mar, de pequena profundidade, se estendia até ao Oceano Árctico. Esta região privilegiada, onde esta colónia atlante se estabeleceu, era muito fértil e a sua altitude permitia uma visão geral do vasto e majestoso mar de Gobi que, tranquilo e puro, cobria as actuais areias do deserto, que no seu local se formou.

Ali permaneceram estes emigrantes, sementes de uma futura raça, até que a catástrofe de há 75.000 anos, e que durou cerca de dois anos, numa sucessão de erupções vulcânicas, que

provocaram alterações geológicas profundas na fisionomia do globo, teve a inevitável repercussão no centro da Ásia ocasionando a elevação do Himalaia e o afundamento de extensas regiões situadas a Sul da Índia, as quais se submergiram com as suas já densas populações.

Planta

Por essa calamitosa época o mar Mediterrâneo definiu os seus contornos e a região onde existe hoje Marrocos e a Argélia ficou, constituindo uma longa ilha, separada do Egipto e banhada ao norte pelo mar Mediterrâneo e do Sul e oriente pelo mar do Sara.

Durante cerca de um ano, as densas nuvens formadas e poeiras das erupções suspensas no ar, pelos repetidos espasmos vulcânicos, não deixaram ver o Sol a estes fugitivos da Atlântida e a natureza nada podendo produzir gerou a fome a qual, junta

ao terror, dizimaram nos então mil colonos atlantes, descendentes dos 700 primitivos emigrantes, e a pequena colónia ficou reduzida a uns 300 sobreviventes.

Estas resistentes almas só viram restabelecido o equilíbrio da natureza cinco anos depois e, então, foram atormentados por excessivos calores, que tornaram as culturas difíceis, e lutando contra todas as adversas condições de vida resolveram abandonar a região, emigrando para a chamada e lendária *ilha Branca*, banhada pelo mar de Gobi, que possuía férteis vales, declinando de altas montanhas, numa extensão de cerca de trinta quilómetros. Ali se estabeleceram, definitivamente, estes resistentes colonos que conseguiram sobreviver ao grande cataclismo geológico mencionado.

70.000 anos antes de Cristo

Os descendentes dos colonos atlantes, estabelecidos na *ilha Branca* na data aproximada acima citada, decorridos cerca de 4.000 e tantos anos, constituíam, há 70.000 anos antes de Cristo, um povo numeroso instalado na região do actual Tibete.

Com as tradições da civilização atlante, haviam atingido uma sociedade culta e progressiva e o país achava-se povoado de grandes cidades e vias de comunicação importantes.

O esforço e resistência, a toda a prova, dos melhores tipos da raça atlante, que haviam atingido esta região asiática e lutado contra todas as adversidades, para não sucumbirem inteiramente, gerou pois um núcleo numeroso de descendentes herdeiros de raras qualidades, que acabou por se transformar num povo destinado a expandir-se mais tarde e atingir as proporções de uma raça que, ainda hoje, exerce a hegemonia na humanidade do nosso Globo, a Raça ariana. Pelas tradições que temos podido aproximar, por muitas revelações de ordem esotérica e pela lógica e análise de todas as fontes históricas reunidas, somos levados a deduzir que nesta data, há 70.000 anos antes de Cristo, na citada região do Tibete estava pois definitivamente gerada e instalada a Raça ariana.

A consolidação característica e definida deste povo, ao qual se haviam ligado reforços de elementos cultos da raça tolteca emigrados de Poseidonis, não foi elaborada num “mar de rosas”, nem ao abrigo de conforto que nada mais gera do que a inércia; foi sempre na luta e pela luta, incessante, que a sua resistência se afirmou e, foi numa comunhão de perigos de toda a ordem, de ameaças constantes, que um sentimento de confraternização e solidariedade os reuniu e uniu, fazendo desabrochar expressões próprias e sublimadas de alma grupo.

Assim, por esta época, este já florescente povo teve de enfrentar sucessivas invasões dos turanianos, que habitavam as regiões vizinhas e que constituam hordas selvagens e cruéis, as quais, quando vencedoras, faziam verdadeiros massacres nas populações indefesas, o que obrigou os atacados a passarem a guarnecer as cidades e povoações, com fortes muralhas e ainda, a mudarem o tipo das suas habitações, que passaram a não ter, exteriormente, senão uma porta e algumas frestas e a serem constituídas por grossas e resistentes paredes.

Fixou-se, por este motivo, um tipo pesado de construção, que vemos ainda hoje predominar também por outros motivos de resistência às intempéries das grandes altitudes montanhosas de parte da região asiática. São geralmente edifícios rectangulares, adaptados às encostas e constituindo fortes redutos, que no conjunto nos lembram, à distância, conglomerados de cristais minerais cúbicos. Vemos tipos destas construções nas faldas do Himalaia, Sipti e na cidade de Lassa, aqui porém com sumptuosos aspectos de arte e grandeza.

A chamada *ilha Branca*, e a lendária cidade de *Shambala*, estão sepultadas no deserto de Gobi e, no tempo do seu esplendor, constituíram um forte resguardo para abrigo e desenvolvimento do primitivo núcleo da Raça ariana, visto que a veneração que inspirava, até aos sanguinários e brutais turanianos, impedia que eles se aproximassem dela com medo de castigos imediatos que, pensavam, sobre si caíriam implacavelmente.

Portanto só as populações dispersas nas regiões próximas, e que se expandiam continuamente, à proporção que a população se desenvolvia, eram as mais sacrificadas.

59.000 anos antes de Cristo

A região da *ilha Branca* achava-se em plena prosperidade, tendo-se fundado a *Cidade da Ponte*, também chamada Manova, cidade em forma circular, dividida por duas largas vias em forma de cruz, cortada por inúmeras ruas circulares e concêntricas que lhe davam, em planta, o aspecto de um enorme olho.

Ao centro desta grande cidade elevava-se um grandioso edifício com zimbórios, que igualmente se via predominarem em muitos outros edifícios desta primeira capital ariana.

Notava-se ali uma superabundância de arcos de forma estranha mas harmoniosa, nas fachadas dos edifícios e em muros, além de torres sem número constituindo uma floresta de minaretes. Os tons branco e ouro, ou prata, eram os dominantes nesse amontoado de amplas e variadas construções de aspecto feérico.

Essa enorme cidade reunia-se à *ilha Branca* por uma magnífica ponte maciça, que deu o nome à cidade, que foi então a metrópole da Ásia central. A arquitectura era de aspecto ciclópico, pedras enormes, superiores talvez às do templo de Carnac, no Egipto, faziam-se mover por meios mecânicos que não chegaram até nós. Os zimbórios tinham geralmente a configuração bojuda na parte inferior, terminando em ponta aguda como um botão de lótus, ao qual se tivesse imprimido um movimento de torsão.

Embora predominasse nos monumentos a cor branca, com decoração em ouro, nalguns edifícios via-se uma feliz combinação de jade verde escuro com pórfiro violeta.

Por toda a parte estátuas e obeliscos animavam a expressão original e sumptuosa desta majestosa cidade asiática.

45.000 anos antes de Cristo

Manova atinge o seu apogeu. Consideravelmente acrescida e embelezada, ela é então a capital de um imenso Império, compreendendo a Ásia Oriental e central, desde o Tibete até à Manchúria e Sião e o seu domínio, extra-continental, estendia-se ao Japão e Austrália.

40.000 anos antes de Cristo

Iniciam-se as grandes migrações da Ásia central para o Ocidente e para a Índia, que passa para a posse dos arianos. Estas migrações formidáveis determinaram a formação das várias sub-Raças arianas que dominaram o mundo, hoje na posse delas.

A China e o Japão foram conquistados pelos arianos, que se expandiram em todas as direcções e que em geral eram bem recebidos pelos povos, que prestavam homenagem, ao seu índice de superioridade e à sua conduta correcta e elevada.

Mas as emigrações foram tão formidáveis que determinaram o período de decadência do grandioso Reino de Manova.

30.000 antes de Cristo

Efectua-se uma formidável emigração ariana para a Pérsia, com elementos em que mais predominava o sangue acadiano do que o tolteca. As tribos nómadas que habitavam a região, e que eram de uma grande rebeldia, após alguns combates encarniçados, foram submetidas por cerca de 300.000 guerreiros arianos os quais a seguir submeteram também a Mesopotâmia.

29.700 anos antes de Cristo

O primeiro Zaratrusta funda a religião do Fogo a qual é estabelecida em toda a Pérsia. Este culto estabelecia que o Fogo e a Água eram os purificadores de tudo, que tudo procedia do Fogo e da Água, que eram os Dois Espíritos: o Fogo a vida e a Água a forma. No ano de 29.000 antes de Cristo, o

Zoroastrismo estava definitivamente fundado na Pérsia passando à posteridade no seu aspecto que ainda persiste.

25.000 anos antes de Cristo

Após a submersão temporária do Egipto, por ocasião do grande cataclismo da Atlântida, sucedido há cerca de 75.000 e tantos anos, o Império atlante, que ali florescia, pereceu completamente. Quando as terras alagadas emergiram de novo e foi possível habitá-las, uma população negróide estabeleceu-se naquele país desabitado. Há 25.000 antes de Cristo, um ramo da sub-Raça tolteca entra no Egipto, expulsa a raça negróide e funda um segundo Império atlante, com uma dinastia de Reis Divinos, Império que subsistiu até 13.500 anos a. C.

A sub-Raça que fundou este segundo Império atlante no Egipto é identificada com a raça *Cro-Magnon* da Europa e África.

20.000 anos antes de Cristo

Uma forte emigração da chamada quarta sub-Raça ariana, gerada em férteis planaltos das montanhas asiáticas e tendo desenvolvido características de imaginação e sensibilidade artística, partiu de Gobi dirigindo-se para a Pérsia, cujas fronteiras transpôs, propondo estabelecer-se na região do Cáucaso. Eram os celtas, impelidos por um instinto, e por uma lei do destino, que lhes reservava um futuro histórico luminoso e proeminente na história dos povos e das raças.

Chegados às regiões montanhosas do Cáucaso tiveram de haver-se, em luta acesa, com tribos selvagens e aguerridas, que disputavam palmo a palmo o apetecido país, o qual se estendia sem limites visíveis na direcção do Ocidente.

O imperador da Pérsia auxiliou com entusiasmo tal empreendimento destes primitivos celtas, que vinha em seu auxílio, ajudá-lo a conter os constantes ataques que tal vizinhança provocava amiúde e acabou por se aliar com eles, para exterminar tão turbulenta e perigosa vizinhança. Um

grande exército persa foi mobilizado e confederou-se com os aguerridos emigrantes arianos-celtas.

A luta foi demorada mas acabou por os celtas ocuparem primeiro as margens do lago Sevanga, em Everin, mas foram precisos cerca de 2.000 anos para se poderem apoderar de toda a região onde hoje existe a Geórgia, Arménia, Curdistão e a Frígia, tornando-se depois numa potente nação. Essa potência possuía pois a Ásia Menor e o Cáucaso, porém a vastidão da superfície ocupada e ainda a dificuldade de comunicações através de extensos vales e montanhas, fez que esta nova nação houvesse sido mais uma confederação de tribos do que um povo com uma hegemonia real. Por isto eles, através do seu desenvolvimento e expansão, consideravam sempre o Cáucaso como o seu berço e mais tarde deveriam invadir a Europa em tribos, desempenhando um preponderante papel no mundo.

19.500 anos antes de Cristo

Uma nova sub-Raça ariana, a quinta ou teutónica, apurada pelo cruzamento de tipos persas com semitas da Arábia, e constituindo um tipo humano de grande talhe e vigor, parte de Gobi e vem estabelecer-se no território do Daguestão, situado nas margens do mar Cáspio. Era uma Raça de tipo físico forte, espadaúdo, altos e muito resistentes; a tez era clara, os cabelos louros, olhos azuis, a cabeça alongada. Diferindo dos celtas, eram, antes de tudo, práticos, dotados de grande aptidão para os negócios e muito concretos nas suas tendências; expandiram-se lentamente pela região hoje ocupada pelos distritos de Terec e Cubão, e permaneceram ali até à catástrofe de Poseidonis, 9.654 a. C.

19.000 anos antes de Cristo

Floresce, nesta época, na Caldeia, uma brilhante civilização turaniana. A Caldeia, conhecida dos investigadores e estudantes da história da antiguidade, é apenas um reflexo do grande Império anterior, conquistado por povos de grau inferior

de civilização e que, procurando reconstituir o passado dessa brilhante cultura, jamais lograram atingi-la.

A religião deste povo era astrológica, o Sol e os astros recebiam um culto que se não dirigia a esses corpos físicos mas sim ao espírito, que animava esses corpos; não era pois uma idolatria inconsciente, tanto mais que, como afamados astrónomos, conheciam o nosso sistema solar, faziam observações, publicavam um calendário e registavam muitos dos fenómenos siderais.

Na medicina e na agricultura, curando doenças ou fomentando o desenvolvimento das plantas, empregavam a acção da luz colorida, ciência que tinham trazido da Atlântida onde o estudo da cromopatia era conhecido desde tempos remotos.

Na educação preocupavam-se principalmente em formar o carácter das pessoas; com a escrita hieroglífica ensinavam a aritmética elementar e, em tudo, a prática antepunha-se à teoria.

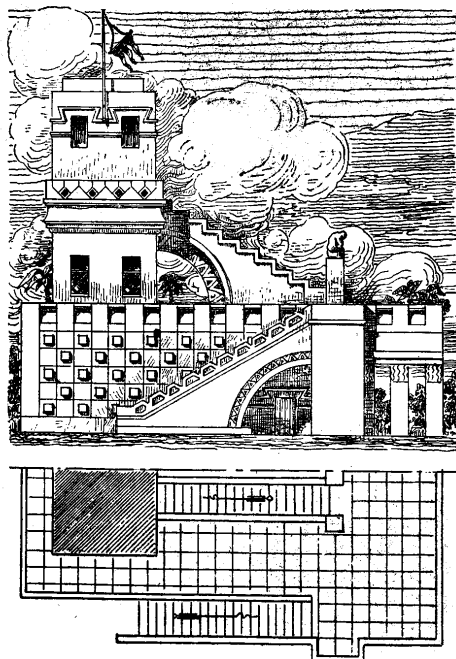
A arquitectura e as artes floresceram brilhantemente com o seu cunho característico do estilo atlanteano.

18.875 anos antes de Cristo

Nesta data a decadência do grande Império de Manova acentuava-se fortemente, desfalcado da sua melhor população que, em emigrações sucessivas, havia partido em busca de novos horizontes e novos destinos, o povo vivia numa profunda apatia, não construindo mas gloriando-se nas tradições do passado, índice seguro da decadência de um povo quando chega à incapacidade de agir e progredir.

Os mongóis e turanianos, sentindo o jugo dos seus dominadores enfraquecer dia a dia, haviam recuperado a sua preponderância, a pouco e pouco iam proclamando a sua independência demonstrando, assim, a fragilidade das ambições humanas e como todas as tiranias são estados transitórios que a história regista mas que descem, como os cadáveres, à algidez da campa e do esquecimento.

Nesta data inicia-se a arianização da Índia, que havia florescido sob uma civilização atlante muito iminente mas que havia caído no amortecimento de uma vida de indolência, luxo e prazer.

Uma nova ejaculação emigratória da região de Gobi desce nesta data em direcção à Índia setentrional onde dominava o rei Podishpar, que recebeu os recém-vindos amigavelmente e com franca hospitalidade.

Visão duma casa da Atlântida, com a sua tradicional torre

Visão duma casa da Atlântida, com a sua tradicional torre

A travessia destes emigrantes arianos, desde Gobi até a esta parte da Índia havia sido, no entanto, caracterizada por hostilidades de toda a ordem por parte de populações nómadas que iam encontrando no seu extenso trajecto.

Na Índia meridional dominava o rei Huyaranda ou Lahira que mandou o príncipe Crux, como seu emissário, ao encontro dos arianos e os convidou igualmente a estabelecerem-se no seu país. Recebidos, pois, amigavelmente, uma parte seleccionou-se fazendo-se sacerdotes e dando origem à casta privilegiada dos Brâmanes.

A aliança e cruzamento dos arianos com a aristocracia tolteca, que ali existia, facilitou consideravelmente a arianização da Índia não cessando, depois disto, de chegarem novos colonos arianos que se foram cruzando com os toltecas e outros povos de origem atlante que povoavam a Índia, já altamente civilizada.

18.209 anos antes de Cristo

O norte da África achava-se habitado por uma colónia numerosa de semitas-atlantes, muito instruídos.

Por essa época funda-se ali uma grande universidade que se celebrizou no mundo contemporâneo; tinha grandes edifícios e amplos jardins.

Estando perto de uma grande cidade para facilitar o acesso foi construído, entre a cidade e este grande centro de educação e ensino, um processo de locomoção semelhante a um *tramway* movido pela água.

Esta universidade estabeleceu um serviço de permuta com as universidades de Poseidonis e da Índia, o qual estava em pleno vigor 16.792 anos a. C. Ainda mais tarde, esta universidade criou numerosas escolas, dependentes dela, divulgando a instrução e tornando-a acessível às classes populares.

17.520 anos antes de Cristo

Outra emigração ariana dirige-se para a Índia, estabelecendo-se no Punjabe e após porfiadas lutas

harmonizou-se com os habitantes. Pouco tempo depois, outra expedição seguia por Leste, ficando ao Norte de Bengala.

17.445 anos antes de Cristo

Uma outra numerosa expedição constituída por tipos arianos, vigorosos e resistentes, dividida em duas grandes alas, dirige-se à região onde actualmente se eleva Deli e funda aí a cidade de Ravipur.

15.930 anos antes de Cristo

Efectua-se a maior e mais importante das emigrações arianas vindas do Império central da Ásia.

Após esta grande invasão de três grandes exércitos pode dar-se por encerrado o período intenso da arianização da Índia; dessa data em diante apenas bandos descem sucessivamente da extensa região de Gobi, vindo estabelecer-se em toda a Índia, cruzando-se e mesclando-se com a população.

Esses três grandes exércitos eram comandados por chefes de prestígio: o exército, formando a ala direita desta invasão, dirigiu-se por Cachemira ao Punjabe até perto de Bengala; a ala esquerda atravessou o Tibete até Butão e apossou-se da região de Bengala; a ala do centro penetrando pelo Nepal estabeleceu o contacto com as outras e assim toda a parte Norte da Índia foi ocupada na sua enorme extensão.

A obra de penetração para o interior e posse dessas regiões foi um cometimento efectuado sem grandes lutas porquanto, como já dissemos, o grosso da população, que então povoava a Índia era de origem tolteca modificada por inúmeros cruzamentos, gozava duma cultura e civilização notáveis e encontrava-se sem espírito militar organizado e perante a atitude serena e amigável dos invasores, que não atacavam mas apenas se defendiam, os receberam muito bem e com eles fraternizaram podendo assim fazer-se esta obra evolutiva com admirável espírito de concórdia.

13.500 anos antes de Cristo

Nesta data partiu do reino ariano meridional da Índia, uma numerosa missão com destino ao Egipto, dirigindo-se primeiramente a Ceilão, onde embarcou, e seguindo por via marítima ao Mar Vermelho, em cujas margens desembarcou, enviando uma mensagem ao faraó que naquela época governava o Egipto, solicitando-lhe autorização para se estabelecerem nesse país sob a protecção do governo egípcio. Era evidentemente uma tentativa de penetração amigável e aproximação visto que qualquer intenção de pretender colonizar o Egipto seria ridícula e descabida, visto esse país encontrar-se no apogeu de uma das suas elevadas civilizações, que tanto o nobilitaram.

Esta missão ariana obteve pleno sucesso, o faraó recebeu-a muito bem e concedeu-lhe a autorização pedida. Um sacerdote egípcio, que havia permanecido na Índia anteriormente e que enaltecia o carácter e elevado índice da então jovem raça ariana e bem assim o desenvolvimento da sua civilização altamente artística, muito concorreu para uma aproximação cordial que se tornou tão íntima que o faraó acabou por conceder a mão de sua filha ao chefe desta missão ariana.

Este facto, aparentemente sem importância, teve um alcance histórico de alto valor, visto que pela morte do faraó uma dinastia ariana foi instituída no Egipto, a qual governou até à catástrofe de Poseidonis, isto é, por cerca de 4.000 anos.

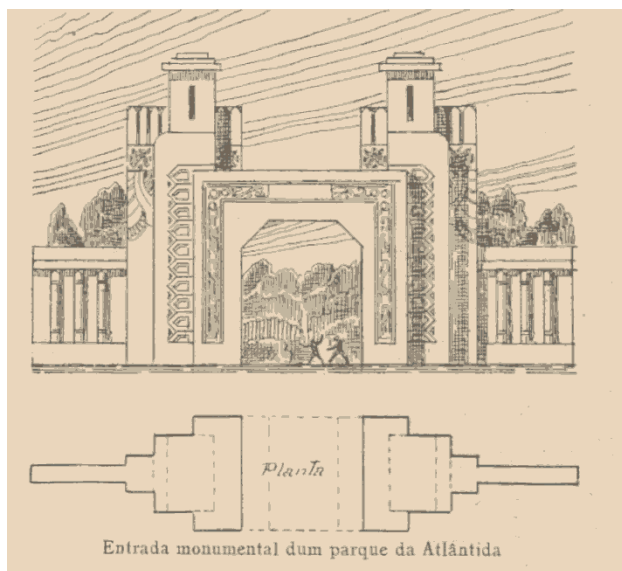
O renome das escolas egípcias aumentou durante a vigência dos faraós arianos e foi por intermédio do Egipto que o sangue ariano se infiltrou em várias tribos africanas produzindo tipos de mais elevado índice evolutivo.

12.000 anos antes de Cristo

Nada de mais semelhante à civilização do grande Império tolteca da Atlântica se tem podido encontrar até agora, no domínio da indagação histórica, do que a civilização do Perú, há 12.000 anos.

Era o Perú, nessa época, um extenso Império que não estava circunscrito unicamente à região que os espanhóis no século XVI encontraram em poder dos incas, e, muito menos o território que hoje constitui esta república americana.

O antigo Perú dilatava os seus domínios muito para o interior incluindo na sua superfície uma grande parte do actual Brasil.

Tinha uma organização social política muito perfeita e interessante embora o sistema político fosse uma autocracia.

Entrada monumental de um parque da Atlântida

Nenhum dos sistemas idênticos, que conhecemos, quer na actualidade quer nos tempos históricos, podia sofrer confronto com a monarquia absoluta peruana de há 12.000 anos, na qual

predominava um sistema de responsabilidades sem prerrogativas nem privilégios que começava, principalmente, por incidir sobre o Imperador deste grande povo.

O reino do egoísmo, que hoje domina o mundo, não havia ainda feito a sua nefasta aparição e portanto não se podia conceber, sequer, essa cruel e maldita florescência do predomínio das castas exclusivistas e absorventes que, diabolicamente, foram preparando o cataclismo social que hoje está subvertendo a humanidade contemporânea.

Se quisermos estabelecer um paralelo entre o estado social do Perú, nessa longínqua época, com o da actualidade teríamos tecido o mais violento e eloquente anátema à civilização do século XX.

O elevado cargo de Imperador no Perú de há 12.000 anos, antes de Cristo, não era um cargo de privilégio, mas uma posição da mais inteira responsabilidade e sacrifício.

Se em qualquer sítio do seu vasto Império, houvesse uma miséria, uma dor sem consolação, uma lágrima por enxugar, uma injustiça não reparada, tal facto constituiria uma vergonha administrativa e uma mancha na honra do chefe supremo da nação.

Um homem que quisesse trabalhar e não encontrasse onde aplicar a sua actividade, um enfermo sem assistência, uma sevícia exercida por qualquer autoridade, a escassez de géneros ou artigos de primeira necessidade, devido a imprevidência ou dolo, tudo isto e o mais cairia sobre o chefe supremo da nação e o primeiro a reconhecê-lo era a própria consciência dessa augusta autoridade, sacrificada a um dever, e que não se acobertava nas prorrogativas dos privilégios, nem na imunidade fictícia e convencional de responsabilidades como chefe do Estado.

Para se poder efectuar este alto poder de mando, o vasto Império estava dividido em províncias e no governo de cada uma encontrava-se um vice-Rei; a estes estavam subordinados os governadores de cidades e distritos pequenos e cada um era directamente responsável do bem-estar de cada pessoa da área

onde exercia a sua jurisdição. Sob estas autoridades havia os centuriões que tinham a seu cargo a vigilância de cem famílias, do bem-estar das quais eram absolutamente responsáveis; por sua vez tinham auxiliares com ajudantes, cada um que tomava a seu cargo dez famílias.

Uma incessante vigilância era exercida por esta rede de funcionários, sob a alçada de uma lei inflexível aliada a uma noção individual de honra e dever, fruto esclarecido de uma educação eminente. Devido, sem dúvida, à existência de uma forte e bem orientada opinião pública ilustrada e consciente, não era fácil a qualquer funcionário faltar às suas obrigações, contraídas para com o Estado e a comunidade que ele representava.

Fachada visional duma casa atlante

Como resultante desta educação popular o número de leis era restricto e mais governava um código de moral, do que um código com penas e castigos, pelo que não consta que houvesse então prisões, mas para os raros delitos ou faltas mais graves, havia a repreensão e o desterro para fora das fronteiras do Império, onde o desterrado teria que viver temporariamente entre tribos a que os peruanos designavam por "os sem leis". Passado certo tempo, era permitido aos delinquentes volverem ao seu país e usufruírem de todas as garantias de cidadãos livres, logo que houvessem reconhecido os seus erros ou desleal atitude perante a comunidade.

De sete em sete anos competia ao Imperador visitar o seu país e averiguar do estado do seu povo; os governadores de províncias, ou vice-Reis, tinham de fazer visitas anuais à região onde governavam; os seus subordinados tinham a verificar *de visum* como se exercia a vigilância e assistência a toda a população, de uma forma contínua, de maneira que, esta máquina administrativa funcionava com toda a regularidade e precisão.

Como cada *centurião*, mantinha um registo permanente de todas as pessoas a seu cargo, com nomes, estados e principais sucessos que lhe diziam respeito, existia portanto uma estatística geral e perfeita do movimento da população, óbitos, nascimentos, etc. Tinha assim o monarca em seu poder um censo constante da população do seu Império visto que todos os registos desta natureza lhe tinham de ser remetidos, periodicamente.

Assim como se inspeccionavam as pessoas, a terra merecia cuidadosa atenção a fim de classificar e escolher as culturas que mais conviria empregar para o êxito da produção agrícola, base da felicidade do povo. Cada cidade, vila, aldeia, ou povoação tinha uma superfície de terreno proporcional ao seu desenvolvimento para garantia da produção necessária aos habitantes.

Estas terras eram divididas em duas partes: a *terra pública* e a *terra privada*. Ambas deviam ser cultivadas pelos

trabalhadores válidos, na força da vida, entre 20 e 45 anos, idade esta que marcava o limite do trabalho obrigatório, para todos.

A *terra pública* era para benefício da comunidade, a *terra privada* para sustento próprio da população; não havia portanto outra espécie de tributo senão este trabalho obrigatório.

A divisão da *terra privada* era judiciosamente feita; um homem casado e sem filhos tinha o dobro de um solteiro, um viúvo com duas filhas solteiras tinha o triplo de um homem solteiro, se uma das filhas se casava a sua parte passava ao marido, e assim sucessivamente a cada um se procurava garantir o necessário para o sustento.

Da parte da terra que pertencia a cada habitante, podia o possuidor fazer o que quisesse menos não a cultivar; a natureza da cultura que mais lhe convinha ficava à sua escolha; as colheitas que cada um arrecadava para sustento excedia geralmente as previsões e então o excedente era trocado por objectos de vestuário ou outros de necessidade ou ainda vendidos ao Estado, que o arrecadava em grandes celeiros, para casos calamitosos de crises agrícolas e fome.

A *terra pública* ainda se dividia em duas partes, representando cada uma o quarto de todo o terreno cultivável; uma dessas partes era a *terra do Sol* a outra a *terra do Rei*.

O dever de todo o peruano era de cultivar primeiramente a *terra do Sol* a seguir a *terra privada* que lhe pertencia e, em último lugar, deveria cultivar a parte da *terra do Rei*.

Desta sorte, se porventura o mau tempo, falta de chuvas ou temporais, retardava as culturas, a primeira terra garantida era a do Sol e a seguir a privada, ficando sempre o maior prejuízo para a terra do Rei. Todo o trabalho de indústrias manufactoras ou exploração de minas, que havia, estava subordinado a este critério de divisão.

A renda quantiosa que era entregue ao Rei ou Imperador, era destinada a manter toda a parte administrativa de soldos a governadores e subordinados, custeio de todas as obras públicas

do Império, edifícios, pontes, estradas, obras de irrigações, etc., manutenções de enormes celeiros, repletos de mantimentos para sustento de toda a população durante dois anos, em casos de grandes calamidades anormais; sustento e manutenção de todo o exército peruano que, devido ao respeito das populações vizinhas, não tinha grandes guerras a sustentar mas precisamente pela sua boa organização e preparação ele constituía um penhor de paz. Esta força pública, durante a paz, executava variados serviços como: reparações de obras públicas e, principalmente, o serviço de correios, que tinham muito bem montado, com postos de distância em distância em todas as estradas e estafetas que, entre si, passavam rapidamente qualquer ordem ou notícia correndo de posto para posto, em cada um dos quais haviam sempre corredores adestrados que, por este meio, podiam fazer uma transmissão a doze quilómetros à hora, aproximadamente.

A outra metade da *terra do Sol* era reservada aos sacerdotes, mas esses tinham a seu cargo não só a manutenção do culto solar nos seus magnificentes templos mas toda a despesa com a educação do povo, com o serviço dos hospitais e enfermos domiciliados e ainda uma importante função a qual era sustentar, dar abrigo e proporcionar todas as necessidades à população que excedesse 45 anos de idade e se quisesse abrigar como *hóspedes do Sol* em grandes internatos e casas de repouso, com jardins, locais de recreio e estudo onde podiam passar a vida numa tranquilidade da qual não podemos avaliar a ventura.

Nesta bela organização social o homem só tinha de trabalhar durante 25 anos, isto é, dos 20 aos 45, depois desta idade era dispensado de todo o trabalho para o Estado, podendo empregar o seu tempo como lhe aprouvesse, vivendo com sua família ou em comunidades apropriadas, estudando ou dedicando-se a qualquer obra, estudo ou trabalho de sua predilecção.

Não cabe aqui desenvolver por demais, em inúmeras particularidades a bela expressão do estado social, político e

económico, atingida por esta civilização tão remota que, no entanto, reflectia apenas os aspectos altamente elevados da cultura atlante.

Nós hoje, chamando mais civilização à multiplicação de coisas e comodidades adquiridas do que ao desenvolvimento das qualidades de amor e respeito a todas as expressões da vida humana ou animal, mal julgamos como povos tendo florescido para lá das penumbras acumuladas nos horizontes históricos do conhecimento vulgarizado, pudessem viver tão nobre e humanamente.

A educação, a agricultura e ciências, a indústria e a arte, manifestada principalmente numa arquitectura, embora pesada e de proporções colossais mas que se impunha por uma originalidade e gosto apurado, completavam o índice da civilização peruana de há 12.000 anos, antes de Cristo, época em que ainda não se havia gerado a montanhosa onda de egoísmo cruel e feroz, que hoje tão tristemente ameaça deportar a todos nós para a categoria de sub-humanos.

10.000 anos antes de Cristo

A quarta sub-Raça ariana, os celtas, que 10.000 anos antes desta data haviam partido de Gobi, para se estabelecerem na região do Cáucaso onde se fixaram e progrediram assenhoreando-se das vastas regiões vizinhas, retomam nesta data a sua marcha em direcção ao Ocidente invadindo a Europa, não em massa, mas em tribos ou multidões sucessivas, aguerridas e impelidas por um idealismo de expansão e aventura.

A primeira emigração que atravessou a Ásia Menor foi a que se fixou na Grécia, constituindo os gregos antecessores dos gregos da antiguidade clássica, conhecidos pelos pelasgos da Grécia e Itália. Destes descenderam os troianos, que se bateram mais tarde contra os gregos modernos, esses de quem os padres egípcios, citados no *Timeu* e *Crítias* de Platão, diziam não serem senão pigmeus em comparação com os seus gloriosos antecessores.

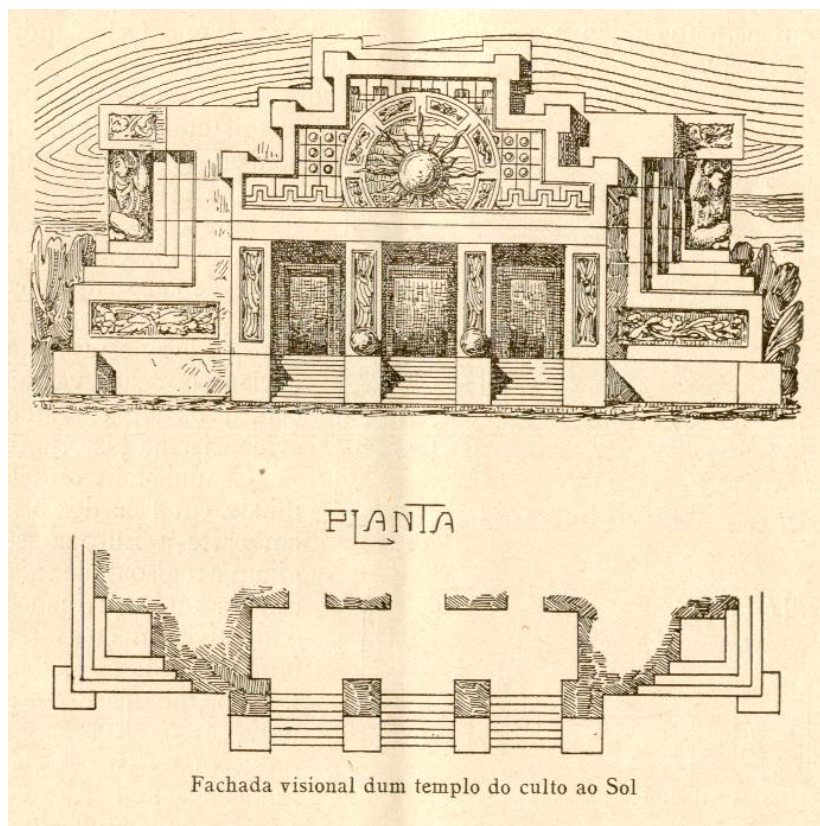
Afastando-se da região grega, na margem da Ásia Menor, ilha do Chipre e Creta, além de todas as outras do arquipélago grego que já existiam em parte, elaboraram uma admirável civilização, que floresceu por milhares de anos, tendo o seu foco mais notável em Creta.

Nesta histórica ilha o nome de Minos, um desses heróicos gregos primitivos ficou para sempre vinculado.

Como este povo se acentuou com preponderância na qualidade de navegadores, visto que, tendo um grande litoral marítimo, a navegação era o principal veículo para circulação das suas mercadorias e comércio intenso que desenvolveu, despertou-se no espírito do Imperador de Poseidonis, o desejo de anexar à potência atlante do Ocidente, todo o grandioso território do poderoso reino que esses primitivos gregos haviam fundado.

Uma poderosa esquadra foi organizada e se dirigiu à Grécia tendo no seu trajecto submetido violentamente as populações marginais da antiga Lusitânia, Ibéria, e da Itália e fortalecidos por este êxito, intimaram os gregos a prestar vassalagem a Poseidonis.

Porém, com surpresa do Imperador de Poseidonis, cego pelos seus sonhos de poderio e ambição, a vitória, que julgava segura, transformou-se numa formidável ameaça à qual respondeu dando a voz do ataque a metade da sua grande frota de guerra a qual foi completamente desbaratada numa batalha memorável. Reunindo imediatamente a restante parte da sua armada de guerra pensou reabilitar o orgulho esmagado e acometeu, novamente com ímpeto cruel, as costas marítimas da Grécia, porém, mais uma vez, o esperava uma completa derrota da qual com custo se salvou atingindo as costas da Itália. Aí teve de reunir guarnições dispersas, e fazendo um difícil e longo percurso, sempre assediado pelas populações vencidas que, sabendo da derrota da formidável frota, se iam revoltando e hostilizavam a sua já reduzida escolta, conseguiu exausto atingir a França e, como fugitivo, alcançar a outra margem e embarcar para Poseidonis.

Este autócrata, chegado ao seu grande Império, quis organizar outra expedição, mais poderosa, para ir tirar a desforra do terrível inimigo que abalara o seu orgulho e ambição, porém revoltas internas de povos da ilha, recentemente subjugados, e outros incidentes provocados pela derrota das suas armas, jamais permitiram que pudesse realizar os seus sonhos.

Fachada visional dum templo do culto ao Sol

Este acontecimento teve uma importância excepcional para a história futura, visto que a vitória alcançada pelos gregos deu-lhes uma tal preponderância no Mediterrâneo que em pouco tempo eles, os representantes da raça celta, iniciaram um formidável avanço na Europa, estabelecendo colónias por todas as margens do Mediterrâneo e realizaram penetrações para o interior dessas margens, em todas as direcções.

9.700 anos antes de Cristo

As sucessivas emigrações do Império central da Ásia foram enfraquecendo gradualmente esta grande potência que se havia gerado nas vastas regiões de Gobi. Fora ali criada a grande raça ariana, num isolamento e recato que muito convinha ao apuramento de qualidades e índices morais daqueles que estavam destinados a assumir a direcção e destinos da humanidade futura.

Na linha ascendente da evolução cada nova raça apresenta características de superioridade sobre as que se somem, como cadáveres, da representação do palco do mundo.

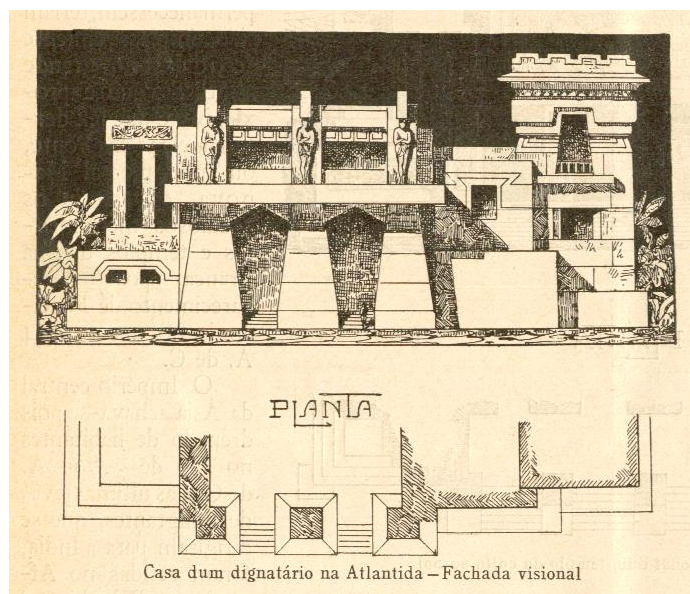
Assim a natureza parece obedecer a um grande plano, quando fomenta uma enorme fecundidade nas raças nascentes e faz diminuir a natalidade nas que estão destinadas a desaparecer, por já terem cumprido a sua missão ou destino, como se observa com os peles-vermelha da América.

Mas ainda parece ter havido então um destino sábio e previdente, visto que a drenagem de população, efectuada no reino central da Ásia e que atingiu a sua fase culminante na data acima citada, afastava das regiões de Gobi, as densas multidões humanas, de gestação apurada, as quais, se ali permanecessem, teriam sido implacavelmente destruídas no grande cataclismo que se aproximava e que fez derruir a *cidade da Ponte*, ou monumental Manova, e destruiu os grandiosos monumentos e templos da *ilha Branca*, após o desaparecimento de Poseidonis, no ano 9.564 a. C.

O Império central da Ásia achava-se pois drenado de habitantes no ano de 9.709 a. C. e as últimas levas de

emigrantes, que se dirigiram para a Índia, foram retidas no Afeganistão e Beluchistão, que arianizaram durante cerca de 2.000 anos, sendo uma parte massacrada pelos mongóis.

9.564 anos antes de Cristo

Dá-se a submersão de Poseidonis, cataclismo que teve uma grande repercussão no nosso globo, modificando nalguns pontos a sua fisionomia geográfica. Calcula-se em 64 milhões a população de Poseidonis que pereceu neste grande cataclismo. A repercussão foi tremenda principalmente na Europa, Ásia e América.

Casa dum dignatário na Atlântida – Fachada visional

As margens do Mediterrâneo foram devastadas; uma enorme ressaca destruíu todas as povoações marginais da Grécia e os seus grandes monumentos criados por essa bela

civilização; as águas do mar de Sara, que se tornou num deserto pela elevação do seu leito, precipitaram-se, num caudal monstro, através da actual Tripolitana, derramando-se no Mediterrâneo e causando devastações nas margens do Egipto e inundações no interior, dando fim à dinastia ariana ali estabelecida a qual, com o povo que se pôde salvar, tiveram de refugiar-se nas colinas próximas enquanto o Egipto esteve submerso, em parte, pelo mar.

Assim como sucedeu ao mar do Sara, o mar de Gobi transformou-se num ardente deserto e a destruição das grandes cidades do Império central da Ásia foi formidável.

Todas as frotas marítimas dos gregos, egípcios e outros povos dos litorais atingidos, foram completamente destruídas, a navegação e o comércio foram interrompidos por longo tempo, mas a tenacidade humana e o espírito eternamente criador da humanidade, que é a vida cósmica em perpétua acção, renovaram sob aspectos novos e progressivos as grandezas materiais e as glórias do passado.

Projecto delta:
uma escola de estudos iniciáticos das ciências secretas
(plano de A. R. de Silva Júnior)

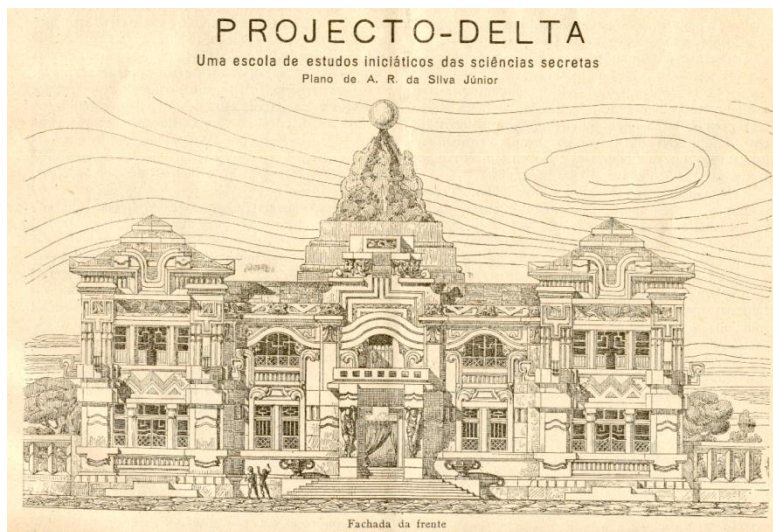
Elaborado com subordinação a um programa orgânico e simbólico, que vigorava nos recuados tempos históricos em que a ciência e todos os conhecimentos humanos eram ministrados a escolhidos, que pudessem afrontar provas temerosas e obter o auto-domínio sobre todas as paixões que agitam os indivíduos, este projecto é uma tentativa da reconstituição de um edifício talqualmente ele seria representado na actualidade, tendo-se em atenção os modernos hábitos da civilização e os progressos obtidos na técnica da construção e na higiene.

A feição arquitectónica, que se lhe procurou imprimir, é inspirada nas características gerais da ornamentação linear e

com alguns relevos, que vemos predominar nos monumentos e edifícios do tempo da civilização atlante na América.

PROJECTO-DELTA

Uma escola de estudos iniciáticos das sciências secretas

Plano de A. R. da Silva Júnior

Fachada da frente

Fachada da frente

A planta do pavimento térreo, que publicamos, compreende um edifício inscrito numa área de 32 metros de frente por 76 metros de fundo; a parte da frente é em dois andares, ficando no térreo: um vestíbulo de honra, com um pequeno lago ao centro, seguindo-se em frente à entrada um *hall* de serviço interno.

A direita do vestíbulo estão os serviços administrativos, arquivo, sala de espera e gabinete do conselho directivo; do lado direito fica a escada dando acesso ao 1º andar e no torreão do cunhal encontram-se quatro divisões, e uma retrete, destinadas a habitação do porteiro desta escola.

O primeiro andar do primeiro corpo deste edifício, que abrange toda a frente com o fundo de cerca de 15 metros, compreende uma cozinha, uma sala e vários quartos destinados a pensão para pessoas categorizadas e pertencentes à comunidade que ali chegassem de pontos afastados da localidade desta escola. O *hall* é ladeado: à esquerda pelo museu, o qual comunica com um laboratório de química e, à direita, por uma biblioteca com uma sala de arquivo; dois pequenos pátios, em comunicação com o *hall* iluminam e ventilam por esse lado o museu e biblioteca e alojam também as retretes, que servem as instalações indicadas.

Pela fachada lateral se vê que, tanto a biblioteca como o museu, recebem também iluminação natural pela série de janelas que existem nas paredes laterais, as quais atingem uma altura de cerca de 8 metros dando um amplo *pé direito* a estas salas.

Ao fundo do *hall* há um corredor transversal o qual se cruza com outros que ladeiam outro corpo rectangular, colocado a eixo, e que é a base de uma pirâmide que se eleva, como cobertura deste recinto e em escalões.

No rectângulo básico dessa pirâmide encontra-se um templo triangular, cuja entrada é ladeada por duas figuras representando os *guardas do limiar*, ao fundo há um estrado, para a presidência das reuniões que ali se façam e que são de carácter privado e iniciático; dos lados desse templo alojam-se ainda duas salas para reuniões de estudo e dois vestiários, com serventia pelos corredores laterais; dos lados opostos destes corredores encontram-se mais duas salas para reuniões de grupos de estudo, *bufete* e *toilette* para damas e dois grupos de retretes e urinóis.

Segue-se um salão circular com 27 metros de diâmetro, destinado a grandes reuniões, com um palco com 6 metros de boca de proscénio e com o fundo roto, dando para um verdejante parque. Esse palco destina-se à exibição de cenas simbólicas e danças rítmicas.

Este salão tem uma galeria sustida por colunas e com acesso pela escadaria que se vê precedendo os dois portais de entrada; essas colunas prolongam-se até ao nível do tecto e é nelas e numa grande coluna central toda ornamentada, que apoia a cobertura poligonal indicada no alçado respectivo.

Para cortar a monotonia da forma circular deste salão, observando-o do exterior, projectaram-se as empenas rectilíneas que se vêem nos alçados e que dão maior grandeza à composição.

Do lado exterior deste salão há duas escadas, que dão fuga aos dois corredores laterais do edifício, conduzindo ao parque que o ladeia.

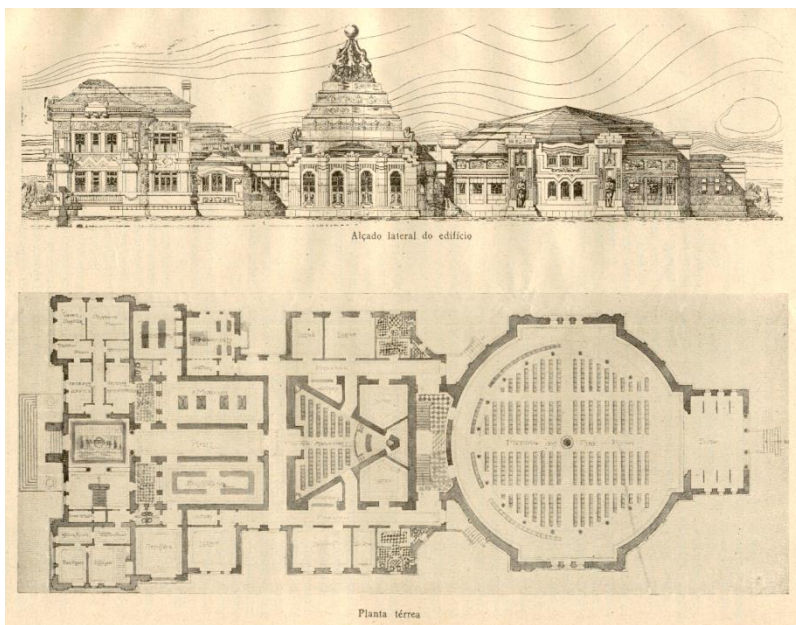
Devemos dizer que, a eixo longitudinal do edifício e ao nível do 1º andar, há um corredor que conduz a outra sala, alojada no interior da pirâmide e a qual se reserva a cerimónias mais particulares das iniciações esotéricas.

Feita esta ligeira descrição, da planta deste edifício, resta-nos esclarecer o que significa a representação das tais figuras geométricas que predominam na planta - o quadrado, o triângulo e o círculo -, a razão da ordem por que estão dispostas e, ainda, explicar certas particularidades e dispositivos constantes na planta, os quais não foram adoptados arbitrariamente ou por mera fantasia.

O quaternário, o triângulo e o círculo representam, na filosofia e na escola esotérica, que deu origem a todos, ou quase todos, os vários sistemas religiosos, símbolos idênticos relacionados com etapas definidas da evolução humana e cósmica; tais símbolos têm profundas correlações com os princípios das coisas, cores, sons e formas.

É um esquema de profunda significação que engloba conhecimentos, que eram apanágios dos magos da Atlântida, os quais os legaram à posteridade histórica, aos contemporâneos de hoje e que persistirão no futuro porque contêm em si a integralidade de leis naturais, regendo círculos evolutivos perpétuos que, no decorrer dos tempos, os eruditos vão

reconhecendo, admirando e vendo como se confirmam nos fenómenos.

O quaternário, considerado como expressão dum princípio metafísico, é a natureza com as suas fases, idades e períodos evolutivos. Representa também a conjugação dos quatro princípios inferiores do homem que definem a personalidade perecível, pelo que se designa muitas vezes pelo quadrado da matéria ou plano da matéria manifestada ou diferençada.

Projecto *delta* (alçado lateral do edifício e planta térrea)

O triângulo ou *delta* é o emblema da tríade ou trindade, que constitui os três princípios superiores e imperecíveis do homem: *Atma*, *Budi* e *Manas*; os seus correspondentes são a

Vontade, a Sabedoria e a Acção, os três princípios metafísicos da consciência humana; será a primeira manifestação do Logos se pusermos um ponto no centro da figura.

O círculo com o ponto central é o Logos não manifestado, correspondendo à vida absoluta.

Na ordem das figuras, insertas na planta, para aquele que transpõe os umbrais deste templo, o trajecto representa a evolução do ser. Assim no quadrilátero da matéria está representado um dos quatro princípios inferiores da personalidade, o mental concreto da intelectualidade, alimentado pela biblioteca, museu e laboratório anexo. Passa depois ao templo iniciático triangular, mas aí encontra, no portal de entrada, os dois monstros temidos, simbolizados por duas figuras, que assentam nos pedestais rectangulares representados na planta: são os *guardas do limiar*. Os monstros temíveis que é preciso vencer, para se entrar no templo iniciático e encetar essa ascese almejada do nosso Ego, subindo da materialidade para o que se chama alta espiritualização, que é o progresso que entendemos pela palavra evolução.

Essas entidades são, afinal, a parte inferior anímica de nós mesmos e supô-los verdadeiros monstros não é favor nenhum. Blavatsky diz a seu respeito: "A Alma, o Mental inferior, torna-se um princípio semi-animal, quase paralisado pelos vícios quotidianos e perde gradualmente consciência da sua metade subjectiva, o Senhor, *membro da potente Legião* e proporcionalmente ao rápido desenvolvimento sensual do cérebro e dos nervos, cedo ou tarde, ela [a alma pessoal] acaba por perder de vista a sua missão divina sobre a Terra". Eis o simbolismo dos *guardas do limiar* que todos os candidatos à iniciação têm de afrontar e vencer, e que, no presente projecto, figuram como símbolos à entrada do Templo.

Neste Templo triangular se representam os três princípios superiores do homem, a tríade divina, o Ego que reencarna a individualidade, *Atma*, *Budi* e *Manas*.

São, como vimos, os três princípios metafísicos da consciência, o tal mistério da Trindade dos católicos, o “Pai que está no Céu”, a vida cósmica que nos anima: poder, sabedoria, acção. Como “três partes de um todo” têm inúmeras concatenações: centro, diâmetro, circunferência. Pensamento, relação, infinito: um só movimento, etc. No Templo do Projecto *delta* vêem-se em cada ângulo as peanhas para três estátuas relacionadas com o simbolismo da figura e representando: o Poder, a Sabedoria e a Acção.

Como estes princípios estão relacionados com as cores, os sons e os números, a estátua que fica no ângulo fronteiro à entrada será de cor violeta e no pedestal terá gravada a nota *Si*; a do ângulo à esquerda, entrando, será de cor índigo e terá gravada a nota *Lá*, a do ângulo à direita será azul e terá a nota *Sol*.

O quaternário com o triângulo determina o número sete, o número do progresso no tempo que se adapta a todas as realidades, emblema da vida eterna no espírito: 3 + 4 positivo e negativo, espírito e matéria. O 3 é para nós invisível, o 4 é perceptível porque é objectivo. A ciência perscrutando na matéria reconheceu que ela podia ser reduzida a 4 únicos elementos: o carbono, o oxigénio, o azoto e o hidrogénio e aqui temos o paradigma universal a manifestar-se, faltando apenas que essa ciência reconheça o *número* destes 4, para ter a chave do profundo simbolismo do número 7, que o esoterismo arcaico e indeformável tomou para base dos seus estudos.

Sobre este templo, inscrito num quadro, ergue-se a pirâmide que lhe serve de cúpula e onde fica outra sala de reuniões mais privadas. Na pirâmide de base quadrada temos outro simbolismo que, no Projecto *delta* exemplificamos.

Essa pirâmide tem 7 escalões, que representam os 7 planos da evolução cósmica.

A começar da base temos: plano físico, planos astral ou emocional, mental, búdico ou intuitivo, nirvânico, paranirvânico e mahaparanirvânico.

O escalão segundo, que representa o astral, está decorado com um friso com gnomos, elementais da Terra, dando-se as mãos *numa farândula* eterna no meio da agitação emocional, representada nas linhas onduladas do fundo sobre que as figurinhas se projectam. No quarto escalão, que representa o plano búdico ou intuicional, vemos outro friso com devas ou daivas, do sânscrito: *brilhante*, nome das entidades que, segundo a mitologia hindu, relacionada com o esoterismo, habitam os planos superiores; nos devas podemos achar a equivalência com as entidades anjos do catolicismo.

Os dois últimos planos fundem-se num amontoado em desagregação, no qual as 4 figuras representadas estão a diluir-se ao aproximarem-se da unidade divina, representada pela esfera, onde todas as formas se desfazem e as tríades individuais se transformarão numa alma grupo: a Unidade, a vida cósmica.

As 4 figuras que estão na atitude de sofrimento, no plano físico, representam a vida da personalidade na objectivação da matéria e mais sofrerão por terem as costas viradas para a evolução, sintetizada, como vimos, na pirâmide de 7 escalões; são as almas mergulhadas nas paixões humanas e no egoísmo por elas gerado.

Resta-nos falar no simbolismo do salão circular que se segue. Representa o absoluto, a unidade de onde tudo dimana e para onde tudo converge quando as formas se diluem e o espírito, o eterno peregrino que dele partiu, como nómada, para descer aos vários planos de manifestação, regressa enriquecido com as experiências das vidas das quais só se liberta quando conquistou os vários graus da iniciação que podem tornar o homem num Deus.

Se considerarmos o percurso do neófito, desde a entrada do edifício até ao salão circular, temos o símbolo da trajectória da evolução, o percurso inverso representará a involução, a descida das mónadas, a expiração do Logos, como o regresso é a aspiração. No fenómeno da respiração animal e humana temos uma imagem do exposto: aspiramos o oxigénio puro, expiramos

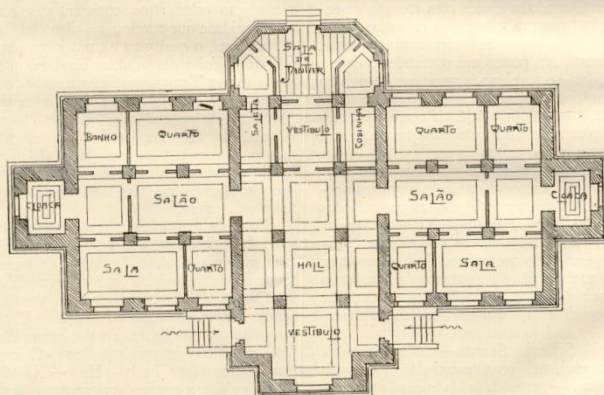
o ácido carbónico que precisa de ser libertado do carbono para voltar livre e puro a alimentar a vida respiratória. Seremos talvez nós que alimentamos a vida do Logos.

PROJECTO "ÉPSILON,,

HABITAÇÃO DUM DIGNATÁRIO DA ATLANTIDA — Plano de S. J.

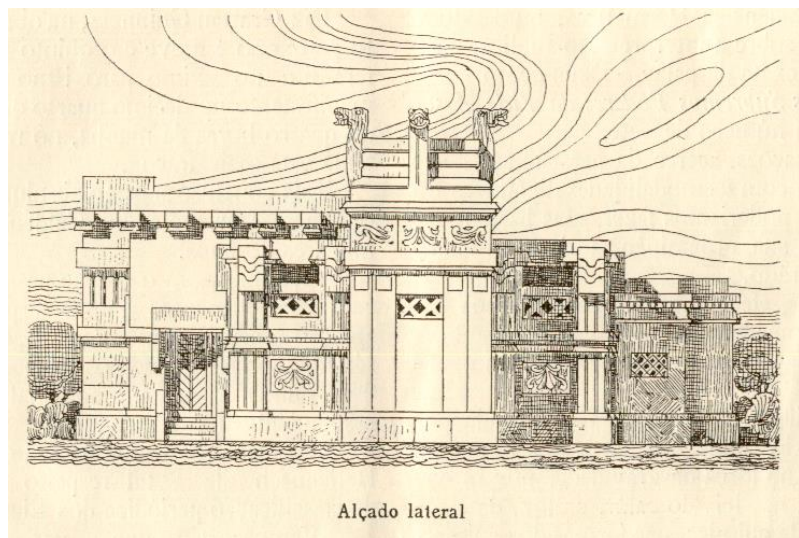
Alçado da frente

;elho dos gnósticos — Pistis Sophia —, a Cábala ju-
áica, a própria Biblia, pelo menos numa parte, são
ıbras de caracter hermético.

pertencemos. Não é possivel desenvolver aqui, até
evidência, o valor dos conhecimentos esotéricos herd:
dos de civilizações tão remotas porém, poderemos afi(

Planta térrea

Projecto *épsilon*: habitação de um dignatário da atlântida – alçado de frente e planta térrea (plano de Silva Júnior)

Eis os principais pontos de sujeição simbólica que presidiram ao programa estabelecido para a elaboração deste projecto, que é um estudo de ressuscitação do gosto e estilo dos povos atlantes que habitaram a América, transplantado para a actualidade.

A planta tem a nomenclatura em inglês porque deste plano se tirou cópia para remeter a uma individualidade residente na Índia inglesa e não podemos inutilizar o original, que reproduzimos.

Projecto *épsilon* (alçado lateral)

A pintura *a fresco* e a escultura têm nas fachadas larga representação, pois eram muito usadas na arquitectura e estilo atlantes, cuja feição e carácter são realmente inconfundíveis, com outros quaisquer estilos, embora vejamos em todas as manifestações da arte, através dos tempos, a persistência de

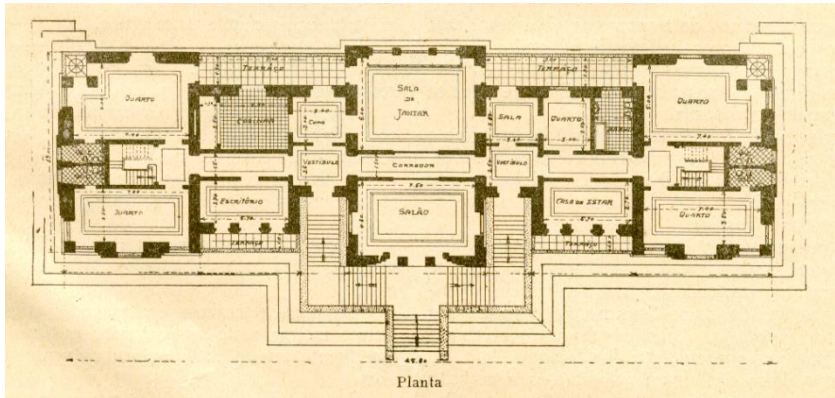
certos motivos e concepções que o modernismo, por vezes, faz ressuscitar inconscientemente.

São, decerto, as combinações geométricas regulares a imperar, os modelos da natureza a imporem-se e a persistência da vida, através das formas, a recordar pensamentos já vividos, emoções já sentidas, que despertam no espírito de todas as épocas em reminiscências, às quais a psicologia moderna chama intuições. [...].

Projecto *dzeta*: ensaios sobre o estilo atlante – um palácio
(por A.R. Silva Júnior)

[...]. Para nós a Atlântida continente, foco de labor intenso dessa grande civilização da pré-história, foi situada no local onde existe actualmente o amplo estuário do oceano Atlântico; a tal nos conduziram as deduções tiradas da documentação que apresentamos e de outros que não divulgamos e, então, a narrativa de Platão deve estar certa.

Mas a civilização elaborada nesse desaparecido continente, e que marca uma gloriosa fase da vida da humanidade, não ficou ali restringida e isolada; expandiu-se nos domínios coloniais desse grande povo, invadiu a América primitiva e as regiões já então formadas e que fazem hoje parte

da Europa, da África e da Ásia. Portanto, a nosso ver, para achar a Atlântida não é preciso ir ao abismo Atlântico e sondar debaixo das camadas de argilas, lodos e detritos de toda a espécie que, através dos milénios, ali se têm acumulado e comprimido.

Planta

Projecto *dzeta* (planta)

Essa civilização encontramo-la latente em toda a parte e o subsolo deve guardar tesouros materiais da sua florescência e progresso atingido.

As descobertas de ruínas de grandes cidades subterradas, de épocas ante-históricas, tem-se multiplicado, principalmente na América central e na Ásia. Diz uma legenda esotérica: "Procura os restos dos teus antepassados mais remotos, nos lugares elevados. Com o decorrer dos tempos os vales tornaram-se montanhas e as montanhas sumiram-se no fundo dos vales".

Que esta revelação guie os esforços dos investigadores audazes e as provas acumular-se-ão a aclarar e esclarecer o magno problema histórico da Atlântida. [...].

AUGUSTO DE VASCONCELOS AZEVEDO E SILVA

De um Choque entre Planetas aos Discos Voadores [259]

Prólogo

[...].

A humanidade assistiu, há bastantes milénios, a uma grande confusão nos longínquos espaços.

O homem viu que, na imensidade celeste, vários *Deuses* se aproximavam e lançavam entre si grandes raios, grandes faíscas. Por vezes parecia que grandes explosões estavam fragmentando as *estrelas* que, placidamente, costumavam iluminar-se de noite nos imutáveis céus.

Perante estas grandes correrias pelo Espaço Cósmico – dentro do nosso Sistema Solar – a ignorância dos tempos nada mais poderia fazer do que atribuí-las a uma grande luta entre Deuses.

O que se deve ter passado?

Admitamos que uma formidável explosão num planeta exterior à então órbita da Terra, talvez vogando entre Marte e Júpiter, lhe provocou um desvio na sua rota. Com a nova carreira que passou a ter, passou também a interferir com a órbita doutro ou doutros planetas. Um dia deu-se o inevitável:

[259] Luanda, 1967.

chocaram dois, três planetas – saberemos lá quantos! – tendo-se desfeito por momentos, naquela zona do nosso Sistema Solar, a chamada "harmonia e estabilidade da esfera celeste".

Como resultado desse choque ficaram a mover-se no espaço milhões de fragmentos de vários tamanhos, desde poeiras até volumes com 770 quilómetros de dimensão máxima. (Se não mais, estes, pelo menos, são os que presentemente conhecemos).

Conforme as velocidades com que foram lançados no espaço, assim estes fragmentos, resultantes dos poderosos choques, foram estabelecer-se com órbitas em torno do Sol ou satelitizar-se em torno doutros planetas; os mais ficaram indiferentes à "luta havida entre os Deuses", e continuaram gozando da tal "harmonia celeste".

Não podemos fazer uma pálida ideia do que seria a confusão resultante da fragmentação de dois ou mais planetas que se encontraram com velocidades da ordem das dezenas de quilómetros por segundo, e qual a disparidade das velocidades dos fragmentos.

Ora, os fragmentos resultantes do cataclismo, ao serem lançados no espaço em todas as direcções, e com variadíssimas velocidades, foram, como já atrás dissemos, chocar com outros planetas, se as suas velocidades foram completamente vencidas pela força atractiva dos planetas de que se aproximaram, ou ficaram como satélites de planetas, se a velocidade que traziam era da primeira velocidade cósmica, em relação ao planeta em referência (vide Cap. I). Outros estabeleceram órbitas em torno do Sol (vide Cap. II). Certamente outros saíram do nosso Sistema Solar e já se estatelaram, ou estão neste momento colidindo, ou ainda continuarão por muito tempo em loucas correrias, fora do nosso Sistema Solar.

Porque Saturno é um dos maiores planetas do nosso sistema planetário, e talvez porque a fragmentação dos astros se deu na sua proximidade, aglutinou a si biliões, triliões de fragmentos das mais variadas dimensões, os quais terão

constituído aquilo que nós da Terra observamos como sendo os seus anéis.

Estes não são mais do que satélites em tão grande número e com tal compacidade que aos nossos fracos aparelhos de observação os vemos como massas, que à primeira vista parecem contínuas.

Durante muito tempo foram a Terra e seu Satélite – a Lua – bem assim como os outros planetas, assediados por constantes – mas periódicos (vide Cap. II) - bombardeamentos de pedras, razão porque os ricos de há milhares de anos construíram abrigos, com a forma de pirâmides, de pesadíssimas massas de pedra, para nas épocas apropriadas (vide Cap. I) se protegerem. Foram mais tarde estes abrigos transformados em sarcófagos, como adiante explicaremos.

Com todas as perturbações atrás descritas um outro planeta deve ter saído incólume daquela enorme barafunda, mas modificou – pelo momentâneo desequilíbrio das forças atractivas e repulsivas – a sua órbita, e a nova órbita passou a interceptar a órbita do nosso Planeta (vide Cap. V). Tudo isto levou anos, séculos, talvez milénios a realizar-se.

TERRA
SOL
ASTARTÊ

Fig. 1

Um dia a humanidade apercebeu-se de que um astro visitava, de 52 em 52 anos, as proximidades da Terra (Fig. 1). A aproximação de tal *Deus* ou *Deusa* fazia prever um choque que levaria ao *Fim do Mundo*. Grandes festas e grandes sacrifícios se começaram a fazer então, em homenagem a *Astarte*, tentando assim aplacar-lhe a fúria. Nessas aproximações a Terra era molestada, não só com fortes perturbações atmosféricas, como pelos inusitados apedrejamentos dos inumeráveis pequenos satélites que esse malfazejo *Deus* trazia no seu séquito. Ao passar próximo da Terra, esta atraía para o seu seio os meteoritos que satelitizavam a *Deusa*, bólidos esses que tendo uma determinada velocidade de satélite em relação a *Astarte*, não traziam consequentemente velocidade que chegasse à de satélite em relação à Terra que tinha e tem maior massa que a inoportuna visitante.

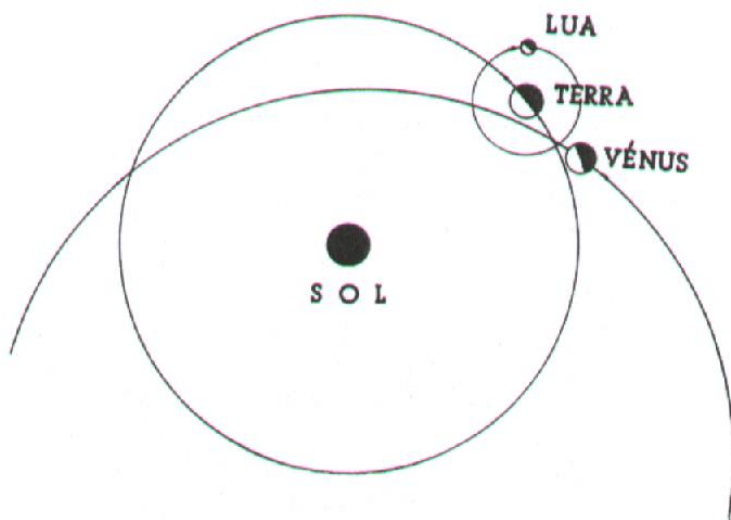



Fig. 2

Durante muitos séculos, talvez milénios, a humanidade vivia no pavor dessa aproximação, que pressagiava o *Fim do Mundo* (Cap. IV).

Até que um dia, a humanidade (certamente aquela humanidade que existia no actual Oriente e Médio Oriente) viu, de noite, avançar ameaçadoramente sobre a Terra, o astro designado então por *Pallas Atena*, *Astarte*, etc., que apresentando-se em quarto crescente – ou minguante – lhes parecia um formidável toiro, com dois enormes cornos, resplandecentes e muito pontiaguados (Fig. 2). Tal facto deu-se num dia 13 que passou a ser fatídico na imaginação da humanidade e que ainda hoje se considera como tal, ao evocar o 13º conviva, Judas, na Ceia de Cristo para a sua despedida terrena, até às paragens luminosas de um Deus, que existe em todas as religiões.

Esse astro era observado da Terra em crescente, porque um segmento da sua órbita era interior à da Terra. Se houvesse testemunhas da sua fuga, depois do choque, teria sido vista em minguância (vide Cap. V).

Deu-se assim violento choque (Fig. 3), que embora não tivesse desfeito a nossa Terra a deixou quase moribunda. Grandes quantidades de espécies animais (talvez aquelas que faltam para completar a escala da evolução e interligação das espécies que dariam certamente plena satisfação a Darwin e Lamarque) foram integralmente banidas da Terra. Grande quantidade de espécies vegetais desapareceu também. E grande quantidade de elementos minerais apareceu então à face da Terra, expulsos dos locais onde estavam acamados, pela convulsão sofrida pelo nosso globo, e que tão patentes deixou gravadas na Terra as suas marcas (vide Cap. VI).

O choque foi suportado pela Terra na zona do actual Pacífico, ou por outras palavras: os dois planetas – a Terra e Vénus – esmagaram-se simultaneamente, originando-se na Terra o actual Pacífico (vide Cap. VI), e em Vénus só os futuros astronautas no-lo poderão dizer, quando de lá regressarem.

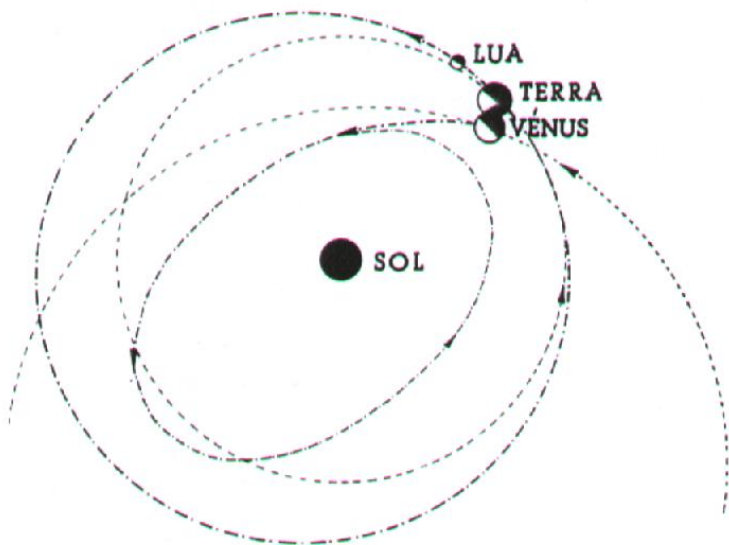



Fig. 3

Felizmente para a Terra – se pode chamar-se felicidade à existência da vida animal no globo – o choque deve ter sido dado tangencialmente, porque a não ser assim o resultado seria, talvez, uma fragmentação idêntica à descrita de início. E senão vejamos:

Ao aproximar-se o momento do choque:

1ª - As órbitas eram quase paralelas, portanto as direcções de marcha eram aproximadamente as mesmas;

2º - O sentidos eram os mesmos:

3º - As massas eram quase iguais e, consequentemente, as velocidades parabólicas em relação ao Sol (porque deles eram e são satélites) eram também mais ou menos as mesmas.

Não nos esqueçamos também de dizer que o cataclismo não inverteu o sentido de rotação da Terra, mas modificou-o fortemente. Mais tarde falaremos sobre o assunto (vide Cap. IX).

Como então o movimento se fazia, chamemos-lhe tangencialmente, momento houve em que a aproximação se fez mais rapidamente, até ao choque, de acordo com a hipótese da gravitação (Fig. 4), enunciada por Newton.

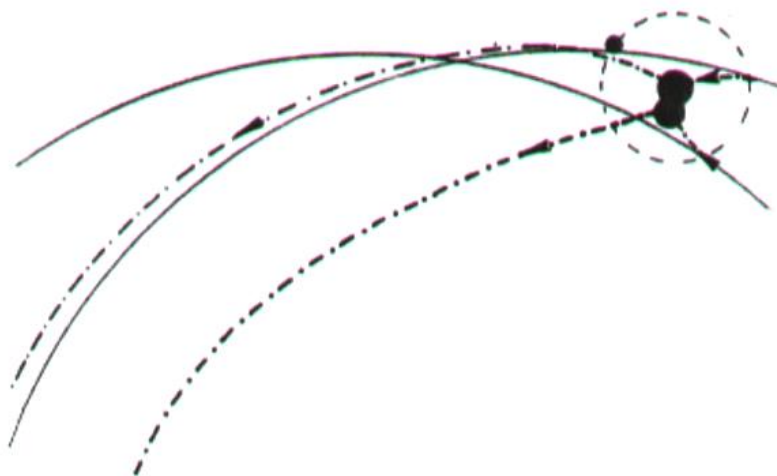



Fig. 4

As massas são enormes (Terra = 5.974.000.000.000.000.000.000 Toneladas, presentemente; Vénus = 4.898.680.000.000.000.000.000 toneladas); as velocidades de cada um deles, eram da ordem dos 30 quilómetros por segundo, logo o encontrão foi da ordem dos 5.974 x 10^{18} x 489.868 x 10^{10} = 2.926.471.432 x 10^{34} dines.

Mas, pela lei da conservação da energia, os dois planetas afastaram-se deveras molestados.

É natural que tenha havido permutas de elementos entre os dois corpos em colisão, e, consequentemente sobre a Terra caíram materiais (vide Cap. VIII), como betumes, petróleos, pedras, poeiras, etc. sobre o outro (Vénus) teriam caído

elementos que nós ainda conservaríamos se não fosse aquele intruso (Fig. 5).

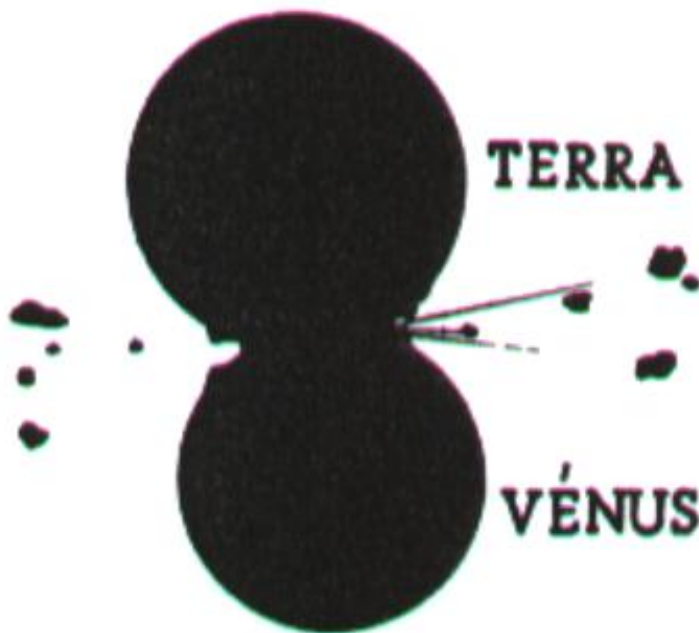



Fig. 5

Pode também ter sucedido que alguns bocados arrancados quer a um quer ao outro planeta, tenham ficado como satélites dum ou doutro (Fig. 6). Tudo isto seria possível em função da velocidade a que foram disparados os bocados soltos pelo choque.

Com o encontrão, as avarias sofridas pela Terra foram mais que tremendas. A Terra enrugou-se fortemente, formando as grandes massas montanhosas que ela em grande parte ainda apresenta (vide Cap. IV), provocou o grande dilúvio do ano de

1700 (?) a. C., inverteu a polaridade da Terra (vide Cap. IX), pondo assim a humanidade que escapou, a ver o Sol nascer do lado onde se deitava e, a ver deitar-se onde era hábito vê-lo nascer (vide Cap. X).

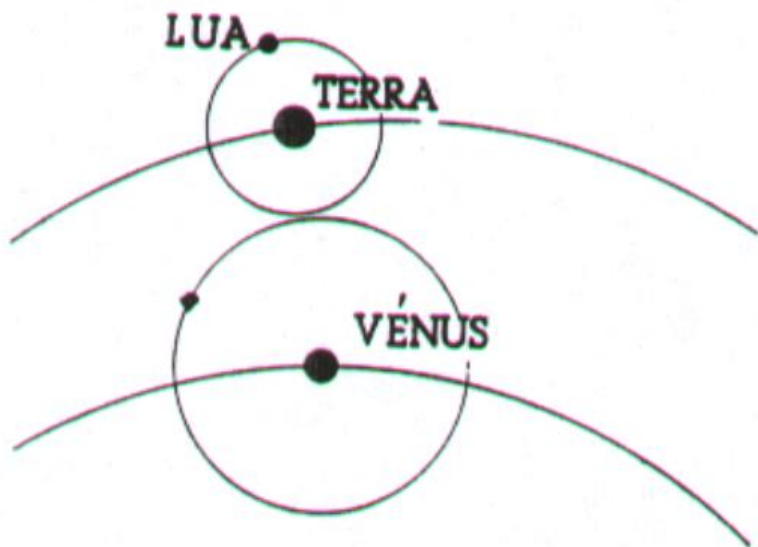



Fig. 6

Onde havia glaciares passou a terra a ser tórrida, onde eram zonas tórridas passámos a ter glaciares (vide Cap. IX).

Florestas enormes desapareceram, parte arrastadas pelas águas e ventos, parte soterradas por grandes massas de terras e argilas que depois da tempestade se foram depositando bonançosamente (vide Cap. IX).

Só muitos séculos depois foi a humanidade encontrá-las, já petrificadas, a dezenas, centenas e a milhares de metros de profundidade.

A Terra foi então quase totalmente varrida de lés a lés por monstruosas catadupas de água, de pedras, de poeiras, trovoadas, chuvas, ventos (vide Cap. VII). Todos os elementos estavam em fúria nunca vista.

Deste horrendo cataclismo sobraram quase unicamente os povos que existiam nos actuais:

1º - Cáucaso e imediações;
2º - Planalto do Pamir e imediações;
3º - América Central – muito mais vasta do que é hoje;
4º - Continente Antárctico (aqui os que sobreviveram aos primeiros dias após o cataclismo, vieram a sucumbir com a glaciação do Antárctico que se deu, certamente, só quando a Terra acabou por estabilizar o seu novo eixo de rotação).

Sete dias e sete noites levou a terra a rodar até ocupar a posição que tem mais ou menos hoje. Quer dizer que durante 7 dias e 7 noites andou o nosso planeta em busca de uma posição de equilíbrio, no meio de tremenda barafunda em que horríveis tempestades de tremendos ventos e de constantes trombas de água se vinham aliar a tremores de terra, à subversão de terras, à invasão da parte sólida por monstruosas vagas vindas dos mares e que carreavam, nos formidáveis turbilhões cadáveres de todos os animais que colhiam no caminho, arrancando todas as ervas e árvores que se lhes opunham à marcha. Descomunais chuvas de pedras que regressavam à Terra. Bocarras enormes, imensamente profundas se abriram na crosta do nosso planeta, por onde passou o basalto fundido que se espalhou por grandes áreas.

Fortes compressões, nos terrenos, fizeram dobrar as "folhas do livro da história geológica" formando as enormes montanhas que ainda hoje a Terra possui em grande parte;

originaram-se também monstruosas cavernas que são hoje o gáudio dos intemeratos espeleólogos.

Escorregamentos de enormes massas de terras originaram inclinações diferentes nos terrenos, pondo rios que corriam num determinado sentido a correr no sentido oposto.

Rios que ficaram entaipados. Mares e lagos que desapareceram. Florestas inteiras foram soterradas. Chuvas de fogo, que um Dante não poderia descrever, nem um Leonardo da Vinci pintar. Fogo que chegou a chamuscar as pirâmides (vide Cap. VIII) e outras construções que a curiosidade dos homens de hoje está desenterrando e interpretando.

De todos estes flagelos ou pragas, ficou, no espírito do homem que restou, o horror do inferno, o pavor do purgatório.

O avanço da Deusa *Astarte* sobre a Terra, com os seus pontiagudos cornos, levou a humanidade a crer na Divinização da Vaca e criou símbolos em muitas religiões em que o crescente predomina.

Com estes Dias de Juízo, com este Fim do Mundo, se criou o pavor ao Deus Criador, Deus Castigador, e, quando a temerosa escuridão, que envolveu a Terra por muitos dias, se dissipou, a Terra era outra.

[...].

Como se vê, apesar de tudo, os homens continuaram vegetando nos vales de lágrimas que “sobraram” ou foram feitos pelo cataclismo, e que habitavam como atrás se disse: Montanhas do México, do Cáucaso e do Himalaia.

A Terra, na sua nova órbita, e com o seu eixo de rotação normal ao plano da eclíptica – isto é, só com Verão e Inverno – passou a fazer a sua translação em torno do Sol em 360 dias (Capítulo X).

Mas ambos os planetas continuaram a descrever órbitas que se interceptavam ou se aproximavam muito, razão porque a humanidade daquelas épocas (vide Cap. IV) continuou à espera de um novo *Fim do Mundo*.

*
* *

Depois da tempestade, veio a bonança.

Começaram então as migrações dos homens que sobreviveram ao tal cataclismo de 1700 a. C., e que horrorizados, fugiam atordoados e atónitos, dos locais onde tinham presenciado tal *Fim do Mundo*. Buscavam um local onde pudessem ao abrigo da protecção divina, suportar nova provação que, certamente, se repetiria.

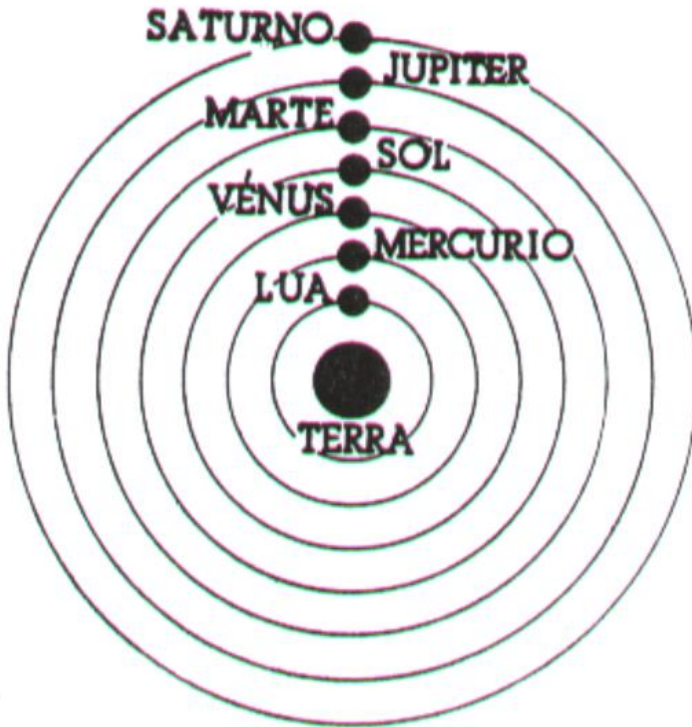



Fig. 7

Assim, continuaram passando do actual Continente Americano para a actual Europa, e desta para aquele, servindo-se do continente, ilha ou ilhas que ligavam de longa data as actuais margens do actual Atlântico (Fig. 7).

Com o cataclismo, com o enrugamento sofrido naquela zona da Terra, que mais altos fez os montes, continuou o movimento de trocas entre a Mesopotâmia, o Egipto, a Grécia, etc. com as terras do Iucatão, dos actuais Perú, Bolívia, México, etc., por intermédio da Atlântida.

A humanidade foi repovoando o que havia restado do martirizado Globo. Foi ocupando também aqueles antigos fundos de mares, que vieram a ser superfície sólida da nova configuração da Terra.

E, passaram aqueles *Homo Sapiens* em constante pavor dum novo *Fim do Mundo* (vide Cap. IV) que a periódica aproximação de *Astarte*, os levava a venerar e deificar.

Era constante a prestação de homenagens a tal divindade que, atacada de grande fúria, havia tão violentamente marrado na pobre Terra.

Era com fortes sacríficios que tentavam aplacar os anseios de tão dementados deuses ou deusas, sacrificando-lhes os mais belos jovens, machos ou fêmeas, consoante se calculava serem os apetites do senhor deus ou da senhora deusa. Em troca de tais sacrifícios, bem pouco se lhes pedia: Sol, sossego e pão.

Eram então os sacerdotes que compravam, com a vida das jovens belas daqueles tempos, o direito às suas vidas, vidas que os próprios Deuses lhes haviam dado. Não se pedia muito, pedia-se o *Statu quo*.

Assim se viveu durante uns 1.000 anos com a humanidade a crescer e a multiplicar-se.

Então...

"Deus, vendo que era grande a malícia dos homens sobre a Terra, e que todos os pensamentos do seu coração estavam continuamente aplicados ao mal, arrependeu-se de ter feito o homem sobre a Terra. E, tocado de íntima dor de coração disse: exterminarei da face da Terra o homem que creei; desde o

homem até aos animais, desde os répteis até às aves do céu, porque me pesa de os ter feito”.

E vai daí, por volta de 600 e tal a. C. sofreu o nosso planeta (vide Cap. XI) um novo choque. Felizmente que não foi com o próprio planeta, mas sim com um satélite, que se chocou de encontro à Terra, precisamente em cima da aresta Himalaia-pólo Sul. Esmagando este, flectiu a aresta oposta: México-Cáucaso, dando assim origem ao afundamento da tão discutida Atlântida (vide Cap. XII).

Com este segundo cataclismo, novos movimentos se processaram à face da Terra, como a inclinação do eixo da mesma, de 22º 27’ e o consequente aparecimento das estações do Outono e Primavera.

O ano era de 360 dias, passando com este segundo choque, a arrastar-se 365 dias, 5 horas e 49 minutos (mais propriamente – o ano trópico ordinário 365,24219879 dias), para se transladar completamente em torno do sol.

Provocou este segundo impacto, um cataclismo que faremos o possível por mais tarde enumerar, para comprovar, mas desde já poderemos dizer que na história dos povos (talvez porque neste cataclismo muita gente ficou para o narrar) há grande confusão e mistura entre este desastre e o sucedido 1.000 anos antes. Evidentemente que os *dilúvios*, as *convulsões*, etc., provocadas nesta data, foram muito menores que os de 1.700 a. C. No entanto, mais tarde falaremos no desaparecimento da Atlântida; no esmagamento da aresta Himalaia-pólo Sul; no recuo de todos os portos do golfo Pérsico; as areias das Arábias; as modificações nos glaciares; o aparecimento da Austrália (sede e certamente origem de propagação da onda maré); a grande acumulação de terras, vegetais e outros produtos sobre os gelos polares, acumulações que hoje constituem o *permafrost* Siberiano; etc.

Ora, quando do primeiro choque – 1700 (?) a. C. – é de admitir ter havido trocas de elementos entre a Terra e Vénus, isto é, massas da crosta terrestre foram levadas por Vénus,

assim como massas de elementos de Vénus ficaram depositadas no nosso globo.

Qual o volume das trocas, não o sabe a humanidade, e certamente nunca o saberá, mas o que podemos talvez admitir é que uma das conquistas de Vénus foi a sua camada de ar que mantém as nuvens que constantemente a cobrem às observações terrestres. Estas nuvens têm sido um grande obstáculo a melhores estudos sobre o planeta em causa.

Se considerarmos a Terra com o diâmetro de 1 metro, a camada de ar respirável que nos envolve estará na proporção da espessura de um selo postal colado nessa esfera. Ora, há muitos milénios parece ter a vegetação sido bem mais luxuriante do que na nossa actual época, isto é, as pressões eram mais elevadas, a camada de ar mais *grossa*. Isto explica-se pela existência das enormes camadas de carvão encontradas soterradas a centenas de metros da superfície, camadas de matéria vegetal com tais pussanças, a que nenhuma floresta actual poderá assemelhar-se.

"[...] os fósseis indicam uma vegetação exuberante, com plantas de dimensões, que não poderiam viver na atmosfera actual" [260]. Quer dizer que houve uma mudança de condições atmosféricas na Terra e certamente aquela que menos nos repugna admitir foi proveniente da diminuição da espessura da camada atmosférica, que foi reduzida a quase metade, porque ao afastar-se, a massa de Vénus, quase igual à da Terra, levou consigo essa correspondente massa de ar, que o nosso planeta ficou a perder.

Ora, em tão tempestuosas e avantajadas permutas, certamente uma calote da Terra (parte do actual leito do Pacífico) foi levado para o *outro mundo*, que evidentemente transportou tudo quanto em cima dele proliferava, como plantas e animais.

Se Vénus não tinha *bicho Homem*, passou a tê-lo. Essa mesma humanidade que assistiu ao enorme cataclismo, mudou

---

[260] A. Dias Gomes, *O Problema das Origens*, p. 72.

de planeta, sem que, por muitos séculos, soubesse o que lhe havia sucedido, pois olhando para o céu, lá via o que era do seu conhecimento: o Sol, Mercúrio, e talvez nada mais.

Na Terra passou a notar-se o aparecimento de mais um astro que veio interpor-se entre a Terra e Mercúrio: Vénus (Fig. 11. Concepção astronómica em que pela primeira vez aparece Vénus).

Para os Venusianos – antigos habitantes da Terra – a ausência da Lua foi talvez por muito tempo a explicação que tiveram do cataclismo que liquidou quase por completo a humanidade que conheciam, e fez desaparecer muitas das espécies vegetais e animais a que estavam habituados.

Como certamente as relações entre a humanidade Venusiana se desenvolveram de modo diferente daquele tomado pela humanidade que restou na Terra, assim também se desenvolveram, porventura, mais rapidamente do que nós. Não tiveram, portanto, mais rapidamente do que nós. Não tiveram talvez as épocas de obscurantismo que a humanidade tão tristemente sofreu – e ainda, em certos sectores, sofre - ; não tiveram as guerras e os cataclismos sociais por que a Terra está passando e sempre passou; não sofreram, talvez, das lutas religiosas que por muito tempo esmagaram e ainda esmagam parte da humanidade; não tiveram os cérebros amarrados a preconceitos de medo e horror pelos castigos dum purgatório ou de uma estada no inferno.

Na Terra, foi certamente o terrível medo da chuva de pedras, da chuva de fogo, dos tremores de terra, do levantar das águas, do desaparecimento do Sol, das explosões de nafta, da abertura de enormes guelas na terra, na inversão de movimento dos rios, dos montes de cadáveres de homens e de animais, do medo do fogo, da água, da escuridão, do pavor da morte que levou à crença dum Deus castigador.

Talvez que essa humanidade levada por Vénus tenha assistido a menos horrores que aqueles que sofreram os poucos que restaram na Terra, não tivessem necessidade de tais pensamentos de medo e tivessem portanto criado uma

sociedade em que os cérebros se preocupassem unicamente – ou quase exclusivamente – com a melhoria das condições de vida da espécie animal; da conquista do conhecimento; da conquista do espaço.

Ainda hoje que parece haver provas irrefutáveis da passagem sobre a Terra dos chamados *Discos Voadores*, há quem pretenda negar a existência de tais aparecimentos, e mais ainda, há governos de povos chamados livres (!) que proíbem referências afirmativas.

A falta de coragem pelo medo do ridículo, a falta de sinceridade e franqueza de alguns dos homens chamados de ciência, têm arrastado a tantas loucuras, que uma verdadeira história da estupidez humana encheria todas as prateleiras das bibliotecas de todo o mundo.

No momento em que os observatórios de todo o mundo científico davam as posições dos dois primeiros satélites enviados pelos Russos em Outubro-Novembro de 1957, havia um professor (!) duma Escola Superior (!) que negava a existência dos satélites artificiais, atribuindo tudo a uma muito "bem engendrada mistificação" (!).

A catorze anos da explosão da primeira bomba atómica conhecida, outro professor, duma Escola Superior, negava a *Teoria Atómica*, atribuindo tal Teoria a pretensões de "rapazes novos" que desejavam alardear seus nomes criando palavras "bombásticas" para impressionar as multidões, e desorientar os "verdadeiros possuidores da ciência Química" (!), dentro dos quais – o pobre – se contava.

Estes tristes exemplos são mais que suficientes e elucidativos para se poder aquilatar de quão pobre ainda é a coragem humana que permite que *inteligências negativas* se coloquem como mentores supremos de várias gerações que por má ventura lhes tenham passado pelas mãos.

Felizmente que o espírito humano, com as suas asas de fantasia e a tendência para o sublime, vai passando por cima destes pobres de espírito que passam a vida em lugares que não lhes competem. [...].

Capítulo XII

Afundamento da Atlântida - Inclinação do eixo da terra - Origem de propagação da onda maré

"Todas as afirmações tentativas de uma teoria têm de ser consistentemente verificáveis pela experimentação".

"Falam as lendas duma Ilha Atlântida que Platão situava aquém das Colunas de Hércules e dizia ser maior que a Líbia e a Ásia juntas. Um dia foi essa Terra portentosa sacudida por tremenda convulsão e nela se abriram bocas de fogo que atiravam para o céu labaredas ameaçadoras e formavam caudais ardentes, que tudo consumiam por onde passavam, crescendo sempre, até à costa, como se quisessem abrasar as próprias águas. As montanhas ruíram: o mar referveu iras destruidoras e, com fragor infernal, engoliu a ilha imensa e bela como nenhuma outra. Toda a noite o mar e a terra travaram titânica batalha, soltando rugidos que enchiam os ares de pasmo e terror. Quando, na manhã seguinte, o Sol subiu de novo no horizonte, a *Atlântida* fora submergida. Do lendário Continente restavam apenas os píncaros mais altos das suas montanhas – ilhas dispersas em grupos no Oceano vencedor. Um desses grupos seria o arquipélago da Madeira [...]" (Maria Lamas, *Arquipélago da Madeira*, p. 13).

Outro seria o arquipélago dos Açores, onde, "[...] na ilha do Corvo fala-se de uma estátua equestre, onde o cavaleiro estaria com o braço estendido para o Sul, na direcção do lendário país do *Brasil*, conhecido das antigas civilizações Celtiberas, das quais, mesmo nos Açores foram encontrados vestígios evidentes" (Marcel F. Homet, *Os Filhos do Sol,* p. 154).

*

* *

Com o esmagamento da aresta montanhosa que se apoiava e ligava o actual planalto do Pamir e as montanhas do pólo Sul, esmagamento este provocado pela queda sobre a Terra do actual Continente Australiano e certamente grande parte dos inumeráveis *salpicos* que constituem as incontáveis ilhas e rochedos da *Insulíndia*, flectiu-se também a aresta oposta a esta.

Assim ao ser esmagada aquela massa montanhosa pelo violento choque – dado no sentido Sul-Norte, não só provocou na Terra o desvio de 23º e 27? no eixo do nosso Globo, como *engrossou* ainda mais o planalto do Pamir, (a actual maior massa montanhosa da Terra), afundou na quase totalidade a aresta com que chocou e ao desconjuntar a superfície terrestre afundou parte da aresta que ligava o Cáucaso ao México.

Os maremotos criados por este choque, arrastaram nalgumas partes do mundo grandes massas de águas que carrearam milhões de toneladas de terras, de plantas e de animais que galgando montes e varrendo planícies se foram depositando bem longe do local do impacto.

Talvez o *permafrost* siberiano tivesse assim a sua origem.

Chama-se *permafrost* aos terrenos que no Norte da Sibéria assentam sobre camadas de gelos eternos. Estes terrenos – misturas de terras vegetais com pedras e areias – cobrem milhares de hectares de gelos, por baixo dos quais muito recentemente foram descobertos mamutes que por sua vez devem ter encontrado a morte no cataclismo anterior (-1700).

As perturbações causadas à face da Terra devem ter sido imensas tanto no hemisfério onde se deu o impacto como no oposto.

Neste Capítulo, desejamos somente focar os estragos produzidos precisamente no Atlântico actual, que foi o que restou depois da calmaria.

Afundamento da Atlântida

Platão deve ter sido o primeiro que por seus escritos deixou para a posteridade uma narração da submersão da ilha dos Atlantes, tragada pelo *Mare Tenebrosum* dos romanos. Marinheiros de todas as épocas viam esse *Mare Tenebrosum*, um mar escuro com água viscosa que os não deixava marchar, mar que arrebatava nas suas águas infernais arrastando-os para o fundo dos abismos.

Durante muitos séculos estas crenças obstaram a que muitos e arrojados capitães pensassem em levar os seus barcos através de tão extenso mar.

Também a falta de conhecimento das correntes aéreas e das correntes marítimas levaram a humanidade a um completo isolamento de tão grande continente como o continente Americano.

Mas o nome de *Mare Tenebrosum* ficou certamente daqueles habitantes das regiões poupadas aos formidandos tremores de terra, aos descomunais maremotos, com as suas catástrofes próprias que os enormes vagalhões provocam e as suas ressacas que arrastaram certamente para as *tenebrosas* profundidades do *Mar*.

Escrevo no momento em que tremores de terra e maremotos devastaram o Chile. As ondas provocadas pelo maremoto propagaram-se até ao Alasca, até à Libéria!

Nós, cá longe, soubemo-lo porque as notícias hoje se propagam com a velocidade da luz. Mas talvez alguns pobres habitantes daquelas desoladas regiões que viram perdidos todos os seus familiares, só saibam contar que o *Tenebroso Pacificum* é inavegável porque a navegação, os homens, os animais serão tragados pelas suas revoltas ondas quando tão pacífico oceano entra em fúria.

"Platão fala-nos da desaparecida civilização da Atlântida. A literatura consagrada desde então a esse império submerso

(cuja existência até hoje não pode ser provada) compreende perto de vinte mil volumes. Muitos dos autores dessas obras consideram um absurdo não incluir a Atlântida na história universal… Acrescentemos que o próprio Frobenius inclui sempre nos seus livros a ideia de uma civilização *atlântida*.

Pelas inúmeras citações de milhentos trabalhos sobre o assunto, estamos nós igualmente convencidos que a Atlântida existiu. Além de que, manuseando um globo terráqueo é intuitivo, com o que tendes lido e com o que ides ler, admitir o afundamento do *lendário* continente que teria um clima admirável, pois todas essas terras afundadas teriam uma posição, em relação ao Sol e aos movimentos da Terra (tanto antes de 1700 a. C. como depois desta data), de zona temperada.

Mas, estamos certos que não se passarão muitos anos sem que surjam provas mais concludentes da veracidade das nossas teses. Gostaríamos de poder neste momento apresentar argumentos irrefutáveis; limitemo-nos por falta de provas a apresentar uma hipótese de como se poderia ter dado o *Afundamento da Atlântida*.

Para isso só nos podemos abalizar em opiniões de homens que são absolutamente insuspeitos, embora – repita-se – não nos dêem qualquer prova palpável da veracidade dos nossos argumentos.

Entretanto, talvez publicando as nossas modestas opiniões possamos contribuir para o estudo deste apaixonante problema.

*
* *

Um satélite – da Terra ou de Vénus – caíu sobre a Terra. Se era um satélite da Terra, foi perdendo altura, foi-se aproximando do nosso globo, até que se deu o inevitável. Se era um satélite de Vénus, com a aproximação dos Planetas Terra e Vénus, e sendo a órbita do tal satélite, em relação a Vénus,

menor que a distância desse satélite em relação à Terra, deu-se o inevitável (Fig. 8).

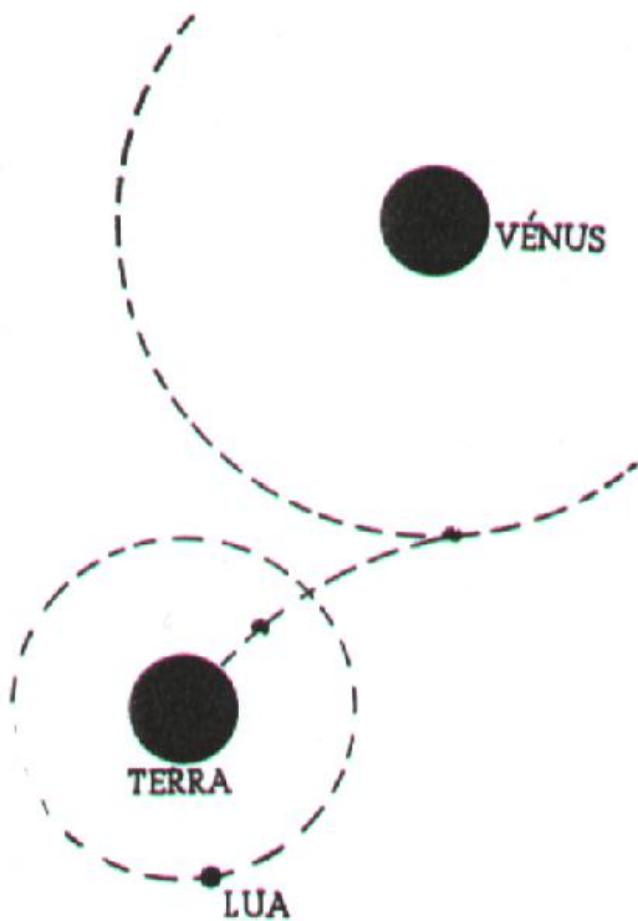



Fig. 8

E o bólido que havia sido expulso da Terra quando do grande choque de 1700 (?) a. C., voltou à Terra em 687 a. C., portanto depois de uma ausência de uns mil anos, vindo provocar novo cataclismo que marcou bem a saudade ou o ódio com que estava da Terra.

Com o choque sobre a aresta – Planalto do Pamir-pólo Sul – foi esmagada esta aresta, dando como tal o levantamento do Planalto do Pamir, aquele formidável aglomerado de montanhas, conhecidas como o maior conjunto de montes, e os mais elevados. A aresta oposta à aresta que recebeu o choque, foi também flectida, dando como origem o afundamento da celebérrima Atlântida.

Este choque, que provocou também grande cataclismo, levou a Terra a uma nova órbita, e Vénus, descarregada do seu esforço em arrastar o seu satélite aproximou-se do Sol, indo ocupar a posição que hoje ocupa.

Depois de acalmados os ânimos de tão terrível desastre, o homem começou a recear menos o *Fim do Mundo* e a ligar menos importância à Deusa *Astarte* que por brincadeira ou ódio tanto mal tinha feito.

Agora, é vermos a *Estrela da Manhã*, que já não nos causa qualquer receio, a ser visada pelos *Sputniks* Russos. Os senhores astrólogos, geógrafos e matemáticos passaram a ter razão, desde 687 a. C. até hoje, na sua *Harmonia Celeste* – abstraindo claro está, a queda de planetóides, asteróides, uranólitos, meteoritos, etc., porque para os Grandes Astros, tem de facto existido a *Harmonia Celeste*.

[...].

“Nos tempos da Grécia e de Roma, os países situados à beira do Mediterrâneo setentrional – as regiões mais populosas do mundo antigo – foram teatro de grandes terramotos e de desastrosas erupções vulcânicas. Estes fenómenos não podiam deixar de prender a atenção dos sábios daqueles países; Pitágoras, por exemplo, conforme diz o poeta Ovídio, afirmava

que a terra firme se transformara em mar e que o fundo do mar, elevando-se, passara a ser terra” 2.

O mistério das cidades do Antigo Império dos Maias, que se estendia ao Sul da península do Iucatão, no actual território das Honduras, Guatemala e Tabasco, que foram abandonadas, intactas, pelos seus habitantes que foram construir novas cidades a 400 Km ao Norte, as cidades de Maiapán, Chichen-Itzá e Uxmál, as cidades mais importantes do Novo-Império, ao Norte do Iucatão, não quererão demonstrar que um cataclismo as forçou a fugir da costa marítima?

“[...] que um belo dia toda a população maia abandonou o seu império bem governado, as suas cidades sólidas para construir um novo império ao Norte, enfrentando as incertezas de uma terra virgem?”.

Onda-maré

Quando deitamos uma pedra num tanque com água, observamos que a partir do ponto de queda se formam ondas concêntricas que se vão propagando para as paredes do reservatório, onde são reflectidas, etc.

*
* *

As ondas-maré têm, como as vagas, a característica fundamental das ondas de oscilação, por serem alternadamente acima e abaixo de um certo nível, e pela sua periodicidade, mas, enquanto nas vagas as moléculas têm trajectórias e são curvas fechadas e ainda a sua agitação diminui muito rapidamente da superfície para o fundo, na onda maré estas trajectórias são horizontais e a propagação dá-se a toda a altura do líquido.

Estas são as características do fenómeno no mar largo. Junto às costas, em que a profundidade é menor, torna-se preponderante a tendência para a oscilação natural. Tem-se assim uma maré derivada que se propaga ao longo das costas e que penetra nos estuários dos rios.

Dedicaram-se ao estudo dos movimentos das ondas-maré, sábios como Newton, Laplace, Lagrange, Whewell, Harris, Laliemaud, Bourdellos, Bazin, etc., etc..

Foi Whewell quem primeiro estabeleceu a teoria de que existia uma espécie de berço das marés nos mares Austrais, isto é, onde se formava a onda das marés que se propagam depois em marés derivadas, pelos outros mares. Por razões várias foi esta teoria esquecida, e mesmo posta de parte.

Evidentemente que ao admitirmos haver um centro de propagação da onda-maré, que nós, como Whewell admitimos ser do Continente Australiano, não deixamos de admitir também que a onda maré é influenciada pelas posições relativas do Sol, da Lua, da Terra, etc. Isto é, o Sol, a Lua e todas as possíveis influências de todos os astros sobre a Terra não fizeram e não fazem mais do que manter aquele afluxo e refluxo das veias líquidas que nos seus constantes movimentos influenciam – se não provocaram e provocam – muitos dos 52 movimentos, conhecidos, que a Terra tem.

Não queremos falar nas causas da formação das marés vivas de conjunção ou das de oposição e nas marés mortas, o que traria a este trabalho longas páginas sem interesse de maior para o nosso assunto.

O que queremos focar é haver divergências de opiniões e teorias sobre as origens da onda-maré, pois as observações do fenómeno apresentam grandes divergências com os resultados previstos. As causas que principalmente motivam estas discordâncias são as devidas às grandes irregularidades nas variações da profundidade, à natureza e configuração dos fundos e das costas, aos elementos meteorológicos, sísmicos, etc.

Desde Newton até Lord Kelvin (que nos deu a fórmula para calcular a altura total da onda maré), que teorias várias têm sido postas, em busca de uma explicação para a existência das ondas-maré. Todas elas têm sido postas de parte. Estamos convencidos que Whewell tinha razão: *a onda-maré tem a sua origem nos mares que circundam o continente Australiano*, porque foi a enorme rocha que caindo do céu, esmagou montes, inclinou a Terra de 23º e 27', forçou a Terra a alongar a sua órbita provocando um atraso na marcha em torno do Sol, que de 360 dias passou a 365, e ocasionou com tal cataclismo as vagas que arrastaram e devastaram continentes. As águas em movimento adquiriram, pelo conjunto dos 52 movimentos (muitos deles talvez provocados pelo cataclismo a que nos estamos referindo) e por influência das atracções e repulsões dos astros, que maior influência podem ter sobre a Terra, uma constância de movimentos que não são mais do que a onda-maré.

Reparemos ainda que os actuais pólos magnéticos e geográficos da Terra e o Continente Australiano se encontram todos sobre o mesmo meridiano.

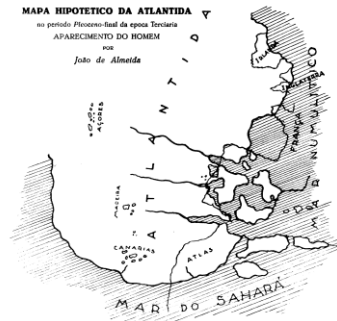
MANUEL J. GANDRA

Atlântida
Bibliografia comentada, concernente às conexões e ao engenho lusíada

ALMEIDA, João de

[Numa conferência realizada em Paris, no ano de 1931, afirmou que "o homem de Muge não é outro senão o homem da Atlântida"]

►*O Espírito da Raça portuguesa na sua expansão além-mar*, Lisboa, 1933

[Inclui dois mapas hipotéticos da Atlântida: um relativo ao Plioceno-final, outro ao Chelense do Quaternário]

►*O Fundo Atlante da Raça Portuguesa e a sua evolução histórica*, Lisboa, 1949, 2 vols.

►Apenso a *O Fundo Atlante da Raça Portuguesa e a sua evolução histórica*, Lisboa, 1951

ANTUNES, José

►*Atlântida: do mito à exploração científica*, in *Futuro*, a. 2, n. 19 (Ago. 1988), p. 9-17

►*Reino da Atlântida estendia-se a Sintra e a Mafra*, in *Diário de Notícias* (14 Fev. 1989)

[Reporta a conferência realizada em Mafra por Cardim Ribeiro, no decurso da qual o arqueólogo defendeu que o município olisiponense, em que se integravam Sintra e Mafra e actuais concelhos vizinhos, terá sido uma comarca do reino da Atlântida (leia-se de Tartessos, uma vez que o conferencista advogou a correspondência entre ambas)]

BARRADAS, Lereno

►*As primitivas navegações oceânicas segundo a lenda da Atlântida*, in *Monumenta – Boletim da Comissão dos Monumentos Nacionais de Moçambique*, a. 7, n. 7 (1971), p. 3-41

["Adaptação de um extracto em preparação [de] *A Atlântida no estuário do Tejo*": considera a Tarsis dos semitas distinta de Tartessus, identificando-a com Lisboa e apontando a possibilidade de os seus habitantes terem viajado até à América]

BARRIGA, Paulo

►*A Atlântida a seus pés*, in *O Independente* (22 Jun. 2001)

[Entrevista a Cláudio Torres, na qual o arqueólogo assevera que a Atlântida se situava na Península Ibérica, "que os navegadores da antiguidade julgaram ser uma ilha"]

BARROSO, Gustavo

►*Aquém da Atlântida*, Rio de Janeiro, 1932

BERLITZ, Charles

►*The Mystery of Atlantis*, Nova Iorque, Leisure Books, 1979

BORGES, Paulo

►*Imaginário mítico-metafísico do Oceano e do extremo-Ocidente atlântico*, *on-line*

[Aponta o imaginário do Oceano e do extremo-Ocidente atlântico, enquanto lugar de bem-aventurança e punição, como paradigma do mito do conflito entre a Atlântida e Atenas]

BRAGHINE, A.
►*L'Énigme de l'Atlantide*, Paris, Payot, 1952

CANDIDUS
►*Os grandes Dramas da Humanidade - O Enigma da Atlântida perante a Sciencia Moderna*, in *A Época* (1 Out. 1925)
►*Em Pleno Oceano O Cemitério do Atlântico: o mistério do mar dos Sargaços e o enigma secular da Atlântida*, in *A Época* (2 Out. 1925)
►*Um enigma perturbador – Voltará a Atlântida a emergir das águas do Oceano?: considerações a propósito da pesquisa de um cabo submarino perdido*, in *A Época* (3 Out. 1925)

CARVALHO, Rui de
►*Os mistérios dos 'maroiços' do Pico: em busca dos atlantes nas ilhas dos Açores*, in *Expresso* (4 Jan. 1992)
[Reporta as pesquisas de Thor Heyerdhal nas Canárias e nos Açores]

CASTRO, Domingos Leite de
►*A Atlântida*, in *Revista de Guimarães*, v. 28, n. 1-2 (Jan.-Abr. 1912), p. 5-16
►*A Atlântida e as Dez Cassiterites*, in *Revista de Guimarães*, v. 29, n. 3 (Jul. 1912), p. 97-115
["A Atlântida era apenas o litoral atlântico da Europa desde o Atlas até à Irlanda; O reino de Atlas, um dos dez reinos da Atlântida, foi o primeiro, o mais importante do grupo, e o que lhe deu o nome; Os outros eram: Cádis, Cartara (*Cartaya*?), o *Sacrum* (compreendendo S. Vicente e Santa Maria), os *Saefes* e *Cempses* ao sul da Arrábida, *Oliusippo*, Brigância, Grã-Bretanha e Irlanda; A Grande Ilha da Atlântida não era nada mais que a Grã-Bretanha, isto é, um dos dez povos que ocupavam esse litoral; As Dez Ilhas Cassitérides eram muito provavelmente o mesmo que os Dez Reinos da Atlântida, consideradas como o conjunto do mercado do estanho".]

CAYCE, Edgar
►*On Atlantis*, Nova Iorque, Warner Books, 1968

[Os documentos que respeitam à Península Ibérica e a Portugal estão datados de 19 de Fevereiro de 1936 (cota: 1123-1) e de 26 de Novembro de 1937 (cota: 1486-1), respectivamente: "A Entidade encontrava-se entre os atlantes que chegaram ao Egipto e viajaram para o que é agora uma região de Portugal, ou dos Pirinéus, onde os atlantes se tinham já estabelecido e construído templos [...]"; "[...] em terra atlante quando os professores e os chefes da Lei do Um anunciaram a destruição próxima da Atlântida e Poseidia [sic]; a Entidade viajou [...] primeiro para os Pirinéus e Portugal e depois para o Egipto [...]"].

CORDEIRO, António
►*História Insulana das Ilhas a Portugal sujeitas no Oceano Ocidental*, Lisboa Ocidental, António Pedroso Galrão, 1717

CORREA, A. Mendes
[Na década de trinta realizou conferência sobre o tema em apreço, na Sala dos Capelos da Universidade do Porto, considerada notável por Virgílio Correia (1943)]
►*Um estudo paleogeográfico*, in *Revista da Faculdade de Letras do Porto*, v. 1-2 (1920), p. 87-101
►*Os Povos Primitivos da Lusitânia (Geografia, Arqueologia, Antropologia),* Porto, Casa Editora de A. Figueirinhas, 1924
►*As Novas Ideias sobre a Atlântida*, in *A Terra*, n. 12 (Jan. 1934), p. 1-14 e n. 13 (Mar. 1934), p. 1-12
►*A Atlântida e as origens de Lisboa*, in *Da Biologia à História*, Porto, 1934, p. 93-157
[Reproduz conferência promovida pela Associação dos Arqueólogos Portugueses, subordinada ao título *O mito da Atlântida e as origens de Lisboa* (7 de Fevereiro de 1934)]
►*Anthropologie et Préhistoire du Portugal*, in *Bulletin des Études Portugaises*, fasc. 1 (1941) [Conferência no Centre Universitaire Méditerranéen de Nice (12 de Maio de 1941)]
►*Donde veio o nome de Lisboa*, in *Revista Municipal*, n. 42 (3º trimestre 1949), p. 5-21

CORREIA, Virgílio
►*Uma Conferência sobre a Atlântida*, in *Diário de Coimbra* (17 Mai. 1943)
[Reporta conferência realizada pelo professor Correns da Universidade de Goettingue (Hanover), na Faculdade de Ciências da Universidade de

Coimbra, intitulada *O solo submarino do Oceano Atlântico e os problemas da Atlântida*, na qual concluiu "que o solo do Oceano Atlântico sofreu alterações nos últimos 20.000 anos, o que está de acordo com a lenda da Atlântida"]

COSTA, Dalila Pereira da
►*Atlântida*, in *Portugal Renascido*, Lisboa, Fundação Lusíada, 2001, p. 76-78

COSTA, J. Carrington Simões da
►*A Geologia de Portugal, a Teoria de Wegener e a Atlântida*, in *A Terra*, n. 9 (Mai. 1933), p. 1-16
[A teoria de Wegener legitimaria, supostamente, a identificação da Atlântida com o continente americano]

CRUZ, Frederico
►*Atlântida: mito ou realidade*, in *Boletim do Instituto de Angola*, n. 36-37 (Luanda, Jan.-Jun. 1970), p. 27-46

ECOS PORTUGUESES DA ATLÂNTIDA (dir. Manuel J. Gandra)
►*Cadernos da Tradição*, n. 3-4 (Equinócio-Solstício 2004), Lisboa, Hugin
[Além da tradução portuguesa dos diálogos *Timeu* (parcial) e *Crítias* (integral), de Platão, inclui contributos de: António Cordeiro, Gaspar Frutuoso, Domingos Leite de Castro, J.-M. Pereira de Lima, Raposo de Oliveira, Mendes Correa, Paul le Cour, Philéas le Besgue, A. R. Silva Júnior, José Lopes da Silva, Mário Saa, António Sardinha, Augusto de Vasconcelos Azevedo e Silva e Manuel J. Gandra]

FERREIRA, Fernanda Durão
►*A Terceira Atlântida: as raízes da Tradição Atlante nos Açores*, Sintra, Zéfiro, 2007

FIGANIÈRE, Visconde de
►*Estudos Esotéricos : Submundo, Mundo e Supramundo*, Porto, Livraria Internacional de Ernesto Chardron, 1889
[Cf. O capítulo X, n. 91: *Os Atlanteanos* (p. 418-424) e nota K, n. 3: *Sobre o livro de Mr. I Donnelly, Atlantis: the Antedeluvian World* (p. 690-691)]

FREIRE, José Manuel
►*A Atlântida e a Verdade (Re)Velada*, Lisboa, Zéfiro, 2007
[Tese decalcada das doutrinas ocultistas da Teosofia]

FREIRE (Mário), João Paulo
►*A Atlântida existiu*, in *Torre do Tombo... crónicas dispersas*, Lisboa, 1937, p. 63-67
[Havia publicado artigo homónimo in *Repórter X*, n. 48 (4 Jul. 1931), p. 11-12]

FRUTUOSO, Gaspar
►*Livro Primeiro das Saudades da Terra*, Ponta Delgada, 1966
[Interessam os cap. 27-31, p. 239-293]

G. ATIENZA, Juan
►*Los Superviventes de la Atlántida*, Barcelona, Martinez Roca, 1978
[Trad. port.: Lisboa, Litexa, 1978]

GANDRA, Manuel J.
►*Imagens e Funções Arcaicas do Eterno Feminino no Aro de Mafra*, in *O Eterno Feminino no Aro de Mafra*, Mafra, Câmara Municipal de Mafra, 1994, p. 7-28
[Reporta inúmeras reminiscências atlantes no actual território português, dando especial enfâse ao culto dos promontórios ocidentais (desde a Irlanda ao Magrebe)]
►*Os Círios ou aspectos do culto da Grande Deusa na Estremadura*, in *Jornadas sobre Cultura Saloia* (2 e 3 Dezembro de 1994), Loures, 1996, p. 85-119
►*Cabo Espichel: ecos portugueses da Atlântida*, Mafra, Centro Ernesto Soares de Iconografia e Simbólica, 2001
►*Atlantis: esboço de roteiro sobre as conexões portuguesas*, in *Cadernos da Tradição*, n. 3-4 (Equinócio-Solstício 2004), p. 305-404
►*O Círio de Nossa Senhora do Cabo Espichel: aspectos mítico-simbólicos*, Sintra, Comissão de Festas do Círio do Cabo da freguesia de São Martinho, 2005
►*Aspectos mítico-simbólicos do Círio do Cabo*, in *Boletim Cultural 2005*, Mafra, 2006, p. 225-296

►*Atlântida*, in *Portugal Sobrenatural*, v. 1, Lisboa, Ésquilo, 2007

[Situa Poseidónia, capital da Atlântida numa das ilhas do Banco Majuan, ora submersa, diante do Estreito de Gibraltar. O império atlante estender-se-ia da Irlanda, a Norte, até cerca da latitude das Canárias, a Sul, ocupando um vasto território parcialmente engolido por um cataclismo provocado pelo impacto de um meteorito, ou de um Objecto-Apolo, por volta de 9600 a. C.]

►*A Atlântida : bibliografia comentada, concernente às conexões e ao engenho portugueses*, Mafra, 2008

►*Atlântida, muito mais do que um mito*, in *Flor de Lótus*, n. 33 (Mai.-Jun. 2011), p. 34-37

[Anuncia conferência, a 20 de Maio de 2011]

JOSEPH, Frank

►*The Atlantis Encyclopedia*, Nova Jersey, 2005

[Dicionário, inserindo diversos verbetes com alusões a Portugal e Açores]

LAMAS, Maria

►*Arquipélago da Madeira: maravilha atlântica*, Funchal, Eco do Funchal, 1956, p. 13

["Falam as lendas duma Ilha Atlântida que Platão situava aquém das Colunas de Hércules e dizia ser maior que a Líbia e a Ásia juntas. Um dia foi essa Terra portentosa sacudida por tremenda convulsão e nela se abriram bocas de fogo que atiravam para o céu labaredas ameaçadoras e formavam caudais ardentes, que tudo consumiam por onde passavam, crescendo sempre, até à costa, como se quisessem abrasar as próprias águas. As montanhas ruíram: o mar referveu iras destruidoras e, com fragor infernal, engoliu a ilha imensa e bela como nenhuma outra. Toda a noite o mar e a terra travaram titânica batalha, soltando rugidos que enchiam os ares de pasmo e terror. Quando, na manhã seguinte, o Sol subiu de novo no horizonte, a *Atlântida* fora submergida. Do lendário Continente restavam apenas os píncaros mais altos das suas montanhas – ilhas dispersas em grupos no Oceano vencedor. Um desses grupos seria o arquipélago da Madeira [...]".]

LE BESGUE, Philéas

►*Atlantes, ligures et lusitaniens*, in *Atlantis*, n. 60 (Jul.-Ago. 1935), p. 193-195

[Artigo reproduzido, em tradução portuguesa, in *Ecos Portugueses da Atlântida*, p. 167-169]

CE NUMÉRO 4 fr.

N° 60 **Atlantis** 8e Année Juillet-Août 1935

Revue illustrée d'archéologie scientifique et traditionnelle

46, rue de Montreuil. - VINCENNES (Paris-Est)

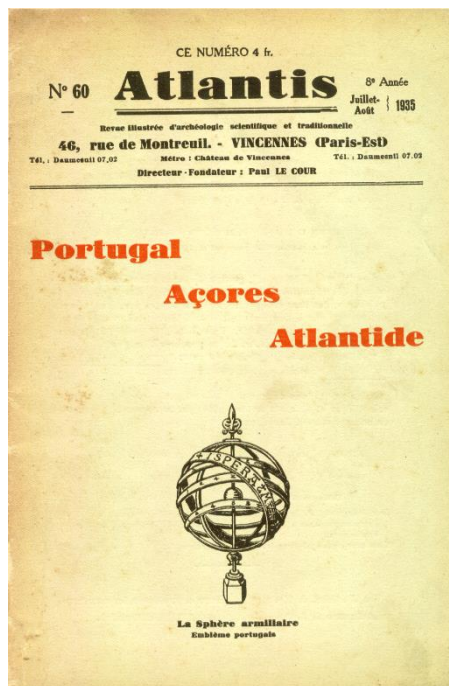
Tél. : Daumesnil 07.02 Métro : Château de Vincennes Tél. : Daumesnil 07.02

Directeur-Fondateur : Paul LE COUR

Portugal

Açores

Atlantide

La Sphère armillaire
Emblème portugais

LE COUR, Paul

►*Açores et Atlantide*, in *Atlantis*, n. 60 (Jul.-Ago. 1935), p. 185-192

[Artigo reproduzido, em tradução portuguesa, in *Ecos Portugueses da Atlântida*, p. 157-166]

LEMOS, Olinda de Lima Araújo da Silva

►*Na rota da Atlântida: em busca do passado dos filhos do sol e do fogo, o legado dos Atlantas, subsídios para a primi-história dos Açores: ensaio sobre "O mito da Atlântida"*, s. l. [Setúbal], 1995 [BN: HG 42566 V]

LIMA, J.-M. Pereira de

►*Iberos e Bascos*, Paris-Lisboa, Liv. Aillaud, 1902

[Interessa o cap. IV: A *Atlântida, e a civilização, tradições e affinidades ethnicas dos Atlantas*, p. 49-75, praticamente no termo do qual afirma: "Admitida a existência da Atlântida, e a sua civilização antiquíssima, não é lícito duvidar, que Atlantas e Iberos foram, pelo menos, coevos e que se entroncam na genealogia dos povos da raça Turaniana, donde beberam a sua vida histórica pré-ariana, embora a família Ibérica não chegasse ao desenvolvimento de civilização, que o grande núcleo Atlanta atingiu. Não findaremos estas considerações sobre a existência dos Atlantas e suas afinidades étnicas e tradicionais sem pormos em relevo a etimologia da palavra *Ibero*, segundo os basquistas modernos; assim *Ibero* vem de *Ib-er*, que em basco significa = *rio queimante*, *rio ardente* = perfeita alusão ao *Gulf-Stream*, rio ou corrente ardente, que ladeava a Atlântida".]

LIVRAGA, Jorge Angel / SCHWARZ, Fernand

►*Atlântida: mito ou realidade?* (trad. Eduardo Amarante / José Maria Caselas), Lisboa, Nova Acrópole, 1993 [BN: HG 40856 V], 1996 [BN: HG 42943 V]

MARQUES, Carlos Alberto

►*A Atlântida e outros textos* (compil., estudo preliminar e notas de J. Pinharanda Gomes), Lisboa, Casa do Concelho do Sabugal, 1996, p. 23-37

[Transcreve a conferência: *A Atlântida* (realizada na Associação de Estudantes de Letras de Coimbra, em 16 de Março de 1927 e repetida no Colégio Luís de Camões, em 18 de Março do mesmo ano)] [BN: HG 42863 V]

MARTINS, José Nobre

►*A Atlântida*, Lisboa, 1927

[Tese de licenciatura em Ciências Geográficas apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa] [ULLE: TL-G5]

[MARTINS, Rocha]

►*A Atlântida e a descoberta dos Açores*, in *Arquivo Nacional*, a. 1, n. 9 (11 Mar. 1932), p. 4-5

MEDEIROS, José

►*O Mito da Atlântida*, in *Os Caminhos Ocultos do Ocidente*, Lisboa, Pergaminho 2006, p. 13-32

[Da catadupa de incoerências, contradições e omissões releva o relato de José Batista Duarte (1925-2000), cognominado "Zé Inglês", poeta popular e "cantoneiro da limpeza da Câmara Municipal de Sintra", residente em S.

João das Lampas, o qual, alegadamente, teria transmitido ao autor, em 1973, as "suas memórias antigas, da sua vivência em Igni, a cidade da Buéria, dos conflitos entre as províncias de Leuna e Oríon e das destruições provocadas pelos sucessivos cataclismos que foram destruindo a grande ilha situada a meio do oceano Atlântico…". A p. 29-30, escreve, na primeira pessoa: "Quando era jovem e no Verão ia para a Ericeira, adorava imaginar que na Malhadinha, uma praia minúscula entre a praia do Sul e a Foz do Lizandro, se encontravam os restos de um porto atlante. E a meio, provocado por uma fractura térmica dum grande estrato de arenito vermelho, ficava o trono do atlante [foto na p. 29], virado para ocidente, como a estátua da ilha do Corvo".].

MENDANHA, Vitor

►*Soviéticos à procura da Atlântida nos Açores*, in *Correio da Manhã* (5 Out. 1987)

►*História Misteriosa de Portugal*, Lisboa, 1995

[Interessam os capítulos: *Um arquitecto atlante* (p. 279-289) e *A Atlântida nos Açores* (p. 305-312)]

MERTZ, Henriette

►*Atlantis: Dwelling Place of the Gods*, Chicago, 1976

[Ensaia a identificação da Ilha das Sete Cidades ou Antilia da *Carta de André Bianco* (1426) com a Atlântida]

NICOLAU, Manuel
►*A Atlântida na antecâmara da História*, Lisboa, Nov. 2003
[Edição mimeografada de um texto ainda provisório]

PASCOAIS, Teixeira de
►*Da Saudade*, in *A Saudade e o Saudosismo*, Lisboa, 1988
[A p. 246: "Os iberos são atlânticos, esses refugiados do cataclismo que submergiu o célebre continente.]

PEREIRA, Paulo
►*As Atlântidas*, in *Enigma - Lugares Mágicos de Portugal: Cabos do Mundo e Finisterras*, v. 5, Lisboa, Círculo de Leitores, 2005, p. 174-211

PINTO, Manuel Maia
►*Platão, o Timeu, a Atlântida, a Pirâmide, A invenção do Grau, a Esfinge, a Astrologia, a Criação do Universo e do Homem*, Porto, 1952
[Publica uma versão portuguesa do *Timeu*, prefaciada e com notas explicativas]

PORTUGAL, AÇORES, ATLANTIDE
►*Atlantis*, n. 60 (Jul.-Ago. 1935)

PUGLIESE, Nilton
►*Cientistas soviéticos localizam a Atlântida,* in *Estudos Psíquicos*, a. 41, n. 2 (Fev. 1980), p. 52-55
[Transcreve artigo pubicado na *Folha Espírita de São Paulo*: *Vestígios da antiga civilização dos atlantes a meio caminho de Lisboa e do arquipélago dos Açores*]

QUADROS, António
►*Portugal, Razão e Mistério*, v. 1, Lisboa, 1988, p. 87-155
[Interessa a Parte III: A Atlântida desocultada]

RIBEIRO, José Cardim
►Romanização e Romanidade na zona W do Município Olisiponense, in Jornal de Sintra (27 Out. 1989-16 Mar. 1990)
[Transcrição incompleta de uma conferência realizada na igreja de Santo André, em Mafra, no ano de 1989. Adopta a equação schulteana

Tartessos = Atlântida e, com base nela, considera a península de Lisboa uma colónia daquele empório andaluz]

RIVERO SAN JOSE, Jorge M.
►*La Atlantida o el enigma histórico de España*, Barcelona, Ediciones de Camara, 1989
[Propõe uma tradução revista do *Timeu* e do *Critias* (expurgada dos numerosos erros que inquinam a resolução do problema), sobre a qual funda a sua tese de que a Atlântida de Platão não era uma ilha (*nêsos*), antes uma península (*nêsos de pantas*), exactamente a península Ibérica, não tendo sido, por conseguinte, engolida pelas águas do Atlântico]

SAA, Mário
►*Erridânia: geografia antiquíssima*, Lisboa, 1936
[Situa a Atlântida na Sicília: "Todas estas hipóteses de localização da Atlântida, incluindo a de Platão, que a havia suposto no Golfo de Gádir, são falhas do pensamento da Continentalidade, e, por tal, não se podem manter. A posição no Grande-Mar até então conhecido, o Mar Mediterrâneo, aquém do Continente envolvente, é a única que serve por ser a única que condiz com o relato do sacerdote egípcio. Depois, considerando, ainda, o problema de *Aea*, o problema da Atlântida fica definitivamente resolvido na posição siciliana".]

SANTA ROSA, Frei Bernardino de
►*Theatro do Mundo Visivel*, Coimbra, 1743
[Prova a existência da Atlântida contra o espanhol Feijóo, a p. 370]

SANTOS, Bartolomeu Cid dos / RIBEIRO, José Sommer
►*Bartolomeu Cid dos Santos – Exposição Retrospectiva – Catálogo (Out.-Nov. 1989)*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian / Centro de Arte Moderna, 1989
[Descreve e reproduz três obras do artista, com os números 49, 50 e 51, a saber, respectivamente: *Atlantis* (água-forte - água-tinta, 1972), *Atlantis revisited* (água-forte – água-tinta, 1973) e *The End of Atlantis* (técnica-mista, 1974)]

SARDINHA, António
►*O Valor da Raça: introdução a uma campanha nacional*, Lisboa, 1915
[Interessa o capítulo *O Espírito da Atlântida*: identifica o homem de Muge com o *homo atlanticus*, o qual distingue do homem de *Cro-Magnon*. Em outro passo escreveria: "Não se referirá à Atlântida legendária a Ilha de

Ouro do nosso ciclo marítimo? Lá é que ficava a nobre cidade de Antilia. De lá viria o Encoberto na manhã sagrada das profecias. Não é inútil reparar que se o Encoberto é a figura da Esperança, factor dinâmico da alma colectiva do Ocidente, a "ilha-empoada" é sempre um dos traços fundamentais da criação messiânica. Não estará aqui mais um sinal identificador do nascimento do *Homo Atlanticus*, apelando para o *Desejado* na hora da fraqueza e vendo o remédio acenar-lhe dum ponto enigmático que flutua à flor das ondas e se some com os cerraceiros? É a lembrança poética do primitivo berço perdido. Já Artur dormia em Avalon, a ilha florida dos bardos. Numa ilha que é a um tempo purgatório e paraíso, El-rei D. Sebastião aguarda que se cumpram o ano e o dia das promessas de Deus. Sabe-se o valor dos mitos, como a filosofia hoje os interpreta, vendo neles materializações da vontade duma raça".]

SARMENTO, Francisco Martins

►*Os Atlantes de Diodoro Sículo*, in *Revista das Sciencias Naturaes e Sociaes*, v. 1, n. 1 (Porto, 1889), p. 61-74

[Reeditado in *Dispersos: colectânea de artigos publicados, desde 1876 a 1899, sobre Arqueologia, Etnologia, Mitologia, Epigrafia e Arte pré-histórica*, Coimbra, 1933, p. 328-335. Lê-se logo no primeiro parágrafo deste ensaio: "Os Atlantes de Diodoro não têm nada a ver com os habitantes da famosa Atlântida, de que nos falam Platão, Teopompo e outros, e que um cataclismo teria devorado; eram os povos estabelecidos pelas costas do Atlântico, desde o Mar do Norte ao Atlas, e que para o nosso historiador tinham uma existência tão real e verdadeira, como qualquer outro povo seu contemporâneo".]

SILVA, Augusto de Vasconcelos Azevedo e

►*De um Choque de Planetas aos Discos Voadores*, Luanda, 1967

[Merece realce o capítulo XII: *Afundamento da Atlântida, inclinação do Eixo da Terra, origem de propagação da Onda Maré*, p. 227-244. Atribui a destruição da Atlântida à colisão com a Terra de um satélite desse planeta ou de Vénus]

SILVA JÚNIOR, A. R.

►*A Atlântida: subsídio para a sua reconstituição histórica, geográfica, etnológica e política*, in *A Arquitectura Portuguesa* (Lisboa, Jan. 1930 – Mai. 1933)

[O mais original estudo produzido pelo engenho nacional sobre a matéria, designadamente mercê da iconografia que, na sua qualidade de arquitecto visionário, projectou para ele; constitui o texto de uma série de cinco conferências realizadas na Sociedade Teosófica Portuguesa pelo seu

autor, então Secretário Geral da instituição, no ano de 1928; o v. 7 (p. 122-127) de *Isis – Revista da Sociedade Teosófica Portuguesa* publicou um *Extracto* dele. A perspectiva teosofista do autor fica cabalmente expressa na seguinte passagem: "Este continente ocupava, antes da primeira catástrofe produzida há cerca de 800.000 anos, uma grande parte do que é hoje o Oceano Atlântico, desde a Inglaterra até à América do Norte e do Sul. Nele se continha, além da parte que desapareceu e é presentemente mar, as seguintes regiões do mapa actual da Terra: ao Norte, a parte das ilhas Britânicas constituída pela Irlanda, Escócia e uma parcela da Inglaterra propriamente dita e, alcançava até às proximidades da Islândia. Ao Sul compreendia parte da América incluindo o Brasil, Bolívia, Equador, Perú, Venezuela e a América Central até meio do México que constituía uma grande ilha adjacente. Ao poente incluía parte dos Estados Unidos da América, Canadá até às costas do Labrador, compreendendo a Terra Nova; ao Nascente as costas da Atlântida eram no recinto do Oceano, aproximando-se muito da África perto da Libéria e avançando deste lado até à Inglaterra. O arquipélago dos Açores fazia parte do continente Atlante e bem assim as ilhas Bermudas, as Antilhas e a ilha de Fernando de Noronha. A superfície deste continente, nessa época remotíssima, era muito aproximadamente igual às superfícies reunidas da América do Norte e do Sul. A catástrofe de há 800.000 anos modificou consideravelmente a configuração deste continente reduzindo-lhe um pouco a sua superfície e dividindo-o em duas partes. No cataclismo de há 200.000 anos ficaram, por assim dizer, fixadas a América do Norte e parte da do Sul, ao passo que o que era propriamente o continente Atlante passou a ser dividido em duas partes: Ruta e Daitia. Após o terceiro cataclismo sucedido há 800.000 anos a Atlântida ficou reduzida à ilha de Poseidonis, redução considerável da parte Ruta, ao passo que a parte Daitia quase desapareceu reduzindo-se a uma ilha afastada de Poseidonis e situada ao largo em frente da Libéria, na costa africana. Finalmente no ano 9.564 antes de Cristo, um quarto cataclismo fez sumir tudo que restava da Atlântida, no fundo do Oceano Atlântico, ficando apenas como baliza, como memória, o arquipélago dos Açores, terras que há 1.000.000 de anos parece que já existiam, que jamais se submergiram, sendo pois duma respeitável e veneranda antiguidade. Mas outras partes da primitiva Atlântida existem ainda hoje, mas que já dela se haviam separado há 800.000 anos, são elas: parte da América do Norte, Central e do Sul, compreendendo quase todo o Brasil, Bolívia, Perú, Equador e Colômbia. Na Europa temos ainda, como restos da Atlântida, a Irlanda, Escócia e uma pequena parte da Inglaterra, propriamente dita. A península Hispânica existia já há 800.000 anos evidentemente sem a configuração que tem hoje mas englobada numa extensa superfície que compreendia parte do Mediterrâneo, África do Norte, Ilhas de Cabo Verde, Marrocos, etc., região então banhada ao Sul pelo mar que cobria o deserto do Sara".]

SOBRAL, Luiz Vilhena

►*O Livro da Atlântida I. O Segredo da Plataforma Continental*, s. l., 2011

[Na contracapa lê-se: "Na margem Oeste Ibérica uma antiga civilização oculta pelos sedimentos marinhos revela toda a sua dimensão e antiguidade. Estruturas murárias, redes viárias, estátuas, cerâmicas e objectos metálicos demonstram em todos os aspectos uma cultura avançada". No miolo do livro, o autor limita-se a constatar, não retirando quaisquer consequências dos achados surpreendentes que realizou, nem sequer relacionando, em momento algum, com a Atlântida (termo que apenas ocorre no título) os vestígios materiais por si detectados e fotografados (as fotografias publicadas são de péssima qualidade, não permitindo identificar, quer os artefactos, quer os edifícios e demais estruturas derruídas.]

SOUSA, Pereira de

►*Ideia geral dos efeitos do megassismo de 1755 em Portugal*, Lisboa, 1914

[Considera que "uma parte da Atlântida existirá na depressão do Golfo de Cádis, que se chama "afundimento em oval lusitano-hispano-marroquino", postulando que o terramoto de 1755 terá constituído "talvez o último arranco da Atlântida submersa"]

THÉVENIN, René

►*Les Pays Legendaires*, s. l., 1961

["Pode ser que Tarsis, tão procurada, se poderá encontrar em qualquer sítio das costas de Portugal. Porque não será Lisboa, porto admiravelmente situado [...]?"]

TRAVASSOS, Lubélia

►*O mistério da Atlântida e da Lemúria*, Lisboa, 2000

[Chanfana *New Age* sem qualquer fundamento, quer histórico, quer tradicional]

VARELA, Maria Helena

►*A Civilização da Atlântida e as influências célticas*, in *"Sofia" e "Profecia" na Filosofia da história de Sampaio Bruno*, Porto, 1990, p. 47-52

VASCONCELOS, Faria de

►*Por Terras Dalém Mar (Viagens na América)*, Lisboa, 1922, p. 101-119

[Interessa o capítulo VIII: *Sobre as Ruínas de Tiahuanaco; a Atlântida, os Atlantas e os Árias; as hipóteses sobre a origem das ruínas; remontando cento e vinte séculos*]

VASCONCELOS, Padre Simão de

►*Chronica da Companhia de Jesu do Estado do Brasil e do que obraram seus filhos n'esta parte do Novo Mundo* [...], Lisboa, A. J. Fernandes Lopes, 1865 (2ª ed.)

[Fundado na autoridade de Platão, de Marsilio Ficino e de Abraão Ortélio, entre outros, admite a realidade da Atlântida, sem cuja existência, garante, teria sido impossível realizar o povoamento da América antes e depois do dilúvio: "Diz Platão e diziam aqueles gravíssimos filósofos que houve em tempos antiquíssimos uma ilha prodigiosa chamada de Atlante que, começando defronte da boca do mar Mediterrâneo e das colunas chamadas de Hércules, ia correndo por esse mar imenso com extensão tão agigantada que era maior que toda a África e Ásia. Porém que depois, andados os séculos, toda esta terra foi subvertida e inundada com as águas do oceano, por ocasião de um grande terramoto e aluvião de águas de um dia e noite; e que ficou sendo mar navegável, a quem chamamos hoje mar Atlântico, aparecendo nele somente algumas ilhas (as da Madeira, dos Açores, de Cabo Verde e as demais) por modo de ossos de defunto corpo que fora. Segundo a opinião destes filósofos, esta ilha de tão agigantada extensão era naquele tempo contínua com a que hoje chamamos América e todo um corpo somente, a que chamavam ilha de Atlante. [...]. Se hei-de dizer o que sinto nesta opinião tão discutida da ilha de Atlante, confesso que faz alguma força a meu entendimento não só o segui-la Platão, homem de tanta autoridade, chamado naqueles tempos por antonomásia o Divino, luz de toda a filosofia e de todos seus segredos e tão sério em todo seu dizer, mas também o modo com que fala, quando a segue, descrevendo-a com todas suas particularidades, da grandeza da terra, fertilidade dos sítios, seus bosques, seus rios, suas fontes, suas gentes, seus costumes, suas façanhas, suas cidades, seus sumptuosos edifícios: e finalmente os reis que nela senhoreavam, em parte dela El-rei Atlante e na outra parte outro seu irmão chamado Guadiro. Tudo isto parece está metendo medo a duvidar de um homem tão sério, para se poder cuidar dele que escreveu patranhas. Alguns contudo rejeitam esta doutrina da ilha Atlântica como fabulosa, outros por incerta ou por impossível".]

VAZ, Fernando Henriques

►*Atlantas nossos Avós*, Lisboa, 1944 [?]

VELOZO, Francisco José

►*Oestrymnis (Atlântida - Campo Elíseo)*, in *Bracara Augusta*, v. 4, n. 4 (25) (Ago. 1953); v. 5, n. 1-3 (26-28) (Out. 1953- Junho 1954); 4-5 (29-30) (Jul. – Dez. 1954); v. 6, n. 6 (31) (Jan. 1955 – Dez. 1956)

[Artigo editado em separata pelas Publicações da Associação Luso-Britânica do Minho, Braga, 1956]

►*A Atlântida, mito ou realidade? I. Um ponto de partida: o Egipto Antigo*, in *Bracara Augusta*, v. 40, n. 89/90 (102/103) (1986-87), p. 25-87

VIEIRA, Padre Conceição

►*Atlântida*, in *O Spiritismo, Ilha encoberta e Sebastianismo*, Lisboa, 1884, p. 123-165

Literatura

AGUIAR, Fernando de
►*Cousas da Madeira: lendas de outrora e de sempre*, in *Gil Vicente*, v. 14, n. 9-10 (1938), p. 140-147

ARAÚJO, Lhan Mascarenhas
►*O véu da Atlântida: novela ocultista*, [s. l.], 1924
[BN: R 20542 (7º) P]

BORGES, Paulo Alexandre Esteves
►*Atlântida*, in *Nova Renascença*, v. 4, n. 1 (Porto, Jul.- Set. 1984), p. 270
[Poema: "Mãe, / Não te tem / Quem nos olhos do coração / Te não traga. / A ti doeu / O pressentimento que somos / No útero oculto / Da sétima vaga. / Saudade tua, do Eterno / Primogénita se nos traga. / Ditirambo o Longe / Interior distância / Se nos abra."]

BRANCO, Alfredo de Freitas
►*Algumas lendas e alguns monumentos do Arquipélago da Madeira*, in *Arqueologia e História*, v. 3 (1924), p. 155
[A *Cidade Encantada* (Poseidónia), submergida nos mares da Madeira, volve "à flor da água", segundo a lenda, nas noites de São João]

CARDOSO, Pedro
►*Hespéridas*, [Praia], 1930
[Nos *Fragmentos de um poema perdido em triste e miserando naufrágio* admite a ascendência atlante dos cabo-verdianos]

DIDIAL, G. T. (pseudo-heterónimo de João Manuel Varela)
►*Contos da Macaronésia*, Mindelo, 1992-1999 (2 vols.)
[Ancora a ficção em apreço num processo de enraizamento mitófilo do arquipélago de Cabo Verde, estatuindo como axial a equação Macaronésia- = Atlântida]

JACOBS, Edgar P.
►*Aventuras de Blake e Mortimer: o Enigma da Atlântida*, Lisboa, Livraria Bertrand, 1980
[Banda desenhada, primeiro publicada no *Tintin Magazine* (Mar. 1955 a 1956): *L'Enigme de l'Atlantide*, e só depois em livro (1957)]

MOUTINHO, José Viale / ABREU, Maurício
►*Lendas dos Açores*, Lisboa, 2007
[*Lagoa, Ilha de S. Miguel: A Lagoa das 7 Cidades* (p. 16-17); Madalena, Ilha do Pico: A Ilha Encantada (p. 20-21); *Nordeste, Ilha de S. Miguel: A Princesa da Atlântida* (p. 22)]

OLIVEIRA, Raposo de
►*Lendas Açorianas: Sete Cidades*, in *Serões*, v. 3, n. 15 (1906), p. 240-242

RIBEIRO, Bernardim
►*História de Menina e Moça*, Ferrara, 1554
["Dentro neste nosso mar Oceano, que aqui logo perto entra este rio, contam que havia naquele tempo uma ilha tão abundante e tamanha em terras, rica em cavalos, que dali todo o mundo quase senhoreava: Falavam dela maravilhas grandes".]

RODRIGUES, Ana Margarida Salgueiro
►*Mitos revisitados... origens insulares na literatura Cabo-verdiana*, in *Islenha*, n. 39 (Jul.-Dez. 2006), p. 123-132
[Ocupa-se da mitificação das origens insulares, pela actualização dos mitos clássicos das Hespérides e da Atlântida, na literatura Cabo-verdiana, com especial referência a José Lopes da Silva, Pedro Cardoso e G. T. Didial]

RUSSA, Gilberto / CHAVES, Albano
►*Atlântida – Diamante Perdido – Mito da Eternidade*, Lisboa, Vega, 2005
[Ficção]

SILVA, José Lopes da
►*Hesperitanas (Poesias),* Lisboa, 1929 e 1933
[No poema *Minha Terra!* (p. 21-30) advoga a ascendência atlante das ilhas de Cabo Verde e dos seus habitantes]

VERDAGUER, Jacinto (1845-1902)

►*A Atlântida*: poema catalão vertido em verso português por José M. Gomes Ribeiro, Lisboa, Livraria Férin, 1909

[O tradutor, professor nos Colégios do Barro e de Campolide, antepôs ao poema um prólogo, do qual se destacam as seguintes passagens: "A *Atlântida* é um poema peninsular. Depois dos *Lusíadas*, nenhum outro se publicou na Ibéria, que tamanho brado desse pelo mundo. [...]. Jacintho Verdaguer nasceu em Folgarolas, perto de Vich, na Catalunha, a 17 de Abril de 1845. Seguiu a carreira eclesiástica e aos vinte anos, sendo ainda estudante, alcançava o primeiro prémio de poesia nos Jogos florais de Barcelona. [...]. *A Atlântida* foi o seu primeiro passo de gigante na carreira das letras; O *Canigó,* a *Pátria,* o *Sonho de S. João,* os *Idyllios e cânticos místicos* e muitos outros poemas de subido mérito foram como arcos triunfais levantados na via do seu Capitólio. [...]. Estudando a fundo *A Atlântida*, vê-se que não envolve um assunto caprichosamente escolhido, mas directamente ligado com o facto mais estrondoso da história moderna, o descobrimento da América. Vejamos. Dois navios, um genovês, veneziano o outro, encontram-se junto às costas de Portugal; travam entre si rude peleja; ao troar de seus canhões vem unir-se a dupla tempestade do céu e do mar, que a ambos sepulta no abismo. Eram duas grandes potências marítimas que naufragavam; nos mares que elas sulcavam dominadoras, campearão num futuro próximo as naus da Ibéria. Do terrível naufrágio salvou-se apenas um jovem que a maré arrojou à praia, abraçado a uma prancha descosida. Ansião venerando, que longe do mundo habitava naqueles ermos, acolhe-o em seus braços, conforta-o, restitui à vida o corpo quase gelado. Um dia o jovem silencioso e triste contemplava, de um alto promontório, a vastidão dos mares. Aproxima-se dele o velho, convida-o para a sombra de um carvalho sobranceiro às ondas e conta-lhe a história do rumoroso Atlântico. Sob a narração maravilhoso do anacoreta, a Atlântida emerge do sepulcro das grandes águas e, com todo o seu cortejo de glórias e devassidões, desfila perante os olhos extasiados do marinheiro, até ao dia trágico da assolação. Sumiu-se e para sempre! Entretanto surge, como herdeira de suas glórias e tradições heróicas, a Hespéria [...]".]

VISCONDE DO PORTO DA LUZ

►*A Lenda da Cidade Encantada*, in *Folclore Madeirense*, Funchal, 1955, p. 24-25